

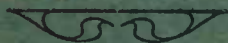


AFFONSO DE E. TAUNAY

# Pedro Taques

E SEU TEMPO

(ESTUDO DE UMA PERSONALIDADE E DE UMA EPOCA)



SÃO PAULO  
Officinas do «Diário Oficial»  
1923



Separata do tomo primeiro dos ANNAES  
DO MUSEU PAULISTA





| LIVROS                   |        |
|--------------------------|--------|
| REGISTRO GERAL           | FEITO  |
| CLASSIFICAÇÃO            | 922    |
| FICHAS                   |        |
| TÍTULO - AUTOR - ASSUNTO |        |
| ENVELOPE                 | CARTÃO |
| ARQUIVAMENTO             |        |

Ao querido amigo Alipio Canteiro, testemunho muito grato de amizade.







# PEDRO TAQUES

## E SEU TEMPO

(ESTUDO DE UMA PERSONALIDADE E DE UMA EPOCA)

POR

AFFONSO D'E. TAUNAY

*ET*



|                          |       |
|--------------------------|-------|
| ISTRO. GERAL             | FEITO |
| CLASSIFICAÇÃO            | 922   |
| TITULO — AUTOR — ASSUNTO |       |
| ENVELOPE CARTÃO          |       |
| ARQUIVAMENTO             |       |



## DUAS PALAVRAS

---

Estudando a vida e a obra do historiador das bandeiras nada mais fiz do que obedecer a um sentimento de justiça e generosidade para com a memoria deste homem illustre, a quem a existencia se escoou no meio de formidaveis desillusões, pezares, infelicidades e soffrimentos de toda a especie e a quem a sorte ainda continuou a perseguir depois de morto, pois como se encarniçou em lhe dispersar a enorme obra de que apenas permittiu subsistir uma quarta parte, talvez.

Deve-lhe immenso a tradição brasileira; quasi nada lhe pagou a gratidão nacional.

Seja este volume, consciencioso á falta de outros meritos, uma pequena parcella da retribuição devida pela moderna cultura brasileira á memoria sobremodo notavel de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, historiador das bandeiras paulistas, dilatadoras do Brasil, historiador da conquista do Brasil pelos brasileiros.

*A. d'E. T.*

S. PAULO, JULHO DE 1921.





# Pedro Taques e seu tempo

## CAPITULO I

### A familia e os paes de Pedro Taques. Bartholomeu Paes de Abreu : seus grandes meritos.

Pedro Taques de Almeida Paes Leme<sup>(1)</sup> — Revela o simples exame desse nome uma feição de character que ia ser o norte de uma existencia inteira, recordando o orgulho de casta daquelle a quem com tanta justiça se attribue o epitheto glorioso de «historiador dos bandeirantes». Aos appellidos que o Pae lhe impuzera, em homenagem á ascendencia materna, illustre, antiga e opulenta na capitania vicentina e em deferencia sobretudo ao sogro Pedro Taques de Almeida, personagem de prol, « cidadão nacional de São Paulo », que occupara todos os cargos desta republica, e a quem por vezes escreveram os senhores reis — fidalgo da casa d'El Rei Dom Pedro II, capitão mór governador da capitania de São Vicente e São Paulo, provedor e contador da fazenda real, juiz da alfandega e vedor da gente de guerra da praça de Santos, alcaide mór e administrador geral das aldeias do real pardoado — aos appellidos que tão illustre, e além do

---

(1) Durante longos annos assignou-se Pedro Taques — Pedro Taques de Almeida Paes ; suas nomeações officiaes trazem estes appellidos até a sua viagem á Europa em 1755. Voltando de Portugal em 1757, addicionou ao nome o Leme, de sua avó paterna — a isto provavelmente levado pela feição aristocratica do espirito, reforçada com a ida ao reino. Em diversos documentos anteriores a 1757 chamam-lhe Pedro Taques de Almeida Lara. Nunca lhe vimos a assignatura assim modificada, mas quer nos parecer que haja hesitado entre os nomes Lara e Leme, acabando por escolher o ultimo, cuja combinação com Paes lembrava um tio illustre, o *governador das Esmeraldás*.

mais opulento, parente recordavam, entendeu o genealogista reunir outros de que não menos se ennobrecia. (1)

Falava-lhe á vaidade usar o nome e prenome do avô materno, expoente da fidalguia dos Taques, Proenças, Laras e Moraes, archiproclamada em volumosos autos *de puritate et nobilitate sanguinis probanda* pelos costados de quatro avoengos, após as respostas severas e authenticas ás requisitorias enviadas a Portugal e Castella.

Lembravam estes appellidos ainda Pedro Taques I, o filho do fidalgo brabanção passado a Portugal sob D. João III, fundador do tronco paulista dos Taques. Secretario que fôra de D. Francisco de Souza merecera, provavelmente, a confidencia das *manhas* do famoso governador-geral minerador e eldoradomaniaco.

Outros Pedros Taques se avantajaram ainda na tradição paulista, para o envaidecimento da familia, taes como aquelle tio assassinado por questões politicas, á porta da matriz de S. Paulo, em 1641, pelo cruel Fernando de Camargo, o *Tigre*, e « á falsa fé, » como para justificar a truculenta alcunha.

A adição dos novos nomes representa-lhe a intima satisfação em alliar, na assignatura, a illustração dos Taques á dos Lemes, sem contar que um dos appellidos lhe recordava o proprio Pae, de quem — com inteira justiça — podia e devia orgulhar-se.

Na immensa admiração professada pela personalidade do *Governador das Esmeraldas*, — magno bandeirante seiscentista, e traduzida nas trinta paginas da *Nobiliarchia* consagrada ao grande tio avoengo, procuremos ver, ainda, nova explicação do alongamento.

Assim pois, representando a diffusão do sangue paterno — dos Lemes « familia de grandes varões » oriunda de Martin Lemes de Bruges e fidalgo de Affonso o Africano e a do materno — dos Taques

---

(1) As citações cuja origem não for indicada provêm da «*Nobiliarchia Paulistana*».

igualmente sahidos de Flandrès — esquartelavam-se os «cinco merlos de prata, postos em aspas, sem pés nem bicos», daquelles, aos elementos heraldicos do quadruplo brazão do velho Pedro Taques de Almeida, na pessoa do historiador paulista, cuja accidentadissima e curiosa biographia procuramos esboçar.

Provavelmente nascido na primeira metade de 1714, pois declara haver recebido o baptismo na igreja do Carmo em S. Paulo, a 1.º de Julho deste anno — e nessa época de fê intensa rarissimas crianças attingiam algumas semanas de vida sem a immersão nas aguas lustraes — teve Pedro Taques de Almeida Paes Leme como paes o capitão Bartholomeu Paes de Abreu, nascido em S. Sebastião, em 1674, e D. Leonor de Siqueira Paes, nascida em S. Paulo no anno de 1681 (1).

Com afincio procurámos no archivo da cathedral de S. Paulo o registro do seu baptisado, tudo de balde! Dos livros dos tres primeiros quartéis do seculo XVIII, algumas laudas, apenas, restam, extraordinariamente avariadas pelos insectos papyrophagos e truncadas, escapas assim mesmo á destruição geral do archivo a que ha longos annos consumiu um incendio, em grande parte. Nestas laudas nada pudemos encontrar que ao nosso biographado dissesse respeito.

Desposaram-se Bartholomeu Paes e D. Leonor de Siqueira a 17 de Setembro de 1701; casava-se elle pela segunda vez, pois já fôra o marido de D. Maria Gomes de Moraes, filha de Gaspar Gomes de Moraes o *Tavaymana* ou *o cara franzida*, «pessoa de muita autoridade» em S. Paulo e em Parnahyba. «Deste matrimonio não houvera geração porém

Orgulhoso de sua nobreza e opulencia, escolhera o capitão-mór Pedro Taques de Almeida para genros, pessoas de illustre gerarchia e situação social.

---

(1) Nuns autos de dispensas matrimoniaes entre oradores Ignacio Joaquim Taques e Isabel de Lara affirmou Bartholomeu Paes de Abreu, uma das testemunhas interrogadas, ter 54 annos em 1728 (Archivo do Estado de S. Paulo, collecção Augusto Cardoso) Quanto a D. Leonor de Siqueira Paes, declara o registro na Sé de S. Paulo, do seu obito, occorrido a 1.º de Junho de 1774, que fallecera aos 93 annos, havendo portanto nascido em 1681.

Tres das suas sete filhas « senhoras de grande juizo, respeito e formosura » não se casaram provavelmente porque não encontraram esposos a quem como haveria de escrever o empertigado sobrinho, « não se concedesse a distincta qualidade de sua reconhecida nobreza hereditaria de uma seguida serie de avós paternos e materncs. entre os quaes se não descobrisse algum que tivesse claudicado com falta de mecanismo, porque todos, sem discrepancia, tinham tido os honrosos empregos do real serviço ».

E intransigente se mostrava Pedro Taques de Almeida neste particular, pretende-lhe o neto, pois só para aos desafectos e inimigos « tirar a liberdade de poderem empregar as suas malevolencias, na pureza do seu nobre sangue, requereu as diligencias *de genere* pelos costados dos seus quatro avós ».

Casara as duas primeiras filhas com parentes, a terceira com um dos nobres Rendons; D. Leonor, a mãe de nosso chronista desposou Bartholomeu Paes de Abreu que pela familia, equivalia á do sogro, sem contar que era um homem de intelligencia inteiramente fora do commum.

Nascera, como dissemos, na ilha de São Sebastião onde o pae, o guarda mor da marinha da antiga capitania de Santo Amaro Estevão Raposo Bocarro « da governança da republica da villa de São Sebastião » fôra pessoa de tratamento e grandes cabedaes de numerosa escravatura » e « senhor do engenho chamado da Praia do Barró que tinha sido de seus avós, primeiros fundadores e povoadores da ilha » . Casara-se Estevão Raposo Bocarro com D. Maria de Abreu Pedroso Leme, sobrinha de Fernão Dias Paes Leme e tataraneta de Braz Cubas.

Accrescia ainda o facto de pertencer Bartholomeu Paes a uma irmandade tão ousada e emprendedora quanto intelligente.

O primogenito da familia, igualmente Estevão Raposo Bocarro, deixara o littoral paulista pelo immenso deserto do noroeste de Minas; estabelecera-se nos « Curraes da Bahia », como outr'ora se chamava pittorescamente ao valle do São Francisco, e

alli se tornara « um dos mais potentados daquelle sertão, com grossas fazendas de gado vaccum ».

Grande sertanista « conquistara e domara o barbaro gentio » servindo longamente nas campanhas do famoso devassador de désertos e espantallo de indios, Mathias Cardoso, o lugar tenente de Fernão Dias Paes.

Outro irmão de Bartholomeu Paes, este muito mais celebre, era João Leite da Silva Ortiz, um dos descobridores de Goyaz, genro do segundo Anbanguera. Recorda a simples enunciação destes dous nomes a incorporação dos immensos territorios goyanos ao patrimonio brasileiro.

Desde adolescente dera Bartholomeu Paes subidas mostras do seu valor como particular e como vassallo.

Assim por exemplo, mal completara dezeseis annos, em 1690, surgiram fribusteiros francezes em attitude ameaçadora ante a ilha de S. Sebastião. Traziam então os maleficios dos corsarios em eterno sobresalto as populações littoraneas.

Na difficil conjunctura revelou-se o joven sebastianense tão intrepido quanto capaz, auxiliando ao pae com a maior dedicação e energia. Armados todos os homens disponiveis da região, de pé firme esperaram o desembarque do inimigo e este ante a attitude e o aspecto dos contendores não se atreveu a um desembarque.

Decorrido o periodo agudo da mobilisação partiu Bartholomeu Paes em direcção a Santos para « pedir gente ao governador daquella praça, o que não teve effeito por falta de embarcações capazes ». Não era porém a villa natal, pobre e abandonada, campo para um homem de sua intelligencia e actividade. Assim, em 1701 vemol-o, em Santos, candidato á arrematação dos dizimos. Devia a sua attitude nessa licitação apontal-o á benevolencia governamental, numa época em que tanto esperava a Côrte das contribuições pecuniarias do Brasil para o orçamento geral portuguez. Assim é que o novo licitante, fazendo frente ás pretensões de antigos arrematantes, chegara a lançar 62 oitavas quando na concorrência

do triennio anterior apenas attingira 18, o valor da arrematação. Desistira, ante a insistencia dos opposcentes, mas, em 1704, renovando a tentativa, novamente concorrera ao leilão, forçando a alta, graças aos seus lances, de 40 a 72 oitavas, preço pela qual obteve o contracto.

Casado pela segunda vez, e abastado, occupou-se de varias empresas. Associando-se a um irmão, Bento Paes da Silva, incumbiu-o de «fabricar uma fazenda nas minas do Rio das Mortes; para tal effeito se conseguiu mandar escravos com o mais necessario.» Nessa fazenda «situada em a passagem do Rio das Mortes pequeno, junto a estrada que vae de S. Paulo para as minas fez plantar e metteu gado vaccum e nella teve toda a criação para provimento dos mineiros».

Recebera ao mesmo tempo, do Sogro, como dote de D. Leonor, uma propriedade de nome Capão, junto á aldeia de Pinheiros, desmembrada da grande fazenda adquirida de herdeiros de Fernão Dias Paes, e lá encetara criação de gado e estabelecia dilatada lavoura, ao lado do outro sitio, doado na mesma época, a seu concunhado D. Francisco Rendon. A proposito destas fazendas de Pinheiros e por causa de Bartholomeu Paes, sustentou o velho Pedro Taques renhida disputa com a Camara Municipal de S. Paulo, aggravada pelo incidente violento que passamos a relatar (1).

No exercicio de suas funcções prendera Bartholomeu Paes um mameluco que assassinara um branco e ainda no acto da prisão, sobre o juiz desfechára uma pistola, sem que comtudo o tiro o attingisse. Conduzido á prisão, agarrára-se ao ferrolho da igreja de S. Thereza, aliás nessa occasião fechada, invocando o direito de asylo. Não ligara Bartholomeu importancia ao incidente levando o homem á cadeia. Servindo-se do incidente para dar livre curso a sua antiga ogerisa ao velho Pedro Taques, excommungou-lhe o vigario o genro, ante

---

(1) A proposito deste processo cf vol. de does de 127 a 148 do 1.º perimetro; archivo do Serviço de Discriminação de Terras Devolutas da Comarca de S. Paulo.

a recusa formal que este lhe oppuzera em obedecer á intimação que lhe havia sido feita, para que se demittisse. Tanto quanto o sogro era absolutamente inflexivel, homem de character obstinado e violento. Impugnaram ambos o acto do vigario, sustentado poderosamente pelo Bispo fluminense. Deram-lhes, o ouvidor de S. Paulo e a Relação da Bahia, ganho de causa no processo então levantado e o Bispo do Rio de Janeiro viu se obrigado, em obediencia a um accordam, a suspender a excommunhão, muito embora ainda appellasse para Roma, intimando o juiz ordinario a obter do Santo Padre, dentro de tres annos, a absolvição do pretense delicto.

A um grau de notavel violencia chegaram então as manifestações da politicagem local, grande partido havendo contrario aos Taques e a Bartholomeu Paes. Assim por exemplo, valendo-se dos amigos, então na vereança, pretendeu a facção do Vigario apossar-se das terras dos Pinheiros, sob o pretexto de que pertenciam á area do rocio de S. Paulo. Obrigou esta pretensão o velho Pedro Taques a apresentar em juizo os numerosos documentos comprobatorios da legitimidade de sua posse, num processo longo e irritante.

Havia porém, nessa época o supremo argumento da invocação a El Rey. A elle recorreu Pedro Taques expondo as suas queixas de bom vassallo injusta e malevolamente attribulado na pessoa de seu genro e amigo.

Mereceu então « a incomparavel honra de que S. M. lhe mandasse escrever carta, firmada de seu real pulso, avisando — de que pelo conselho ultramarino se expediam avisos ao Rev. Bispo para mandar levantar as censuras ao genro ».

E assim, portanto, triumphou em toda a linha o incriminado juiz que, decorridos dous annos, passara a jurisdicção ao substituto legal.

Vieram logo depois os acontecimento da « guerra dos emboabas » graves prejuizos causar a Bartholomeu Paes. Prosperara muito a sua fazenda do Rio das Mortes; por ella passaram porém os portuguezes, depois da victoria do capão da Trahição

a perseguir os paulistas em retirada, arrebanhando-lhe « mais de quatrocentas cabeças de gado vaccum e muita criação de porcos e aves, tudo incluzo na dita fazenda e mantimentos », allegaria poucos annos mais tarde o sertanista ao Rei, a pedir uma sesmaria. (1)

Havia pouco iniciara-se grande *rush* para as regiões auríferas de Minas Geraes, os *cataguazes* dos antigos paulistas. Varios personagens de categoria dalli haviam voltado opulentos, entre todos, talvez, salientando-se José de Goes e Moraes, cunhado de Bartholomeu Paes que de lá trouxera muitas arroubas de ouro, graças ás quaes faustosamente vivia em S. Paulo.

Assim pois, a seguir a corrente, vemos Bartholomeu Paes requerer sesmarias na Estrada do Rio das Velhas e ao mesmo tempo obter concessão de terras agora nos campos geraes do Paraná no sitio de Itaiacoca, ás margens do Hyapó.

Em 1709 attendia D. João V ao pedido instante, desde 1698 a D. Pedro II endereçado pelos paulistas: queriam elles governadores proprios e não mais capitães mores subordinados ao Governo do Rio de Janeiro. Eram as rãs a pedir rei

Obtemperando a taes reclamos, em data de 3 de novembro de 1709 desmembrou a coroa, do Governo do Rio de Janeiro, a capitania de S. Paulo e Minas, com alguns milhões de kilometros quadrados de superficie, e cujo primeiro governador foi o austero Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a quem se devia, como tanto é sabido, a terminação da *guerra dos emboabas*. Valeram-lhe a attitude, a equidade e as sympathias pelos paulistas, o preito e homenagem do clero, nobreza e povo de S. Paulo, a 7 de julho de 1710.

Fundindo numa só as capitancias de S. Vicente e de S. Amaro, veio a carta regia deste, mesmo dia, crear a capitania paulista, por assim dizer.

Antes de deixar São Paulo, que o Rei elevara á categoria de cidade, organisou Antonio de Albuquerque

---

(1) Doc. do Archivo do E. de Minas Geraes.



que, militarmente, esta zona do seu extenso governo, para isto creando « duas companhias pagas, de cincoenta soldados cada uma, em pessoas da primeira nobreza de S. Paulo, conforme os seus merecimentos, de que teria assento na vedoria da praça de Santos, a que seriam sujeitas as ditas companhias em qualquer occasião de necessidade, conservando-se o mais tempo para respeito e guarda dos generaes de São Paulo. »

« E reconhecendo o dito general a qualidade da nobreza e merecimentos adquiridos no real serviço de Bartholomeu Paes de Abreu, o creou pela faculdade regia que para isso tinha, capitão de infantaria paga; e na sua patente se relatam as acções e serviços que o dito capitão tinha obrado á custa da sua fazenda e riscos de vida em utilidade da real coroa ». Pudera! tratava-se de alguém que, alem do mais, por duas vezes fizera subir a taxa das arrematações dos dizimos! Bom vassallo! optimo vassallo!

Era pois Bartholomeu Paes, capitão de infantaria paga, quando, em meados de 1714, lhe nasceu o sexto filho, o futuro historiadôr.

---

## CAPITULO II

**A primeira infancia de Pedro Taques. Influencia do genealogista frei Luiz dos Anjos sobre a formação de seu espirito. A entrada do futuro chronista para os «pateos» do collegio de S. Paulo. Os estudos jesuíticos no Brasil colonial.**

A primeiro de Julho de 1714, na igreja do convento do Carmo, em S. Paulo, baptisava-se Pedro Taques, por dispensa especial do parochio da unica freguezia da cidade, padre Bento Curvello Maciel, com quem entretinha rixa velha o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, teimoso em não consentir que o vigario aos netos administrasse os sacramentos.

Levou o menino á pia o carmelita frei Luiz dos Anjos, no seculo chamado Luiz Ribeirão de Alvarenga, grande amigo de seu pae e proximo primo de sua mãe.

Foi o religioso o padrinho do futuro historiadór; homem de valor, por duas vezes exercera o cargo de «Provincial e Commissario do padre geral e Reformador da sua Provincia.»

Na sua «religião fôra lente e um dos maiores capellos de toda a provincia, nella se fizera recommendavel pelas grandes letras e virtudes e excellencias, egualmente na cadeira como nos pulpitos.»

Quiz o padrinho honrar o afluado e os compadres e «como as suas acções todas eram filhas da grandeza do seu animo e cabedaes, fez executar este acto, á sua custa, com estrondo de instrumentos musicos, formando no corpo da igreja uma pia toda coberta de sedas, e a torre e janellas do dormitorio

da frente da cidade com flamulas de tafetá de varias cores, com galhardetes como que se empavezavam as naus nos dias festivos.»

Estivera este frei Luiz dos Anjos largo tempo no ostracismo, conta-nos o afilhado; dedicava-lhe o seu provincial real má vontade; tanto o incommodára que o fizera ir pedir justiça aos superiores da Ordem em Portugal.

Com grande distincção acolhera-o em Lisboa a rainha D. Maria Sophia de Neuburg, segunda mulher de D. Pedro II, fazendo-lhe, após uma série de conferencias perante a côrte, presente de um peitoral de ouro em que havia uma reliquia do Santo Lenho.

Em S. Paulo, assiduamente frequentava o carmelita a casa dos parentes e compadres, causando a sua conversa de homem culto grande impressão ao pequeno afilhado.

Eminente e apaixonado «genealogico», era o «grande» frei Luiz dos Anjos tão cioso da reputação de sua limpa linhagem que este sentimento continha certamente com o voto monastico da humildade.

«Para desabusar alguns incredulos de S. Paulo», duvidosos da sua nobreza e pureza de sua raça, aproveitara uma viagem a Lisboa para ahi confirmar o brazão de sua família afim de confundir a maledicencia daquelles cujo odio occulto fazia produzir vozes contra o seu nobre sangue.»

Deprehendamos dahi quanto a convivencia de um aristocrata, apaixonado da nobiliarchia e da sciencia genealogica veiu orientar as tendencias atavicamente orgulhosas do pequeno afilhado.

E' para nós fóra de duvida haja sido frei Luiz dos Anjos o primeiro determinante e orientador da vocação do nosso chronista; o affecto e a admiracão com que a seu respeito se exprime são os indicios seguros de quanto o apreciava.

Chega essa amizade ao padrinho a attribuir-lhe uma causa violenta á morte, causada pela inveja e o odio: «Falleceu de repente com não pequenas suspeitas de veneno, mallogrando esta fatalidade a barbara tyrannia (se foi verdadeira a voz que então se espalhou) as bem fundadas esperanças em que se

achava toda a provincia carmelitana « do futuro triennio em que forã eleito para o cargo de Provincial. »

« Não occultará o segredo do tempo, proclama ainda, a memoria deste grande varão.

Notavelmente intelligente como era Bartholomeu Paes de Abreu e conhecedor de quanto valia a cultura intellectual, esforçou se por ministrar aos filhos a melhor instrucção possível, compativel com os restrictos recursos da cidade de S. Paulo, á espera de que os pudese mandar estudar na Europa.

Assim pois foram o pequeno Pedro e seu irmão Bento — um pouco mais velho este do que o futuro historiador — entregues aos cuidados dos jesuitas, eximios e universaes educadores e passaram a frequentar « os pateos do collegio de São Paulo » desde as escolas de « ler escrever e algarismos » que precediam as classes « de latim e casos de consciencia » e os cursos de « artes ».

Cabia a educação da mocidade em terras brasileiras, exclusivamente, então, á Companhia, em cujas aulas, unicas no abandono em que a instrucção publica vivia, ensinavam abalisados professores primeiras letras, musica, philosophia e rhetorica, grammatica latina, rudimentos de mathematicas, theologia dogmatica, ou especulativa, e moral.

Graus scientificos, literarios e theologicos eram attribuidos aos que, com boas notas, completavam o curso, sendo o titulo de — mestre em artes — tão apreciado quanto prestigiado.

Fazia-se a formação, moral e religiosa, do moço entregue aos cuidados da Companhia, que exigia dos seus alumnos severas praticas de piedade « os exercicios de devoção a que obrigão as leis de quem aprende nos pateos da Companhia a qual todo o seu cuidado põem em entresachar com o proveito do estudo o augmento do espirito, querendo ao mesmo tempo formar um perfeito composto de corpo e alma » (1).

« Determinavão as leis das escolas da Companhia

---

(1) — FONSECA *Vida do Veneravel Belchior de Pontes*, p 10. (2) *Ibid.*  
p. 17.

uma communhão geral, por mez, além dos exercicios diarios (1).

Todas ou quasi todas a celebridades do Brasil colonial passaram pelos collegios jesuiticos,

Citemos entre estes discipulos illustres: Euzebio e Gregorio de Mattos, Rocha Pitta, Basilio da Gama, Santa Rita Durão, Claudio Manuel da Costa, os dois Alvarengas inconfidentes, entre muitos outros (2).

De vez em quando visitavam o nosso paiz verdadeiras notabilidades da Companhia, como por exemplo, em, 1730 os padres Diogo Soares e Domenico Capacci, geographos e topographos reputados, que d. João V incumbira do levantamento do primeiro mappa rigoroso do Brasil e cuja vinda provavel a S. Paulo annunciava o ministro Corte Real, a 2.<sup>a</sup> de nove mbro de 1729 (3).

Timbrava a Companhia em manter, num lugar onde tanto se lhe combatera a influencia, e de onde chegara a ser expulsa, excellente corpo de professores no seu collegio, embora não tanto illustrado quanto o da Bahia, o mais prestigiado collegio do tempo, e onde estudaram varios paulistas das melhores familias da Capitania.

Nada mais natural aliás do que esta proeminencia, tratando-se como se tratava da capital da colonia, ou do « Estado do Brasil », como se dizia então.

Se em S. Paulo não havia, por falta de recursos, meios de applicar o famoso « Ratio Studiorum », nem por isso deixava o collegio piratiningano de communicar aos seus alumnos tudo quanto lhe era possivel, para que se instruissem solidamente.

Determinava, de vez em quando, a Reitoria que se procedessem aos actos publicos das « conclusões logicas » para os estudantes graduandos, occorrendo estes no meio do grande alvoroço dos escolares, presente numerosa assembléa, da melhor gente da cidade, ávida de assistir a estas justas intellectuaes.

---

(1) — Vd. a « Instrução Publica nos tempos coloniaes », pelo dr. Moreira de Azevedo, na « Revista do Instituto Brasileiro », tomo 55, 2, 141.

(2) — « Documentos Interessantes para a Historia de S. Paulo » XVI, 95.

(3) — Noticia historica da expulsão dos jesuitas do seu collegio de S. Paulo.

« Armadas cadeiras, muito bem adornadas para a banda da rua », diz um contemporaneo, degladiavam-se defendentes e arguentes a golpes de argumentos e syllogismos.

Convidados religiosos extranhos a Companhia, clerigos seculares e leigos de notoria erudição, a tomar parte nestas sessões como arguentes, surgiam contendores anciosos de revelar o preparo theologico ou philosophico, levando a melhor os alumnos do collegio.

Defendiam-se estes, apoiados pelos lentes que, commovidos e nervosos, os acompanhavam como orientadores e interpretes das questões propostas, tendo em vista facilitar o trabalho da resposta aos discipulos, cuja intelligencia juvenil não possuia a necessaria elasticidade para apprehender a tortuosidade das questões capciosas, tão ao sabor da época.

Occasiões havia — e não raras — em que se inflammavam os mestres, mandando aos discipulos vacillantes que se retirassem para, em pessoa, descer á liça a affrontar os adversarios petulantes e basoffios « com as suas opiniões subtilmente ventiladas e nervosamente defendidas » na phrase do bom auctor dos « Desaggravos do Brasil e glorias de Pernambuco ».

Animava-se sobremaneira a sessão, e iam os assistentes satisfeitissimos com o bello dia que lhes fôra proporcionado.

Exames publicos faziam tambem os cursionistas e frequentemente se admiravam jesuitas europeus de passagem no Brasil, dos resultados obtidos pelos confrades americanos.

« Responderam todos os alumnos como entendidos, admiravelmente bem, diz o Padre Bettendorf, de uns exames a que assistiu no Pará em 1696, de sorte que mal se podia dizer quem entre elles levava a palma nas respostas e parece-me que, nem nas universidades da Europa fazem os cursistas do primeiro anno mais do que fizeram os do collegio de Santo Alexandre », ( 1 )

---

(1) — «Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão».

### CAPITULO III

#### Os mestres e condiscipulos de Pedro Taques. A sua elevada cultura, superior para a época e ao meio em que viveu.

Allusões da « Nobiliarchia » e de outros escriptos dão-nos a conhecer dois dos mestres de Pedro Taques: os padres José de Mascarenhas e Nicolau Tavares, havendo o nosso biographado encetado os seus estudos no collegio de S. Paulo, de que era Reitor o Padre Joseph de Viveiros, em 1726, aos doze annos, quando « no tempo das escolas e dos primeiros rudimentos de grammatica latina » era collega de Manoel de Abreu Fialho. ( 1 ).

Em 1730 e 1731 teve Pedro Taques os dois jesuitas acima citados como professores. « Lia » o segundo o « Curso de Artes » e eram-lhe as aulas frequentadas por estudantes « filhos de pessoas principaes da cidade »

Quanto ao padre Mascarenhas não sabemos o que leccionava: resalta da « Nobiliarchia » apenas que o discipulo o estimava muito e muito lhe admirava os conhecimentos como « grande indagador de memorias antigas e unico genealogico das familias das capitancias do Rio de Janeiro, S. Vicente e S. Paulo ».

« Lia » quiçá o padre Mascarenhas a Historia e foi talvez quem definitivamente fixasse o gosto do discipulo para o cultivo desta sciencia e o da genealogia, muito cedo pronunciado segundo o que conta frei Gaspar (2). Como explicador contaram ainda Pedro Taques e os condicipulos, um Santo!

---

( 1 ) — *Hist. da expulsão dos jesuitas em 1640.*

( 2 ) — *Memorias*, pg. 38, 1.<sup>a</sup> ed.

o illustre padre Estanisla: de Campos, o emulo de Belchior de Pontes, « celebre barrete que teve a Provincia do Brasil ».

Coberto de gloria e da fama de santidade, viera o famoso jesuita, em 1722, aos 73 annos, acabar os dias na cidade natal, após dois provincialatos cheios « de respeito e veneração tão grande não só dentro dos claustros da sua provincia como das pessoas particulares da primeira nobreza das cidades da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, que outro algum religioso não chegou a merecer tantos ».

Em 1730, já octogenario, tinha, no emtanto, tão presentes ainda os tratados de philosophia que, aos estudantes do collegio de S. Paulo, a Pedro Tiques e seus collegas, explicava as licções do cathedratico, o padre mestre Nicolau Tavares com uma elevação de vistas e didacticidade muito superiores ás deste philosopho, obscuro e trapalhão talvez.

Procuravam-n'o os alumnos do collegio « para lhes explicar a postilla e elle não se negava a este trabalho, em todos os dias de classe, naquella meia hora que corria das dez e meia, em que sahiam os estudantes do pateo até ás 11 em que tocavam o silencio ; e era tal a clareza e os exemplos com que se explicava que o mais insufficiente dos que concorriam á sua doutrina sahia desta licção com perfeito conhecimento da questão, em que padecia á falta de percepção ».

Grato a seus mestres manifestou-se Pedro Tiques, frequentemente, amigo dos jesuitas, embora discrepasse, um pouco, no tempo da perseguição pom-balina.

Avelhantado e já em má situação financeira, em 1767, decorridos trinta e tres annos da morte do padre Estanslau de Campos, em plena época de terror anti-jesuitico, expulsa a Companhia de Portugal, França e Hespanha e em vespervas do golpe mortal de 1773, escrevia o genealogista affectuosas palavras acerca do antigo mestre, depois de lhe exaltar a santidade e relatar-lhe a morte, acompanhada de incidentes sobrenaturaes. « Nós lhe assisti-



mos tambem ( ao officio de corpo até se lhe dar sepultura dentro da capella-mór ), como amante discipulo dos seus santos conselhos, e doutrina de mestre espiritual no Sacramento da Penitencia, e tambem na sua licção ( sic ) sobre a postilla do padre-mestre Nicolau Tavares, que, com suavidade nos praticou sempre o revmo. padre-mestre Estanislau de Campos, cujo nome e amorosa saudade vive sempre e viverá nos corações de todos os que tiveram a ventura de o conhecer e tratar. »

Foi Pedro Taques certamente tratado com grande distincção pelos jesuitas, pois avultavam os beneficios por sua familia feitos ao collegio de São Paulo.

Graças á generosidade de sua avó D. Angela de Siqueira fôra-lhes a egreja reconstruida ; a um primo irmão de seu avô, o padre Guilherme Pompeu, devia a instituição ricos legados.

Brando e affavel como deve ter sido o historiador, parece-nos merecedor das palavras com que mimosea um dos seus biographados : «foi adornado de muita civilidade e cortez politica. »

Era-lhe a memoria prodigiosa ; chamava-lhe frei Gaspar «portento de retentiva» e acreditava não exaggerar dizendo que dentre os discipulos dos ignacianos paulistas outro não houvera que mais se distinguisse.

Não reinava entre os estudantes grande moralidade, commenta o biographo do padre Belchior de Pontes.

Frequente até succederem factos altamente reprovaveis, sobretudo com os rapazes filhos de familias que não tinham residencia fixa em S. Paulo.

Muito seguida era a praxe de virem estes estudantes residir na cidade, acompañados de suas antigas amas, das suas *mamans*, quasi sempre indias, e este contacto forçado dava pessimo resultado «em terras influxivas» de lascivia e entre pessoas tão propensas a este vicio, diz o velho ignaciano, pittorescamente.

«Conserva-se ainda hoje ( 1752 ) em S. Paulo este abominavel costume, verbera indignado, porque os

que pretendem aproveitar os filhos com as letras, cuidando muito em lhes buscar casas aos que morrem na cidade, os entregavam ao cuidado de uma india, deixando-o totalmente á discrição do tempo e dos annos, tirando a maior parte delles o fructo de os ver augmentados em vicios e pouco aproveitados nas letras a que os inclinavam.»

Nada mais funesto do que essa entrega de rapazolas ás taes *mamans*, ainda insiste o autor e censor.

«As mesmas que lhes davam o leite eram as primeiras a induzir a perder a preciosa joia da pureza» ( 1 ).

Ao deixar os «pateos» superiormente se instruiu Pedro Taques para o tempo e para o meio, temol-o como incontestavel.

Era um “bom latino” como na epoca se dizia “completo na lingua latina com grande lição da historia, por cujas prendas se fazia estimado e applaudido geralmente.”

Basta a leitura de algumas paginas de “Nobiliarchia” para dissipar qualquer hesitação a respeito da sua instrucção; mais culto certamente era do que os da geração que a elle se seguiu pois no dizer imparcial do Visconde de S. Leopoldo “a expulsão dos jesuitas abandonou á ignorancia as capitancias do Brasil” ( 2 )

Quicá no collegio de S. Paulo, ou mais provavelmente, em annos subseqüentes, aprendeu Pedro Taques um pouco de francez, cousa naquelle tempo muito rara não só entre brasileiros como portuguezes, de alta gerarchia até. Conta-nos S. Leopoldo que no seu tempo de estudante em Santos, nas immediações de 1790, uma unica pessoa alli havia capaz de comprehender o francez, o vigario collado conego José Xavier de Toledo, discipulo dos jesuitas, entre os quaes tomara o grau de doutor, e tido como o homem de maiores luzes no logar.

---

(1) Padre Fonseca. Obra citada, pag. 40.

(2) Memorias do Visconde de S. Leopoldo na “Revista do Instituto Brasileiro”, 37, 2, 12.

Do conhecimento deste idioma parecia tirar Pedro Taques real vaidade pois diversas vezes gostosamente se refere a auctores francezes, lidos no original, embora o faça com discrição e modestia. Assim por exemplo: « Este successo vide-o na « Historia do Paraguay em francez (1) no anno de 1659. »

Creemos que Pedro Taques, no emtanto « bom latino » não tomou o « capello de mestre em artes » que o irmão primogenito alcançara. Referencia alguma encontrámos que nos auctoreze a suppolo graduado.

Notavelmente intelligente como era, difficil lhe não teria sido alcançar a distincção, tanto mais quanto a vida toda lhe demonstra um amor fóra do comum ás cousas intellectuaes, incomprehensivel até, no meio rude e ignaro em que viveu, ás letras avesso por completo e entregue ás preocupações materiaes. Espontaneo não brotara em Pedro Taques tal intellectualismo; havia em sua familia, o estagio, um certo gosto pelas letras, esse pendor que a opulencia frequentemente crea.

Muitos dos parentes paternos e maternos vangloriavam-se dos estudos feitos no Reino, numerosos eram carmelitas, beneditinos, franciscanos ou jesuitas, outros, clérigos seculares, doutorandos em canones e theologia, outros ainda doutores em leis.

Cite nos entre os ecclesiasticos os padres drs. Francisco de Almeida Lara e João Leite da Silva, ambos tios avós do chronista; entre os seculares um primo irmão o dr. Pedro Taques de Almeida e um primo longinquo, o, na época, em S. Paulo, famoso: Alexandre Corrêa, desembargador e lente em Coimbra.

Do homonymo diz o nosso biographado que ao nome « soube estabelecer um perpetuo louvor pelo merito da literatura ».

Preterido em concurso para lente em Coimbra desgostára-se, tomando o habito de S. Bento em Tibães.

---

(1) Refere-se o chronista provavelmente a Charlevoix.

Em 1731, ainda cursava o historiador as aulas dos jesuitas, pois sentidamente nos fala da morte de quatro condiscipulos ceifados por uma daquellas epidemias de variola, terror das nossas indefezas populações coloniaes.

Entre elles, os irmãos Carvalho de Aguiar, muito admirava um, Manuel: « Mimo dos seus naturaes e extranhos porque de todos tinha adquirido um applauso affectuoso » mostrava « gentil presença com perfeita symetria de corpo, que no mesmo aspecto lhe inculcava uma alma nobre ».

E generoso, tão prompto a elogiar quanto sincero de palavras, modestamente acrescenta :

« Dos escolasticos do seu tempo, ninguem o igualou, quanto mais o excedeu ».

Dá-nos uma allusão das Actas da Camara de São Paulo a impressão de que deve Pedro Taques ter tido a mais vivaz intelligencia, desde os primeiros annos e sido considerado como uma especie de menino prodigio. Se não vejamos. Numerosissimos os casos em que os escrivães municipaes nos referem que á abertura annual do cofre dos pelouros, a 1.º de janeiro, conforme determinava a Ordenação, era chamado um menino pequeno para tirar da urna uma das listas dos officiaes que deviam servir na Camara, cujo periodo se ia encetar naquelle dia de Anno Bom: « o dito pillouro foi tirado por um menino innocente sahindo nelle por juizes vereadores e procurador » lê-se quasi que em todas as actas iniciaes dos annos. Pois bem no « auto de abertura de pelouros para o anno de 1725 » consigna a acta a unica referencia individual a essas creanças, occorrida no decorrer dos seculos paulistanos. Nomea « hum menino filho de Barthomeu Paes Abreu, desta mesma cidade chamado Pedro Taques » que tirou hum dos pelouros <sup>(1)</sup>. Tinha então, o futuro historiador dez annos e meio apenæs. Para que assim chamasse a attenção do ignaro escrivão era porque certamente já se lhe revelavam flagrantés os attributos do espirito superior que chegou a ser.

---

(1) Actas da Camara de São Paulo, vol. IX, p. 381.

## CAPITULO IV

**Bartholomeu Paes de Abreu e seus grandes projectos. A estrada para o Rio Grande do Sul e a estrada para Matto-Grosso. A descoberta de Goyaz. Manobras de Caldeira Pimentel e Sebastião Fernandes do Rego. Revezes sobre revezes. Morte de Bartholomeu Paes. Sua intimidade com o filho. Juizo de Calogeras sobre o sertanista.**

Animado com os resultados prodigiosos que muitos parentes seus haviam auferido das lavras descobertas no sertão, decidira Bartholomeu Paes de Abreu abandonar a honrosa, mas pouco remuneradora, carreira militar, para augmentar a fortuna, o que se lhe antolhava tão facil quanto rapido.

Tão grandes proventos alcançara o cunhado José de Góes e Moraes que pensara em adquirir por avultadissima somma, os direitos da donataria do Marquez de Cascaes sobre a Capitania de S. Vicente, questão de mera vaidade, pois equivalia isto a empregar um grande capital a meños de meio por cento ao anno.

O irmão João Leite da Silva Ortiz, minerador no coração de Minas Geraes, no Curral d'El-Rey, já passava por um quasi nababo; outro irmão Estevão Raposo Bocarro possuia immensos latifundios, e rebanhos sem conta, no valle do S. Francisco, nos « Curraes da Bahia ».

Propoz Bartholomeu Paes, em maio de 1720, a D. João V, abrir, inteiramente á propria custa, uma estrada de Curytiba á colonia do Sacramento, reduzindo o gentio á obediencia para depois promover

o povoamento da grande zona meridional. Solicitava mercês e doações de terra, em compensação.

Acabava de ocorrer a descoberta de Cuyabá e dezenas de milhares de individuos para lá affluíam, desvairados pela *auri-fames* e vindos de todos os pontos do Brasil.

Ao nosso sertanista occorreu a idéa de emprender o estabelecimento de um caminho, de Sorocaba ás novas minas, o que já o Conde de Assumar com Gabriel Antunes Maciel ajustara, sem que nada aliás se houvesse feito.

Cansado de esperar o regio despacho da sua primeira petição, á camara de S. Paulo propoz Bartholomeu a abertura da projectada estrada. Levou a picada á barranca do Paraná, grandes sommas empregando neste serviço, e, ao voltar, apressuradamente a S. Paulo, sabedor da chegada do novo capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, teve o desgosto de ser por este maltratado e acimado de leviandade. Ordenara D. João V. a Rodrigo Cesar contractasse a estrada de Curytiba ao Sul com Bartholomeu Paes. Indeferiu, no emtanto, o capitão general o requerimento do sertanista, sob o pretexto de que não tinha idoneidade para tal serviço quem simultaneamente pretendia abraçar trabalhos tão consideraveis, como este e o caminho para Curytiba. Não desanimou Bartholomeu Paes de attrahir a boa vontade do satrapa, muito embora o visse dominado pelo torvo valido Sebastião Fernandes do Rego, o aventureiro portuguez da peor especie, cuja cupidez insaciavel machinara e executara a perseguição dos irmãos Leme, com a annuencia do capitão general, visando apropriar-se dos opulentos despojos dos ferozes regulos cuyabanos.

Aguçara-lhe o exito deste crime a voracidade para outras emprezas do mesmo genero. Muito embora devesse Bartholomeu Paes sentir-se escarmentado com o facto, tanto mais quanto os Lemes lhe eram proximos parentes e Sebastião Fernandes lhe tivesse a maior e mais manifesta ogerisa, pensou em novos tentamens, a busca de jazidas auríferas, para isto precisando da inevitavel acquiescencia do dele-

gado regio. Lembrou-se de que, na infancia, Bartholomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguera, sogro de seu irmão João Leite da Silva Ortiz, atravessara uma região de grandes *placers* auríferos, quando a acompanhar a bandeira do pae, o velho Anhanguera. Convencelo, e ao genro João Leite, de que ambos deviam voltar aos logares, onde o primeiro virá as pintas ricas, foi a empreza a que se dedicou o ex capitão de infantaria com o maior afan.

Convencido e disposto afinal a partir, comsigo levou o Anhanguera João Leite, que a força persuasiva do irmão levava a abandonar as suas optimas lavras do Curral D'El-Rey. Em 1722 arrancava de S. Paulo a grande bandeira de Bartholomeu Bueno, triumphante regressando a esta cidade, embora muito reduzida, passados mais de tres annos de horriveis fadigas, perigos, marchas e contramarchas incessantes, fome e peste, deserções e amotinacões.

Descobrira o terceiro eldorado brasileiro! Trazia logo depois o Anhanguera, em segunda viagem, 25 kilos de ouro concedendo então o capitão general aos tres socios perto de 600.000 alqueires de terra, e os pedagios de onze rios, a superintendencia e a guarda-moria das novas minas com enorme latitude de attribuições conforme rezava o seu contracto com o delegado régio.

Deviam, pois, os tres detentores do velocino goyano enriquecer rapida e fabulosamente.

Em todos o actos passados havia, talvez por parte de Rodrigo Cesar de Menezes, uma restricção mental: o proposito da proxima annullação das mercês concedidas. Não lhe coube comtudo a odiosa execução dessa insidia mais que provavelmente suggerida pelo miseravel valido. (1.)

Partindo a inspeccionar as novas minas de Cuyabá assumiu, em 1728, o governo da capitania de S. Paulo o tristemente celebre Antonio da Silva Caldeira Pimentel, em quem percebeu logo Sebastião

---

(1) A leitura dos documentos leva-nos a esta supposição.

Fernandes perfeito comparsa para os novos roubos que lhe escaldavam o cerebro.

Vivia Caldeira Pimentel absolutamente obsecado pela idéa de fazer a America e, com o maior entusiasmo, correu ao encontro do ladravaz provedor da fazenda real em S. Paulo, cujas habilidades de sobra conhecia. Esboçaram ambos o projecto de espoliar os descobridores de Goyaz dos proventos dos seus tão grandes sacrificios e enquanto não chegava o momento de agir realisava Sebastião Fernandes o, para a época, inaudito attentado da substituição das 40 arrobas de ouro dos quintos de Cuyabá, em transitio para Portugal, por igual peso de chumbo !

Descoberto o furto em Lisbôa, em presença do proprio D. João V, passára o audaz larapio a accusar meio mundo, a começar pelo seu predecessor Rodrigo Cesar e o honrado thesoureiro Jacintho Barbosa Lopes, clamorosamente encarcerado e castigado. Viera subsequente devassa esclarecer a situação ; receioso da accusação de cumplicidade, prendeu Caldeira Pimentel ao cumplice na fortaleza da Barra de Santos.

Proseguiu porém nos anteriores designios e, inventando haver descoberto um plano de sedição geral dos paulistas de Goyaz, machinado por Bartholomeu Paes, a este, de um dia para outro, mandou encerrar, coberto de grilhões, num calabouço do mesmo forte. Ah! o reteve anno e meio incommunicavel e tratado com a maior severidade, tudo para que percesse. A' victima do satrapa valeu o acaso : a descoberta occasional de que Sebastião Fernandes do Rego possuira durante annos, chaves falsas do cofre da fundição de São Paulo, dispondo assim, ao seu talante, dos cunhos officiaes com que se aferiam as barras de ouro, cunhos estes que só podiam da burra ser retirados, em presença de tres funcionarios. Sabedor do facto, por denuncias partidas de S. Paulo, indignou-se a Côrte contra Caldeira Pimentel e reprovando-lhe os actos, começou por ordenar-lhe puzesse Bartholomeu Paes em liberdade. Já porém o capitão general, invocandó fantasioso pretexto, declarou irritas todos as mercês do antecessor aos desco-



bridores de Goyaz. Accudiu João Leite da Silva Ortiz em soccorro do irmão, e bem sabendo como devia agir, das suas novas lavras trouxe nada menos de 30 kilos de ouro para os gastar em Lisbôa na luta que contra o tirannete ia empenhar.

Acolhido na Bahia, com bondade, pelo vice-rei, conde de Sabugosa, logo depois, no Recife, parecia victima da mal entendida generosidade. Transportara para Portugal no seu navio, ás occultas da justiça ecclesiastica fluminense, um pessimo padre, verdadeiro bandido, coberto de crimes praticados em Matto Grosso, certo Mathias Pinto, contra quem lavrara o bispo do Rio de Janeiro decretos de exterminio.

Exactamente como a vibora da fabula procedeu Mathias Pinto para com o bemfeitor. Envenenou-o por instigação de Caldeira Pimentel, afiança-o Pedro Taques.

Desde S. Paulo no entanto as suas relações com o capitão general haviam provocado numerosos conselhos, reparos e admoestações de parentes e amigos ao imprudente João Leite.

Livre do perigo da grave e pormenorizada denuncia verbal ao monarcha, nem por isso poude Caldeira Pimentel esquivar-se ás reprehensões regias e á demissão. Natural era que ao tão experimentado Bartholomeu Paes, e aos socios, se concedesse solenne e valiosa reparação; pois bem, o novo capitão general conde de Sarzedas, veio a ser o organ da consagração da injustiça real para com tão illustres vassallos e servidores da corôa lusitana. Revallidados foram os actos de Caldeira Pimentel relativos aos descobridores de Goyaz, cabendo a estes meditar sobre o texto biblico que noventa annos antes, ao marchar para o cadafalso, amargamente proferira o conde de Strafford abandonado por seu amo Carlos I: *Nolite confitere principibus*:

Mau grado, tanta adversidade não desanimou o homem forte e sereno que era o ludibriado sertanista.

Ao filho primogenito, Bento Paes da Silva mantinha em Portugal, a estudar na Universidade de Coimbra, ardente presagiando-lhe reaes triumphos

quando, perante o conselho Ultramarino, ás pretenções paternas advogasse.

Novas tentativas para o estabelecimento da combalida fortuna entrementes fez o nunca desesperançado Bartholomeu Paes. Volveu com a habitual tenacidade a cuidar da questão dos caminhos para Cuyabá e tentou promover nos campos de Curytiba a criação em larga escala. Arrematou os pedágios que, de direito, lhe cabiam mas pouco conseguiu de remunerador porque sempre de encontro foi á inercia, á indiferença, á má vontade dos governantes e sem o beneplacito destes nada, absolutamente nada, se podia fazer no Brasil colonial—centralizadores, de todas as iniciativas, á semelhança do irresistível monte Imán das lendas arabes.

A 1 de Janeiro de 1738 fallecia Bartholomeu Paes. A viuva e aos oito filhos pouco brilhante situação deixava, pesando-lhe sobre os bens pesados compromissos. Morrera, esperando sempre! O filho já doutor em leis, intelligente, estudioso, pertinaz e insinuante, certamente, julgava, obteria agora a reparação das longas e pesadas injustiças que tanto o haviam assaltado. Para este fim valiosa campanha encetara em Lisboa, defendendo a causa dos descobridores de Goyaz perante os ministros de Estado e o proprio rei.

Como testamenteiro deixara Bartholomeu o segundo filho, o nosso historiador. Com o pae entretivera sempre intimas reiações de grande e deferente amizade, muito em contradicção com o espirito dos tempos, pois, sobre a sociedade portugueza, naquella época, severa e constrangedoramente, se fazia sentir, para o intimo convívio da familia, a noção autoritaria, despotica, da intangibilidade do patrio poder, quasi revestido de sagrado character.

Fôra-lhe o desvelado confidente e o constante acompanhador.

Deste facto nos deixou Pedro Taques sobejas affirmações, evidente demonstração de quanto a Bartholomeu Paes inspirava a superioridade intellectual a não observancia de arraigado e geral preconceito dos contemporaneos

Exprimindo-se ácerca do malafortunado sertanista emite Calogeras conceitos que *in totum* subscrevemos :

« Por uma injustiça clamorosa cahiu no olvido o nome deste paulista, talvez pela suspeição lançada sobre os depoimentos de Pedro Taques, pelo facto de ser seu filho.

Parece, entretanto, que o papel de Paes de Abreu foi senão o de chefe pratico da expedição pelo menos o de seu organisador mental; de conselheiro ouvido pelos sertanistas, de conhecedor esclarecido e de grande descortinio nos corollarios economicos do empreendimento ».

Nestas phrases lavrou, a nosso ver, o illustre auctor das *Minas do Brasil* um destes veredictos da Historia, cheios de majestosa grandeza, porque realisam a synthese de uma verdade ( 1 ).

---

(1) Vd. *Um grande bandeirante, Bartholomeu Paes de Abreu*, biographia deste notavel sertanista pelo A. da presente memoria.

## CAPITULO V

### A década de 1738 a 1748. Toma Pedro Taques a chefia da família. Sua nomeação para sargento mor de milicias

Tinha o linhagista 24 annos incompletos quando lhe morreu o pae. Pouco antes do fallecimento de Bartholomeu Paes, a 28 de Outubro de 1737 obtivera a patente de Sargento-Mór do Regimento de Auxiliares das Minas de Paranapanema e Apiahy que lhe passára, na vaga de seu primo affim, de mudança para Matto Grosso, Manoel Antunes Belém de Andrade (1), o governador da praça de Santos, João dos Santos Ala, «cavalleiro profeço da Ordem de Christo, mestre de campo, governador da Capitania de S. Paulo e Minas de sua repartição.»

No dia seguinte prestava o novo official compromisso em Santos perante o governador. Era coronel deste Regimento João Coelho Duarte, encarregado de obrigações hypotheticas e funcções mais decorativas do que outra cousa.

A 25 de Fevereiro de 1739, foi lhe confirmada a patente declarando-se então que «sendo o nomeado de hua das principaes familias da Capitania e tendo-se attenção aos merecimentos que em sua pessoa concorriam, dellé se esperava se houvesse no dito emprego com aquella satisfacção e actividade em tudo o que fosse do serviço de Sua Majestade, desempenhando as obrigações do seu nascimento e as do dito posto e a confiança que de sua pessoa se fazia.»

---

(1) Obteve Belém de Andrada em Cuyabá, no anno de 1743 o cargo importante de Guarda Mór das Minas. Archivo do Estado de São Paulo, 12 T. C. 72.

Honrosa a nomeação, tanto mais quanto raros havia então sargentos-móres, posto elevado na milícia não se contando mais que um com serviço activo em cada villa da Capitania, e isto por expressa determinação régia, de 21 de Abril de 1739. Era nesta época Pedro Taques um homem bem amadurecido. As attribuições da vida paterna não haviam contribuido pouco para tal resultado tanto mais, como já deixámos notado, intima fora a convivencia entre pae e filho.

Era a successão de Bartholomeu Paes difficilissima; para fazer face aos compromissos urgentes contrahiu Pedro Taques, a 1 de Julho de 1740, em nome de sua mãe, essa avultada divida para com o opulento Guarda Mor Diogo de Toledo Lara, na importancia de 1:402\$620. Premente se mostrava a situação, accessa continuando uma pendencia judiciaria com certo Bartholomeu Esmeraldo, ainda não reembolsado do resto do seu credito; processo este sobremodo complicado e que correra sempre mal para o pae do linhagista, obrigado a pagar avultadas sommas.

Houve porém, por parte da attribulada familia esperanças de que o restabelecimento dos pedagogios viesse rapidamente melhorar-lhe a situação financeira.

Desta reivindicção se incumbira o irmão primogenito do historiador Bento Paes da Silva, como já o relatámos.

Apenas formado partira para Lisboa onde incansavel defendia os direitos paternos, solicitando justiça dos grandes e poderosos da Córte, com uma pertinacia digna de melhor sorte. Tudo parecia presagiar feliz exito ás pretensões do joven e ardente advogado. Fallecido em 1737 D. Antonio Luiz de Tavora, conde de Sarzedas, capitão-general de S. Paulo dera-lhe o governo portuguez, como substituto, D. Luiz de Mascarenhas, Conde de Alvor.

Ardente e frisantemente expoz Bento Paes ao novo capitão general as iniquidades praticadas com os descobridores de Goyaz e, neste proposito, conseguiu que, ao partir de Portugal, ao satrapa ficas-

se a impressão dos seus ultimos e instantes argumentos reivindicadores.

Chegado a Villa Bôa, mandou com effeito D. Luiz de Mascarenhas dar ao Anhanguera uma arrouba de ouro, a titulo de recompensa de serviços, acto que aliás o governo real annullou.

Sua passagem por S. Paulo por certo animou a Pedro Taques e aos seus; logo depois, porém, terrivel compensação lhes trazia o adverso destino: Ao regressar de bordo da nau, onde deixára o Capitão General, perecera Bento Paes afogado no Tejo, victima de uma lufada, que lhe sossobrara o escaler!

Baldada pois toda a generosa campanha.

Cabia com a sua morte, a chefia da familia ao nosso linhagista, cujo irmão mais moço, Antonio Caetano Paes da Silva Lara, era um *minus habens*. Applicou-se com afinco á obra de liquidar os compromissos paternos e salvar alguma cousa do naufragio total da fortuna da familia para o amparo de sua Mãe e irmãs solteiras

Documenta a affirmação do nosso historiador, a 5 de abril de 1748, de que em dez annos, conseguira pagar quinze mil cruzados de dividas, mais de duzentos contos em nossos dias, durante os sete annos em que administrára a casa paterna — quanto em 1738 era absolutamente desesperadora a situação financeira de sua gente.

Nesse mesmo mez de abril executara Bartholomeu de Freitas Esmeraldo os herdeiros de seu antigo devedor e fazia com que fosse a praça a velha casa patrimonial da rua Direita, que o coronel Francisco Pinto do Rego arrematou por 509\$000.

Morrendo Diogo de Toledo Lara tomara a administração dos bens de sua viuva o filho, conego Antonio de Toledo Lara, homem duro e algum tanto argentario ao que nos parece. Pudera Pedro Taques pagar rapidamente a seu primo Diogo de Toledo Lara os juros da divida contrahida para com elle. Não conseguira porém por-se em dia com sua credora e esta aconselhada pelo filho executou o devedor pela quantia de 1:040\$620 em fins de 1747.

A 22 de novembro recebera « a conta dos juros vencidos » : 273\$565, que certo Manoel de Macedo lhe pagara consignando-lhe o direito de accionar a herança de Bartholomeu Paes, de quem tambem fora credor.

E' que este individuo cubiçava as fazendas de Curytiba que pertenciam á attribulada familia. A 17 de agosto de 1748 arrematara elle em praça essas propriedades « duas fazendas de gado, eguas e mais cavalgadas nos campos de Curytiba, quatro escravos de nação e mais um moleque, tudo por 380\$600 reis. »

A este novo descalabro promovido pela falta de cordura de seus mais proximos parentes outro se juntou.

Vendo os demais credores appropriar-se do que havia de mais valioso nos bens do casal de Bartholomeu Paes de Abreu e receioso de não receber cousa alguma de seus creditos requereu José de Goes e Moraes ao Ouvidor de S. Paulo o sequestro de meia libra de ouro depositada no cofre de defuntos e ausentes, e proveniente do espolio do Padre José de Barros, que a legara aos filhos de Bartholomeu.

Defendeu-se Pedro Taques como pôde deste novo golpe da adversidade e, recorrendo aos transmites judiciais, conseguiu embargar a pretensão do tio. Já em S. Paulo não se achava porém quando se deu a execução dos bens de Curytiba.

Deante desse novo e tão consideravel desastre decidiu-se o linhagista a abandonar a cidade natal pelo menos temporariamente. Pensou em retirar-se para longe, para alguma zona nova e futura onde pudesse refazer a fortuna. Um anno antes, a 15 de setembro de 1747, sub-arrendara elle de José de Carvalhaes e Mello o cargo de escrivão da Camara de S. Paulo, que o primeiro alcançara pelo prazo de tres annos, mediante o donativo de 120\$000.

A 14 de fevereiro tomara Pedro Taques posse, prestando juramento perante o Ouvidor da Comarca. Dias apenas devia exercer o cargo, porém. Em março de 1748 passava-o a Antonio de Freitas Branco « pela ausencia que ia fazer para as minas dos Guayazes ».

Custar-lhe-ia certamente deixar São Paulo, e os seus estudos predilectos. Desde adolescente empolgado pela paixão da historia e dos assumptos genealogicos, diz-nos Frei Gaspar, adquirira, graças á prodigiosa memoria e insaciavel curiosidade, os mais extensos conhecimentos. Já em 1742 escrevera, a pedido do conego Manoel Villela Bueno, um titulo genealogico referente aos Buenos de Ribeira.

A leitura do titulo Arrudas Botelho, datando de 1748 e até agora inedito, e a publicar na re-impressão em andamento da *Nobiliarchia*, nos mostra que nessa época dispunha o geanologista de copiosissimo material documentario. Muito longe estava ainda porém dos recursos que em tempo poderia accumular.

A's biographias dos mais eminentes personagens deveria mais tarde dar outro desenvolvimento como succedeu á do Padre Guilherme Pompeu.

Familiarisara se com as fontes documentarias, revolvendo cartorios civis e ecclesiasticos, archivos publicos e registros parochiaes. Apontara factos e tomara innumerados apontamentos, entre si ligados pelo elo da descomunal memoria aquella « prodigiosa retentiva » a que allude Frei Gaspar.

Casara-se Pedro Taques nesse interim. Quando? Diz-nos o texto impresso da *Nobiliarchia Paulistana*, que a 31 de janeiro de 1735 e em São Paulo, longe ainda dos vinte e um annos.

Como porém, no archivo da Curia Episcopal de São Paulo, perfeitamente organizado, quanto aos documentos de proclamas matrimoniaes, não achassemos os papeis a elle referentes, julgámos se tratasse de algum engano de cópia dos originaes que serviram para a impressão, pois quasi todos os autographos da *Nobiliarchia* ninguem sabe onde se acham, possuindo o Instituto Historico Brasileiro apenas a cópia que delles fez Diogo de Toledo Lara e Ordonhes.

Diz o manuscripto do Instituto positivamente, 1735. O facto porém, da pouca idade do chronista em 1735 e ainda o de lhe nascerem os seis filhos desse matrimonio, de 1747 a 1755, nos induz a crer que real-



mente haja Pedro Taques realizado essa união em 1745. Desposára d. Maria Euphrasia de Castro Lomba que mais tarde, piedosamente se fez chamar, d. Maria Euphrasia de Santa Quiteria. Natural de S. Paulo era filha de Gregorio de Castro Esteves, pois tiguez, capitão do regimento de cavallaria das minas de Goyaz e de d. Catharina Velloso, paulista, senhora ligada ás melhores familias da capitania e entre cujos parentes numerosos ecclesiasticos se notavam.

---

## CAPITULO VI

**A partida para Goyaz -- Difficuldades da jornada -- Estada em Villa Boa  
- O conde dos Arcos - Os costumes goyanos na era setecentista  
- Nomeação para a Intendencia de Pilar e Crixás.**

---

Em fins de 1748 (1) decidiu-se Pedro Taques a transportar-se ás minas para fazer fortuna.

Entre os Guayazes e o Cuyabá tudo o levava a escolher a primeira destas regiões, muito embora em Matto Grosso residisse o opulento mestre de campo Manoel Dias da Silva, casado com sua irmã D. Thereza.

Fôra Goyaz o local dos feitos de seu tio, a terra de promessa para o pae e toda a familia; verdade é que graças á ingratição real nunca déra sinão amargas desillusões e tristeza, Chanaan, que se convertera numa fonte de afflicção e desesperança, quando lhes devera ser a causã de prodigiosa fortuna, pois de poucos homens tem noticia a historia a quem como Bartholomeu Paes, e seus socios, se haja deparado o ensejo de um encontro com o velocino.

Em Goyaz, além de tudo, estavam os seus sogros, e a viagem para o Cuyabá, além de muito mais longa, se apresentava incomparavelmente mais penosa e cheia de perigos.

Desde 1725, haviam-se os terriveis payaguás habituado a atacar as monções no Baixo Paraguay; destes assaltos, ninguem, na capitania de S. Paulo, pudera jamais perder a lembrança da catastrophe de 1730, em que os indios massacraram quatrocentas

---

(1) A 1.º de Agosto de 1748 estava elle ainda em São Paulo; cert. do inv. de Bart. Paes.

personas retirantes de Matto Grosso, entre ellas o ouvidor Lanhas Peixoto.

Não se fazia comtudo a viagem para Goyaz sem perigos, pois os cayapós, nação poderosa, possuidora «de muitos reinos e copiosas aldeias, em circumferencia de mais de oitocentas leguas, infestavam a estrada toda, desde o rio Uruçanga até Villa Boa, em comprimento de mais de 200 leguas com total ruina do commercio e dos direitos reaes.»

Em 1744 bastante haviam as cousas melhorado, pois os cayapós, depois de terem conseguido, «em repetidos assaltos, muitas mortes com horror da humanidade», se viram a braços com a terrivel desforra dos civilizados, na campanha de exterminio que o cruel Antonio Pires de Campos «Adonis, na praça e Marte no sertão» e os Boróros, a quem domára, contra ellesprehendera por convite do capitão general D. Luiz de Mascarenhas.

Assim mesmo, não era a estrada segura, pois, além dos cayapós, havia numerosissimos calhambolas, «canalha que formava um quasi reino de pretos foragidos desde o rio das Mortes até o Grande.»

Ninguem se aventurava a palmear as duzentas e muitas leguas que medeiam entre S. Paulo e Villa Boa, sinão em caravanas numerosas, tanto mais quanto a não ser nos registros de passagem dos rios, por toda a parte, cruzava-se o deserto.

Em meados de 1749 já fizera Pedro Taques a penosa jornada, levando consigo a mulher, um filhinho de um anno e os seus escravos. A 27 de Outubro deste anno baptisava elle, na matriz de Villa Boa, segundo filho, Balduino Abagaro Taques de Moraes.

Alli encontrara D. Luiz de Mascarenhas, o capitão general de S. Paulo, que viera áquella longiqua e selvatica região do seu governo, pagando-se regiamente desta ausencia das terras civilizadas do littoral. Retirava-se pouco depois, dizia a voz publica, levando ouro no valor de um milhão de cruzados muito calumniado embora nos pareça.

E realmente : á saciedade tem diversos autores repetido que o conde de Alvor tão rico ficára das

propinas do seu governo que, entre outras, adquirira a fazenda da Bertioga, na marinha paulista, por duzentos mil cruzados. E, no entanto, foi ella comprada por cento e cincoenta mil réis ! ( 1 ).

Por duzentos mil cruzados, oitenta contos de réis, teria, provavelmente, podido tornar-se dono de latifundios sem conta, naquella época em que a terra nada valia ; nem havia propriedade em toda a capitania de S. Paulo que valesse a decima parte de semelhante quantia. De mais a mais, viera D. Luiz rico para o Brasil, herdeiro, como fôra, da opulenta casa de seus paes, os marquezes de Fronteira, de quem houvera mais de cem mil cruzados.

Gomes Freire de Andrade, seu substituto, cuidou sobretudo de estabelecer as lavras diamantinas dos Pilões, entregues ao famoso Felisberto Caldeira, que com elle viera, trazendo 200 escravos, e pouco se demorou a minerar, ao reconhecer que o trabalho era pouco remunerador, quasi infructifero.

Afinal, decidiu-se o hesitante D. João V a dar um capitão general a Goyaz, quando já havia cinco annos que a capitania fôra creada. Recahiu a escolha em d. Marcos de Noronha, da casa illustre dos condes dos Arcos e marquezes de Angeja, cuja posse se realisou a 8 de novembro de 1749.

Oitenta e cinco dias gastára do Rio de Janeiro a Villa Bôa !

Culto como Pedro Taques era, não podia deixar de receber com a maior alegria esta medida da metropole; novo passo para melhorar aquella situação de anarchia que havia vinte annos, quasi, durava, desde que o grande *rush* começára com a divulgação dos achados do Anhanguera e de João Leite da Silva Ortiz.

Muito embora neste curto periodo enorme quantidade de ouro, á flor da terra, houvesse sido recolhida, novos e riquissimos *descobertos* ainda se realizavam.

Haviam diminuido um pouco os horriveis desatinos das duas primeiras decadas de mineração, que as preciosas informações, tão singelas quanto leaes, do conego Silva e Sousa, nos transmitiram nas *Me-*

---

( 1 ) Vide «Revista do Inst. Hist. de S. Paulo», VI, 483 e III, 203.

*memorias Goyanas.* A installação de um governo forte e permanente no centro da capitania viria com certeza modificar e muito a situação, naquelles tempos em que a autoridade regia podia fazer-se obedecer e sabia fazel-o.

Era então Villa Bôa de Goyazes bem consideravel localidade, contando talvez mais de 800 fogos, algumas boas contrucções, tres ou quatro egrejas, entre as quaes a grande matriz, hoje cathedral, cujo thesouro de ricas alfaias sobremaneira avultava.

Nella sobresahia a majestosa columnata do altar-mór, muito dourada, revestida de «soberba obra de talha».

Começavam a construir-se excellentes edificios publicos, entre outros a casa da fundição, a intendencia respectiva e o grande quartel da tropa de linha.

An:madissimo, traduzia-se o commercio pelo numero de estabelecimentos. Ruas havia em que existiam trinta e mais lojas contiguas de fazendas. Diversos particulares possuiam boas residencias, confortaveis, quanto permittia o atrazo dos tempos.

Activa continuava a immigração de portuguezes e de gente, da melhor, de São Paulo e Minas, a que, dentro em poucos annos, devia succeder o começo do exodo quasi geral dos brancos, para além dos limites da capitania.

Continua se mantinha, tambem, a importação de africanos para as lavras, computando-se em mais de trinta mil os escravos empregados na mineração.

Numa sociedade em formação, tão heterogenea, sobretudo, composta de aventureiros, immenso deixavam os costumes a desejar, como era mais que natural. Varios havia, como Pedro Taques, para Goyaz transplantados com a familia.

A enorme maioria dos mineiros brancos, porém, composta de celibatarios, mantinha ligações irregulares com pretas e indias, uniões que o espirito de casta não lhe permittia legalizar. Se tivesse a franqueza de o fazer, dahi lhe viria uma «diminutio capitis» social muito sensivel, como, por exemplo, a exclusão immediata e irrevogavel das irmandades,

como inflexivelmente determinavam os compromissos.<sup>9</sup>

« Absurdo puritanismo ! » qualifica o brigadeiro Cunha Mattos, numa expressão pittorescamente inadequada.

Confrarias inteiras de amancebados existiam, demonstração daquella profundissima mestiçagem, na capitania que, em 1824, assignalava o mesmo autor (1).

Entre as pessoas distinctas, de S. Paulo, que Pedro Taques foi encontrar estabelecidas com suas familias em Villa Bôa, figuravam numerosos parentes seus, mui bem collocados, entre outros : o sargento-mór João Barbosa Lara, mineiro, na Ania ; Antonio Pompeu Taques, filho de Lourenço Castanho, homem opulento e fidalgo, que «na arte da cavallaria logrou a singularidade», e cujas liberalidades acabaram impedindo-o de exercer «o seu generoso animo, sempre acostumado a não contentar-se com pouco» ; José Pires de Almeida, irmão de Taques Pires, o «Pae da Patria», opulento mineiro, genro de Felisberto Caldeira Brant, o contractador de diamantes, celebre por suas desventuras ; João de Godoy Pinto da Silveira, famoso sertauista e fundador do Pilar ; Ignacio Dias Paes, juiz ordinario da villa ; o dr. Antonio Mendes de Almeida, primo affim, intendente do ouro da real casa de fundição e provedor da Fazenda Real da capitania, etc.

Agradou-se d. Marcos de Noronha do chronista, unico homem talvez realmente culto que então houvesse nas longinquas terras centraes, e resolveu dar-lhe uma boa commissão. Chamou-o, pois, para « crear a intendencia, com missão para a cobrança da capitação no arraial do Pilar, comprehendendo o de Crixás, no anno de 1750, sem mais outro algum official que o ajudasse na dita intendencia ».

São estas as palavras do nosso historiador ao traçar a propria biographia ; em outro lugar da « Nobiliarchia », porém, occupando-se de Isabel

---

(1) E no emtanto, talvez para remediar a tanta immoralidade, promulgara-se a carta regia de José I, a 28 de abril de 1755, em que se diz que portuguezes e brasileiros brancos, que se casassem com indias, « não ficariam com infamia alguma, antes se fariam dignos da real attenção ».

Corrêa da Silva, e seu marido, Antonio Pereira do Lago, colloca os factos na sua real posição.

O primeiro intendente commisario da Real Companhia das Minas do Pilar e das de Nossa Senhora da Conceição de Crixás, foi Antonio Pereira do Lago; nomeou o conde dos Arcos a Pedro Taques seu adjunto « com o o caracter de fiscal, escrivão e thesoureiro da Real Intendencia ».

Alliara-se Antonio Pereira do Lago a uma prima do genealogista, pertencente a importante e numerosa familia de Santos, a de Francisco Tavares Cabral que, em blóco, emigrara para as lavras goyanas.

Primo em quarto grau de Pedro Taques, decahirra Cabral da primitiva opulencia, após uma vida de fausto. Afamada em toda a capitania de São Paulo fora a festa que, annualmente, celebrava em Santos, em honra « á gloriosa Sant'Anna, applaudida com grandeza, não só no culto da egreja, como tambem nos festejos de comedias e banquetes que se executavam, com toda a abundancia de iguarias, a que eram convidados os da primeira nobreza das villas de Santos e de S. Vicente. »

Já edoso, partira a refazer a fortuna em Goyaz, « attrahido das amorosas rogativas de uma filha, mulher de Francisco Xavier Pissarro, portuguez, de Chaves, que « passando ás minas de Villa Boa no principio de sua grandeza, se estabelecera com lavras mineraes e numerosa escravatura no sitio chamado do Ferreiro, até que, extinctas as terras, ou já enfraquecidas de pinta rica, passara para as minas de Pilar, onde fizera estabelecimento de lavras mineraes, das quaes seus escravos extrahiram muita grandeza d'ouro. »

Haviam os treze filhos de Francisco Tavares Cabral emigrado para as minas de Goyaz, e, em 1750, estavam quasi todos no Pilar, e afortunados.

Era-lhe um dos genros, este Antonio Pereira do Lago, de quem falámos, um dos mais opulentos mineiros, « por chegar a escravatura de sua fabrica de minerar quasi a duzentos pretos da Costa da Mina. »

Escolhera-o o conde dos Arcos para o cargo de intendente, pelo facto de que « occupara sempre honras e postos assim da republica, como de justiça e milicia, muitas vezes juiz ordinario, provedor dos defunctos e ausentes, guarda-mór da repartição das terras, aguas mineraes, sargento-mór do regimento de ordenanças ».

Tratava-se, aliás, de méra honraria, pois Antonio Pereira « acceitara o onus da intendencia sem ordenado algum, passando a sua liberalidade e amor de honrado vassallo a dar as suas casas para servirem de intendencia, privando-se do socego e tranquillidade do retiro de sua fazenda, distante do arraial meia legua, onde antes se achava, indo sómente ao dito arraial aos domingos e dias santos ».

Com grande empenho quizera o conde general regularizar os serviços e costumes administrativos da capitania, « cujo functionalismo era corrompido e depravado ». « Os arraiaes a grande distancia uns dos outros e por isto difficeis de serem policiados: a costumada lucta do povo contra as autoridades de ordinario vulneraveis nos seus actos e pouco escrupulosas; o frequente extravio do ouro, apezar de quantas disposições penaes fossem fulminadas contra os extraviadores; os excessos praticados pelos contractadores e dizimeiros; a corrupção dos costumes elevada ao ultimo excesso, e ainda mais elevada pelo exemplo que dava o clero » (1), exigiam da primeira autoridade da capitania decisão e energia, que ao conde dos Arcos faltavam.

Fraco, embora experimentado e intelligente, era comtudo probo como raros. Suas « excellentes virtudes, limpeza de mãos, affabilidade e prudencia, o fizeram adorado de todos os subditos, vencendo com estes dotes de natureza todos os empenhos em que entendeu fazer serviço ao rei, e augmentava a capitania », exprime se o nosso historiador.

Convidado este, em 1750, para adjunto de Antonio Pereira do Lago não duvidou « fazer accei-

---

(1) Alencastro — Annaes da provincia de Goyaz, Rev. do Inst. Bras. t. 27; parte 2.a, pag. 95.



tação deste laborioso emprego, para cujo exercicio se transmigrou com mulher e filhos e os seus escravos para o arraial do Pilar, transitando por sertões despovoados mais de cincoenta leguas, á custa da propria fazenda, sem a menor ajuda de custo do real ».

Lavrava-se, a 30 de janeiro de 1750, o termo da sua nomeação para o cargo de « escrevão fiscal da Intendencia Commissaria do Pilar », e a 9 de fevereiro immediato para o de de escrevão da guarda mória de Crixás, Pilar, Guarinos e Papuan (1).

Calcula Cunha Mattos a distancia de Villa Bôa ao Pilar em trinta e tres e meia leguas, accrescentando « nesta marcha passam-se montes mui asperos, varios rios caudalosos sem pontes e a espessa matta de Alexandre Affonso » e o sertão ou deserto absoluto por 25 leguas, 150 kilometros, sem se encontrar viv'alma, desde o sitio do Queiroz até o engenho de d. Miquelina.

Attingida a serra do Caracol chega-se mais facilmente ao arraial.

Imagine-se quanto devia ser penosa esta viagem! atravez do sertão infestado de indios e negros fugidos. Nem se pense que as crueldades e matanças de Antonio Pires de Campos houvessem acabado com os primeiros; ainda em 1755 tiveram a audacia de apparecer no rocio da villa de Goyaz, onde numerosas mortes perpetraram.

Quanto aos quilombolas, numerosissimos eram « naquelle continente » e sua audacia crescia sempre.

Bem escoltado, porém, realizou Pedro Taques a sua transferencia ao Pilar sem maior sobresalto do que o das difficuldades do caminho, sobre tudo a transposição dos rios.

Ao chegar ao arraial, aureas esperanças ao chronista afagavam, com certeza dissipando-lhe parte das fadigas de tão longa jornada.

Muito embora a sua má posição, enterrado numa profunda depressão do terreno entre os tres

---

(1) Livro de provisões e patentes de 1729 a 1727 da capitania de Goyaz, a fls. 18 v., 19 e 50 v.

grandes montes da Bôa Vista, do Moquem e do Pendura, apresentava o Pilar um aspecto de prosperidade que favoravelmente impressionou o historiador.

Centenas de casas se distribuíam por tres grandes ruas bem calçadas e quatro travessas, notando-se não poucas «perfeitamente bem trabalhadas», diz Cunha Mattos, e até opulentas.

Ao vistoso e abundante chafariz, bem construido aqueducto, levava excellente lymphá.

Embora pequena, tinha a cadeia optima apparencia.

Das egrejas, duas grandes e duas ermidas, destacava-se muito a de N. Senhora do Pilar, padroeira do arraial. «espaçosa, bella e rica, com sete altares e uma capella-mór», a cousa mais rica que jámais existiu em Goyaz. Possuia avultado thesouro, numerosas peças de prata, «importantes em grande somma», entre outras «uma lampada de extraordinaria grandeza e perfeição», relata na sua ingenuidade admirativa, o bom marechal.

---

## CAPITULO VII

### A vida num arraial goyano de mineração — A riqueza dos placers do Pilar — Crueldades para com os escravos.

---

Tal o antigo Papuan, onde, em 1741, João de Godoy Pinto da Silveira, o temerario subjugador de indios, grandes « placers » descobrira substituindo o nome da graminea que litteralmente alli atapetava o solo pelo da invocação do famoso santuario mariano de Saragoça.

Riquissima a « pinta », sobretudo no morro da « Boa Vista » e immediatamente acudira a invasão dos mineiros. Em pouco tempo quatro mil brancos e nove mil escravos ao novo pactolo affluíam.

Estripado, em todos os sentidos, restituira o « Boa Vista » o que nas entranhas enthesourara, pelo menos o que havia á superficie, « immensas arroubas de ouro ! »

O Moquem, mais avaro do metal precioso, embora muito dêsse, era de mais difficil trabalho, devido á escassez dagua.

Era a este Eldorado que vinha Pedro Taques buscar a fortuna. Ao penetrar no arraial pilarense, certamente lhe acudia á memoria a tão celebrada folheta de 43 libras, recentemente achada em Agua Quente, um blóco inteiriço de muitos kilos de ouro, cinco mil e quinhentas oitavas ! Ou, então, a extraordinaria aventura do seu primo Antonio de Almeida Lara, que, no Cuyabá, arruinado e succumbido, viera certo dia do cavallo abaixo, porque o animal, tropeçára numa enorme pepita, reveladora da jazida de onde, em breve tempo, se extrahira nada menos de

onze arrobas de ouro. Igual sorte não lhe estariam reservando os destinos propícios?

Certo é que no Pilar intensissimo se revelava o « *fervet opus* ». Isolado, perdido, o arraial, por assim dizer, no meio do deserto, operava o ouro « os milagres daquela grandeza » que ia ter instantanea duração.

Os almocafres e os alviões, os carumbés e as bateias continuamente trabalhavam nos veios, taboleiros e grupiaras, revolvendo o cascalho até a picarra. Continuamente também silvavam as longas tiras de couro dos azorragues, nos magros e cicatrizados dorsos dos infelizes africanos, porque, si no Brasil, jámais houve inexoraveis senhores e desalmados traficantes, foram estes os mineradores, os implacaveis aventureiros, revolvedores do solo aurífero e réos das hediondas barbaridades de que nos fala horrorisado um quasi contemporaneo, o escrupuloso Cunha Mattos.

Ouçamol-o :

« O peso do serviço, o mau tratamento e sustentação, a falta de curativo levavam estes desgraçados promptamente á sepultura. Aconteceu muitas vezes morrerem no espaço de um anno cem escravos a alguns mineiros, cousa nunca succedida aos agricultores. Esta mortantade pôz a alguns proprietarios em crises bem espinhosas, que ordinariamente acabaram em um suicidio, em um sequestro geral ou em uma fuga accelerada. »

Esta ancia de enriquecer, em breve tempo, fazia com que os senhores dos miseros negros nelles apenas vissem os instrumentos muito transitorios da fortuna. Que valia a vida de um escravo, desde que em alguns mezes excellentes proventos dêra ao dono, altissimos « *jornaes de oitavas* »!

Immensa a margem para os lucros.

No Pilar, o « *jornal* » de um negro começára sendo de mais de uma oitava por dia ; 3 1/2 grammas de ouro dava o trabalho do infeliz escravo, penando sob o látego dos feitores, numa atmospherá quasi irrespiravel de 40 graus centigrados ; cinco, seis grammas sinão mais ; frequentemente ; tres mil réis

diarios, numa época em que a capacidade acquisitiva da moeda tinha enorme superioridade sobre a correspondente hodierna quiçá na proporção de um para quarenta...

Nada, no entanto, saciava os proprietarios das lavras.

Encurralados como animaes, viviam os escravos, dos miseraveis alojamentos, onde dormiam na mais sordida promiscuidade, para as lavras e vice-versa, pois os «implacaveis aventureiros seguiram sempre o inalteravel costume de comprarem para os seus rigorosos trabalhos escravos homens, e quasi nunca mulheres.»

«Rigorosos» trabalhos! O adjectivo é por demais euphemico....

Ao calor da atmospherá ajuntava-se o rescaldo das galerias asphyxiantes; das falhas do terreno ou da ruptura de toscas barragens, desviadoras dos rios, subitas torrentes irrompiam que afogavam os desgraçados mineiros; enguliam os desmoronamentos frequentes do «ouro podre» victimas sobre victimas; prostravam os jactos de gazes, mephiticos e asphyxiantes, trabalhadores ás dezenas.

Nem era raro obrigassem um negro a que penetrasse como explorador, verdadeiro «enfant perdu», num poço ou galeria empestada de gazes lethaes.

Transido de horror recusava-se o desventurado ao serviço, «comia-o então o feitor a bacalhau», segundo a phrase cruel e consagrada, em frente aos parceiros aterrorisados. Lá ia o rebelde procurar num suicidio, quasi sempre inevitavel, o lenitivo á crueldade dos brancos ferozes.

Assim, pois, o arraial goyano, votado á misericordiosa intercessão da Mãe dos Homens, realisava a reproducção de um canto do inferno á superficie da terra, exactamente como em todos os logares onde o ouro surgiu para o desencadeamento de miserias sem conta.

E no entanto, tal a força dos preconceitos obliteradores da razão; taes as idéas da época, que o brando Pedro Taques se espanta de que das minas

do Pilar fugissem captivos, que nas immedições do arraial houvesse quilombolas!

E' com verdadeiro horror que nos conta o assassinato, em 1751, de seu primo José de Almeida Lara, por um bando de escravos, na sua lavra de Guarinos, a tres leguas a oeste do Pilar.

Sabe Deus o que era este homem para que os captivos revoltados lhe deixassem o «cadaver feito um crivo de chagas pelas muitas facadas com que o odio empregara a sua furia», sem contar que depois de morto lhe haviam cortado a cabeça e todos os membros, «sem escapar da violencia dos barbaros as partes pudendas.»

Sabe Deus quem fôra o mais cruel! si o assassinado, si os seus algozes!

E' com verdadeiro prazer que o chronista refere o castigo exemplar inflingido aos quilombolas, depois deste attentado, por determinação expressa do conde dos Arcos, que de impressionado com o caso, a Guarinos fôra com o ouvidor geral da Capitania.

Plena autorização para que se atacassem os quilombos, «matando os negros que se puzessem em resistencia, como se pratica em Minas, afim de evitar-se um levantamento geral de pretos e cessassem os roubos, mortes e insolencias.»

Quanto louva o bom Pedro Taques, então, as sabias medidas do conde de Bobadella, capitão general de Minas Geraes.

Incumbira elle Bartholomeu Bueno do Prado da destruição «de um quasi reino de pretos foragidos» do actual triangulo mineiro e este «desempenhara tanto o conceito que se formára do seu valor e disciplina da guerra contra esta canalha, que se recolhera victorioso, apresentando 3.900 pares de orelhas dos negros que destruiu em quilombos, sem mais premio que a honra de ser occupado no real serviço!»

---

## CAPITULO VIII

**Brilhante desempenho dado pelo linhagista ás suas commissões  
fiscaes em Goyaz — O chronista minerador do ouro —  
Proventos mediocres — Regresso a S. Paulo — Honroso  
mandato do conde de Vimieiro — Partida para Portugal.**

---

Logo depois da sua tomada de posse da escriptoria e thesouraria da real intendencia do Pilar, que comprehendia os arraiaes de Crixás e Guarinos, foi Pedro Taques investido tambem da provedoria dos defuntos e ausentes do julgado.

Contava Guarinos então tres mil escravos a minerar; Crixás, situado a onze leguas do Pilar, tinha uns 8 a 9.000 habitantes; era um arraial muito bem traçado constando de treze ruas principaes, praça e travessas. Nelle se notavam quatro igrejas, das quaes a matriz N. S. da Conceição, com sete altares, e N. S. da Abbadia.

Enorme cópia de metal ainda rendiam as lavras quasi com a simples raspagem do solo.

Pagavam os mineiros nessa época, em toda a capitania, o imposto da capitação, ainda ultimamente regulamentado pelo capitão-general Gomes Freire, a saber quatro e meia oitavas de ouro, por anno e por escravo empregado na mineração, mais de dezesseis grammas de metal, contribuição fabulosa, se attendermos á capacidade acquisitiva da moeda naquella época.

Verdade é que os « descaminhos » subtrahiam enormes sommas ao fisco, por mais que chovessem cartas regias e bandos de governadores, procurando cercear o contrabando por meio do rigor dos casti-

gos apontados aos malversadores: açoutes, confisco, prisão, degredo. De nada valia o trancamento official dos caminhos para os « curraes da Bahia » e quejandas medidas alfandegarias e policiaes, postas em prática. De Goyaz, annualmente, eram kilos e kilos de ouro desviados, que, furtivamente, chegavam ao littoral em pontos distantes, desde a Bahia até ao Maranhão, dizem contemporaneos.

Das lavras do Pilar sahiram em pouco tempo mais de cem arrobas de ouro, logo ao começar a mineração, relata monsenhor Pizarro nas suas « Memorias Historicas ». Alcançou Pedro Taques os dias de esplendor do arraial, durante os annos em que ali exerceu o seu cargo, de 1750 a 1752.

Nesta data resolveu o conde dos Arcos abolir a capitação (1) que se tornara por demais pesada, visto como visivelmente, em toda a parte, produziam as lavras muito menos. Verdade é que novos descobertos se faziam ainda, ultimos lampejos da grande mineração goyana. Assim, em 1751, o local para onde, em mezes, emigraram mil e quatrocentos brancos, europeus, paulistas e mineiros, todos celibatarios, conta-nos expressivamente o marechal Cunha Mattos, arrastando comsigo o resignado e docil rebanho das suas martyrizadas victimas, dezeseite mil escravos africanos.

E não era para menos! « No espaço menor de um oitavo de legua » tiraram-se cento e cincoenta arrobas de ouro e as « datas de preferencia » renderam cinco mil oitavas!

Estava-se longe ainda da grande escassez de metal, notada em 1764, anno inicial do longo periodo de ruina que até os nossos dias avassalou toda a mineração goyana e apenas interrompida pelo instantaneo florescimento das minas de Anicuns, no seculo XIX.

Muito menos iam rendendo, já em 1752, as lavras mais antigas, como as da vizinhança de Villa Boa, Bomfim, Meia Ponte, etc., de modo que, como

---

(1) Cinco mil pessoas havia em condições de tomar os sacramentos diz Mons. Pizarro ( Memorias ).



atrás dissemos, decidiu o condé dos Arcos substituir a pesada capitação por outro mais brando regimento tributario (1). Lenta e continuamente ia decrescendo a antigo «jornal», de uma e duas oitavas por dia, até attingir o limite de meia oitava por semana, absolutamente incompatível com a existencia da industria mineira.

Nos annos em que o chronista arrecadou o imposto capitativo enormes resultados conseguiu, como, com grande ufania, nol-o relata na propria biographia.

«Nos dois annos que serviu a sua majestade, desempenhou o conceito que tinham formado do seu activo zelo, dando de augmento acima de 20.000 oitavas, fazendo-se argumento do tempo em que de antes estava a cobrança da capitação a cargo dos juizes ordinarios e seus escrivães.»

Ao referir-se, na «Nobiliarchia», ao seu antigo chefe, acudiram-lhe novamente á memoria as lembranças dos tempos, cheios de honra, da estada em Goyaz, e não se pode furtar a novos gabos.

Assim se vangloria de que logo «no primeiro anno da sua capitação tivera el-rei 19.892 oitavas de ouro, quando no preterito, desde 1737, em que se estabelecera a capitação de Goyaz, nunca os arraiaes de Pilar e Crixás haviam produzido mais de 7.500 oitavas».

Documentador emerito, que sempre foi de quanto affirmava, muito natural accrescentasse: «Nos livros que se acham no archivo da provedoria da fazenda real e intendencia geral de Villa Bôa, que tiveram uso durante a capitação, consta melhor esta verdade e fortuna da nossa feliz occupação».

Demonstra o descommunal augmento de arrecadação quanto era lesado o fisco com os «descaminhos» e consequente sonegação de imposto.

Como conseguiria o historiador tão extraordinarios resultados, quando justamente não havia quem não odiasse, e temesse sobretudo, a acção dos exa-

---

(1) Em 1735 fixara Gomes Freire de Andrada a capitação em 4 1/3 oitavas por escravo e por anno ( Mons Pizarro ).

ctores fiscaes, vorazes, insaciaveis? Nunca pela violencia e sim exclusivamente pela persuasão e boas maneiras, pois se jacta de haver sido «ajudado do amor que mereceu a todos os moradores do Pilar e de Crixás».

As cifras pelo linhagista citadas, em abono do seu zelo e capacidade como official da capitação, fazem-nos computar em cinco mil escravos, no minimo, o numero dos mineradores das jazidas do Pilar.

Escolhendo uma lavra, poudo o historiador, graças aos esforços dos seus africanos, alguns prcentos obter da estada no sertão. Dado o espirito da época, seria elle relativamente humano para com os pobres servos que lhe pertenciam? Cremos que sim, tudo nos mostra em Pedro Taques um homem intrinsicamente bom.

Ainda, no leito de morte, ao explicar, no testamento, uma questão judiciaria relativa á propriedade de um casal de escravos, declarava quanto cuidara de certo preto mineiro, recolhido á residencia do licenciado Vicente Pires da Motta, afim de curar-se, a pedido seu. A pobreza não lhe permittira mais tratar bem do negro em sua casa, ao passo que á escrava fizera com que se casasse, pois vivia amancebada «com o horror da luz de Deus, da religião e de toda a visinhança».

Abolida a capitação, pensou Pedro Taques em regressar a S. Paulo; não lhe sorria muito a vida no arraial de mineiros, em que habitava e onde, por portaria de 16 de julho de 1752, fôra investido das funcções tabellioaes.

Pouco ganancioso, como geralmente os homens idealistas, era natural que, havendo obtido resultados médiamente compensadores do exilio, pensasse logo em afastar-se daquelle ambiente de crimes e pestilencia, pois si o clima no Pilar era mau, em Crixás podia ser classificado pessimo, sem exageração alguma.

Immerso no profundo valle aurifero, vive o Pilar numa atmospheria asphyxiante de forno, em que o thermo:metro frequentemente chega a 40°; eram alli frequentes as molestias agudas, os ataques apople-

ticos, e numerosos habitantes soffriam de bocio. Em Crixás, ainda muito mais insalubre, aggravava a situação a proximidade de grandes massas de aguas estagnadas, de onde occurriam as terriveis fermentações putridas dos climas torridos, fontes de violentissimo impaludismo. Muito affligiam igualmente os habituaes transbordamentos do rio Crixás aos habitantes do pestilento «placer».

Não é, pois, de admirar a ruina completa destas localidades, desde que a mineração deixou de ser fartamente compensadora. Em 1820, relata-nos Cunha Mattos, mal contava o Pilar tres mil almas, quando outr'ora doze mil tivera. Baixara Crixás de sete mil habitantes a apenas mil. Dos tres mil moradores que Guarinos chegára a ter, passara a vinte e oito !

Terriveis irrompiam as epidemias — como era de esperar, naquelles centros, onde a mais elementar hygiene se via inteiramente postergada. Geifava a variola centeras de vidas, annualmente, na escassa população. Não causava a malaria proteiforme — as arrazadoras «carneiradas» — menor damno, triumphalmente implantada á margem das barragens. Sem cuidado algum estabelecidas para os serviços de mineração represavam aguas tão fétidas que de longe se sentia a nauseabunda bafagem daquelles «podrideros» immensos, onde florestas inteiras se putrefazião, por obra dos serviçaes da abominavel paixão do ouro.

E vinham estes jactos de infecção ás catas e com elles trabalhavam os escravos para o desmonte e a lavagem das terras auríferas.

Advogados havia-os numerosos no Pilar, attrahidos pelas inevitaveis questões entre mineiros, embora se resolvessem ellas geralmente pelo bacamarte ou pelo facão. Doze ou quatorze chegaram a ali viver ; os medicos é que faltavam por completo.

Embora o Capitão-General lhe revalidasse as commissões por successivas portarias, como as de 25 de julho de 1752 e 1 de outubro de 1752, decidiu-se Pedro Taques a sahir de vez do Pilar ( 1 ).

---

( 1 ) Autos avulsos entre partes : D. Theresa Paes da Silva R. e Pedro Taques A.

Prezando os bons costumes, não lhe agradava conservar por mais tempo a família num local, theatro de continuos escandalos, onde a maior corrupção lavrava, existia um ou outro casal bem constituido, e residiam, quanto muito, algumas dezenas de mulheres brancas.

As crueldades com os escravos, ininterruptas, requintadas, a grande massa de castigos diarios, que transformava aquella depressão do planalto goyano em um foco de miseria humana, creavam um ambiente em que se não podia comprazer quem, como o genealogista, era dotado de compassivo coração.

Assim, pois, deliberou regressar a S. Paulo.

Em meados de 1754 deixava de vez o Pilar, onde, em dezembro do 1750, lhe nascera uma filha, Emilia Flavia, e mais tarde um filho, Pedro.

Ao chegar a S. Paulo encontrou Pedro Taques a familia a debater-se nas mesmas difficuldades devido á liquidação de duas dividas de sua mãe para com o irinão José de Góes e Moraes e os sobrinhos, filhos de Diogo de Toledo Lara.

Muito tensas sobretudo se achavam as relações entre os dous irmãos, fazendo José de Góes acerbas accusações a D. Leonor.

Vivera a pobre senhora do auxilio que do filho, já em Goyaz, recebera e de uma ou outra cousa que o ex-socio do marido João Pereira da Cruz, de Cuyabá lhe remettia.

Extraordinaria a dedicação deste homem para com a familia de seu bemfeitor! Infelizmente não lhe corriam os negocios como desejava e pouco podia valer aos seus amigos de S. Paulo.

Trazia Pedro Taques a firme intenção de passar logo ao Reino, não só para reivindicar os justos direitos e pretensões paternas aos pedagogios de Goyaz, como continuar os estudos historicos nos volumosos manuscritos dos archivos portuguezes.

Anciava igualmente por conhecer, de perto, uma série de homens illustres, na politica e nas letras, cujos nomes e notoriedade lhe eram sobremaneira

familiares. Com que prazer pôde então reatar os queridos escriptos historico-genealogicos!

Não lhe empanara, a longa ausencia de S. Paulo, a reputação de emerito conhecedor das cousas do Brasil, sobretudo as vicentinas.

Assim pois, em 1754, a elle recorreu, como á unica autoridade competente no assumpto, um prelado da Basilica Patriarchal de Lisboa, d. João de Faro, na faina de defender os direitos á capitania de S. Vicente, do sobrinho, então menor, conde de Vimieiro, legitimo descendente de Martim Affonso de Sousa.

Novo incidente se produzira no secular processo Monsanto-Vimieiro, sobre a posse controvertida da capitania vicentina, que aos paulistas tanto impressionava. Summamente envaidecido da confiança que em seu saber e criterio depositava tão alto personagem, poz-se o luhagista a trabalhar com afan, a reunir documentos sobre a contenda, a consultar os cartorios e archivos de S. Paulo, trabalho de que muito e muito se honrou e fatigou.

Munido das peças documentaes que julgára indispensaveis, depositario de incumbencias e encomendas de numerosos amigos e parentes, e portador de avultada quantia destinada a subsidiar não só as extensas viagens que tinha em mira emprehender como, e sobretudo, as possiveis despesas judiciaes e administrativas decorrentes da revivescencia dos direitos paternos ás passagens dos rios goyanos, cheio de esperanças e contentamento, partiu Pedro Taques para o Rio de Janeiro, afim de embarcar na frota que, em meados de 1755, de conserva, devia velejar com rumo a Lisboa.

Excellentemente esta occasião para visitar a capital da monarchia e viajar, amparado pela protecção de altas personalidades que lhe facultariam a entrada no recesso dos archivos! Anteviu a plena satisfacção desta paixão dominante, o contacto com os documentos, fonte de sensações deliciosas, para a insaciavel curiosidade dos rebuscadores, de impressões fortissimas, como poucas haverá, tão agradaveis e

capazes de provocar os arrepios das grandes commoções e as alegrias intensas dos achados preciosos e inesperados.

A 12 de abril fazia procuração deixando, como era costume na época farta copia de procuradores em S. Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Minas e Goyaz.

Em S. Paulo tomou para procuradores nada menos de 13 amigos. Dava uma demonstração de publica amizade a quatro advogados, um juiz de fóra, varios negociantes da cidade, e em Santos a cinco dos mais conspiciuos cidadãos da villa.

Era tambem uma questão de vaidade para mostrar amizades importantes. No Rio 4: um desembargador, um sargento mór, um negociante e um doutor advogado.

Mas o principal objectivo da viagem de Pedro Taques era provavelmente a impressão do que já escrevera da sua *Nobilitarchia Paulistana*, obra começada, talvez desde os seus vinte annos, e que agora pretendia dar a lume, conforme nos declara formalmente uma carta de seu primo e amigo intimo, Frei Gaspar da Madre de Deus, datada de 22 de outubro de 1759 e endereçada ao Secretario da Academia dos Renascidos, documento de que tivemos conhecimento ultimamente (1921) graças á bondade do nosso sabio mestre Capistrano de Abreu e á gentileza do douto João Lucio d'Azevedo, e manuscripto pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa (2).

---

(1) Fundo geral. Livro n. 630 a p. 138 — 139.

---

## CAPITULO IX

**Viagem a Portugal — O terremoto de Lisboa — A hospitalidade de João Fernandes de Oliveira — Grave molestia de Pedro Taques — Regresso ao Brasil — Nomeação para a Thesouraria da Bulla da Cruzada.**

---

Em má hora decidira Pedro Taques a sua viagem ao Reino, « para seguir requerimentos, pedindo premio a relevantes serviços », diz elle afastando-se da habitual modestia.

A infelicidade que durante longos annos fora a fiel companheira da vida de Bartholomeu Paes de Abreu ia começar a lhe não desamparar a carreira do filho

Com effeito, chegado a Lisboa, com a frota de 1755, sahida do Rio de Janeiro a 1.º de junho, mal tivera tempo de se familiarisar com a agitação da grande cidade ( 1 ) que devia causar-lhe enorme curiosidade, por mais informado pudesse estar das particularidades notaveis da capital lusitana, apenas se installára, começára a angariar relações e frequentar as altas personalidades da côrte, deu-se a catastrophe de 1.º de novembro, o terremoto.

Fôra o nosso historiador, endinheirado como tudo leva a crer, installar-se com o conforto possível no Bairro Alto, parte nobre da cidade, nas visinhanças do cemiterio de S Francisco, annexo ao convento desse nome, junto á egreja e collegiada de N. Senhora dos Martyres, no coração de Lisboa, a dois passos do largo da Patriarchal, da Ribeira das Naus e do

---

( 1 ) Ver : H. da Cap. de S. Vic.—Rev. Inst. Braz., t. 9.

Paço Real, um quarteirão pittorescamente irregular, comprehendido pelas ruas da Ferragial, da Cordoaria Velha, da Oliveirinha e do Sacco, constituido por alinhamentos caprichosos, cheio de « pateos » e beccos sem sabida.

Se bairro houve damnificado pelo abalo sismico, foi exactamente este, litteralmente arrazado que ficou, desmoronando-se os conventos e egrejas do Carmo, de S. Francisco, da Trindade, a maior parte da casa professa dos jesuitas em São Roque, as egrejas do Sacramento, dos Martyres, das Chagas, etc., e numerosos palacios da nobreza, como os da casa de Bragança, do duque de Lafões, dos marquezes de Tavora, de Niza, da Fronteira, entre outros, etc.

Logo após o terremoto, irrompia o incendio de todos os lados da cidade em ruinas.

Estava a casa de Pedro Taques no epicentro do movimento; derrubada e litteralmente destruida, foi, pois, « reduzindo se a cinzas todos os moveis que della havia, sem escapar nem ainda o dinheiro, que tambem se consumiu debaixo das mesmas ruinas daquela morada ».

Perdeu, além do mais, o escriptor, valiosos papeis e documentos, proprios e alheios, assim por exemplo os que os Toledos Pizas lhe haviam confiado, « um volume de originaes documentos pertencentes a D. Simão de Toledo Piza, tronco da familia. E taes papeis levava-os Pedro Taques com o intuito de requerer em Hespanha instrumentos de « puritate et nobilitate probanda », prova de que tinha extenso programma de viagens.

Tudo isto porém pouco seria se não houvesse a voragem consumido os originaes da *Nobiliarchia Paulista*. Homem de grande capacidade e genio laborioso, diz Frei Gaspar no documento citado no fim do capitulo precedente, examinava quasi todos os cartorios de S. Paulo e sua comarca, com o fim de escrever na *Historia Genealogica* que compoz, das familias nobres da Capitania, o qual escripto, que estava feito com muito trabalho e exacção, queimou-se em Lisboa em occasião do terremoto.



Imagine-se o desespero do pobre autor vendo perdidos os resultados de tantas e laboriosas pesquisas, dispendiosas como além de tudo eram.

Assistiu o chronista ás scenas indescriptiveis de 1.º de novembro aos horrores do maremoto, conseqüente ao terremoto, ao panico da população lisbonense, tão cruelmente provada pelo cataclysmo e facil presa dos bandos de sicarios, ladrões e estupra-dores que se espalharam pe'a cidade, commettendo hediondos crimes.

Nesta contingencia angustiosa, até que a terrivel energia de Sebastião José de Carvalho viesse, graças ás forcas salutaes, pelo menos subjugar os malfeitores, teve Pedro Taques a ventura de encontrar generoso abrigo em casa de uma parenta, com quem já entretinha excellentes relações, D. Izabel Pires Monteiro, sua prima em afastado grau.

Casara-se esta senhora em sua villa natal, Pitanguy, com o opulento capitão-mór Luiz de Cerqueira Brandão, cavalleiro de Christo, um dos maiores proprietarios de terras e fazendas nos Curraes da Bahia, «pessoa de muito respeito, senhor da Carunhanha, e de outras grandes e rendosas fazendas extendidas pelos rios Paraná e S. Francisco, cujos rendimentos passavam de 20.000 cruzados, «deductis expensis» e facilmente chegaria ao dobro se a morte o não tirasse da vida na flôr dos annos.»

Viuva e riquissima, tornára D. Ignez a casar-se — a conselho e por intervenção directa do capitão-general Gomes Freire de Andrada — com o sargento-mór João Fernandes de Oliveira, personagem dubio, que depois de arruinar-se em diversos negocios desastrados, fôra o «testa de ferro» do capitão-general, ou antes, do governo portuguez no leilão de arrematação do primeiro contracto dos diamantes, affirma-o Calogeras (1).

De 1740 a 1748 estivera o contractador a revolver o solo do districto diamantino; parece, porém, que graças á intransigencia do seu fiscal, o honesto Intendente dos Diamantes, desembargador

---

(1) Calogeras. As minas do Brasil, 51, pag. 295.

Raphael Pires Pardiniho, que não o deixava ultrapassar o numero de negros mineradores, perdera grandes sommas pertencentes a seus credores.

Deu-se ali talvez a união providencial para o restabelecimento de suas finanças. Certo é que já em 1751 estava de residencia fixa em Lisboa em companhia de d. Ignez, a viver numa soberba residencia que o terremoto não damnificou.

Alli, recolheu o casal, generosamente, o nosso historiador, reduzido à extrema penuria e maxima desolação.

Não foi Pedro Taques parco em demonstrações de reconhecimento para com quem tão poderosamente lhe valera neste lance tragico. Celebra a «Nobiliarquia» «a innata caridade e a excellencia do animo» da nobre hospedeira que com o nome de sua avó, celebrada figura dos annaes paulistas, herdara em tudo a grandeza do animo, ardor da caridade; liberalidade e affabilidade».

Quanto ao marido exalta-lhe o linhagista virtudes, qualidades e fama «liberal e magnanimo coração» «Grande vassalo, assaz conhecido e applaudido o seu nome não só no Brasil, como em todo Portugal!».

Vivia João Fernandes com grande fausto, muito embora não possuísse ainda, perto de Lisboa «a nobre e formosa quinta, com magnifico palacio, no sitio de Buenos Aires», na qual havia excellente pomar. até de fructas do Brasil».

Violentissimo o abalo soffrido por Pedro Taques na catastrophe de Todos os Santos.

Logo depois enfermava gravissimamente, de um «defluxo hepatico» que por mais de seis mezes o prostrou, muito provavelmente graças ao traumatismo moral.

Inexcediveis os seus hospedeiros então, no carinho e solicitude com que o trataram.

Diz-lhes o grato enfermo: «Expressarmos o zelo o amor e grandeza com que fomos tratados no decurso de toda a enfermidade não acha o nosso

reconhecimento palavras pelo temor de nos ficarmos diminuidos a tanta obrigação ».

Retido num leito de soffrimentos e angustia viu escapar-se-lhe uma oportunidade que sinceramente deplorou. Decidiram os seus enfermeiros, vendo-o melhor, emprehender uma peregrinação a Santiago de Compostella, em reconhecimento talvez ao haverem escapado ao cataclysmo de 1.º de Novembro e, em Junho de 1756, effectuaram tal viagem, demorando-se a visitar sobretudo a provincia do Minho » sem attender ao excesso de despeza », prova de que a romagem foi realisada com todo o conforto que a época podia proporcionar, nas más estradas e hospelarias do Portugal setecencista.

Despendeu então Ignez Pires « copiosa somma de moedas em esmolas a tanta pobreza que encontrou, acompanhada sempre do magnanimo e liberal beneplacito do seu marido ».

« Perdemos o gosto de lhe fazermos companhia nesta jornada ! », exclama o chronista muito sentidamente, e bem se lhe comprehende o pesar pois avido de ver e apprender como era, tal viagem extraordinario gozo lhe proporcionaria; além de lhe ser um motivo de expansão á tão sincera piedade.

Do seu « defluxo hepatico », tão grave quanto extemporaneo — provavel reminiscencia de sua estada nas terras malarientas de Goyaz, dos Crixás e do Pilar — deixou Pedro Taques longa e pormenorizada descripção. Narrou os cyclos da molestia, mencionou os medicos que o trataram, a isto ajuntando uma série de particularidades acerca do generoso agazalho recebido do sargento-mór Oliveira. Tudo entendeu porém o copista, da « Nobiliarchia » em seu alto criterio, deixar de lado e não reproduzir ! perdemos assim uma série de curiosas circumstancias relativas ao nosso biographado.

Nutrimos por algum tempo a esperanza de que a suppressão destes topicos fosse levada a effeito pela commissão de redacção da « Revista do Instituto Brasileiro » ao imprimir-se esta parte da « Nobiliarchia » informou-nos porém o sabio dr. Vieira

Fazenda que nos originaes depositados no archivo do « Instituto Brasileiro » foi todo o trecho suppresso. *Scribae ' infidèle ac destabile genus '*

Oito mezes devia ainda demorar-se em Lisboa, o historiador, alguns dos quaes perdidos na paralyção de tão longa quanto penosa couvalescença. Imagine-se-lhe a ancia em frequentar os archivos, os cartorios, as bibliothecas, conviver com os historiadores e linhagistas. A refazer o trabalho de vinte annos !

Dentre os genealogistas illustres avultavam Monterroyo Mascarenhas, o “ insigne ” José Freire de Monterroyo Mascarenhas como respeitosa e lhe chama e o muito mais notavel ainda D. Antonio Caetano de Sousa. A estes dois grandes vultos juntamos um terceiro não menos illustre, o prodigioso erudito e colleccionador que foi o abbade de Sever, Diogo Barbosa Machado, a quem devemos um dos mais ricos patrimonios brasileiros, o fundo da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Percorriam os tres os ultimos dias de uma longa vida de admiravel e fecundo labor, diuturno, sem desfallecimentos.

Monterroyo Mascarenhas aos 85 annos, diariamente reunia achegas à sua obra volumosissima de livros, folhetos e pamphletos. Verdadeiro fundador do jornalismo portuguez, com a sua « Gazeta de Lisbôa », que todos chamavam « Gazeta de Monterroyo », desde longos decenios publicava este periodico semanalmente, com a maxima regularidade, fazendo prodigios de reportagem para trazer bem informados os seus leitores.

O numero de suas obras historicas a dezenas attingia ; membro de todas as academias literarias do tempo, não faltava às sessões dos « Canóros », como dos « Únicos », dos « Generosos » como dos « Anonymos » e « Applicados ».

Polyglotta, senhor de seis ou oito idiomas, traduzia constantemente e ainda achava tempo para tratar a fundo de genealogia, assumpto que o apaixonava. O que a este respeito accumulára é enorme : 24 tomos « in folio ».

Trabalhava incessantemente este quasi nonagenário a quem Pedro Taques se ligou pelos laços de profunda afeição e respeito. Franqueou-lhe a sua livraria de onde o nosso historiador tirou apontamentos do mais subido valor, conforme frequentes vezes declara. A elle deveu uma informação que com certeza muito justamente devia affectar-lhe a fibra nobiliarchica, o saber que pelo avô Pedro Taques de Almeida era decimo quinto neto de quem? de Affonso Heuriques? verdade é que pelas portas travessas da bastardia.

Quanto a D. Antonio Caetano de Souza é bem facil calcular a profunda veneração que a Pedro Taques causou o contacto com o illustre autor da « Historia Genealogica » e das « Memorias dos grandes de Portugal ».

Era tambem octogenario o famoso conego regente e vivia encerrado na sua cella de religioso, e nos archivos, a consultar documentos. A sua pasmosa sciencia da historia portugueza recorreu Pedro Taques, compulsador continuo das obras de tão propecto historiographo.

Quanto a Diogo Barbosa Machado, já então septuagenario, dava-lhe a magnifica « Historia de D. Sebastião » assento entre os mais illustres historiadores de Portugal; da sua « Bibliotheca Lusitana », immenso repertorio bibliographico, obra colossal, monumental, conhecem todos o inestimavel valor.

Deslumbrava a sua admiravel collecção de livros raros, edições princeps, retratos e estampas, cartas e mappas geographicos, doados a D. José I para compensar a enorme perda da antiga bibliotheca régia, consumida no terremoto. Visitou-a Pedro Taques, embora, pareça-nos, pouco della haja podido aproveitar por falta de tempo.

Se tal época era de marasmo completo na historia da literatura portugueza, esterilizada pelas futeis e ridiculas academias, então pullulantes, nella não sobresahindo um unico nome valioso, começava a phase inicial da verdadeira historia portugueza,

longe das babozeiras e phantasias dos frei Bernardo de Brito, e agora consubstanciada na fundação da Academia Real de Historia, que a fama de Bluteau, a reputação de D. Manoel Caetano de Souza, de D. José Barbosa, irmão de Diogo, do sabio epigraphista Jeronymo Argote, do grande colleccionador e erudito conde da Ericeira, sobremaneira prestigiavam. Iniciára-se a época da pesquisa em regra dos documentos, dos estudos paleographicos, sabia e methodicamente feitos, phase esta que sob o impulso de frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, de Antonio Caetano do Amaral e de João Pedro Ribeiro, os tres grandes precusores de Alexandre Herculano, ia dentro de poucas décadas attingir o maximo brilho.

Já em 1755 a grande maioria dos cincoenta fundadores da Academia Real não existia; encontrou Pedro Taques, porém, ainda vivos, os dois membros maximos da sabia assembléa, D. Antonio Caetano e Diogo Barbosa Machado

A elles muito deveu certamente para a procura dos documentos, realisada na Torre do Tombo e na Secretaria do Conselho Ultramarino.

Corria o tempo, porém, e urgia voltar ao Brasil. Tremendo fôra aliás o golpe desferido pelo terremoto, e Lisbôa, na sua phase reconstitutiva, não devia de todo ser um local de agradável permanencia.

Obter o «encarte» dos rios era inutil esperar-o agora em que as concessões e favores se reduziam ao minimo, sendo todas as sobras de dinheiro poucas para a obra immensa da reconstrucção da capital lusitana.

Comprehendeu-o bem Pedro Taques e assim pensou alcançar, por intermedio dos protectores, rendosa collocação, em São Paulo. Apresentou-se pois candidato ao cargo de Thesoureiro-Mór da Bulla da Cruzada, funcionario cuja jurisdicção se estendia ás capitancias de S. Paulo, Goyaz e Matto Grosso.

Entre os amigos de maior valimento junto a Pombal alinhou tambem o marquez de Tancos que pela sua pretensão vivamente se interessou e cuja protecção poderosa de muito lhe valeu.

---

## CAPITULO X

**Regresso ao Brazil — Nomeação para a thesouraria da Bulla da Cruzada — Viuvez do linhagista — Seu segundo casamento — Segunda viuvez.**

Conseguiu Pedro Taques promessas de alta valia em relação ás pretensões. Era o emprego remunerador e, para o linhagista, apresentava uma série de extraordinarias vantagens, entre as quaes considerava uma das maiores o facto de poder dispor de prepostos nos diversos centros de população dacapitania.

Seriam outros tantos agentes para suas pesquisas historico-genealogicas, agora em via de penoso reencetamento.

Para a obtenção de semelhante cargo, e de modo capital, ainda lhe valeram a influencia e a liberalidade do generoso mecenas; obrigou-se João Fernandes, por escriptura publica, a responsabilizar-se pela fiança do seu recommendado, até — o que é extraordinario — por qualquer alcance que pudesse colhel-o em dilatado prazo!

Aplainara a enorme fortuna do contractador de diamantes todas as difficuldades.

Approvou Pcmbal as garantias e assim acquiesceu aos pedidos de Pedro Taques.

Nada mais justo, aliás, do que attender a tal conjuncto de circumstancias. Pessoalmente representava o novo thesoureiro-mór as mais solidas garantias de solvabilidade.

Alentado com os resultados da sua viagem, em-



barcou Pedro Taques de torna viagem a 12 de Março de 1757, na frota destinada ao Rio de Janeiro.

Constante na afeição e desvelo com que o tratava, fizera-o D. Ignez seguir em companhia da unica filha, fructo do primeiro matrimonio, D. Caetana Maria Brandão, cujo marido, coronel Alexandre Luiz de Souza Menezes, vinha como governador da praça de Santos, com jurisdicção plena em assumptos militares sobre as comarcas de S. Paulo e Paranaguá.

Ao deixar Lisbôa ainda testemunhava o reconhecido escriptor a gratidão aos «nobres animos do sargento-mór João Fernandes de Oliveira e da sua consorte a sra. d. Isabel Pires Monteiro, cujas felicidades augmente o céu para amparo daquelles que recebem o beneficio da sua hospitalidade.»

Chegado a S. Paulo, tratou Pedro Taques de regularizar a sua posição afim de obter logo a suspirada investidura (1).

Avultadas eram a fiança a prestar e as garantias exigidas pelo tribunal da Bulla, por intermedio do seu commissario em S. Paulo, o arcediogo dr. Matheus Lourenço de Carvalho.

Dois fiadores idoneos, abastados, obteve-os logo: o guarda-mór das Minas de S. Paulo, José de Góes e Siqueira, e o capitão de ordenanças de S. Bernardo, Alexandre Barreto de Lima e Moraes.

José de Góes e Siqueira, primo do chronista e casado com uma sua prima-irmã, a filha do opulento José de Góes e Moraes, houvera do sogro grandes bens e passava por um dos homens ricos da Capitania. Quanto a Alexandre Barreto, filho do brigadeiro Alexandre Barreto de Lima herdara grandes cabedaes e era então dos mais conhecidos personagens e homem de futuro (2).

---

(1) Alexandre Luiz de Souza Menezes prestou juramento como governador da praça de Santos a 20 de Maio de 1757. Archivo do Estado de São Paulo, 45 — T. C. — 45.

(2) A principio capitão de ordenanças de S. Bernardo, foi promovido a mestre de campo de auxiliares a 4 de Abril de 1777 (Doc. Int. 28, 285). Paulista das principaes familias delle dizia o capitão-general Martim Lobo, como de José de Góes e Moraes, igualmente mestre de campo na mesma data. Ambos têm posses para sustentar os postos. (Doc. Int. 28, 299).

Não satisfazendo ao commissario as garantias constantes da responsabilidade dos dois fiadores exigiu que o novo Thesoureiro-mór as reforçasse, o que elle fez apresentando tres novos fiadores, que numa segunda escriptura assignaram termo neste mesmo sentido o Dr. José Correia da Silva, advogado no fôro de S. Paulo, João da Cunha Franco, cidadão opulento, tambem paulistano e Francisco Fernandes Pinto, a principio mestre da Real Fundição em S. Paulo e depois funcionario de categoria identica em Goyaz. Nunca, porém, se approvou essa nova escriptura em Lisboa.

A 20 de junho de 1758 promoveu Pedro Taques uma justificação para provar que seus fiadores J. de Góes e Siqueira e A. B. de L. Moraes, eram « pessoas de toda a satisfação, honra e verdade », possuidores de bens moveis e de raiz « como moradas de casas, fazendas de cultura com fabrica della, escravos, lavras mineraes », todos esses bens sem embaraço de capellas, prazos, vinculo ou morgado, nem sujeitos á Real Fazenda por algum contracto ».

Nada, porém, como se sabe, rapidamente se fazia em tempos coloniaes ; durante algum tempo esperou o chronista que se aplainassem todas as difficuldades e para obter a posse do cargo teve de ir ao Rio de Janeiro, cidade que por vezes frequentou a negocios de sua repartição e a pesquisas, insaciavel rebuscador como era.

Afinal tudo se resolveu ; fez Pedro Taques escriptura de hypotheca de todos os seus bens á Bulla de Cruzada, assignando os fiadores o competente termo de responsabilidade. Ditara-o o Commissario da Bulla, o Arcediago. No leito da morte accusou-o o nosso historiador ( 1 ) de se haver então afastado « de todas as circumstancias que prescreve o regimento em varios capitulos, chegando esta escriptura, por duas vias, ao Tribunal ( em Lisboa ) para este apurar.

Saltou a junta em Portugal por sobre estas irregularidades, se as houve ; « aquietou-se o mesmo

---

( 1 ) — Testamento de Pedro Taques. á fl. 40.

tribunal porque o Sargento-Mór João Fernandes de Oliveira, que héra por escriptura meu fiador até do meu futuro alcance, se achou que elle bastava e por isto se não mandou proceder a huma nova escriptura de obrigação minha, e nesse estado ficou tudo ».

Sabito a Pedro Taques chegou a noticia de que a mulher estava a finir-se ; partiu para São Paulo mas, com a extrema morosidade de communicações da epoca, ao chegar, já encontrou morta a dedicada companheira, piedosamente fallecida a 20 de Agosto de 1757, e sepultada « debaixo do Arco da capella dos Terceiros de S. Francisco ». Com a saude aniquilada pela malaria goyana, desde annos, continuamente definhava a pobre senhora ; a ausencia do marido, os susto causados pelo terremoto acabaram de a prostrar. Do esposo se despedira grave e affectosamente no testamento, ditado com a maior resignação e coragem. a 7 de Agosto, a seu tio Thomé Rabello Pinto, e em que declarava haver na ausencia do marido pedido dinheiro emprestado a amigos, ficando ainda a dever ao P. boticario do Collegio e a um outro pharmaceutico alem das contas dos cirurgiões.

Ficava o linhagista com tres filhos e duas filhas, dos quaes tinha o mais velho dez annos, apenas.

O inventario então procedido dos bens do seu casal dános interessante documento acerca de sua fortuna, que era pequena, subindo-lhe a avaliação a 1:011\$732 o que hoje representaria cerca de quarenta contos de reis. ( 1 )

Não encontrámos infelizmente, no inventario, truncado, a discriminação dos bens, salvo o que se refere aos escravos — dezoito adultos, dos quaes dois fugidos, e cinco menores — e as joias : pares de brincos, cordões, fios de contas. Outros objectos de valor : uma Senhora da Conceição, de ouro, seis colheres e garfos de prata e as roupas de maior valia como uma saia de « grogorão » preto, um manto e uma camisa de cambraia.

---

( 1 ) — Maço 43 de inventarios velhos. Archivo do Estado de S. Paulo.

Durante a ausencia do marido precisara d. Maria Euphrasia recorrer diversas vezes a amigos para pagar contas. Assim por exemplo, uma de medicamentos e outra, ao padre Boticario do Collegio, e ao « cirurgião » que a medicara.

Recolheu Pedro Tacques os filhos pequenos á casa de sua mãe e irmãs, não lhe permittindo tel-os comsigo, a vida movimentada que se lhe antolhava

Subita inclinação levava-o, quatro anno mais tarde a casar-se fora de S. Paulo onde poderia, pela posição e prestigio procurar alguma parenta rica « merecedora dos applausos de formosa e dotada de virtudes a que fizesse para merecimento do pretendido do grande dote que os paes lhes destinavam » como a respeito de sua prima d. Maria Almeida Lara, se expressa. Não era porem desses homens que como o pittoresco expressar do peusador francez o diz — acima da mulher põe o dinheiro. Pelo contrario, não seria capaz de se deixar arrastar a uma união cujos moveis fossem os do interesse.

Numa viagem ao Rio, obteva a mão de d. Anna Felizarda Xavier da Silva, natural da freguezia de Nossa Senhora do Rosario das Minas de Ouro Preto, filha do escrivão aposentado da Real Fazenda André Xavier Francisco de Siqueira, homem que passava por abastado, e sua mulher d. Rosa Maria de Jesus.

A 1.º de Maio de 1761, realizou-se o segundo consorcio do chronista que logo depois voltava a S. Paulo, para ahi novamente fixar-se. Pouco duradoura devia ser esta união: a 25 de Dezembro de 1762, fallecia d. Anna, das consequencias do primeiro parto « a creança se lhe tirara morta aos pedaços » (1).

E como seus paes « erão herdeiros da meação que lhes tocava, se ouvesse bens para isso e eu me achava com o encargo de Bulla que me não permittia distribuir os beins ipotecados, por escriptura a mesma Bulla lhes dei conta do meu Estado, a que

---

(1) Testamento. (2) A orthographia é a do escrivão do testamento linhagista.

tambem nada interegava por conta dos seus grandes encargos, e lhes fiz restituir todas as joias, peças de ouro, roupas muito ricas, enxoval e tudo mais que ella trouxe em uma grande Arca da qual fiz fiel entrega ao sargento Mór Lopo dos Santos Silva ; e deste modo ficarão todos accommodados ».



## CAPITULO XI

### A bulla da Cruzada e sua organização—Encargos e privilegios— Decadencia da instituição—Reclamações dos capitães generaes

---

Instituido por uma bulla de Calixto III em 1457, a pedido de Henrique IV de Castella, destinava-se o primitivo imposto da cruzada á collecta de dinheiros destinados a promover a defesa de lugares occupados por christãos e ameaçados pelos infieis assim como á propagação do Evangelho, nas differentes partes do globo. Mais tarde, tambem foram taes rendas applicadas ao serviço do resgate dos christãos aprisionados nos paizes musulmanos de que, desde o seculo XIII, se incumbiram os frades trinos, ou da ordem da Redempção, fundados em 1198 por S. João da Matta e S. Felix de Valois.

Tomando enorme expansão na Hespanha, sob os Reis catholicos, organizou-se a «Bulla da Cruzada» em Portugal, por influencia dos Philippes e passou a ter consideravel importancia. Assim, no seculo XVII dispunha de extenso aparelhamento administrativo e arrecadava no territorio da monarchia avultadas contribuições que figuravam como valiosas parcelas do orçamento portuguez. Basta lembrar que, sob D. João V. attingiu a sua receita a quasi dois por cento do computo total orçamentario.

A' testa dos serviços da Bulla estavam em Lisboa um Commissario Geral, prelado de alta categoria e o «Tribunal da Bulla» composto de seis deputados e assessoriado de numerosos secretarios e questores.

Dividia-se o imperio lusitano em sub-commisariados, regidos por um sub-commisario, quasi sempre ecclesiastico, cujos auxiliares immediatos eram um thesoureiro mór e um Notario ou Escrivão mór.

Provinham as quantias recebidas, da compra de formulas impressas estampilhadas, ou, como então se dizia, «Bullas». «Tomar a bulla», importava em obter uma graça, dando-se pequena esmola applicavel a piedosos fins.

Havia entre estas formulas a «Bulla Vivorum», em beneficio dos vivos, redigida em portuguez, em que o Commissario Geral fazia o resumo das graças que pela S. Sé estava autorizado a conceder e a «Bulla Defunctorum», em beneficio dos mortos. Quem a comprasse contribuiria para a diminuição das penas do Purgatorio que padecia a alma da pessoa na formula designada, «se alli estivesse e o permitisse a justiça divina». Ninguem podia comprar a segunda sem primeiro adquirir a outra.

Introduziu-se, posteriormente, uma terceira formula: a «Bulla compositionis», pela qual ficava desobrigado da restituição aquelle que se achasse de posse de bens cujo dono não era conhecido e por circumstancias attendiveis não os pudesse restituir sob a forma de legados pios. Havia uma composição, por-meio da qual, pagando o componente certa porcentagem á cruzada, ficava dispensado da tal restituição; tratando-se porém de uma questão de consciencia, não era obrigatoria a declaração do nome do componente, substituido pela palavra Fuão em manuscrito.

Taes os generos de formulas estampilhadas da Bulla da Santa Cruzada, de cuja thesouraria em S. Paulo ia Pedro Taques ser investido em virtude do contracto a que alludimos, e firmado em Lisbôa, perante o Tribunal da Bulla e o Commissario Geral do Reino, Cardeal Paulo Carvalho de Mendonça, irmão de Pombal, nomeado a 2 de abril de 1757 para o exercicio ae tão alto cargo (1).

---

(1) Como bibliographia da Bulla da Cruzada, vd. o volumoso tratado do jesuita Luiz Nogueira: *Expositio Bullae Cruciatæ Lusitaniæ concessæ*.

Se a sua viagem a Portugal ao linhagista trouxesse como unico resultado pratico a obtenção de semelhante investidura proveitosa lhe teria sido, valiosa compensação aos males e prejuizos decorrentes do Terremoto.

Aos funcionarios superiores da instituição cabiam apreciaveis prerogativas e privilegios a par de rendosas commissões como officiaes do fisco.

Por meio de successivas cartas regias estabeleceram e ampliaram D. João IV, D. Pedro II e D. João V os privilegios dos officiaes da Bulla, dispensando-os de muitas obrigações as mais diversas, como, por exemplo, de, nas procissões annuaes solennes e obrigatorias carregarem castellos (andores); da nomeação para cargos de responsabilidade, e incommodos, como os de Tutor e Curador. « Não houvessem nenhuns officios do Conselho contra sua vontade como os de juizes, vereadores, procuradores, almotaceis, bem recebedores de sizas ». As requisições militares, nem as que motivassem a presença de pessoas da Casa Real, os deviam attingir; «nem sejam postos por Besteiros do Couto, nem pousem como elles em suas casas de morada, adegas nem estribaria, nem lhes tomem coisa alguma do seu contra sua vontade, nem roupa de cama, nem alfaias de casa, nem Bestas de sella, nem de Albarda », nem lhes tomem seus obreiros para nenhuma pessoa de qualquer estado, e condição que seja, posto que o dito senhor, Rainha, Principe, Nossos Senhores, sejam na terra ».

Estendiam-se igualmente as isenções a diversas contribuições fiscaes, por exemplo: «nem paguem para a levada de presos nem no Conselho sejam lançados, salvo em pontes, fontes, muros, calçadas e testadas de suas heranças, nem sejam obrigados a ter ganxo ás suas portas».

Penas severas eram comminadas a quem os inquietasse: multada fosse a autoridade que lhes desrespeitasse os privilegios, suspenso o tabellião que



negasse fornecer-lhes o necessario instrumento de aggravo «para perante Mim virem requerer sua justiça».

Entre os privilegios figuravam tambem o direito a precedencias nas ceremonias publicas e religiosas, esse direito que tanto contendia com a vaidade e a que tanta importancia se attribuia outr'ora, num paiz onde se fazia o forte reflexo da inflexivel etiqueta espanhola.

Nessa série de muito apreciaveis regalias, o que para Pedro Taques representava inestimavel valor, vinha a ser o fato de contar, nos diversos centros de população paulista, prepostos que lhe fossem outros tantos informantes nas suas pesquisas historico-genealogicas : «os thesoureiros-menores», a quem incumbia «distribuir a Bulla e receber esmolos nas proprias villas, cidades e localidades em que tem residencia e domicilio».

Obteve o linhagista a sua nomeação pelo prazo de seis annos, como era então de praxe, e no seu termo de responsabilidade ficou explicito que, de accôrdo com o costume estabelecido obrigava-se a fazer em São Paulo a publicação da Bulla com as alterações eventuaes, no domingo antes do primeiro do advento, a seguir «em frequentes dias festivos nas cidades e villas do seu districto». A despesa e responsabilidade da conducção do papel estampilhado, de Lisbôa ás localidades de sua jurisdicção, deviam ser-lhe exclusivas. Competia-lhe o pagamento dos salarios do sub-commissario e notario locaes.

As prestações annuaes de contas deviam rigorosamente referir-se ao numero de summarios dos vivos da Bulla dos defuntos e de composição. Ao dinheiro arrecadado não daria applicação alguma, visto como precisava estar á inteira disposição do Thesoureiro Geral de Lisbôa que, de momento para outro, podia reclamar-o.

Tratando-se de uma obra pia eram os altos cargos da instituição mal remunerados. Assim o

Commissario Geral apenas vencia trezentos mil réis annuaes « parco estipendio para tão alto cargo, dignidade e qualidade da pessoa ». Aos sub-commissarios cabiam sómente vinte mil réis. Quanto aos thesoureiros-móres das dioceses fóra de Lisbôa, cabendo-lhes todas as despesas da distribuição, tocava-lhes, em cada fórmula vendida, dez réis de porcentagem.

Representaria tal comissão avultados vencimentos para o nosso linhagista? E' provavel que sim. Individuos havia que compravam numerosos summarios naquelles tempos de profunda religiosidade em que a caridade privada se exercia mais facilmente por intermedio de uma instituição pia a quem a corôa assegurava o character de organização permanente.

Não é de admirar que conseguisse um thesoureiro-mór realisar proventos de alguns centos de mil réis annuaes, com as propinas do cargo, vencimentos que seriam hoje computados em mais de uma dezena de contos.

Conseguira um dos seus antecessores Manoel de Oliveira Cardoso, mais tarde Capitão Mór da cidade de S. Paulo excellentes economias dos proventos da Thesouraria de que estivera investido de 1741 a 1747.

Para elle o facto capital era, porém, como dissemos, dispôr dos serviços dos seus prepostos como informantes.

Demonstra-o cabalmente uma das raras peças da sua correspondencia, ainda existentes. Ao mesmo tempo que ao destinatario escreve sobre assumptos da economia da instituição, lembra-lhe os documentos pedidos acerca de certas circumstancias, informes genealogicos de que o incumbira.

Notava-se no Brasil, em geral, progressivo decrescimo das rendas arrecadadas pela Bulla da Cruzada, o que, da Junta de Lisboa, motivara representações ao Rei.

Attendendo a estes reclamos mandara D. João V, a 3 de Fevereiro de 1741, uma carta regia circular, a todo o Brasil, recommendando aos capitães geraes o maximo cuidado em proteger os interesses da instituição. A diminuição de rendas provinha, dizia o monarcha, da falta de officiaes arrecadadores. «Não havia quem quizesse aceitar estes cargos por não se guardarem os privilegios» concedidos aos funcionarios das Bullas ; tanto mais quanto não eram elles concedidos gratuitamente e sim a troço de «rigoroso contracto oneroso que, em todo o tempo iuduzia numa muito especial obrigação de justiça.»

E' provavel que ante tão categorica injucção melhorassem as coisas. Dizia D. Luiz Antonio de Souza ao governo, em 1774, que não havia arraial ou capella de minas onde os thesoureiros menores ou mamposteiros não criassem agentes a quem estendiam seus privilegios. E estes eram importantes, pois não só os isentava de «hir á guerra contra a sua vontade», como os tornava — elles e os filhos «escusos de todos os encargos das guerras e armadas.» Succedia, pois, que os mamposteiros-mores, com a maxima liberdade, sem dar satisfação a quem quer que fosse, estendessem as isenções de que dispunham, a amigos e apaniguados, livrando do serviço militar a este official, a aquelle soldado ou ao filho de um amigo, violentamente engajado ou recrutado a laço.

Precioso recurso contra o militarismo colonial, compressor e tyrannico, que tornava os dispensadores de semelhantes graças pessoas realmente bajuladas. Quando organizou o capitão-general paulista a expedição de soccorro ao Rio Grande do Sul, teve, declarava a Pombal, as maiores difficuldades para não desrespeitar os privilegios dos numerosos isentos. E não eram só os officiaes da santa cruzada os aquinhoados felizes : havia-os tambem entre os mamposteiros de captivos e os officiaes da Casa de Santo Antonio de Lisboa.

Já nessa época, porém, não mais era em São

Paulo, thesoureiro-mór da Bulla o brando linhagista e sim o conegõ Antonio de Toledo Lara, homem aspero e combativo, cujos actos nem sempre se pautavara pela extrema lisura dos processos, arguia-o um proconsular informante, Martin Lopes Lopo de Saldanha.

## CAPITULO X

**Accentuam-se as tendencias aristocraticas do linhagista — Registros de nobreza requeridos á Camara de S. Paulo — Nomeação para a Guarda-Moria das Minas de S. Paulo — Estado da mineração do Jaraguá, na época — Delongas na investidura da Guarda-Moria das Minas de S. Paulo — Prestigio do historiador no meio paulista — A fundação de Iguatemy — Juntas Municipaes — Envia o linhagista agentes ao Paraguay — Desastrosa jornada destes mandatarios.**

---

A volta de Portugal sobremaneira exasperára a mania nobiliarchica de Pedro Taques. Deslumbra-o talvez o que da vida dos fidalgos reinôes podera ver, da sua empafia e pretensões de casta, desprezadoras do vulgacho, as suas attitudes de raça á parte.

O que nelle, desde a primeira mocidade — e acalentado pela idéas reinantes no ambiente da familia e as lições dos mestres formadores do espirito — tão accentuado fôra, tornou-se dominante pendor, cuja primeira demonstração se traduziu pela modificação ao nome imposta.

De Pedro Taques de Almeida Paes passou a Pedro Taques de Almeida Paes Leme, depois de algum tempo haver hesitado entre esta combinação e outra: Pedro Taques de Almeida Lara, começara aliás é bom lembralo sendo simplesmente Pedro Taques de Almeida.

Achou a primeira mais brilhante, mais euphonica, e, sobretudo, mais historica, por lhe lembrar o parentesco com o famoso descobridor das Esmeraldas e assim officialmente a adoptou pela concorrência

em seus appellidos daquelles que aos tão admirados avô, pae e tio-avoengo pertenciam ( 1 )

E si já antes da ida a Portugal era o pertinaz pregoeiro da selecção nobiliarchica, quando de regresso a S. Paulo foi o arauto incansavel da necessidade imprescindivel da aristocratisação. a todo o transe, dos meios brasileiros, propugnando a implantação das normas européas, que tanto admirava, para sustar um movimento nivelador, que julgava nefasto.

Era a mania innocente, mas curiosa, e encontrava certa repercussão entre os contemporaneos, geralmente imbuidos da « clareza de sua ascendencia », a darmos credito aos conhecidos versos de Garção sobre os paulistas.

Guerra ao « mecanismo » e á mestiçagem ! foi o motte do linhagista. Indispensavel se tornava que os paulistas de nobre familia soubessem « com quem deviam e podiam casar-se », para que « não incidissem no grave erro de misturar o nobre sangue com o de gente suspeita » de mulatismo e bastardia, como no caso de certo imprudente alliado aos Faons de Parnahyba, inqualificavel gentalha, segundo affirma.

Não contente com o saber, desde 1707, registrado na Camara de S. Paulo, o quadruplo brazão do avô materno — Laras, Proenças, Taques e Moraes — ainda quiz que nova attestação de nobreza alli ficasse inscripta. Requereu, como descendente de Paschoal Leite Furtado e undecimo neto do senhor de Belmonte, o registro, para si, do brazão dos Velhos, Mellos, Cabraes e Travassos ( 2 ) em Lisboa, passado no anno de 1709, o que a 23 de outubro de 1762, se verificou. Algum tempo mais tarde, a 5 de dezembro de 1764, ainda sollicitou e obteve novos assentos confirmadores de fidalguia como parente de Luiz Pedroso de Barros e procurador de Fernão Paes de Barros ( 3 )

( 1 ) — Ainda em vespera de partir, a 12 de abril de 1755, passou o linhagista uma procuração em que se assignou Pedro Taques de Almeida Paes ( Autos de uma acção entre partes o historiador sua irmã, d. Thereza Paes da Silva ; Archivo do Estado de S. Paulo ).

( 2 ) — Registro Geral, L. 140, fls. 65. Archivo da Camara de São Paulo.

( 3 ) — Ibid., a fls. 128-v.

E taes exemplos fructificaram. Em pouco tempo varios dos seus parentes e amigos, por essa época, requereram justificações « de nobilitate probanda » e fizeram registros nobiliarchicos, provavelmente por instigação sua, pois na « Nobiliarchia » nos conta quanto insistia em aconselhar taes modos de proceder ( 1 )

Inebriava-o a idéa de poder, algum dia, « tratar-se á lei da nobreza ». Por emquanto difficil lhe era comtudo ter « criados mulatos claros, que neste accidente competissem com os brancos, todos bem vestidos e de librê » ou possuir « moveis ricos e de primor e grande cópa de prata, bons cavallos de estrebalaria e ricos jaezes », pois o monte do seu casal, inventariado por morte da primeira mulher, mal attingira tres mil cruzados, um conto e duzentos mil réis.

Emquanto lhe não cresciam os cabedaes, contentou-se em adornar a casa com pomposos respos-teiros e cortinas. onde fizera bordar os seus multiplos brazões e em cuja contemplação se embevecia, embalado pelas visões de opulencia e respeito deferente da arraia miuda ( 2 )

Não se atreveu comtudo a mandar brazonar tam-bem as cimalthas das pobres taipas onde temporaria-mente se abrigava, pois em numerosas casas se alojou, segundo nol-o indicam os recenseamentos coloniaes.

Abriu-se-lhe, então, um periodo de tranquillidade e segurança - o melhor de sua vida talvez — os annos que de 1763 a 1768 decorreram.

Si, em fins de 1762 passara pelo golpe de, em tragicas circumstancias, perder a segunda mulher, dahi em diante um lustro de bonanças lhe occorreu em que — cousa inaudita, dada a habitual infelicidade da familia — os negocios extraordinariamente lhe prosperaram.

---

( 1 ) — Francisco Pinto do Rego, Ferdão Paes de Barros, Manoel Cor-rêa de Lacerda, Bonifácio Xavier Ayres de Aguirre, de 1762 a 1766. Registro Geral de 1753 - 1766. L. 145 Archivo da Camara de S. Paulo.

( 2 ) — Autos de justificação de d. Catharina Angelica da Purificação Taques, Depoimento de Francisco Xavier dos Santos. Processos não catalo-gados. Archivo do Estado de S. Paulo.

Pouco depois da segunda viuvez, a 15 de julho de 1763, obteve Pedro Taques a investidura de um cargo que certamente muito o desvaneceu : a Guarda-Moria das Minas da Comarca de S. Paulo.

Fôra José de Góes e Siqueira — seu parente e fiador, como thesoureiro-mór da Bulla — quem lho deixára, ao mudar-se de S. Paulo para Itú, sua villa natal, onde possuia grandes lavouras de canna.

Veio-lhe a provisão passada pelo guarda-mór geral das minas do Brasil, Pedro Dias Paes Leme, filho e successor do primeiro guarda-mór geral, o illustre Garcia Rodrigues Paes.

Neto do governador das Esmeraldas, era, portanto, proximo parente do historiador seu homonymo, «Ferteis», como outr'ora se dizia, nunca haviam sido as minas auríferas de S. Paulo, quer as da circumvisinhança da cidade, quer as do «Paranampanema» ou as de «Parnaguá».

Não passavam de pequenas manchas, fracos «placers», onde escasso se mostrava o metal, não podendo a mineração grande concorrência de trabalhadores attrahir.

Tornava-as, por assim dizer, abandonadas, a descoberta das jazidas do centro. Entendendo, e com razão, que o seu rendimento de todo não podia compensar os esforços empregados na exploração, prohibira o capitão-general, d. Braz Balthazar da Silveira, que nellas se lavrasse.

Revogando Rodrigo Cesar de Menezes essa prohibição, recommçaram os trabalhos no Jaraguá, com Fernão Bicudo de Andrade, genro do opulento Rodrigo Chassim.

Alli se empregou então avultada somma em obras hydraulicas ; fez, porém a noticia do encontro dos descobertos goyanos com que o novo minerador e os seus cento e cinquenta negros partissem para as lavras centraes, deixando as catas paulistanas entregues a quasi completo abandono.

Insignificantes, pois, no anno de 1763, os serviços de mineração na capitania de S. Paulo : basta dizer que em 1766, relatam os «Documentos inte-



ressantes». recollhia o fisco quatrocentos mil réis apenas dos quartéis de impostos pagos pelas minas do Paranampnema, incomparavelmente mais ricas do que as do Jaraguá. E ainda a miudo succedia andarem estes prazos trimestraes em grande atrazo, devido á penuria dos mineiros.

Pouco trabalho ia ao nosso chronista dar o cargo accumulado com o de thesoureiro-mór. Quadrava bem no emtanto. altisonante como era, o titulo de guarda-mór ao rebento de uma familia de mineradores e descobridores illustres!

Demoveu-o alguem, no emtanto, da posse da ambicionada honraria, fazendo com que, por largo tempo, não a pudesse desfructar ( 1 )

Deixemol-o explicar o caso :

« Neste tempo era ouvidor geral da ccomarca de S. Paulo o dr. Domingos João Viegas, com quem praticava harmoniosa convivencia e boa amizade, por cuja familiaridade me sacrifiquei e condescendi com o gosto, que me expressou, de querer que eu demorasse a minha posse de guarda-mór, por haver dado conta a sua majestade, havia mais de anno, sobre a materia das terras mineraes, que estava administrando da mesma fôrma, que tinham praticado seus antecessores, em cuja posse se achava, por si e seus antepassados, desde o principio do anno de 1740 ; e que esperava naquella frota a real resolução ; menos bastava para eu fazer o gosto a este ministro pelo genio desinteressado que Deus me deu e com zelo para só estimar a tranquillidade e harmonia e aborrecer a menor discordia. »

Passaram os annos, antes de vir qualquer solução da Córte ao dr. Viegas, que, no emtanto, devia saber perfeitamente quanto demoravam os despachos da burocracia colonial.

« Correram annos e não pararam derrotas os navios do commercio e nunca jamis chegou a esperada resolução, até que serviu a s. majestade restituir

---

( 1 ) — Revista do Instituto Brasileiro, tomo 64, I, pags. 80 e 81.

á Capitania de S. Paulo o predicamento que sempre teve, de ser governada por governadores e capitães generaes de illustre sangue. »

Em 1765 chegava, com d. Luiz Antonio de Sousa Botelho e Mourão, morgado de Matheus, encarregado de restaurar o governo autonomo de S. Paulo, o dr. Salvador Pereira da Silva, ouvidor geral e corregedor da comarca de S. Paulo, « paulista, por seus nobres e muito distinctos avós, por parte materna. »

Pedira Pedro Taques, ao vice-rei conde da Cunha, confirmação de sua patente de guarda-mór, e, a chegada do novo governador, renovou-lhe o pedido, por intermedio do ouvidor recém-nomeado.

Na « Informaçãc sobre as Minas », explica o mansueto chronista, dirigindo-se ao capitão-general:

« Logo que v. exc. chegou a esta cidade, querendo eu ter a honra de servir a s. majestade em guarda mór, destas Minas, com provimento de v. exc., prescindindo da provisão que já tinha pela Capitania do Rio de Janeiro, a qual juntei no meu requerimento, para contextar a supplica; foi v. exc. servido determinar por seu despacho que o dr. ouvidor geral informasse sobre a materia do requerimento; em effeito deste despacho, entreguei a minha supplica ao dr. ouvidor geral e corregedor, e esperei que tivesse mais algum descanço do laborioso concurso de autos, com que então se achava, para poder dar sua resposta, e, sendo-lhe devedor de obsequiosa attenção, conservei-me na politica de o não inquietar, esperando só que elle mesmo, quando tivesse tempo, dêsse a sua informação; e com esse silencio e minha inacção, correram os annos até o de 1770, em que o dito ministro, dando balanço aos seus papeis, entre elles achou a minha provisão de guarda-mór, que se dignou mandar-me por Francisco Xavier Sigar, destruida, porém, do requerimento, no qual estava inclusa a dita minha provisão. »

Para tanta placidez e longanimidade, forte razão de ser occorrera, comtudo; verdadeiro vendaval de desventura sobre o nosso historiador se abatera, como não tardaremos a vêr.

Por enquanto, no lustro que nos occupa, desfructava elle momentos de verdadeira felicidade, quer pelo accrescimo de fortuna, posição social e influencia de que chegou a gosar, quer ainda pela inteira satisfacção das instigações intellectuaes.

Personagem salientissimo da cidade de S. Paulo, illustrado como nenhum outro paulista do seu tempo, a não ser o primo e amigo com quem estudava e pesquisava, frei Gaspar da Madre de Deus ainda occupava importantes cargos, gozando da amizade pessoal do governador d. Luiz Antonio de Sousa, que continuamente o consultava, apenas occorressem ponderosas circumstancias a resolver pela acção governamental.

Era decidir-se, por exemplo, a fundação da sinistra colonia do Yguatemy e logo se lhe requeria o concurso dos conhecimentos geographicos para a melhor resolução do penoso problema.

Longas conferencias teve-as então com o capitão general e o bravo João Martins Barros, o infeliz chefe da malfadada expedição, governador nomeado da praça que, como por ironia, se baptizára de Nossa Senhora dos Prazeres.

A este remetteu um livro que tratava das antigas reduções jesuiticas e da destruição do Guayrá pelos paulistas ( 1 ) acompanhando-o um plano de organização da colonia a estabelecer-se nos pantanaes de além Paraná.

Nas questões de limites entre as capitancias de S. Paulo e Minas, activa parte tomou, igualmente, o linhagista. No caso das minas do Camandocaia procurou obstar se pronunciasse o capitão Simão de Toledo Piza, a favor dos direitos de Minas sobre o territorio litigioso: o valle do Sapucahy, região em que habitava este personagem, prestigioso cidadão e chefe de numerosa familia ( 2 ).

---

( 1 ) Doc. Interess., V, 50. Num officio de d. Luiz Antonio, é Pedro Taques accusado de palmar erro de geographia, dando o Ivahy como affluente do Paranâpanema. Em nota, attribue Antonio Piza, e mui justamente, a falta a uma lacuna de memoria do capitão-general. Não tem aliás a censura motivo algum de ser, pois, o increpado. ( « Nobiliarchia », biographia de João Martins Barros ), ao falar do Iguatemy, assim se exprime: « expedição ao sertão do rio Uvahy, que desagua no Rio Grande, chamado Paraná ».

( 2 ) « Doc. Interess. », XI, 103.

Fazia parte do conselho consultivo natural do governador, ou por convocação deste ou por delegação das corporações municipaes.

A 25 de fevereiro de 1767, procurador das camaras da cidade de S. Paulo e das villas de Pindamonhangaba e Cananéa, vemo-lo tomar parte na junta presidida pelo capitão general para tratar de negocios da mais alta importancia e attinentes a toda a capitania. Expoz-se então a El-Rei, quer dizer ao Marquez de Pombal, quanto era «miseravel o estado dos povos da comarca de S. Paulo». Oneravam-na immenso os impostos para a reedificação de Lisboa e não havia absolutamente com que se resolver a vital questão para as villas de serra acima: a conservação do caminho de Santos. (1).

Appellando para a lembrança dos feitos ancestraes, diziam os procuradores certamente pela voz de Pedro Taques: attendesse o senhor Rei a que na capitania muitos havia que lhe tinham prestado relevantes serviços.

A seus antepassados se deviam aquelles «descobertos» de Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso, «onde se tinha dilatado o Imperic de sua Magestade Fidelissima com inveja de todas as nações civilizadas da Europa».

Achava-se a terra empobrecidissima; o novo imposto que o capitão general imaginava para pagamento de soldos aos officiaes de auxiliares parecia impraticavel. Entretanto «como subditos humildes de S. Magestade» estavam promptos «a sujeitar-se a tudo o que pelo mesmo senhor lhes fosse ordenado».

Timidamente ousaram então os procuradores lembrar ao satrapa reinol que os regia, quanto a todos os interessava, de modo capital, a questão das communicações com o littoral. «Da villa de Santos para esta cidade se faz muito precisa á communicação e commercio, e cuidar-se todos os annos nos concertos do impraticavel e aspero caminho daquella

---

(1) «Doc. Interess.», XV, 44.

villa para esta cidade que os moradores, que nelle vivem dispersos, não podem por si fazel-o, por serem pobres, e carecer o dito caminho de maiores possibilidades para a sua construcção, pois é certo que este consta de uma serra cheia de concavidades, que tem meia legua de altura e em outras partes se conservam pantanaes tão asperos, e em tanta distancia, que raras vezes passam os viandantes sem perigo de vida ».

Como procurador de Cananéa, numa sessão da junta, a de 29 de maio de 1767, a que concorreram os representantes das Camaras da segunda comarca, a de Paranaguá, opinou Pedro Taques contra a criação de novas taxas (1).

Viviam os habitantes daquella região em « summa pobreza » e não podiam supportar novos encargos militares.

O facto de por tres das treze camaras municipais da capitania, e, sobretudo, pela edilidade de S. Paulo, haver sido escolhido para as representar em junta, bem nos mostra o grau de influencia a que attingira.

Era então, certamente, não nos parece exagerado dizel-o, o mais prestigiado dos paulistas.

No auto da posse do capitão-general d. Luiz Antonio de Sousa, ao lado das dignidades do cabido dos letrados e negociantes opulentos, figura, entre as testemunhas « representantes da Nobreza e Republicanos » (1). Pouco depois, surge-lhe o nome como o do quarto signatario da grande petição dirigida ao capitão-general, em nome dos « Mineiros, Faiscadores, commerciantes e mais pessoas do povo de S. Paulo ». (2).

E de tal modo se consubstanciára o historiador com a vida dos conterraneos, que, por si, sem que lhe assistisse o menor auxilio official, chegou a estender o raio de acção aos longinquos territorios do Paraguay !

---

(1) Archivo Municipal de São Paulo, L. 213.

(2) Archivo do Estado de São Paulo, 98-T. C.-p 10 v..

Agentes seus percorreram esta colonia castelhana, em missão commercial, diz-nos a «Nobiliarquia». Pretendia o escriptor estabelecer ligações directas entre S. Paulo e Assumpção. Mas acaso não teriam os mandatarios outros fitos em vista, como ventilar a obscura questão dos paulistas internados, em territorio paraguayo, no seculo XVII, indagando-lhes da descendencia?

A 18 de setembro de 1770, queixando-se da fundação da colonia de Iguatemy, escrevia d. Carlos Morphy, governador do Paraguay, a d. Luiz Antonio de Souza. Allegava a intrusão de portuguezes em terras de Hespanha e, a este proposito, para reforçar os argumentos com que pretendia demonstrar a invasão lusitana, historiava a entrada em terras paraguayas que por ordem do linhagista se fizera. (1)

Ouçamos, porém, o capitão general castelhano affirmava que os cabos dos invasores haviam sido « Antonio de França, Bento Cardoso e seu irmão João Leite com seu companheiro Ignacio ». Os dois ultimos « despachados por um vecino de San Pablo llamado Pedro Taques com Alajas (2) de oro para vender ».

Fôra Antonio de França e Silva. annota Antonio Piza, o explorador de Iguatemy, antes da fundação da colonia, emquanto Bento Cardoso, homem esperto e frio, excellente espião ao serviço de Portugal, delatava o que se passava, no meio dos hespanhoes do Paraguay.

A estes agentes paulistas haviam os jesuitas paraguayos, vigilantes e suspeitosos, feita a mais hostile recepção, reminiscencia, certamente, do muito que haviam os seus predecessores soffrido, dos terriveis moradores de Piratininga, em éras seiscentistas. E' o que ironica e gagentamente narra d. Carlos Morphy :

---

(1) «Doc. Interess.», XXXIV, 433.

(2) Ha manifesto engano, na informação de d. Carlos Morphy, pois João Leite não era irmão de Bento Cardoso, e sim de Ignacio Dias Paes « Rev. do Instituto Brasileiro », 35, I, 277.

« Todos estos podran contar a v. s. comó les fué en la feria desta Provincia, pero no se podrá quejar el llamado Ignacio, pues los frayles le salicaran el bulto. y cierto cavallero, por una caridad mal entendida, todas sus alajas. » ( 1 ).

Explicando o caso pretende Pedro Taques que agira de accôrdo com « certo d. Francisco Sanches Franco, castelhano europeu », residente na Assumpção

Tratava-se de introduzir no Paraguay valioso contrabando « uma carregação de ouros lacrados e peças de diamantes e topazios » com esperança de que á entrada de tal carregação facilitassem « as circunstancias do vinculo da alliança de d. Francisco com o secretario no governo do Paraguay ».

Entablado o negocio, escolhera Pedro Taques, recém-vindo da Europa, como mandatario, a um primo irmão, João Leite da Silva, filho de sua tia, d. Leonor Corrêa de Abreu, e provavelmente a um irmão deste, Ignacio Dias Paes.

Levando numerosa escolta, achavam-se João Leite e os companheiros « no passo do rio Iguatemy, esperando conducta para passar á villa de Curumatim » ( 2 ), para de lá ir á cidade do Paraguay « quando a sua tropa foi subitamente assaltada por formidavel corpo de gentio montez », armado nas reduções contra esse bando de paulistas, inimigos tradicionaes. Na refrega pereceu João Leite da Silva.

« Com essa infelicidade se mallogrou a negociação que ia ser felizmente introduzida — commenta o desapontado linhagista. — Ficaria por este modo facilitado o meio de correspondencia entre os moradores de S. Paulo e da cidade do Paraguay. »

---

( 1 ) Artefactos, alfaias.

( 2 ) Curuguaty.

---

## CAPITULO XI

**Má situação da familia do linhagista — Processo com os parentes — Execuções — Negocia Pedro Taques accôrdos — Prosperidade financeira do historiador e sua familia — Relações com os seus prepostos da Bulla da Cruzada — O recenseamento de 1765 — Invejavel situação financeira e social.**

Espirito voltado para o lado pratico da vida, como frequente sempre foi entre paulistas, muito se esforçara Pedro Taques para melhorar a situação financeira da familia, quando os bens paternos administrara. Lançara-o a esperança de enriquecer ás solidões goyanas do Pilar e de Crixás, ás longinhas regiões auríferas do centro. Regressando de Lisbôa a São Paulo, em 1757, e investido da thesouraria da Bulla da cruzada, com a vida agora assente sobre solidas e excellentes bases, antevia em futuro pouco remoto a posse de avultados bens que lhe permitissem com largueza viver « áquella lei da nobreza » cuja sumptuosidade e elegancia tanta miragem de ventura lhe causavam.

Pouco lisonjeira continuava, porém, a situação da casa materna, devedora como era d. Leonor de Siqueira Paes de avultadas quantias ao irmão José de Góes e Moraes e á sobrinha, viuva de Diogo de Toledo Lara, circumstancia que de tempos a tempos motivava desabafos judiciaes dos mais desagradaveis e mesmo escandalosos.

Mal voltara Pedro Taques de ultra-mar, via o tio afinal ( <sup>1</sup> ), entrar na disputada posse de uma barra de ouro de meia libra, desde longos annos recla-

---

( 1 ) A nove de dezembro de 1757.



mada á irmã, e objecto dum legado do padre José de Barros á familia de Bartholomeu Paes de Abreu.

Ao ouvidor explicando os direitos que lhe assistiam a semelhante ouro, allegava José de Góes que a recompensa por elle auferida do grande auxilio ao seu cunhado e irmã prestado fôra a mais absoluta ingratidão. Longos annos se passaram sem que recebesse um ceutil de juro e no emtanto, constantemente, o calumniava e injuriava d. Leonor. Quando a elle se referia só lhe chamava « o usurario ». Bem conhecia agora quem era « semelhante gente » com o soffrer as remotas consequencias das « trapanças » do cunhado. (1)

Devia, ainda, d. Leonor ser responsabilizada pelo pagamento de uma quantia que a certo guarda mór Manuel Luiz Ferraz confiara para lhe pagar, dinheiro que nunca recebera, pois « fugira o sujeito para o continente do Rio Grande de São Pedro do Sul ».

Réplicando, dizia d. Leonor, por meio dos seus advogados, que mil queixas, e as mais justas, tinha da deslealdade e malevolencia do irmão e demais parentes, credores. Esperaram que o seu filho, o sargento-mór, procurador e administrador de sua casa, se ausentasse para Goyaz, afim de lhe fazerem a execução das fazendas de Coritiba, sendo ella « viuva e totalmente ignorante destas cousas ». Quando de de novo o viram longe, agora em Lisboa, cahiram-lhe em cima com novas penhoras. Quanto a pagar o que subtrahira Manuel Ferraz, representava esta exigencia verdadeira deshonestidade. Não o acceitara José de Góes como bom fiador, não o declarara solvavel? Os juro não recebidos ella os entregára a Ferraz, de quem tinha recibo. (2)

Sabedores de que João Pereira da Cruz, o fiel procurador da familia em Cuyaba, prosperava e ia remettendo parcellas amortisadoras da somma consideravel devida aos amigos de São Paulo, haviam

---

(1) Autos não catalogados do processo entre partes A. o capitão-mór José de Góes e Moraes e R. d. Leonor de Siqueira Paes. Archivo do Estado de S. Paulo.

(2) Ibid.

os credores tomado precauções para se cobrar nessas remessas.

Efeito surtira uma destas tentativas : conseguiu certa vez, o conego Lara descobrir que a d. Leonor enviára João Pereira 64 oitavas de ouro por intermedio de um portador. Requerendo apprehensão da importancia, a 23 de fevereiro de 1758, a levantára. ( 1 )

Aguçado com o resultado das pesquisas do sobrinho, solicitára José de Góes uma precatória de penhora sobre João Pereira, o que motivára os mais violentos protestos da irmã.

Chegando Pedro Taques a São Paulo, e ao tomar conhecimento das informações, ao credor impaciente fez saber que lhas não devolvía « pelo muito respeito como a seu tio devia ». Negociou então satisfactorio accôrdo, facilitado talvez pela importancia e prestigio do novo cargo de que se achava investido.

Em 1762 fallecia José de Góes Moraes, nonagenario contendor de sua afflictta irmã. E' possível e mesmo provavel que pago dos ultimos 329\$320 que do primitivo credito restavam.

Assim nos induz a crer a presteza com que o seu genro e sobrinho José de Góes Siqueira accitou ser fiador do novo thesoureiro mór da Bulla, fazendo hypotheca de todos os bens, como responsavel da gestão do genealogista.

Acalmou-se tambem, provisoriamente pelo menos, o conego Lara, mentor das irmãs. Eram estas, tão pouco, accomodadas credoras quanto o irmão.

Por diversas vezes, faltando-lhes os juros em especie, haviam-nos d. Anna, d. Escolastica e d. Ursula descontado pagando-se em córtes de seda, de setim e de sarja, em peças de bretanha e linho e até em baeta, que as atribuladas parentas lhes entregavam ante as reclamações intimativas. ( 2 )

---

( 1 ) Clareza do que deve a casa da sra. d. Leonor de Siqueira á casa do capitão-mór Diogo de Toledo Lara. Documento pertencente ao dr. Augusto de Siqueira Cardoso.

( 2 ) Clareza do que « minha casa deve á da minha tia, etc. »

Abastadas, no entanto, não lhes assistia desculpa de que precisavam daquelles juro para viver. No mesmo pé do que ellas e com eguaes direitos á cobrança se achava o cunhado Agostinho Delgado Arouche, e, no entanto, longe de á velha tia e aos primos atormentar, dava-lhes o apoio da amizade.

Havia entre os Taques innegavel baída que os levava á desharmonia e ás luctas entre os mais chegados parentes. Assim é que, num momento de sérias difficuldades, como esse que atravessavam, quando tudo aconselhava a maior união entre os irmãos, desavieram-se por questões, de dinheiro, Pedro Taques e sua irmã d. Thereza Paes da Silva, viuva do mestre de campo, Manoel Dias da Silva.

Procedendo com inexplicavel falta de cavalheirismo unia-se o bom linhagista a dois credores da irmã, João Alves Ramos e Pedro Gonçalves do Rego, e os tres intentaram-lhe uma acção promovendo a execução de seus bens para reaver importancia de seus creditos. Devia-lhes a accionada respectivamente 400\$000 e 220\$860 e ao irmão 110 oitavas de ouro, sommas de que após sentença em juizo a 10 de julho de 1759 os reembolsou. (1).

Imagine se quanto tal desavença devia ser edificante!

Talvez, porém, ao caso não revestisse tão notavel gravidade o espirito da época em que muito maior aspereza havia do que em nossos dias. Certo é que não abonou muito a gentileza do linhagista esta causa em commum com os adversarios da irmã velha e viuva, verdade é que rica.

Empossado da thesouraria, a Pedro Taques se antolhou uma phase de tão dilatado quanto proficuo futuro, cheia de gloria literaria, proventos mundanos e pecuniarios.

Nomeou nas diversas villas da capitania de S. Paulo, e outros territorios de sua jurisdicção, thesoureiros menores ou manposteiros como se dizia, prepostos de confiança, de modo a ter correspon-

---

(1) Autos não catalogados no Archivo do Estado de S. Paulo.

dentes de cuja probidade se pudesse valer, delles servindo-se tambem como agentes de pesquizas documentaes.

Desenvolveu ao mesmo tempo o linhagista o maior ardor em varias especulações de toda a natureza, consentaneas com as praxes da época ( 1 ). Negociou em escravos, commercio primordial daquelles tempos e vimos que chegou a enviar ao Paraguay alfaias de ouro para com ellas fazer contrabando.

Verdade é que lesar o fisco de S. M. Catholica não era peccado para um subdito de S. M. Fidelissima, argumentaria de si para si o historiador.

Numa carta de S. Paulo, escripta a 28 de maio de 1763, e endereçada a certo João Duarte França, seu thesoureiro menor, morador em lugar não designado, lêem-se curiosos pormenores sobre a actividade traficante do historiador no periodo a que nos referimos. ( 2 ).

Por ella sabemos que pensava em voltar a alguma região aurifera desejando abandonar a Thesouraria da Bulla. Antes o houvesse feito !

« Por fim tomei nova resolução visto não poder estabelecer-me nestas Minas como desejo, emquanto durar a prisão do serviço de El-Rey de que já pedi successor. »

Na carta a que alludimos, contava Pedro Taques que ás lavras onde morava França mandara uma escrava em companhia do marido. Procurasse ella « com sua agencia » ganhar as oitenta oitavas com as quaes lhe poderia comprar a alforria desejada. Ainda iam duas escravas mais, que afim de « vedar a ruina » de uma parente recebera. Valia uma dellas 140 oitavas, mas pouco se lhe dava « si a vendessem, empenhassem ou queimassem por 100 ».

Pedia ainda o chronista ao seu manposteiro e a um amigo, o « seu amado licenciado » Germano

---

( 1 ) Nos livros da mordomia do mosteiro de S. Bento em S. Paulo, por diversas vezes figura o nome de Pedro Taques como o endossante de quantias emprestadas pelo convento a diversos particulares.

( 2 ) Documento do Archivo do Estado de S. Paulo. Collecção Augusto Cardoso.

Muniz Barbosa, que procurassem negociar as lavras que naquellas minas possuía, « duas e meia datas de boas terras ». De semelhante transacção esperava « boa utilidade, tendo tão bons procuradores ».

Ao correspondente dava ainda o historiador uma licção de contabilidade, relativa ás contas que lhe havia de prestar.

« V. Mcê. fará lista em que mostre quantos summarios se venderão de 320 rs., de 160 rs., de 80 rs., o que com o Real 5.' somma tantas oitavas.

Houve de accrescimo nos preços miudos tanto.

Rendeu abaixo da Bulla tanto de que ha de vir assignado.

V. M. ou coadjutor que assistir á abertura ».

Aos mamposteiros, arvorando em procuradores de negocios particulares, por seu intermedio, fazia Pedro Taques numerosas transacções. Assim, pedia a França que de certo Francisco Bueno, cuja attitudede lhe parecia dubia, cobrasse quantia de alguma importancia, capital e juros

Alardeando falta de confiança no linhagista, dizia Bueno que « não arriscava o seu ouro nem o pagava sem receber o seu credito ».

Remettia-lhe Taques o documento exigido ; si o devedor não pagasse fosse promptamente devolvido, porque « por cá ha fiador a quem se ha de executar », dizia, irritado, « visto que a minha attenção e cortejo se não reconhecem ».

Com as commissões de venda das bullas e negocios realizados em annos que lhe correram sempre bem, poudo Pedro Taques aferrolhar excellentes lucros, consideravelmente augmentando os proprios cabedades e os daquelles que lhe haviam confiado a fortuna, a mãe e os irmãos.

Quando, em 1765, d. Luiz Antonio de Sousa ordenou que se procedesse ao primeiro recenseamento feito em S. Paulo, tambem mandou que nas listas da população declarasse cada chefe de familia quanto possuía.

A « rua do canto do cirurgião Fonseca » residia, com a mãe e os irmãos, o historiador, prova-

velmente já reconciliado com a irmã, com quem asperamente demandára.

Aos recenseadores confessou avaliar os proprios bens em tres contos e duzentos mil réis, uns 100 ou 120 contos hoje; os de sua mãe em 600\$000, os da irmã d. Thereza em 1:200\$000, das irmãs solteironas e quinquagenarias d. Angela Maria e d. Leonor Caetana, em 300\$000 e 150\$000, a do irmão tutelado, em 216\$000. Possuíam todos perto de seis contos, portanto.

Havia largamente com que fazer face ao passivo e jámais tão prospera estivera a situação da familia de Bartholomeu Paes de Abreu. Tanto mais, quanto ainda muito lhe devia João Pereira da Cruz, a somma avultada de 2.800 oitavas de ouro, o que hoje representaria uns cento e cinquenta contos de réis (1).

Nem esqueçamos que os dois crescos paulistas da época não tinham sinão 28 e 20 contos de réis. Era a terceira fortuna de S. Paulo orçada em 12 contos!

Podia Pedro Taques, pois, contar-se entre os mais abastados representantes das velhas familias vicentinas, suas aparentadas.

Prosperando-lhe os capitaes, redobravam-se-lhe as preocupações de grandeza e exhibição.

Já não se contentava mais com o ter reposteiros brazonados. Começou a tratar-se « com pagens, armas, cavallos e lacaios » (2), mandando á Bahia buscar negros para carregarem as cadeiras de « telhadilho », com que á rua sahiam as senhoras de sua casa.

Não iria tão grande prosperidade excitar a maledicencia e a inveja? Foi o que succedeu, sobretudo quando, cada dia mais fructuosos os seus ne-

---

(1) Processos entre partes: A., José Góes e Moraes, R., d. Leonor Siqueira Paes. Archivo do Estado de S. Paulo. Era João Pereira da Cruz pessoa de posição e prestigio em Cuyabá, havendo em 1744 sido eleito juiz ordinario da vara vermelha para o districto de Matto Grosso, Beaurepaire Rohan, *Annaes de Matto Grosso*, Rev. Inst. Hist. S. Paulo XV, 69.

(2) Autos da justificação de d. Catharina Taques. Depoimento do padre Jose Joaquim Monteiro de Mattos e Moraes.

gócios, se viu em condições de realizar avultadas operações.

Era a sua situação intellectual, sobretudo, in-contrastavel, « primus inter pares » na lista dos trinta e tres cidadãos que formavam « a nobreza, homens privilegiados e velhos da cidade », entre os quaes figuravam cinco familiares do Santo Officio, cinco doutores e advogados, tres cirurgiões-móres, etc.

Devorado pela inveja e uma série de mesquinhos característicos do espirito, não podia o dr. José Corrêa da Silva supportar a superioridade do linhagista, acirrando-se-lhe o antigo odio, sobretudo depois que entre ambos nascera uma rivalidade de ordem feminil.

Conselheiro intimo da rica viuva d. Maria Angela Eufrasia da Silva, vira a sua influencia substituida pela de Pedro Taques e dali lhe proviera o mais intenso rancor á pessoa de quem o suplantara.

Preparou-se pois para sobre o inimigo mortifero golpe desfechar, logo que para tanto se lhe proporcionasse alguma oportunidade, com certas ensanchas de triumpho.

---

## CAPITULO XIII

**Collecção de documentos reunida pelo linbagista — Auxílios prestados por seus prepostos — A década fecunda de 1762-1772 — Numerosas obras e memorias perdidas.**

Entregue á sua paixão pela genealogia e a historia, poudes Pedro Taques, com os proventos do cargo de thesoureiro-mór, durante alguns annos, intensamente trabalhar e reunir a cópia colossal de documentos constituidores da collecção de que a d. Luiz Antonio fala na « Informação sobre as minas ».

Mandavam-lhe os seus cobradores nas villas das tres capitánias informações sobre informações, aproveitadas pelo historiador no exhaustivo trabalho da reconstrucção de sua enorme « Nobiliarchia ».

E' o que se deprehende da seguinte carta dirigida a um correspondente anonymo e escapa á destruição do seu archivo epistolar: ( 1 ).

« Receby do sr. João de Siq.<sup>a</sup> a clareza aas duas doblas q. me deu V. M. aviso na sua ultima de 27 sept. Não veyo comtudo o papel com a descend.<sup>a</sup> de M.<sup>o</sup> da Costa Cabral. Espero do obseq. de V. M. q. procure no cart. de orphaons dessa V.<sup>a</sup> os inventarios q. lhe falei.

Quando fôr da nova remeça, espero os apontamentos q. pedi. Faça V. M. tambem lista q. mostre q.<sup>o</sup> summarios lhe ficão.

V. M. me tenha sempre ao seu dispór, pois sou de V. M., cr.<sup>o</sup>. am.<sup>o</sup>, obr.<sup>o</sup>.

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME.

29 de nov.<sup>o</sup>. de 1763 .»

(1) Documento pertencente ao dr. Augusto de Siqueira Cardoso, impresso no tomo XX da «Rev. do Instituto de S. Paulo».



Evidentemente, dirigida a um mamposteiro da Bulla, faz a referencia a Manuel da Costa Cabral suppôr que o destinatario residia em Taubaté ( 1 ). E' um documento frisantemente comprobatorio da hypothese que aventámos, quanto aos serviços que dos seus prepostos reclamava o linhagista.

Desse periodo de prosperidade, a que nos referimos, data o grande avançamento da « Nobiliarchia », cujos titulos se iam penosa e lentamente sedimentando, pois representavam a synthese de enorme e diuturno labor.

Assim, preparou no anno de 1766 a maior parte do grande e minucioso titulo dos Taques Pompeus, historia da propria familia materna.

Em 1766, o de Laras.

Em 1767, os de Lemes, Campos, Chassins, Bicudos, Carneiros e Mendonças, e Toledos Pizas.

Em 1768, Buenos de Ribeira.

Em 1769, quando já nas mais precarias condições se achava e se lhe desmoronára a situação social, os de Prados, Rendons, Alvarengas Monteiros, Penteados, Pires, Godoys.

Tudo faz crêr que os demais titulos perdidos, os setenta e quatro capitulos desaparecidos da « Nobiliarchia » ( 2 ), em grande parte tambem proviessem do mesmo periodo.

De 1770 a 1772 parece-nos datar a ultima demão aos titulos sobre os Costas Cabraes, Gaias, Pedrosos, Vazes e Barros.

A obra extensissima da « Nobiliarchia », exigindo immenso trabalho, opulentamente comprovada, desde os annos da adolescencia a documentava como vimos; nem constituia empresa que em meia duzia de annos se levasse a cabo, num paiz semi-selvatico, em que quasi insuperaveis eram as difficuldades de communicação entre os centros e nucleos de população esparsa.

---

( 1 ) Vd. « Nobiliarchia », titulo Costa Cabraes, Capitulo I.

( 2 ) Aos cincoenta e tres titulos perdidos da « Nobiliarchia », por Antonio Piza apontados ( Rev. do Inst. Historico de São Paulo, III, 5.º ) ha « accrescentar mais de vinte, cujos nomes a este escriptor escaparam.

E ainda mais, acima de todos os obstaculos materiaes outros obices, e dos mais serios, havia a vencer: a má vontade, a indiferença, o desprezo com que eram acolhidas as pesquisas do chronista, como mais longe veremos. Não lhe comprehendiam o movel os ignaros contemporaneos e moviam-lhe aberta guerra, de que amargamente se queixa...

E' nossa convicção — á falta de documentos — que poude Petro Taques tanto fazer avultar a sua « Nobiliarchia » graças á particularidade de haver sido thesoureiro da Bulla e contar, em todas as villas da capitania, subordinados.

Da década fecunda de 1760-1770, egualmente datam as suas monographias ou pelo menos o trabalho do esteiamento documental das memorias que intentava publicar.

Em Julho de 1768, por exemplo, punha ponto final á « Noticia historica da expulsão dos jesuitas do collegio de São Paulo », memoria cuja introduccão e titulo constituem um padrão de deploravel fraqueza.

Maus lhe corriam os tempos, prenhes das mais negras ameaças de violencia, por parte dos officiaes d'El-Rey. Convinha-lhe pois dar arrhas de fidelidade á corôa, então representada pelo mais feroz inimigo da Companhia de Jesus, o implacavel Pombal; prudente era mostrar-se a todo o trause anti-jesuita. Foi o que Pedro Taques fez forçando a doçura habitual do character e quiçá a realidade dos sentimentos.

Elle que tanto exaltara os seus mestres ignacianos, com tanto respeito se referira sempre aos numerosos membros da Companhia que nas paginas de sua « Nobiliarchia » figuram, aos « grandes barretes », aos prégadores insignes, não trepidou, em obediencia a um sentimento de defesa individual, intitular a sua nova obra « Declaração chronologica e analitica das desordens que a Companhia denominada dos Jesuitas causou no reyno de Portugal »

Tudo isto visivelmente inspirado no paradigma da famosa *Deducção chronologica* do deploravel José Seabra da Silva.

Ainda foram estes temores que o levaram a exaltar « a cautela, vigilancia e segredo », com que Alexandre Luiz de Sousa Menezes, governador de Santos, entrara subitamente em S. Paulo, subitamente cercando o collegio dos jesuitas ás 10 horas da manhã, prendendo todos os seus moradores, em obediencia a instrucções pombalinas. Gloriosa e sobretudo perigosa expedição militar...

São fraquezas de que provavelmente, no intimo, se deveria ter arrependido o bom chronista.

Deste mesmo periodo que nos occupa, provavelmente procedem a « Historia de S. Paulo » (1), o « Discurso chronologico dos descobrimentos do Brasil » (2), a « Introducção á Nobiliarchia Paulistana » (3), as « Memorias de Jundiahy » (4), os « Apontamentos » (5), as narrativas da expedição de Estevam Bayão Parente contra os indios dos sertões bahianos (5), e a historia da guerra dos emboabas (5), as memorias sobre o descobrimento de Minas e seus administradores (5) e sobre Martim Affonso de Sousa (6), a « Demonstraçõa veridica e chronologica » (7), obras de que nos dá noticia o fecundo escriptor é por completo se perderam.

Durante os cinco annos de bem estar e tranquillidade sob o ponto de vista material, pudera Pedro Taques notavelmente alargar a base indestructivel do seu « monumentum aere perennius » e bem avisado andara, pois preparava-se o destino adverso para o acommetter com indescriptivel violencia, trazendo-lhe um cataclysmo financeiro que o haveria de reduzir á ultima extremidade.

---

(1) «Revista do Instituto Brasileiro», 33, 1, 169 (2). Ibid. 33, 2, 105. (3) Ibid. 34, 1, 70. (4) Ibid. 35, 1, 65.

(5) «Docum. Interess», IV, 19 (6) Ibid. IV, 18.

(7) Ibid. III, 17.

---

## CAPITULO XIV

O que São Paulo era em 1765 — Restabelecimento da capitania e de sua vida autonoma — O Morgado de Matheus — Pobreza de São Paulo — O primeiro recenseamento da cidade — Curiosa excepção — Livres e escravos — Homens e mulheres — Desproporção — As principaes ruas — A rua Direita — As igrejas — Informações de Cardoso de Abreu — Industria dos habitantes de São Paulo — Empobrecimento geral da capitania — Emigração — Opulencia de outr'ora — Decadencia — Os cresos de São Paulo — Advogados, medicos, boticarios — Capitalistas pertencentes a velhas familias paulistas — Discordancias notadas nos inventarios — Valor insignificante da propriedade urbana — Alugueis — Hypothecas — Letras. Dificuldade de transações — Modicidade de juros — Correntistas gratos do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza — Empobrecimento gradual e intenso — A resurreição do café.

Grande o jubilo que aos paulistas, em 1765, trouxe a restauração da sua vida autonoma.

Muito lhes doia o menospreço, a injustiça da mãe patria para com a circumscripção de onde partira a conquista de meio Brasil e a cujos filhos devera D. João V o volumoso pactolo que «pela bocca de Portugal passara, para cahir na profundeza do estomago da Inglaterra», segundo a phrase pittoresca de um historiador luzitano, Oliveira Martins, cremos.

Quando da Capitania de São Paulo se haviam desmembrado os territorios immensos de Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso, acaso merecia a metropole das terras auríferas brasileiras, empobrecida, exgottada pelo esforço immenso da conquista e o povoamento do sertão, tão dura humilhação, como que castigo, quanto o da sua subordinação ao governo fluminense ?

A 23 de Agosto de 1743 representava a Camara Municipal paulistana a D. João V dizendo que a cidade e mais villas da Capitania se achavam « em summa miseria de pobreza ». ( 1 )

Não actuaria neste acto da Corôa, como ainda um reflexo de sentimento de mesquinha vingança contra os mineradores de 1709 que não haviam — sem uma repulsa a mão armada — consentido que os « emboabas » viessem auferir os proventos dos seus trabalhos e soffrimentos, pretendendo valer-se da méra qualidade de reinos, pertencentes ao povo dominante, na Monarchia luzitana, para obrigar os descobridores a viver — relativamente a elles — em situação inferior, no proprio local dos seus grandes e penosos feitos ?

Afinal, ante as reclamações de toda a especie, restabelecera Pombal a antiga Capitania paulista, dando-lhe como capitão general o Morgado de Matheus, d. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, collateral da casa dos Marquezes das Minas.

A 22 de Julho de 1765, tomava posse do seu governo desde os primeiros actos aos subordinados revelando quanto possuia qualidades de administrador.

Por completo lhe faltavam os dados estatisticos, graças aos quaes pudessè fazer idéa dos recursos da sua ignota circumscripção.

Tratou pois, com a maior brevidade, de os colligir e assim o vemos determinar que se procedesse a uma série de indagações sobre os diversos « estados » da capitania, como então se dizia, o ecclesiastico, o da fazenda, o militar, e ao recenseamento

---

( 1 ) Archivo do Estado de São Paulo — 188, T. C. — 113.

de S. Paulo, o primeiro que em nossa região se realizou.

Graças a esta providencia podemos hoje fazer alguma idéa do que era a capital paulista em meados do seculo XVIII.

Exigua, muito exigua, apenas contava 392 fogos localizados no actual perimetro central; subia a sua população livre a 1516 pessoas adultas, apenas, nella havendo grande desproporção entre os dous sexos, pois, ao passo que os homens eram 694 attingiam as mulheres a 867.

Com os escravos chegaria o total dos habitantes da cidade, quiçá, a umas seis mil almas.

Havia em 1769 em S. Paulo 3206 escravos adultos dos quaes 1691 homens ( Doc. Interes : 19, 288 ).

Facto curioso : não foram comprehendidos nas operações censitarias o Capitão General e sua familia, os militares, os religiosos e as creanças.

Das ruas mais importantes figurava em primeiro lugar, sem contestação possivel, a Direita que terminava num becco sem sahida, «do Largo da Sé thé Santo Antonio», onde residiam negociantes ricos, pessoas gradas e cheia de lojas de «fazenda secca».

A do Rosario «que parte do pateo da Sé thé o Rosario dos Pretos, seguindo-se a Bôa Vista» hoje 15 de Novembro, era-lhe então muito inferior, nella vivendo numerosos «mulatos e pretos forros» e gente em geral modesta.

A de S. Bento, muito embora melhor habitada não contava tantos negociantes como a Direita.

Não tinham muitas das ruas de então nomes fixos; assim se mencionam as «do canto do cirurgião Fonseca thé o becco de Santa Thereza» a «que principia de Pasqual Alves thé o Largo da Sé, etc.

Já no emtanto, ás principaes arterias se attribuiam os appellidos que até hoje conservam quer officialmente, como as ruas de S. Bento, Direita, Carmo, Flores. Quitanda, etc, quer as que ainda vivem na memoria popular.

Dez vias principaes contavam-se então e sete eram as praças : os largos de S. Bento, do Rosario, de S. Francisco, da Misericordia, os pateos da Sé e do Collegio e o campo de S. Gonçalo Garcia.

Nenhum dos velhos nomes das primeiras éras coloniaes subsistia, porém, como os de Manoel Paes ( 15 de Novembro ), Santo Antonio ( Direita ), Martin Affonso ( S. Bento ), etc.

Não eram as vias publicas de S. Paulo setecentista das mais estreitas, se as compararmos com as das outras cidades velhas do Brasil.

Em 1819, achou-as Saint Hilaire razoavelmente largas ; de sobra attendiam, sobretudo, ás exigencias do insignificante transito de então.

Quem lhes principiou a promover o empedramento foi o capitão-general Francisco de Cunha Menezes, que, de 1782 1786, governou a capitania, segundo refere Manoel Cardoso de Abreu nas suas «Noticias sobre a vinda dos primeiros governos até o presente capitão-general», obra falsa e levianamente attribuida a frei Gaspar da Madre de Deus.

E a esse calçamento muito incrementou um dos seus successores, Bernardo José de Lorena, de 1798 em deante.

Contida no seu desenvolvimento pelos fortes desbarrancados que haviam levado os jesuitas a escolher o local da sua fundação, por ser de facil defesa contra os provaveis ataques dos selvícolas, terminava a cidade em 1765, bruscamente, por dois grandes desmoronamentos de terras que D. Luiz Antonio de Souza mandou entupir, juntos ao Carmo e Santa Thereza.

Do lado de S. Bento, o caminho para a Luz, então chamada Guarê, se fazia por ingreme vereda que, só em 1782, se pensou suavisar.

Tinha a cidade, vista do Valle do Anhangabá-hú, o aspecto de uma posição fortificada, graças ao aspecto da edificação continua que occupava a crista do monte.

Foi o governador interino marechal trei José Raymundo Chichorro da Gama Lobo quem, em 1787,

abriu a rua paralella á de S. Bento, «que elle denominou de S. José, em cujo terreno não existia mais do que um exquisito e volteado caminho por detraz de varios quintaes, «narra o mesmo informante.

Assim pois, como vemos, occupava S. Paulo, em 1765, estrictamente, o exiguo planalto tão sabiamente escolhido em 1554 pelos bem inspirados jesuitas.

Ainda a Manoel Cardoso de Abreu recorreremos como primeiro e unico guia da cidade de S. Paulo, no seculo XVIII.

No seu «Divertimento Admiravel», escripto em 1783, dezeseite annos após o millesimo que nos occupa, ao falar da capital paulista, refere: «A cidade é agradável pelo terreno e saudavel pelos ares», não muito pequena, constando de doze ruas principaes, todas ellas com suas travessas correspondentes, com o defeito, porém, de ser a maior parte das casas, terreas e as ruas mal ordenadas e mal calçadas.»

Como monumentos cita as egrejas «algumas bem acabadas e magnificas», prova evidente de que o bom Cardoso tinha a admirativa facil e modesta, como homem que jámais sahira do seu paiz natal, e, com effeito, bem pouco magnificos deviam ser esses templos que ao chronista embasbacavam. E' o que podemos calcular pelo que nos resta e pelo que nos dizem as estampas da primeira planta de São Paulo, a de 1811, levantada pelo tenente de engenharia Rufino José Felizardo e Costa: a Sé, grande mas desgraciosa, pesada, sem nenhuma pretensão a esthetica architectonica, aliás, como todas as demais egrejas da cidade, acanhadas, pobres, desataviadas e toscas.

Algumas dellas desaparecidas, entre as exigencias da modernisação da cidade, como as do Collegio. S. Pedro, Misericordia e Rosario, outras reconstruidas ou reconstruindo-se como as de S. Bento e da Sé.



Podem as que restam dar ideia do que seriam ha cento e cincoenta annos, mesmo se attendermos ao facto de que as modificações e melhoramentos soffridos as tornaram sumptuosas, em relação ao que eram nessas eras priscas, de pobreza e isolamento.

Com o verão ficavam a varzea do Carmo com as suas « Sete Voltas » do rio Tamanduatehey e as demais, transformadas num immenso tremedal.

O primeiro « aterrado » á sahida da cidade e passagem do rio Tamanduatehey, caminho aquelle que, no tempo das aguas, não dava passo sem notavel incommodo, deveu-se, igualmente, a Francisco de Menezes.

De que viveriam os habitantes de São Paulo ? Responde-nos o « Divertimento Admiravel » : de varias negociações ; uns se limitam a negocio mercantil, indo á cidade do Rio de Janeiro buscar as fazendas para nella venderem ; outros da extravagancia dos seus officios ; outros vão a Viamão buscar tropas de animaes cavallares ou vacuns para venderem, não só aos moradores do seu continente, como tambem aos andantes de Minas Geraes, e exercitam o mesmo negocio, vindo comprar os animaes em S. Paulo para os ir vender a Minas. e outros finalmente, compram alguns effeitos da mesma Capitania, como são pannos de algodão e assucar, e os vão vender ás Minas, labutando nesta fôrma, todos naquillo a que se applicam. »

Lavrava nas visinhanças de São Paulo grande pobreza, assim como nas villas da Capitania, em geral, « todas são muito pobres e a maicr parte miseraveis, porque os seus effeitos que são os mantimentos, apenas dão para vestirem e comerem o sal, vendendo uns na mesma cidade e outros para o Rio de Janeiro e tambem aos passageiros, e por esta fôrma nada pódem alar aquelles moradores. »

Dos da beira-mar, os de Santos eram relativamente abastados ; os de S. Sebastião e Ubatuba, tinham com que passar ; quanto aos de S. Vicente, para o Sul até Cananéa, viviam miseraveis ».

Ante o empobrecimento geral e progressivo da Capitania de S. Paulo, que desde meados do seculo XVIII dia a dia se accentuava, natural era que a proporções modestas se cifrassem as fortunas paulistanas.

Havia continua emigração para as terras auríferas, despovoando-se a cidade e a Capitania em geral, tanto mais depauperada quanto já a ella não mais vinham ter os productos das lavras, a quintar-se na casa de fundição de S. Paulo.

Assim, já na cidade piratiningana se não viam mais aquellas casas opulentas dos mineradores de principios do seculo, recolhidos das minas, recentemente descobertas, carregados de ouro e tratando-se com «grandeza e estimação á lei da nobreza», como por exemplo succedera a José de Góes e Moraes. Passando a viver dos interesses que convidavam as grandezas do ouro, diz a «Nobiliarchia Paulistana», nellas se fizera tão opulento em cabedaes, que, recolhido á patria, não tivera em seu tempo quem o egualasse no tratamento, porque de cavallos da melhor fama e bondade tinha muitos, e todos bons em actual cavallarice, e tão briosos que nem para beber agua sahiam para fóra sem antolhos e cabeções.»

Adornara sua casa de ricos e excellentes moveis e grande copa de prata de muitas arrobas.

«Possuira muitos escravos mulatos, e tão claros na cor, que competiam com os brancos neste accidente, e todos bem vestidos da libré da sua casa, o serviam e acompanhavam de pé e de cavallo.»

Nada mais elegante e denunciador de maior opulencia do que dispôr alguém de «creados brancos que o servissem.»

Exactamente como em meados do seculo XVII, se azeria a grandeza dos «potentados paulistas» pelo numero de «arcos de indios» conquistados no sertão que haviam penetrado em entradas, «estabelecendo-se os sertanistas nas vizinhanças de Piratininga em grandes fazendas que contavam, ás vezes, mais de mil aggregados e onde, «todos os dias rei-

nava a profusão e bom gosto», como succedia a Pedro Vaz de Barros, Fernão Paes de Barros, Fernão Dias Paes, Lourenço Castanho Taques, Guilherme Pompeu de Almeida, etc.

Grande a mudança, pois, a que os tempos haviam operado na Capitania, onde já eram muito escassos os que «se haviam feito opulentos para conservar o respeito e o tratamento de pessoa potentada.»

Já não mais havia aquelles «grossos cabedaes, assim em dinheiro cunhado, como em moveis e copa de prata ou de ouro em pó, ou ainda grossas fazendas de gado vaccuns e cavallares.»

Esgotadas ou, pelo menos, diminuidas as outras tão ricas «fazendas de minas de ouro» e «fabricas de mineraes».

Provinha a diminuição geral dos capitães sobretudo da emigração e muito da confiança e facilidade com que se faziam os empréstimos a pessoas que iam tentar a muito aleatoria fortuna nas aventuras tão arriscadas quanto perigosas do sertão.

Assim, por exemplo, perdera o capitão-mór Pedro Taques de Almeida mais de 20.000 cruzados— quantia para a época enorme — «pelo empréstimo que havia feito, a razão de juros, sem mais segurança que o conceito que lhe mereciam a verdade dos devedores, os quaes, cahindo em pobreza, com ella se haviam perdido os dinheiros que deviam.»

E eram estes devedores no emtanto pessoas da maior honorabilidade, victimas apenas dos effeitos do destino. «que no Brasil anda annexo aos homens nobres, pelas desigualdades nos empregos para com o negocio e commercio augmentar-lhes a fazenda.»

A quantos succedera desastres no genero daquelle que ao sargento-mór João Carvalho da Silva havia arrazado! Indo tentar fortuna nas minas de Cuyabá, realizara a venda dos bens avultados que em S. Paulo possuia e adquirira escravos para o futuro serviço das lavras.

Vira, no emtanto, varias das canoas da sua monção, naufragadas, perecendo-lhe, então, varios negros.

O resto lhe morrera em Cuyabá de maleitas; voltara, pois, a S. Paulo, arruinado e endividado.

Havia em todo o Brasil de antanho e sobretudo em S. Paulo, parece, a maior dificuldade para a collocação de capitaes: «a falta dos bens em prazo, como na Europa, roubava a grandeza das casas porque o mesmo tempo ia consumindo os cabedaes na opulencia do tratamento.»

Tão diminuta a circulação dos valores que dahi provinha a mais deploravel estagnação na vida economica da Capitania de S. Paulo, privada do antigo affluxo do ouro enviado pelos seus audazes filhos, devassadores dos sertões centraes.

Em 1770, dizia Pedro Taques, «bem afazendado» quem por anno fabricava dezeseite caixas de assucar.

Eram os preconceitos, além de tudo, a causa de que muitas «pessoas nobres» se sentissem manietadas nas suas emprezas.

Certo é «que havia falta do que animasse o corpo da pobre Capitania de S. Paulo», lastimava o linhiagista.

No censo a que — em 1765 — mandou o capitão-general D. Luiz Antonio de Souza proceder em S. Paulo ordenou que cada chefe de familia declarasse a importancia de seus haveres e tal exigencia nos dá o ensejo de conhecer qual o estado financeiro dos principaes moradores da cidade. A proporções muito modestas se cifravam as fortunas paulistanas no anno da graça de 1765.

Eram os cresos de então dous negociantes: José Roiz Pereira e Francisco Pereira Mendes, cujos bens montavam respectivamente a 28 e 20 contos de réis.

Verdade é que para lhes avaliar a importancia da fortuna — guardadas as proporções provenientes das differenças da capacidade acquisitiva da moeda, na época que nos occupa e nos dias de hoje — devemos multiplicar estas cifras por quarenta ou quiçá maior coeficiente.

Ninguém, de longe sequer, podia fazer sombra

a estes Rothschilds; quer entre os mercadores, quer entre os lavradores.

Dos primeiros citemos ainda Francisco de Salles Ribeiro, Lopo dos Santos Serra e Antonio Martins de Almeida, cujas fortunas ascendiam a 8 contos; 6:400\$ e 4 contos.

Nas profissões liberaes cabiam, como sempre, os maiores proventos aos advogados, dos quaes o dr. Luiz de Campos se constituia um dos maiores capitalistas da cidade, senhor de propriedades no valor de 7:700\$000.

Destes profissionaes alguns, como o dr. José Corrêa da Silva, juiz de orphãos, e o dr. João de S. Paio Peixoto e o dr. Antonio Fortes de Bustamante pouco haviam conseguido economizar do exercicio da advocacia: 800\$ e 200\$ apenas.

Representante da classe tão numerosa hoje dos corretores, só indicava o receamento um: o dr. Antonio Fernandes do Valle, «homem de negocios» que aparentemente prosperava, pois ajuntara 5:600\$, sendo aliás casado com mulher rica.

E' que provavelmente açambarcava toda a clientela do restricto campo de operações que S. Paulo constituia.

Felizes como geralmente são os pharmaceuticos, dous ou tres havia abastados como Francisco Coelho Ayres, João Antonio de Lacerda, á rua do Pelourinho, e Vicente Mattos, á rua do Carmo.

Medicos, menciona-nos o recenseamento os seguintes:

Dr. Simão Ferreira Machado, á rua da Boa Vista, e os cirurgiões-móres Jeronymo Ruiz, á rua de S. Bento e João Correia de Souza, no becco da Quitanda.

Dispunha o segundo dos taes esculapios de alguma abastança alcançada quiçá á razão de meia pataca por visita.

Dentre os representantes de velhos troncos paulistas poucos haviam que possuissem avultados haveres.

Fallam os recenseadores dos irmãos Francisco

Pinto do Rego e Diogo Pinto do Rego, cujos bens ascendiam a 4:800\$ e a 600\$; Ignacio Xavier de Almeida Lara, sargento-mór Soares de Carvalho, alferes Antonio Francisco de Sá, todos estes pequenos capitalistas.

Das familias mais abastadas citavam-se a do capitão-mór Manoel de Oliveira Cardoso, possuidor de oito contos, das viúvas D. Escolastica de Mattos e D. Maria da Silva Leite.

Esta, residente á rua da Cadeia, era realmente opulenta, pois possuia nada menos de 10 contos, e sua filha unica e solteira, D. Maria Caetana, devia ser o melhor partido da cidade, apezar dos trinta e dois annos confessados nas listas officiaes.

Representando o que de mais selecto antigo e aristocratico, havia na sociedade paulistana, como descendente dos melhores troncos vicentinos, dos Taques Lemos e Laras, residia á rua do Canto do Cirurgião Fonseca, a octogenaria D. Leonor de Siqueira Paes, a viúva de Bartholomeu Paes de Abreu.

Em sua companhia viviam duas filhas solteironas e outra viúva do mestre de campo Manoel Dias da Silva, e a seu lado o filho, o nosso illustre linhagista e historiador.

Empolgado ao mesmo tempo pelo labor das suas infatigaveis pesquisas historico-genealogicas e os mais arraigados preconceitos nobiliarchicos, adornava o escriptor a sua modestia de reposteiros bronzados, em cuja contemplação se embevecia. Tal o seu grande luxo.

Era-lhe então prospera a situação financeira, pois accusava bens no valor de 3:200\$.

E'-nos difficil, por deficiencia de dados, fazer idéa exacta das fortunas de então devido ás avaliações imperfeitas dos inventarios da época.

Assim, por exemplo, não se coadunam geralmente o computo dos montes inventariados e o numero de escravos arrolados.

Individuos havia que, além de outros bens, deixavam 30 e 40 escravos numa época em que uma «peça» correntemente valia cem mil réis. No em-

tanto, o total de sua fortuna subia a uma somma inferior á simples conta dos escravos.

Muito limitado valor venal tinha a propriedade urbana.

Pelos assentos dos livros da mordomia do Mosteiro de S. Bento, que sempre possuiu numerosas casas nos melhores pontos da cidade, podemos avaliar quanto eram os alugueis exiguos, em 1765, nas ruas do triangulo central.

Assim, por exemplo, na de S. Bento, entre o largo de S. Bento e o do Rosario, arrendara João Dias, por duas patacas mensaes, 640 réis, o predio «que servia de opera».

A' esquina da rua da Quitanda e Rosario, adquirira o Mosteiro o espolio do mestre de campo Alexandre Monteiro, cinco moradas de casas, «que davam para a rua do Rosario, com cinco lojas por baixo», tudo por mil cruzados.

Dos locatarios destas lojas, os que mais aluguel pagavam, eram os dous negociantes de «fazenda secca», da 2.<sup>a</sup> e da 3.<sup>a</sup>, cujas «rendas de casa» subiam a 1\$240 e 800 réis mensaes; o cabelleiro da primeira, taxado em 640 réis.

Em compensação, o carpinteiro da quarta e o merceeiro da quinta apenas pagavam uma pataca.

Estavam as melhores casas do Mosteiro alugadas, as da rua Direita, em frente á igreja de Santo Antonio, ao advogado dr. Bernardo Roiz Solano, por 1\$ mensaes, a do canto de N. S. da Lapa ao licenciado Vicente Pires da Motta por 1\$440 reis.

Na rua «da Sé para a Misericordia», pagava Manoel José Roiz a somma fortissima de vinte mil réis annuaes! No canto da Lapa o capitão Barbosa Lima 25\$600, tambem annuaes, verdade é que sublocava grande parte da «morada de casas» por 1\$200.

Concordam estes preços com o aluguel que o governo regio pagava pelo predio de D. Simão de Toledo Piza, o melhor da cidade, residencia dos ca-

pitães-generaes, até o confisco dos bens dos jesuitas, cinco mil réis mensaes, tres por cento apenas dos cinco mil cruzados em que se avaliara.

Pouco rendiam os predios em S. Paulo, em geral.

Uma casa da rua de S. Gonçalo, hypothecada em 1768 ao Mosteiro de S. Bento pela quantia de seis dobras (76\$000 e juros de 4\$800 annuaes, ou seja um pouco mais de 6 por cento), rendia 480 réis mensaes, pataca e meia.

Como se vê, aos prestamistas de antanho não pediam os capitalistas as garantias de que se cercam hoje.

As taxas de juros, pouco elevadas eram então: oito ou nove por cento, no maximo; dez e doze constituíam exigencias, de que se envergonhariam os capitalistas.

Pouco numerosos, como estes se contavam, recorriam, frequentemente, os necessitados, ás ordens religiosas, credoras de bôa composição, cujas porcentagens modicas geralmente giravam em torno de cinco, quando muito seis.

Assim, em 1767, tinha o Mosteiro de S. Bento, em mãos de diversos, cerca de cinco contos de réis, o que hoje representaria duzentos.

Consistiam as garantias offerecidas em predios, escravos e creditos; titulos de dividas que correspondiam ás lettras hodiernas e que se negociavam com pequeno rebate.

Operações bancarias nem se sonhava ainda realizal-as nos maiores centros do Brasil e ainda menos no pequeno S. Paulo, setecentista.

Ainda estavam longe os annos da fundação do primeiro Banco do Brasil no Rio de Janeiro, em tempos de D. João VI.

Era o numerario summamente escasso em São Paulo, onde continuava a circular o ouro em pó (Doc. Int. 42, 98). apesar das prohibições regias.

Esta penuria de meio circulante não affectava porém as taxas de juros devido ao volume insignificante das transacções.



Em S. Paulo, o primeiro capitalista que acci-  
tou correntistas e fez operações de verdadeiro ban-  
queiro foi, segundo parece, o brigadeiro Luiz An-  
tonio de Souza Macedo e Queiroz, ou Luiz Antonio  
de Souza, como era mais simples, e universalmente  
conhecido ; o homem mais rico da capitania em prin-  
cipios do seculo XIX, e que, fallecendo em 1819,  
deixou uma fortuna, para a época fabulosa, de mais  
de setecentos contos fortes ( ao cambio de 54 dinhei-  
ros por mil réis ).

E' tradição entre os seus descendentes que se  
lembrara propor pagar pequeno juro annual áquel-  
les que aos seus cofres de negociante rico recor-  
riam, deixando nelles depositar quantias que alli fi-  
cassem inertes como se joias ou documentos fossem.

Girando com os capitaes alheios, e delles tirando  
real proveito, alcançara o brigadeiro Luiz Antonio  
a gratidão dos seus correntistas. Enthusiasmados com  
a invenção do seu devedor opulento em quem, e com  
toda a razão, depositavam a mais cega confiança,  
manifestavam o seu reconhecimento commemorando  
o recebimento dos juros dos seus depositos com a  
offerta, ao generoso banqueiro de, ás vezes, valiosos  
presentes.

Pudera ! Quem ainda, dentre negociantes e ca-  
pitalistas, se lembrara de pagar alguma cousa pela  
simples permanencia de uma quantia em suas mãos,  
quando ainda corria o risco de precisar restituil-a,  
caso roubada ou desaparecida em algum incendio !

E assim vivia o feliz banqueiro aureolado pela  
fama de bemfeitor dos «pés de meia» dos econo-  
micos, a receber presentes sobre presentes, desde os  
gordos perús e os anafados leitões, até os objectos  
mais estimados da industria indigena, e mesmo eu-  
ropéa, segundo a importancia das porcentagens at-  
ribuidas aos depositantes ingenuos e pouco compli-  
cados como eram as almas bôas dos brasileiros de  
antanho.

No decorrer do terceiro quartel do seculo XVIII  
não havia, em toda a capitania de S. Paulo quem

possuisse bens no valor de tres ou quatro escassas dezenas de contos de réis.

Cada vez mais rapido attingiu ao auge o empobrecimento em fins da era setecentista. Foi a abertura dos portos ao commercio universal em 1808, diz Saint Hilaire, que lhe trouxe relativo renascimento economico.

Em 1765, ao reatar-se-lhe a vida autonoma, exgotada pela emigração para as terras auríferas e pelo militarismo, desde algumas decadas penosamente vegetava a capitania de S. Paulo num crescendo de penuria que nos primeiros annos do seculo XIX attingira ao maximo.

Não dispondo de terras em que a canna de longe dêsse o que no Norte produzia nem de nenhum artigo de exportação que lhe esteiasse o intercambio, pobremente vivia ao lado da opulencia da Bahia, Pernambuco, ricos dos enormes productos de assucar e da prosperidade commercial do Rio de Janeiro, entreposto de todo o Sul e da zona mineira.

Longe ainda estavam os annos em que, deslocando das terras prodigiosas do Oeste, á matta virgem, viria o café trazer ás antigas regiões vicentinas a descoberta, no proprio solo, de «placers», incomparavelmente mais valiosos do que todos aquelles que as bandeiras haviam desvendado no decorrer dos seculos.

Mais uma vez se verificaria o acerto do governador geral seiscentista que ao rei de Portugal aconselhava se não deixasse obsecar pela idéa da descoberta de jazidas preciosas, pois as verdadeiras minas do Brasil, muito mais «ferteis» do que quaesquer outras eram os cannaviaes e as florestas da essencia côr de brasa.

---

## CAPITULO XV

**Relações do linhagista com d. Maria Angela Eufrasia da Silva — Insania e prodigalidade desta — Seus numerosos processos — Sua interdicção — Auxilios a ella prestados por Pedro Taques — Situação melindrosa do historiador.**

Filha unica de Sebastião do Passos Dias, portuguez, e de d. Anna Maria da Silva, paulista, herdeira de opulentos negociantes santistas, provinha d. Maria Angela Eufhrasia da Silva das mais antigas familias vicentinas; descendia do capitão-mór governador da capitania de S. Vicente, Gaspar Teixeira de Azevedo, e de Amador Bueno da Pibeira. Era prima de frei Gaspar da Madre de Deus, como sobrinha-neta do pae do beneditino.

Em Santos, nascera no anno de 1722. Aos dezeseite annos desposára — provavelmente sem ser consultada, como tanto se fazia então — o portuense André Alvares de Castro, um desses numerosos lusitanos que ao Brasil vinham buscar a fortuna, frequentemente sob a fôrma dos ricos dotes das herdeiras disponiveis.

Cavalheiro da Ordem de Christo, brazonado por sentença de abril de 1747, exerceu André Alvares cargos de elevada importancia em S. Paulo (1), e por vezes foi o arrematador de rendosos contractos de impostos, como o do sal, tão odioso ás populações coloniaes (2).

---

(1) Era, ao fallecer, thesoureiro-mór da real capitação das minas de S. Paulo, cargo em que, a 7 de Julho de 1744, fôra reconduzido. — Archivo do Estado de S. Paulo, 12 — T. C. — 142 v.

(2) Ainda a 12 de Janeiro de 1744 obteve o estanco do sal. Archivo E. de S. Paulo, 51 — T. C. — 25 v.

Sob sua administração, immenso prosperaram os haveres do casal.

Deixára, ao fallecer, em abril de 1752, talvez a maior fortuna da capitania, á viuva e aos dez filhos. De sua terça, legára mais de dois contos de réis a instituições pias, ordenando que, por sua alma e a dos seus, se rezassem tres mil missas, o que lhe demonstra a opulencia, guardadas as proporções dos tempos ( 1 ).

Constituindo rara excepção á regra quasi geral que das mulheres das nossas épocas coloniaes fazia entes inteiramente incapazes de se guiarem e destituídos de vontade, entendeu d. Maria Angela por si gerir os grandes bens pelo marido accumulados, e assim começou a realizar toda a sorte de operações financeiras, e as mais desastradas.

Avultadas quantias emprestou, e pequenas parcelas, aos devedores mais diversos; sem o devido criterio realizou numerosas tranzacções e os resultados de semelhante e deploravel actividade foram, em breve tempo, chover-lhe demandas e questões de cobrança, em que perdeu consideraveis sommas.

Ao voltar da Europa, encontrou-a Pedro Taques a debater-se entre os mais intrincados negocios, tendo como habitual mentor o dr. José Corrêa da Silva, advogado portuguez, juiz de orphans em S. Paulo e ahi casado em 1752 com uma paulista d. Maria Josepha da Cunha, neta de Fernando Lopes de Camargo ( 2 ).

Desde menina, conhecia ao linhagista, oito annos mais velho do que ella; enviuvára durante a sua ausencia em Goyaz. De regresso a S. Paulo, estreitaram-se-lhes as antigas relações de amizade, e não tardou Pedro Taques a ser pessoa de sua inteira confiança.

Até onde chegaria a intimidade entre ambos, é difficil avalial-o.

Tudo faz crêr, porém, que muito estreita fosse.

---

( 1 ) Registo de obitos da Sé Cathedral de S. Paulo.

( 2 ) Silva Leme, I, 209.

Das mais fortes são, neste sentido, as presumpções decorrentes dos documentos, como, por exemplo, a abundancia e precisão de pormenores com que o genealogista traçou a biographia de sua affeição em diferentes partes da « Nobiliarchia » ( 1 ), as repetidas procurações que della recebeu nas diversas causas, em que, ao lado dos advogados, figura, e, sobretudo, as allusões que aos negocios com ella mantidos, no seu testamento, deixou.

Quer-nos parecer date de 1763 o periodo de maior intimidade; acabára Pedro Taques justamente de, pela segunda vez, enviuar.

Nesta época, tinha d. Maria Angela Euphrasia da Silva seus quarenta annos, e quiçá — apesar das dez maternidades — apreciaveis reminiscencias estheticas, que ao terno coração do linhagista — tão apreciador dos « bellos rostos, claros e juizos e excellentes advertencias » — seduzissem.

Trahem além de tudo os escriptos do historiador o pendor accentuado que sempre teve pelo cultivo do bello sexo, apesar do tom gravibundo que lhe impurha a sisudez dos tempos. E era este pendor hereditario pois, segundo uma indiscreção do biographo do Padre Belchior de Pontes ( p. 76 ), fôra-lhe o pae, esposo bastante infiel, obrigando D. Leonor de Siqueira a recorrer aos conselhos do asceta para que lhe fossem restituídos os affectos conjugaes. E na época era commum, diz o mesmo autor a má conducta dos homens casados. Viviam numerosas mulheres « desconsoladas, ou porque os maridos, asperos por natureza, as mortificavão, ou porque as occasiões em que se achavão enlaçados, de tal fórma lhes roubavam os affectos que só punham os olhos em suas consortes como fiscoes dos seus vícios ».

Numerosos os homens, dos principaes da cidade, que ostentavam a posse de teúdas e manteúdas, a que chamavam comborsas, corruptela local da

---

(1) Assim, por exemplo, a referencia absolutamente extemporanea á sua hucara das « Torres ».

palavra portugueza, accrescenta ainda o Padre Fonseca.

Extrema a relaxação de costumes de que provinha um alluvião de nascimentos illegitimos, essa do Brasil colonial, viciado pelo contacto da instituição servil e onde só escapava ao mal a pureza das mulheres brancas de bôa familia.

E' possivel que, para o estabelecimento da afeição entre o linhagista e D. Maria Angela, ainda concorressem alguns sentimentos de afinidade intellectual.

Embora desassisada, devia D. Maria Angela ser intelligente, a julgarmos pelos autographos que nos autos dos seus numerosissimos processos figuram, todos com excellente calligraphia. E isto numa época em que as mais illustres senhoras declaravam em juizo não saber lêr. Escrevia realmente bem para o seu tempo.

Não é que lhe fosse irreprehensivel a orthographia; ás vezes assignava-se «Anguela», e outras escrevia «Vasconcervos», em vez de Vasconcellos; mas, apesar desses deslizes, devia ter uma instrucção superior á das senhoras do seu tempo e posição.

Vivia, pois, d. Maria Angela, qual outra condessa de Pimbêche, envolta em numerosas pendencias judiarias. Com tal leviandade procedera em varios dos casos que aos processos motivára, que se lhe poderia attribuir a pecha de refinada deshonestidade.

Demandava homens e mulheres, seculares e ecclesiasticos, brancos e gente de côr, mercadores e até officiaes mechanicos! (1)

A principio autora e executora, acabou ré em multiplas causas, em que as mais acerbas accusações lhe foram feitas.

Assim, na questão que com certo padre Leonardo José de Moura, morador em Santos, manteve. Vendera-lhe, em 1763, uma fazenda na Bertioga,

---

(1) Numerosos autos existem no Archivo Estadual, entre outros, em que é autora d. Maria Angela e réos: em 1760, Thomaz Alves da Fonseca, pardo, fusco, a quem cobra 25\$000; em 1761, João de Almeida Paes (209\$000) e d. Anna da Silva Oliveira (262\$000); em 1763, d. Angela de Siqueira Santiago e assim por deante.

quando semelhantes terras a seu padraſto, o dr. Bernardo Rodrigues do Valle, residente em Portugal, pertenciam.

Sabedor do facto, e documentando-o, intentara-lhe processo o comprador, exigindo a restituição do que pagára ou de consideravel indemnização.

Defendendo-se, affirmava a accusada de que de seus meios-irmãos recebera a fazenda, em pagamento de divida. Não podendo dar o que lhe devia, intentava o padre desfazer o negocio, pelo facto de não encontrar quem lhe emprestasse o dinheiro para effectuar as prestações a que se compromettera.

Contestara-a formalmente o sacerdote, mas como, em 1766, lhe dêsse o ouvidor de S. Paulo desfavoravel despacho, appellara para a Relação do Rio de Janeiro, onde em breve alcançaria o mais completo triumpho.

Si d. Maria Angela tinha como consultor juridico o dr. José Corrêa da Silva, era ás vezes seu socio, em aventuras financeiras, o dr. Antonio Fernandes do Valle, portuguez, casado, em S. Paulo, com uma senhora rica, certa d. Francisca Xavier Maria de Mattos, homem de negocios, diz-nos o recenceamento de 1765, e dispondo de propriedades no valor de 5:600\$000, o que, na época, representava bastante mais do que a abastança.

Assim, haviam ambos emprestado avultada somma a Bartholomeu Bueno da Silva, o neto do Anhanguera, arrematador das passagens dos rios, do caminho de Goyaz, e como não pudesse cumprir as clausulas contractuaes, começaram a executal-o. Morrendo Bueno nesse interim, verificou-se que deixára enorme passivo. Quizeram os credores acautelar-se, pagando-se com os pedagios de que fôra o seu devedor arrematante, o que aliás nada facil se lhes antolhou, pois, de accôrdo com uma hermeneutica injustissima, mas muito da época, passado algum tempo foram taes direitos incorporados á Fazenda Real ( 7 ) e sabe-

---

( 7 ) Por uma carta regia de 9 de Novembro de 1778 ratificou d. Maria I essa decisão. Documento do archivo ultramarino, consultado pelo sr. dr. Manoel E. Gomes de Carvalho, em que se faz allusão ao facto.

se quanto, em épocas coloniaes, era grave uma questão com o Moloch do fisco real.

Requereram o deposito e adjudicação da importancia dos pedágios, mas tiveram logo outros credores do arruinado arrendatario a enfrentar, entre os quaes André Alvares da Silva, que lhes moveu violento processo ( 1 )

Além de tudo, ainda levava Bueno para Goyaz varios escravos de D. Maria Angela e lá os empenhara ou vendera. Para os reaver, precisou ella intentar novo processo. Calcule-se o que custariam semelhantes acções judiciaes nos recessos do Brasil setecentista ! ( 2 )

Já nessa época, porém, estava a insensata demandista a debater-se numa questão ainda mais grave. Vendo que os bens da familia dentro em breve estariam totalmente dissipados, decidiram os seus filhos mais velhos, já emancipados, Antonio Caetano e Joaquim Manoel Alvares de Castro requerer-lhe a interdicção.

Deixára o pae uma fortuna quiçá superior a trinta contos de réis, enorme para S. Paulo e para a época, bens em que se comprehendiam numerosos escravos e predios, terras no sertão e nos arrabaldes de S. Paulo, entre as quaes a das Torres, no caminho da Penha, onde havia grande sobrado com tres lances e duas torres — grande copia de moveis e avultada baixella de prata, grandes rebanhos e dinheiro de contado, faisqueiras e titulos creditorios.

Estava essa grande fortuna minguando á vista de olhos; aconselhados pelo proprio dr. Antonio Fernandes do Valle, que com a antiga socia se desaviera, intentaram os filhos da prodiga a acção interdicatoria.

---

( 1 ) Autos não catalogados no archivo do Estado de S. Paulo entre partes A. André Alvares da Silva e RR. d. Maria Angela Eufrasia da Silva e o dr. Antonio Fernandes do Valle.

( 2 ) Testamento de Pedro Taques a fls. 6 v.



Em 1765 pedira d. Maria Angela contas ao dr. Antonio F. do Valle, como successor do sargentomór Mathias Alvares Vieira, primeiro marido de sua mulher, sendo procuradores da autora do processo os drs. Antonio José de Abreu, José Correia da Silva e o nosso linhagista (Autos civeis não catalogados n. 1711, Archivo do Estado de São Paulo).

Tinha D. Maria Angela a tutoria dos filhos menores; aos recenseadores de 1765 declarára que os bens desses orphans, que eram seis, montavam a seis contos de réis. E cada um dos filhos recentemente emancipados dizia-se possuidor de dois contos, o dobro do que cabia aos mais moços, tutelados pela desvairada progenitora.

Não podemos fixar a data em que tal processo se iniciou, por não lhe encontrarmos os autos.

Em Fevereiro de 1765 recorria d. Maria Angela á justiça, por meio de uma justificação, protestando contra o procedimento de seu filho Joaquim Manoel, que de sua casa fizera fugir tres escravos pretos, acoutando-os nas minas do Camandocaia, em casa de Claudio Furquim de Almeida. Já nessa occasião ao juiz allegava estarem sob a acção de um sequestro de todos os seus bens «immoveis, semoventes e de raiz», de que fôra nomeado depositario o capitão José Gonçalves Coelho (1).

Fizera o possivel para reaver os escravos, dos quaes dois, dizia, nem eram seus: a um dr. João de Souza, de quem era depositaria, pertenciam.

Tirára na Sé de S. Paulo carta de excommunhão contra quem os homisiasse e a apregoára e, no emtanto, os filhos e o dr. Valle a calumniavam continuamente, dizendo que os occultava para os subtrahir ao sequestro!

Ao Camandocaia mandára emissarios que os negros encontraram na propriedade de Claudio Fur-

---

(1) Autos não catalogados do archivo do E. de S. Paulo.

quim, então ausente, não os prendendo porém, porque na tal fazenda muitos capangas facinorosos havia em attitude ameaçadora.

Alli ouviram os seus agentes que ella, d. Maria Angela, os vendera a alguem, que por sua vez, a Furquim os transmittira. Afinal, chegando este, não fizera a menor difficuldade em declarar que os pretos Joaquim Manuel Alvares de Castro lh'os enviára, recommendados por duas pessoas da maior importancia em S. Paulo, cujos nomes não podia declinar.

Justiça ! reclamava a insensata viuva. Bem inspirados, porém, não lhe obtemperaram aos desejos os magistrados. Tomaram-lhe a tutela dos ultimos filhos, acautelando-lhes os bens, e, como um delles, André, viesse a fallecer, recolheram-lhe o espolio ao cofre dos orphans, á espera da sentença final do processo.

Não sabendo para onde voltar-se, recorreu a perseguida demandista ao seu avelhantado admirador, o nosso illustre linhagista, a quem, desde algum tempo, constituiria seu procurador universal, e ardorosamente continuou a pleitear com os filhos.

Desde Abril de 1764 até aos primeiros dias de Março de 1766, emprestou-lhe Pedro Taques 757\$640. Acossada pelos credores e a necessidade de multipas despezas judiciaes, e cada vez mais, viu d. Maria Angela, neste ultimo mez, os seus escravos objecto de publica praça ( 1 ).

Desesperada com a idéa de os perder, sobretudo alguns a quem muito estimava, com Pedro Taques ajustou que o sargento-mór Jeronymo de Castro Guimarães, amigo de ambos, os arrematasse, devendo o historiador fornecer o dinheiro a isto necessario. Custou o resgate das cinco «peças» disputadas 745\$280. Ainda nesse mesmo mez de Março, a 16, arrancava-lhe ella mais de quatrocentos mil

---

(1) Testamento de Pedro Taques a fls. 6.

rêis para outros fins, que não sabemos quaes tenham sido, subindo assim o total de seu debito á somma de 1:906\$750 ( 1 ).

Ora, como vimos, accusára Pedro Taques bens no valor de 3:200\$000 aos recenseadores de 1765; quer dizer que á sua amada emprestára quantia bastante superior á metade de sua fortuna. Não possuindo valores de prompto realizaveis em especie, commettera, para attender-lhe ás exigencias, a gravissima imprudencia de á caixa da sua thesouraria recorrer, della subtrahindo o dinheiro pedido.

Julgava, talvez, dentro em breve voltasse d. Maria Angela á plena administração dos seus bens e lhe liquidasse o debito, ou quiçá o movessem exclusivamente as «amorosas rogativas» da Dulcinéa, a quem não sabia resistir.

Urgia o tempo, porém; velozmente se approximava o prazo inadiavel em que precisaria fazer a remessa dos seus saldos á thesouraria do Rio de Janeiro, saldos que com destino ao Reino deviam seguir na frota, cuja partida se fixára, annualmente, a 1.º de Junho de 1766 ( 2 ).

No auge do desespero, exigiu então de sua vedora o dinheiro emprestado, mas como esta não tivesse como o satisfazer, procurou recorrer ao credito em S. Paulo. Ninguem, porém, o soccorreu. Era a situação atterradora; desesperado, implorou o historiador o auxilio de seu grande amigo frei Gaspar da Madre de Deus, então abbade de S. Bento, no Rio de Janeiro. Attendeu-lhe promptamente o prelado ao chamamento angustioso, e a sua mãe, a rica matrona d. Anna de Siqueira e Mendonça, pediu que ao confrade e amigo valesse, resgatando uma letra de Maria Angela no valor de 426\$427 ( 3 ).

---

( 1 ) Ibid. fls. 6 v.

( 2 ) Testamento de Pedro Taques a fls. 6.

( 3 ) Ibid. a fls. 6 v.

Muito longe ainda se estava de cobrir o total do deficit.

Decidiu-se então d. Maria Angela a lançar mão de meios extremos.

Sacrificou o que em casa de mais precioso possuía, a sua baixella, aproveitando-se, provavelmente para della fazer moeda, de algum recurso judicial que a reintegrára momentaneamente na administração dos bens.

Remettida para o Rio de Janeiro, comprou-a, em Fevereiro de 1767 o ourives João Duarte Braga pela somma de 654\$659 réis apenas. Conseguiu, quando muito, pagar um pouco mais de metade das sommas arrancadas ao apaixonado genealogista.

Entrementes, nascera por parte do antigo advogado da prodiga, dr. José Corrêa da Silva, a mais furiosa animosidade ao historiador, cuja origem não era só o desaccôrdo de vistas em materia financeira e processual e sim, provavelmente, a questão exacerbadora da rivalidade affectiva.

Tornou-se o dr. José Corrêa um dos mais furiosos perseguidores de d. Maria Angela.

Tão commum esse processo psychologico que frequentemente torna inimigos figadaes aquelles que, em tempo, mais intimos foram!

A lembrança da antiga affeição mais acirra o rancor presente.

Como no meio dos seus descabros e revezes tentasse d. Maria Angela conservar dois moleques, filhos de uma mucama muito de sua estimação, asperamente lhe escrevia o antigo consultor em Outubro de 1767, depois de comtudo «appetecer-lhe saúde perfeita», que não abriria mão das garantias de um seu credito «exactamente esses escravos e o sitio da Pedreira». Lembrava-lho em carta que, por precaução, mais tarde, fazia registrar em notas tabellionaes ( 1 ).

---

( 1 ) Livro truncado de notas de S. Paulo que serviu de 1772 a 1775. Archivo do Estado de S. Paulo.

Verdadeiro odio a Pedro Taques votou o caudico portuguez.

Desde muito lhe invejava a proeminencia social. Agora, depois da favoravel competiçãõ affectiva, inexprimivel tornou-se-lhe o rancor.

Começou pois a actuar sobre o commissario geral da Bulla da Cruzada, o velho arcediogo Matheus Lourenço de Carvalho, septuagenario desconfiado e timorato, para que severa devassa abrisse sobre o estado da caixa do thesoureiro-mór, contra quem, embora seu fiador, as mais graves accusações articulou ( 1 ).

---

(1) Depoimentos do brigadeiro Moraes Leme e seu irmão padre Monteiro de Mattos e Moraes em autos de justificação de d. Catharina Angelica Taques ( 1787 ). Archivo do E. de S. Paulo.

---

## CAPITULO XVI

**O alcance na Thesouraria da Bulla da Cruzada — Perseguição movida ao linhagista — Violencias e injustiças graves — Sequestro dos bens do historiador e seus fiadores — A execução — Injustiças clamorosas — Leviandades praticadas pelo linhagista — Argumentos em abono do Arcediago Carvalho — Influencia sobre elle exercida pelo dr. José Corrêa da Silva.**

Enorme o pasmo de todos os paulistanos, ao saberem, de um momento para outro, que o commissario da Bulla da Santa Cruzada, arcediago Matheus Lourenço de Carvalho, após consulta ao Capitão General e ao ouvidor da comarca, dr. Salvador Pereira da Silva, suspendera de suas funcções de thesoureiro-mór a Pedro Taques. Immediatamente procedendo a rigoroso exame de sua contabilidade provara achar-se o incriminado funcionario alcançado para com a Fazenda Real na importancia — para a época enorme — de réis treze contos quatrocentos e vinte seis mil e oitenta e seis (13:426\$086), o que representaria hoje quatro ou cinco centenas de contos de réis.

Incontinente haviam os cinco fiadores do chronista sido chamados a contas. Debalde protestava elle contra estas medidas excepçionaes. Tinha a sua arrecadação em perfeita ordem, garantia, e apenas solicitava prazo para pagar o desfalque que de imaginario acoimava.

A' situação aggravavam as demonstrações dos fiadores, cujo receio da ruina imminente tornava desnorteados. Dentre os cinco, dois, sobretudo, haviam assumido a mais violenta attitude : o dr. José Corrêa

da Silva, e o mestre de campo Alexandre Barreto de Lima e Moraes. (1)

Imagine-se o grau de excitação a que haviam de chegar os bons paulistanos ao se divulgarem tão insolitas noticias!

Que formidável diversão á monotonia do insípido viver! E tratando-se de um homem celebre como o linhagista, calcule-se a celeuma que o caso levantava: a paixão furibunda dos commentarios a elle favoraveis ou desfavoraveis.

Não era Pedro Taques o funcionario ideal a quem se pudesse cometter a direcção e a responsabilidade de uma thesouraria geral.

Brando, complacente, homem de inteira lealdade, ingenuo mesmo, tinha ainda contra o bom desempenho das funcções de exactor o estado de poderosa abstracção em que vivia, empolgado pelos assumptos intellectuaes.

Da sua imprudencia sobram-nos os documentos. Os empréstimos a d. Maria Angela, em vespervas de prestação de contas pelo exercicio de 1766, são flagrante prova disso.

Arriscara-se, de um momento para outro, a não poder apresentar as sommas arrecadadas, pondo-se á inteira discreção de seus invejosos e inimigos.

Sabedor das suas difficuldades e da situação melindrosa em que se achava, aproveitava-se o dr. José Corrêa do ensejo para sobre o tão invejado e detestado rival desferir um golpe arrasador. E assim catechizara o velho arcediogo a que o obrigasse a um balanço da sua thesouraria.

Curiosa a psychologia do advogado portuguez. Era elle proprio um dos abonadores de Pedro Taques; si este, arruinando-se, não pudesse pagar o alcance, recahiria o desastre sobre o accusador. Ora não dispunha o invejoso perseguidor, sinão de muito diminuta fortuna, apenas 300\$000, declara o recenseamento de 1765, a que, por vezes, nos temos referido.

---

(1) Então Guarda-mór das Minas de Mogy, inclusivé as vertentes da serra de Jaguamimbaba. — Archivo do Estado de S. Paulo — 98 -- T. C. -- 17

Acaso contava que os bens do linhagista chegassem para cobrir o desfalque imputado, não sendo ao fisco necessario recorrer aos dos fiadores ?

Ficaria assim arruinado o historiador sem maiores riscos para o perfido inimigo. Difficil é explicar-lhe os sentimentos perversos. O que se não pôde pôr em duvida é a sua acção tortuosa de instigador.

Achava aliás o terreno preparado. Não apreciava o arcediago ao linhagista. Facilmente deixou « ingerir-se » pelo causidico, provocando uma das maiores injustiças de que rezam os annaes das devassas administrativas no Brasil ( 1 ).

Insufflado pelo conselheiro malefico, quiçá a principio levado de boa fé, a ajuste de contas convocou Matheus Lourenço de Carvalho o escriptor em principios de 1768.

Ouçamos a voz á beira tumulo do perseguido linhagista ( 2 ) :

« Persuadiu-se de que eu não tinha feito remessa a Lisboa do dinheiro das minhas cargas vivas e me mandou ir á sua presença e nella, pelo seu escrivão o alferes Manuel Gonçalves da Silva, se fez a somma de todas as ditas cargas desde a primeira em 1764 até a quinta e ultima do anno de 1767 e todas fizeram a somma de 13:426\$886 » ( 3 ).

Debalde protestara o accusado ante tão monstruosa avaliação da sua responsabilidade. Nesse total se computavam sommas já entregues ao thesouro da Bulla em Lisboa, reclamava desesperadamente.

A nada quiz o arcediago attender, exigindo provas dos pagamentos allegados.

Para quem poderia o linhagista voltar-se ? Para o capitão general ou o ouvidor ! Achava-se aquelle fóra da orbita da questão, receando talvez intrrometer-se num caso adstricto ao foro ecclesiastico.

Do dr. Salvador Pereira da Silva fazia Pedro Taques bom conceito ; constituiria elle porém excep-

---

( 1 ) Depoimento quasi unanime de doze testemunhas das mais gradas pessoas de São Paulo, em autos de justificação de d. Catharina Angelica da Purificação Taques, anno de 1787. — Archivo do Estado de São Paulo.

( 2 ) Testamento de Pedro Taques, a fls. 4 a 40.

( 3 ) Ibid a fls. 4.



ção á regra quasi geral relativa aos homens de justiça em S. Paulo ou antes no Brasil Colonial? desses magistrados de quem com tanto amargor, exactamente nessa época, falava o proprio d. Luiz Antonio de Sousa nas suas cartas a Pombal?

Não seria, como os demais, mero sophismador de leis e instrumento de poderosos para a realização de odiosas perseguições?

Arguindo do modo mais severo ministros, letrados, escrivães, meirinhos e solicitadores, toda a gente do Fôro, accusava-os o capitão general « de encher a Republica de enredos e perturbações. Lançavam mão de infinitos meics de acreditar a mentira nos auditorios, promovendo os odios e as vinganças, eternizando contas, duvidas de demandas, querellas e outras cousas com que quasi todos se andam malquerendo » tudo com o fito exclusivo de extorquir dos povos a maior somma de propinas ( 1 ).

Fosse como fosse, ou porque o não quizesse ou para tanto lhe escapasse a competencia, ou ainda se deixasse impressionar pelo dr. José Corrêa e o conhecimento das imprudencias do linhagista, o certo é que o arcediago encontrou todo o apoio do ouvidor, inteiramente surdo ás objecções do destituído thesoureiro.

Immenso para a época, como já o notámos, era o incriminado alcance. Apenas verificado o seu total, allegou de prompto Pedro Taques poder reduzi-lo em mais de quarenta por cento. Tinha em carteira uma ordem de 2:305\$700 sobre o antigo administrador do Contracto das Baleias no Rio de Janeiro, João Carneiro da Silva ( 2 ), além de um documento passado pelo seu procurador em Lisbôa, Francisco Peres de Sousa, successor de Carneiro ( 3 ) accusando um recebimento de 2:986\$760, que dentro em breve entregaria ao thesoureiro geral da Bulla.

A nenhuma destas allegações se attendeu.

Dos cinco fiadores do linhagista um apenas se

---

( 1 ) Docum. Interess. XIX, 398-400.

( 2 ) Testamento a fls. 40.

( 3 ) Doc. Int. XXIII, 308.

conservara extranho á questão pelo facto de se achar ausente de São Paulo, em remotas paragens afastado, Francisco Fernandes Pinto, o mestre fundidor da Real Fundição de Goyaz.

Impugnára o arcediago a authenticidade da carta do procurador de Lisbôa, sérias accusações levantando contra a probidade do chronista.

Alçando a voz contra o arbitrio de que era victima, apenas pedia o infeliz accusado prazo, prazo para, até o ultimo real, poder repôr os seus debitos.

Pretender, no Brasil setecentista, levar-se um processo como o seu pelos moldes de que se serviam os seus algozes, constituia verdadeira monstruosidade. Precisava tempo para poder communicar-se com Lisbôa e os seus prepostos, os mamposteiros da Bulla perdidos na immensidão dos territorios sertanejos. Entre a expedição de uma carta para Cuyabá e o recebimento da sua resposta, seis mezes medeiavam, na melhor hypothese! Nove mezes para um objectivo identico entre São Paulo e Lisbôa. Entretanto, quem ao caso competia dar decisiva solução era o Tribunal da Junta, installado na capital do Reino.

Pouco lhe valeu a corajosa e serena attitude. Requeru e obteve o arcediago que, em juizo se lançasse um protesto contra a possivel alienação de seus bens e dos de seus fiadores, fazendo-se ouvidos de mercador, quanto a escutar os brados desesperados de Pedro Taques.

Corria 1768 e a situação do pobre historiador se aggravava. Novas e vigorosas provas de sua má orientação financeira se adduziam. De que valia a letra sobre João Carneiro, se este se achava alcançado e em não pequena somma, para com a Fazenda Real?

E, com effeito, havendo, em 1755, e por dez annos, arrematado o contracto das baleias passadas seis por arrendamento, o transferira a Francisco Peres de Sousa.

Chegára, em 1765, a dever ao fisco a somma, para a época avultada, de dezeseite contos de réis,

mas, em fins de 1766, conseguira realizar notavel amortização.

Reduzira-se-lhe o debito a pouco mais de quatro contos de réis, sendo corrente a opinião de que breve desapareceria.

Assim, portanto, si sua firma não era de primeira ordem, um pouco de menor rigor ou má vontade por parte do arcediago e seus companheiros poderia talvez fazer que se averbasse o titulo em mãos de Pedro Taques entre os do activo de sua thesouraria.

Afinal, conseguiram os inimigos do historiador o que tanto almejavam : o sequestro e deposito dos bens do seu perseguido.

Agindo em nome dos fiadores, cujos interesses dizia pretender acautelar, requereu o arcediago ao capitão-general de S. Paulo dêsse parte do que se passava aos governadores das capitánias vizinhas, onde se extendia tambem a jurisdicção do deposto thesoureiro-mór, a saber, Goyaz e Matto Grosso.

E este o fez nos seguintes termos : ( 1 )

« Illmo. e exmo. sr. — Do commissario da Bulla da Santa Cruzada desta Capitania vay, para essa, que v. exc. governa, hum Precatorio para effeito de se cobrarem todos os dinheiros que das Thesourarias particulares se deverem a esta Thesouraria Geral, e rogo a v. exc. que por serviço de S. Mag. e por caridade queira favorecer a esta cobrança, não só pelo zelo com que v. exc. se emprega na boa arrecadação das reaes rendas, mas porque, tendo o Thesoureiro actual, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, decipado todos os dinheiros pertencentes á mesma Bulla, ficão inteiramente perdidas cinco ou seis familias daquelles que o fiarão, e para que o alcance não seja tão avultado como se suppõem, se espera muito do patrocínio e autoridade de v. exc. a favor do sobredito Precatorio, para que se lhe dê com brevidade a sua inteira execução e se remettão

---

( 1 ) Doc. Int. XXIII, 306.

para esta Thesouraria os dinheiros antes que se rematem aos seus fiadores todos os seus bens.

Deus Ge. a v. exc. — S. Paulo, 27 de janeiro de 1769. »

Cada vez mais aterrados ante a responsabilidade que lhes reclamava o inexoravel fisco, dias penosos viveram os fiadores do linhagista.

Não imaginára o proprio dr. José Corrêa onde, a que consequencias o poderia ter levado a execução do seu perverso plano. Tremeu deante da ruina que lhe apontavam as contas do alcance do seu abonado, e certamente viveu as horas mais amargas ante a perspectiva da miseria completa, pois as cousas se encaminhavam para que, despido o historiador de todos os recursos, ainda enorme deficit a pagar tocasse aos seus abonadores.

Fataes se apresentavam os prazos de execução; era, pois, necessario, quanto antes, diminuir o valor do compromisso total do thesoureiro-mór, para que as praças de arrematação dos bens sequestrados tão temerosas não se annunciasssem.

No estado de pobreza em que cahira a capitania, era o leilão em hasta publica o maior dos desastres. Quasi ninguem se apresentava a lhe disputar os lances e o inflexivel martello adjudicava valiosos e avultados bens aos poucos licitantes que, a corvejar a alheia desgraça, surgiam para se enriquecer com os despojos dos miseros executados.

Ja Pedro Taques, no emtanto, luctando contra a tormenta, a amortizar o alcance, com o fito de impedir a praça de seus bens. Entrando com as remessas de seus thesoureiros mores e realizando valores, reduziu-o dentro em breve a 3:915\$066 (1).

---

(1) A este documento acompanham os seguintes commentarios de Antonio de Toledo Piza: «Pedro Taques, a quem d. Luiz Antonio se refere, é o illustre autor da «Nobiliarchia Paulistana» e de outros trabalhos de muito merito. Parece que elle não ficou totalmente arruinado com sua deposição, porque mais tarde foi a Portugal: esteve se tratando de paralyisia em Caldas da Rainha, e continuando em Lisboa os seus estudos nobiliarchicos».

Dá-nos esta nota a certeza do profundissimo esquecimento em que cahiu o nosso biographado, a ponto de perderem os eruditos a mais comezinha noção do episodio capital de sua vida, aquelle que o reduziu á mais deploravel e lancinante situação. Foram estes factos, do mesmo modo, totalmente ingnorados por Azevedo Marques.

Esperava a confirmação do pagamento da letra sobre Francisco Peres de Sousa, em Lisboa, que lhe traria notavel desafogo, quando a chegada do correio do reino lhe deu a mais cruel noticia. Recusara-se Peres a honrar-lhe a ordem, allegando a má situação financeira do contractador da pesca da baleia no Rio de Janeiro ! ( 1 ).

Contra este despacharam immediatamente os fiadores um procurador com ordem de o executar pelos 5:300\$000 que a Pedro Taques devia ( 2 ) e, sempre guiados pelo dr. José Corrêa, resolveram confiscar-lhe o papel estampilhado que sob sua guarda ainda se achava. « Requereram, diz-nos Pedro Taques, com voz de prisão que se entregassem os meus livros de assentos e os dos meus thesoureiros deste bispado e todas as clarezas das bullas sobejas que paravam em poder de cada thesoureiro e da mesma fôrma todas as clarezas de cada um dos meus thesoureiros, que conservavam bullas sobejas da capitania de Goyaz. Obedeci a tudo por não achar recurso a esta violencia.

Recolhidos os meus papeis ao poder do escrivão da bulla que foi o da diligencia, alteres Manuel Gonçalves da Silva e ainda em correição o dr. ouvidor geral Salvador Ferreira da Silva, por elle e a requerimento dos fiadores foram as bullas sobejas tiradas do poder dos meus thesoureiros e se depositaram por autoridade de justiça » ( 3 ). Havia nesta cautela prudencia por parte dos fiadores, pois convem não esquecer que as bullas eram papel estampilhado.

Respondia o dr. José Corrêa por uma quota correspondente ao dcbro do que podiam valer-lhe os bens ! Por ahi se avaliam os transees atravessados e os momentos dolorosos de arrependimento em que no fôro intimo viveu a lastimar-se dos resultados de sua campanha de odio ao escriptor.

---

( 1 ) Testamento do linhagista, a fls. 40.

( 2 ) Ibid., id.

( 3 ) Autos de justificação de d. Catharina Angelica Taques ; depoimento do padre Montciro de Mattos e Moraes.

Continuava este a appellar, desesperadamente, para a unica autoridade competente no feito, a unica a quem tocava pronunciar-se sobre tantas illegalidades: o Tribunal da Cruzada em Lisboa. Mas ao Brasil colonial bem cabia a applicação de uma paraphrase da famosa formula da resignação polaca: « Deus está muito alto e el-Rei muito longe! ».

Longamente e com todas as minucias, aos amigos do Reino, aos ministros, aos membros do Tribunal. escrevia contando-lhes a série de desgraças por que passava, mas ninguem se movia.

Veiu afinal, como remate da obra, a hasta, o lance aniquilador do infeliz:

« Cumpridos estes sequestros, se passou segunda precatoria incontinente para os meus bens serem arrematados em praça publica, na qual arderam como em fogueira, que por isso sendo elles tantos e de tal natureza, como se vê dos autos do sequestro, não renderam nem a decima parte do seu valor. Todo este dinheiro se poz em deposito, indo tambem as barras de ouro que eu entreguei e a remessa que fez o ouvidor de Goyaz e tudo importa em 3:940\$549 rs. » ( 1 ).

Quaes seriam esses bens não o sabemos dizer, pois não nos foi possível descobrir os autos da execução nem os discrimina o lizhagista no seu testamento. Certo é que o misero « posto em completa nudez e a viver da caridade dos christãos », como expressivamente o diz, ainda ficara a dever, depois de despojado de tudo, 4:974\$517 réis, tocando a cada um dos cinco fiadores quasi um conto de réis a repôr.

Avalie-se-lhe o desespero! Só havia um recurso: protelar o mais possível a liquidação final do alcance. Foi o que conseguiu o dr. José Corrêa.

Continuava Pedro Taques a esperar que além-Atlantico lhe ouvissem os brados.

Allegava os vicios da escriptura de responsabilidade dos dois primeiros fiadores: o mestre de

---

( 1 ) Testamento, a fls. 4-v.

campo Barreto e o guarda-mór José de Góes, escriptura que em Portugal se não ratificara.

Havia do mesmo modo irregularidades no termo de responsabilização dos demais abonadores, contracto que não fôra submettido á junta lisbonense. De nada porém lhe valia lutar contra tão inconvenível animosidade.

« Deixou-me a execução na mendicidade! » exclamava á extrema hora.

Acaso obedecera o arcediago Carvalho a algum sentimento de vingança? mesquinho rancor ou inveja? Haveria realmente, da sua parte, o determinado proposito de esmagar o infeliz escriptor?

Tão completamente governado seria pelo dr. José Corrêa que a elle obedecesse de modo tão cêgo?

Analysemos o caso, apresentando os argumentos justificadores da conducta do commissario da Bulla.

Digno de todo o apreço se mostrava elle, segundo relata um documento por Eduardo Prado descoberto ( 1 ), certo relatorio confidencial ao governo portuguez, em que o bispo d. frei Manoel da Ressurreição ao seu clero analysa com a maxima franqueza e sinceridade.

Assim, si de muitos clerigos louva as virtudes e qualidades, de outros não hesita dizer o que entende ser a expressão da verdade. A um chama maniaco, a outro incapaz ou mentecapto, a um terceiro violento, insolente e valentão, a um quarto usurario, convencido de crimes, etc.

Por ahi é facil avaliar-lhe a lealdade das palavras.

Quasi septuagenario era o arcediago, declarava o prelado, « homem muito exemplar, douto, excessivamente esmoler, incançavel na residencia do côro não lhe obstando a sua crescida idade ». Tinha os predicados que constituem um sacerdote perfeito.

Rigido executor dos deveres que lhe impunha o cargo de commissario da Bulla, vira o chronista

---

( 1 ) Revista do Instituto Historico de S. Paulo, T. IV, p. 354.

proceder com verdadeira leviandade e incorrecção no tocante á applicação dos dinheiros a elle confiados. Isto o alarmara e o levava a agir.

Confiava no dr. José Corrêa, seu compatriota, parecendo-lhe o advogado homem de boa fê, visto como tambem gravemente se arriscava no caso de um fracasso da situação financeira do seu abonado.

E' o proprio testamento de Pedro Taques quem nos fornece documentação a favor do dr. Matheus Lourenço de Carvalho ao relatarnos o chronista, e por miudo, as suas aventuras e negocios com d. Maria Angela.

Aos olhos do observador imparcial é impossivel dissipar-se a impressão de quanto nesta contingencia andara mal avisado o depositario imprudente de quantias do Estado, de que não podia lançar mão.

Ainda é elle proprio quem nos conta quanto em outras occasiões se mostrara facil no tocante á regularização de negocios relativos a elevadas sommas.

Ao casar-se, ou ja viuvo pela segunda vez, urgentemente precisara Pedro Taques de tres mil cruzados, valendo-lhe nesta occasião o segundo sogro que, de um amigo, Antonio Alvares de Oliveira, ex-almojarife da real Fazenda no Rio de Janeiro, tomara a somma por emprestimo.

Aos cofres publicos devia este Antonio Alvares trinta mil cruzados, ainda de antigos dinheiros arrecadados e desta somma distrahiu os tres mil pedidos pelo linhagista.

« Receby este dinheiro por mão de meu sogro e passei escripto de obrigação desta quantia e neste tempo não tinha eu o menor conhecimento deste homem. »

Obtendo novos recursos, desejou o chronista liquidar esta divida; procedeu com a habitual boa fê mas, ao mesmo tempo, com iudesculpavel e perigosa irreflexão.

« Em poucos mezes mandei desta cidade a meu sogro varias barras de ouro, para com ellas seguir as minhas ordens, sendo o primeiro pagamento o de Antonio Alvares de Oliveira. Com effeito,



levou meu sogro o dinheiro ao dito Antonio Alvares, a quem pediu que se queria utilizar do mesmo dinheiro e como Antonio Alvares dependia de meu sogro com muito gosto esteve por tudo. Assim foram correndo os annos até que falleceu meu sogro, pobre e sem ousa alguma para as suas dividas.»

Na posse do officio succedeu-lhe o filho, Julião de Siqueira Monteiro, Logo depois assumia o cargo de vice-rei do Brasil o Conde da Cunha, que veiu encontrar pessima situação financeira; havia nos cofres publicos oito contos, devendo-se, só de soldos atrasados, cento e cinco.

Comprehende-se quanto severo se devia mostrar para com os funcionarios alcançados. Foi preciso que os trinta mil cruzados passassem para o cofre real.

« Neste lance se empenhou Antonio Alves com meu cunhado para se lhe conservar ainda o deposito, offerecendo por premio os tres mil cruzados de que meu sogro se tinha utilizado » (1).

Descuidando-se portanto de se documentar com os recibos da quantia paga para extincção de seu debito, aggravara o linhagista o seu passivo, deixando que os annos corressem sem que tomasse a menor providencia que lhe garantisse os direitos.

Seria crível que numa cidadezinha como São Paulo setecentista se occultassem estes factos, quando todos, e nas menores minucias, admiravelmente conheciam a vida dos seus concidadãos ?

Foi esta serie de acontecimentos a determinante da acção do commissario, muito justificada ante as faltas daquelle a quem lhe competia fiscalizar.

E' incontestavel que no Brasil colonial não havia motivos quer para exaggerados rigores quer para precipitações. Poderia o arcediago ser indulgente em relação ao supposto desfalcatorio, dando-lhe prazo para cobrir o seu alcance sem chegar ao extremo de lhe confiscar os bens.

Convém não esquecer, porém, que ao ecclesia-

---

(1) Testamento a p. 5.

stico sobejas razões assistiam para que não apreciase o emprego que aos dinheiros da Igreja dava o linhagista, nessas transações com d. Maria Angela, com quem mantinha relações de suspeita pureza.

É talvez não se deixasse exclusivamente levar pelo advogado compatriota e sim também pelos filhos da desassizada senhora, ácerbos inimigos do historiador. Exactamente o processavam elles na época em que se desenrolava a questão do alcañce, servindo-se como pretexto de certo caso complicado, oriundo de uma venda de escravos (1). Ocioso acrescentar que ainda nesta acção tinham a mãe contra si.

Ao chronista faziam as maiores accusações, sobretudo quanto ao caso da venda da baixela da familia. Rebatendo-as ainda no leito de morte, commentava Pedro Taques, ironicamente, depois de relatar que pela tal « copa de prata » apenas no Rio da Janeiro, conseguira obter 654\$: « Eis o grande cabedal de arrôbas de prata que nunca teve a casa do capitão André Alvares de Castro, o que melhor se verifica do lançamento e avaliação no inventario do seu casal » (2).

Tinha o arcediago e em consciencia muito onde se estribar para proceder contra o escriptor. Excedeu-se infelizmente e a attitude de perseguidor assumida valeu-lhe a funda antipathia e reprovação dos contemporaneos, que o accusaram—e justificadamente—de consentir que a sua já conhecida má vontade ao genealogista se deixasse empolgar e allucinar pela perversa e insidiosa animosidade do dr. José Corrêa da Silva.

---

(1) Testamento, a fls. 30.

(2) Testamento, a fls. 7.

(3) Ibid., a fls. 7-v.

---

## CAPITULO XVII

O terceiro casamento do linhagista — Opposição violenta de sua familia  
— Motivos dessa attitude — Impedimento curioso — Inercia  
inexplicavel do historiador.

Viuvo em 1762, não pudera Pedro Taques resignar-se por muito tempo a viver desacompanhado; instigara-o o terno coração a terceiro consorcio. Decididamente, não lhe apraziam o celibato e o isolamento. Valido, robusto, não lhe pesava o meio seculo de existencia; e succedeu-lhe o que tão commum é a avelhantados viuvos e solteirões: agradar-se, apaixonar-se por uma rapariga na primeira mocidade, a quem, finda a sua aventura com a desmiolada d. Maria Angela, começou assiduamente a cortejar.

Violenta irrompeu a opposição por parte de sua familia toda, que, no projectado matrimonio via verdadeira *mésalliance*: mãe, irmãos, tios e primos, todos, á porfia, tentaram, *per fas aut nefas* impedir-lhe o esboçado consorcio.

E, realmente, flagrante incoherencia de principios e acções, traduzia a perpetração do contrariado enlace.

Como iria um aristocrata, apaixonado de ferrenhos preconceitos de casta, oriundo de nobre estirpe altamente collocada e prestigiada em toda a capitania, incançavel e retumbante arauto da selecção nobiliarchica, aquelle que chegára a escrever que a geração de certa pessoa nobre morrera, porque seu progenitor desposára uma mulata, — como iria o linhagista, apregoador dos «estimulos do sangue», aliar-se a alguém de modesta origem, pertencente a uma familia sem tradições, fortuna nem posição, embora

branca e christã velha e — o que mais grave era — em cujo seio, recentemente ainda, graves irregularidades haviam occorrido ?

E, no entanto, assim se dava, graças á influencia irresistivel da divindade a quem attribue a adjectivação convencional e barata, os epithetos, entre outros, de cega e travessa.

A cada passo — sob a linguagem austera de quem reflecte os sentimentos de sua geração e de sua época — trae o linhagista um profundo pendor pelos problemas do eterno feminismo...

Já por duas vezes convolára a justas nupcias, attendendo « á eleição dos merecimentos que adornavam a nobreza de duas donas das mais formosas de seu tempo ». Isto não o impedira, porém, — naturalmente em obediencia a simples razões estheticas — de, com curiosidade, examinar as feições destas e daquellas de suas patricias e anotar as impressões causadas por taes « rostos dos mais bellos que se achavam na cidade de S. Paulo », ou alhures. Com que cortezia e gentileza se refere ás « donas viúvas de boa estimação », cuja vida se norteava pelos « dictames de sua grande honra, como senhoras nobres que eram » !

Fôra esta feição, que o levára á aventura com d. Maria Angela, de quem, cansado talvez, resolvera desligar-se para voltar á vida regular e matrimonial.

Parece-nos, comtudo, curioso que exactamente no momento em que procurava realizar o terceiro casamento, elogiosamente escrevia de alguém, na NOBILIARÇHIA, que recusára varias e vantajosas propostas de casamento « para não se sujeitar ao pesado jugo do matrimonio ».

— E, mais ainda, de um outro, que « levado só do indesculpavel appetite e infeliz destino de sua sorte, e esquecido das obrigações de seu nobre sangue », contrahira certo casamento, causando um geral luto de sentimento a seus parentes que, lamentando a injuriã, he não haviam podido atalhar o damno. Manda a justiça comtudo que se declare quanto tal caso era muito mais grave do que o seu

proprio, pois desposára o *mésallié* uma mameluca.

Exactamente, tambem, quando mais o perseguia a intenção de perpetrar suas terceiras bodas, notava na biographia de seu tio, Thimotheo Corrêa de Góes: «Ficou viuvo quando ainda o vigor dos annos o podiam conduzir a acceitar um dos tantos casamentos que se lhe propuzeram, porém a sua grande capacidade fez abreviar todos os interesses de avultados dotes para não acceitar o jugo de seguir as nupcias, o que sempre foi errado lance aos que, como Thimotheo Corrêa de Góes, tinha tantos filhos para educar, sem dissabor de terem por mãe uma madrastra.»

Quantã discordancia entre os actos prestes a consumir e as opiniões aos posteros expressas! Que fragilidade ante a investida cupidinea! E' tão incoherente o coração humano que, depois de se haver publica e solemnemente desmentido, ainda continuou o linhagista a expender em seus escriptos as idéas outr'ora apregoadas como se, em relação a ellas, não se houvesse posto em contravenção e de tão flagrante modo.

Não contendia a malevolencia dos Taques com a noiva do genealogista, e sim com sua futura sogra, que, alguns annos antes, séria quer ella mantivera com o juizo ecclesiastico de S. Paulo, afim de regularizar sua situação de viuva mal procedida.

Effectivamente: a 7 de Janeiro de 1752 (1) fôra ella, Appolonia Maria de Jesus, denunciada pelo dr. promotor, conego Manoel José Vaz, por viver irregularmente com seu primo carnal Manoel Caetano Renovato de Aguiar, desde o fallecimento do marido, Vicente Ferreira de Jesus.

Intimados ambos a comparecer em juizo para explicarem seu procedimento reparavel, increpáralhes severamente o accusador o modo de vida. Habitavam a mesma casa «com perenne escandalo da vizinhança», apresentavam se juntos em publico, constantemente; tinham até assistido á festa de N.

---

(1) Autos avulsos do cartorio do Crime no archivo da Curia de São Paulo. A. a Justiça Ecclesiastica.

S. da Conceição em Araçariguama, fazendo-se passar nesta localidade por casados. Occorrera então certo conflicto em que Manoel Caetano, ainda por causa de d. Appolonia, recebera uma punhalada.

Defendendo-se de tão cabaes accusações declararam os arguidos que pretendiam brevemente casar-se, arrolando testemunhas que lhes attestassem a veracidade da affirmativa.

Vieram, com effeito, algumas destas abonar as intenções do casal. Surgiu, porém, um depoimento este de pessoa altamente prestigiada pela posição social, o dr. João S. Payo Peixoto, advogado convocado pela accusação, depoimento em que o legista declarava haver realmente ouvido de ambos, e desde muito, que pretendiam desposar-se; no seu entender, no emtanto, «em tudo isto havia zombaria.» A' vista de semelhantes palavras, partidas de um, dos cinco ou seis doutores que então em toda a capitania de S. Paulo existiam, lavrou o vigario geral da diocese, o dr. Manuel de Jesus Pereira, a 17 de Maio de 1752, sentença sem appellação possível.

Intimados foram Manoel Caetano e Appolonia a contrahir immediato matrimonio, legitimando o fructo existente de tão culposas relações e que o casal, aliás, pretendia ser um filho posthumo de Vicente Ferreira, quando, *coram populo*, se sabia pro- vir de illegitimos amores.

E assim se regularizára a situação dos terceiros sogros do linhagista, sob a pressão do juizo ecclesiastico de S. Paulo.

Outra circumstancia occorrera, na mesma época, que a d. Appolonia sensivelmente affectára, tam- bem passada que fôra no ambito restricto da cidade setecentista, onde de tudo se sabia e tudo se com- mentava, das mais graves questões ás mais insigni- ficantes questiunculas.

Em Março de 1752 promettera a viuva pagar á sua irmã, d. Ursula Maria Vieira, a quantia de 86\$319, que lhe devia por documento particular (1)

---

(1) Autos avulsos existentes no Archivo do Estado, Autora d. Ursula Maria Vieira. Ré d. Appolonia Maria de Jesus.

e, no entanto, expirado o prazo, ausentára-se secretamente e estivera em lugar incerto, dizia o libello accusatorio, constando á autora que se refugiára em Curityba. Isto talvez por causa do forçado casamento, contemporaneamente occorrido. Fosse como fosse, só effectuára o pagamento a elle obrigada pelos meios judiciaes.

Desde que a familia do linhagista, em meados de 1767, lhe percebeu a inclinação pela filha de d. Appolonia, d. Ignacia Maria da Annunciação e Silva, pôz-se com todas as forças, como já o dissemos, a contrariar-lhe os planos esponsalicios.

Eram, além de tudo, flagrantes as incompatibilidades entre os noivos.

Contava a noiva, nascida em 1750, o mesmo numero de annos que a futura enteada d. Emilia Flavia; ia ter outro enteado mais velho do que ella, mas este argumento não fez ao genealogista a menor mozza. Lembraram-lhe quanto a vida agitada e afanosa lhe diminuira a robustez, a disparidade das edades, sendo elle quasi quarenta annos mais velho do que a futura esposa. Nada, porém, conseguiu demovel-o do intento.

Quanto á joven nubente, era natural que a houvesse fascinado e aos paes a ponto de saltar sobre todos os inconvenientes, o prestigio do Guarda-Mór das Minas de São Paulo, do Thesoureiro-Mór da Bulla da Santa Cruzada, altamente collocado e influente, detentor de rendosos cargos, dispondo de rara intelligencia e erudição, das melhores relações no Brasil e no Reino, personagem de subido valor em summa.

Recorreu a familia de Pedro Taques a engenhoso e interessante expediente para adiar a realisação de tal consorcio: allegou que d. Ignacia, no Rio de Janeiro, fôra noiva de um official portuguez da primeira linha, certo Ajudante Manuel da Cunha

Gamito, de quem não obtivera ainda recibo do desquite de esponsaes. (1)

Parece realmente que entre ambos houvera ajuste de casamento; teria a noiva recuado ante a circumstancia do futuro marido apenas contar com escassos dez mil réis de soldo mensal, parco orçamento, sem margens, nem promessas de breve melhoria?

Era o Ajudante Gamito pessoa de certo valor; estimado pelo capitão-general D. Luiz Antonio de Sousa, por elle fôra incumbido de varias commissões, como, por exemplo, a de estabelecer as companhias, de ordenança em Iguape e Cananéa. Em 1773 acompanhára o Brigadeiro Sá e Faria ao Iguatemy.

Mais tarde, em 1777, deixando o exercito, deu-lhe Martim Lopes a patente de sargento-mór do regimento de milicias de Paranaguá, « o terço auxiliar de pé da marinha de Paranaguá ».

A' vista da denuncia, intimou o juizo ecclesiastico a d. Ignacia que aos banhos juntasse, antes de tudo, o recibo do não compromisso com o official.

Obtida uma precatória do Vigario Geral para Iguape, onde, a serviço regio, se achava Gamito, tratou a noiva de obter que o indigitado noivo, sobre os Santos Evangelhos, jurasse achar-se disposto a dar á antiga promettida plena quitação, para que livremente pudesse ella desposar o linhagista. Cumprindo ordens, tomou o vigario de Iguape, padre Antonio Ribeiro, o depoimento do official.

Evidentemente despeitado, e muito, começou o Ajudante, e despachado noivo, declarando que effectivamente « em Junho de 1765, ao chegar do Reino, estivera quinze dias no Rio de Janeiro ».

Quanto á promessa de casamento, não passava ella de pura invencionice de quem pretendia arvo-rar-se em sua noiva!

No Rio « nunca vira, nem conhecera a dita Ignacia »; « mal conhecia as ruas da cidade! »

---

(1) Autos do terceiro casamento de Pedro Taqnes, pertencentes ao dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme.



Logo depois de chegado, nomeado fôra pelo Sr. Vice-Rei do Estado « para servir a S. M., que Deus guarde, na capitania de S. Paulo. »

« E, sendo assim, como poderia prometter casamento naquella cidade a pessoa que nunca vira, nem conhecera, e menos ainda ouvira nomear? »

Afinal, satisfeito o resentimento, expresso de modo tão singular, entendeu, por coherencia o Ajudante Gamito dever dizer que, á vista do exposto, pôdia « a dita senhora casar-se com quem quizesse, que tinha a sua vontade livre ».

Munida da quitação de impedimento, de novo apresentou-se d. Ignacia ao Vigario Geral.

Veio este, evidentemente mancomunado aos Taques, com outras exigencias dilatorias: fizesse a supplicante correr proclamas nas quatro igrejas parochiaes do Rio de Janeiro durante quatro domingos, « para evitar algum escandalo ».

Satisfeitas estas novas e severas formalidades, com o attestado do dr. Francisco Gomes Villas Boas, Vigario Geral, Juiz « de genere », Casamentos e Residuos da diocese fluminense, passado a 19 de Maio de 1769, voltou a contrariada noiva à presença do Vigario Capitular Paulitano, rogando-lhe fosse concedida dispensa de novos banhos, á vista das delongas causadas pelos impedimentos que haviam feito expirar o praso dos primeiros proclamas. Pedia que « a deixasse denunciar-se novamente, porque em toda a demora se lhe seguia prejuizo grande. » Receiava, sobretudo, violencias por parte da familia do noivo; « maiormente o poderem os parentes do supplicado fazer-lhe algum mal, pela má vontade á supplicante ». E allegava que já sua mãe fôra em certa occasião, publicamente desacatada nos Quatro Cantos, a mandado dos Taques.

Por provisão de 4 de Julho de 1769, viu-se o Vigario Geral, exgotados todos os recursos legaes, forçado a pôr termo a tal processo, tão cheio de peripecias. Dous dias mais tarde, realizava o Cura da Sé, dr. Gaspar de Sousa Leal o tão combatido enlace.

Si algum plano ambicioso se acenára á mente da joven desposada ao encetar seu namoro com o avelhantado linhagista, é preciso accrescentar, em sua honra, que a perseverança em concluir a suspirada união, muito a abona. Justamente em começos de 1769, occorriam os factos principaes do processo instaurado pelo sub-commissario da Bulla da Cruzada em São Paulo a Pedro Taques, seu thesorueiro-mór, accusado de grande, enorme alcance.

Já não era o homem rico e afamado que d. Ignacia desposava, e sim um funcionario accusado de peculato, reduzido á miseria, esmagado pela violencia do golpe adverso e arrazador.

Melhor prova de nobreza e integridade de character do que esta não lhe seria possivel demonstrar aos tão acirrados parentes affins. Certamente lhe valeu a ella a conciliação plena com a sogra e os cunhados, irmanados pela desventura. Seria esta catastrophe financeira a causa que a Pedro Taques levou a realisar seu terceiro casamento por procuração, e fez com que se representasse por um amigo intimo, o alferes Francisco Antonio de Sá? Em todos os tramites do processo matrimonial, procedera o chronista de modo muito exquesito, aliás.

Nem sabemos como lhe explicar a passividade, em face de tantas circumstancias agitadas em que, como parece haver abdicado da vontade, totalmente inerte, e deixar que á attribulada noiva coubesse a, pelo menos apparente, iniciativa da realização das passadas para a conclusão dos contrariados esponsaes.

Acaso se teria elle afastado de São Paulo nos primeiros momentos do panico causado pela instauração do processo de alcance?

A hypothese não parece racional, dada a gravidade de sua feição moral e o pundonor que lhe animára a vida toda. Ausentára-se, acaso, a procurar algum concerto á desesperada situação em que se debatia?

Sequestrados lhe haviam sido os bens e os de seus fiadores. Ante tal descalabro, provavelmente se sentia o misero aniquilado; não era sómente a perda

da fortuna e a da situação que o prostrava, e sim, sobretudo, o pesar de haver arruinado parentes e amigos, e isto quando culpado apenas fôra de leviandades e facilidades. Que fazer?... Assim aprouvera aos deuses implacaveis, ao destino feroz, pois a catastrophe se lhe revestia de caracteristicos da injustiça a mais cruel.

Um pouco de paciencia e sobretudo de boa vontade, por parte dos seus fiscaes e tudo se aclarára, tudo se normalisára. Mas, qual! a proseguirem os violentos tramites adoptados, inevitavel lhe seria a ruína a mais completa. Foi, pois, sob a mais penosa impressão que se encetou a terceira lua de mel do linhagista.

Triste, tristissimo devia ser para uma moça de dezenove annos tornar-se a companheira de um velho reduzido á miseria e ao desespero, alquebrado, enfermo, vivendo sob a mais pungente oppressão moral e financeira, quiçá na imminencia de infamante condemnação.

Era ella forte, porém, amava o historiador desinteressadamente, e, cerrando os olhos ante as perspectivas do futuro, com intrepidez se preparava na primavera da vida, a compartilhar os dissabores, os desgostos, as dôres do homem illustre a quem se affeioára e a quem cegamente admirava.

---

## CAPITULO XVIII

### Pedro Taques e a opinião publica em face de sua destituição e ruina financeira — Processo rehabilitador de sua memoria.

Senhores absolutos da situação, cahiram o arcediogo e o ouvidor em absoluta inercia, não se preocupando com recolher os saldos em mãos dos thesoureiros, ex-agentes de Pedro Taques, e esparsos nos sertões goyanos e matto-grossenses nos diversos arraiaes mineiros.

Ora, constituia esta inacção verdadeira iniquidade por parte do commissario da Bulla, descaso absoluto pela sorte dos fiadores, pois continuavam ao linhagista e seus abonadores carregadas as responsabilidades relativas ao papel sellado ainda não recolhido.

Pertinaz protestante, dizia no seu testamento o deposto thesoureiro ( 1 ) :

«Si por desgraça dos fiadores faltarem algumas bullas daquelle numero que existia antes destes depositos injustos e despoticos, devem os senhores fiadores tudo quanto faltar das bullas de defunctos e de composição escriptas, que é o que ha de receber o meu successor e fazer-lhe carga viva para minha descarga, porque fiquei desobrigado totalmente depois que dos meus thesoureiros recolherão as bullas que eu as tinha em ser no poder delles.»

No meio de tantos odios, encontrou Pedro Taques um bom amigo na pessoa de Francisco Fernandes

---

( 1 ) Testamento a fls. 5.

Pinto, que, por elle continuando a arrecadar, por algum tempo em Goyaz, concorreu em proporções notaveis para a diminuição do alcance. «Homem de boa consciencia», delle dizia o linhagista moribundo ( 1 ).

Deposto Pedro Taques e reduzido á miseria, continuou a ser perseguido pelas injurias acerrimas dos responsaveis de sua gestão, que o accusavam do sonegamento de bens e do embolso de quantias, por conta da Bulla cobradas em Goyaz e Matto Grosso ( 2 ).

O que se apurára da hasta publica e das entradas successivas que por si e seus thesoureiros menores fizera continuava a dormir nos cofres do deposito publico ou sob a guarda do depositario nomeado, o opulento mercador Francisco Pereira Mendes.

Agora, todas as contemporisações se admittiam ! não se ultimára a apuração do desfalque total, para obrigar os fiadores a cobrir o «deficit» !

Ainda lhes era avultada a quota de responsabilidade que a cada um delles tocava, quasi um conto de réis. Foi sob a impressão de que se achava sob o cutello damocleano que o dr. José Corrêa percorreu os ultimos annos de existencia.

Fallecendo a 22 de Julho de 1771 ( 3 ), provavelmente torturado de remorsos, melhor castigo não lhe podia haver sido infligido do que o perenne receio da perda de toda a fortuna, que até os ultimos momentos o assaltou, o temor da entrada, para os cofres da Bulla, com os 800\$000 que da sua vida de advogado conseguira economizar, ficando-lhe ainda a herança gravada, quer dizer, reduzidos os seus á miseria.

---

( 1 ) Ibid. fls. 6.

( 2 ) Libello em autos da penhora. Ouvidoria de São Paulo, 1790. AA. os herdeiros dos fiadores de Pedro Taques, R. Dona Ignacia da Assumpção Silva, viuva do linhagista. Archivo do Estado de S. Paulo, autos não catalogados.

( 3 ) Registro de obitos da Sé de São Paulo. Communicação do dr. Alfredo de Toledo.

Abreviou-lhe, quiçá, os dias o sobresalto da execução imminente.

Continuou, no emtanto, inalterada a situação com a substituição do arcediogo Carvalho pelo novo commissario, para S. Paulo nomeado, o conego Antonio de Toledo Lara ( 1 ), cujos thesoureiro-mór e escrivão-mór foram João Peçanha Falcão e José Bonifacio Ribas. ( 2 ).

A 21 de Novembro de 1772, empossados os novos funcionarios, conservou-se para o linhagista a situação no mesmo pé.

E nem outra cousa podia elle esperar, do inimigo pessoal que era o novo commissario. Credor exigente e rancoroso, como sabemos, ainda em 1770 o executára, tomando-lhe á familia varios escravos e o sitio tradicional da Samambaia.

Persistiria, entre os paulistas, esta reputação de prevaricador que se tentára ligar ao nome do linhagista? Absolutamente, não! Passados os primeiros momentos, não se deixou a opinião publica embahir pelas calumnias dos seus inimigos, exigindo factos positivos e desconfiada da lisura dos processos, graças aos quaes fôra o historiador arruinado.

E realmente; vinte annos após o inicio da tomada de contas, continuava o dinheiro proveniente do sequestro do incriminado thesoureiro a dormir no cofre do deposito de S. Paulo! Já o primeiro depositario morrera, substituindo-o sua viuva! Dos fiadores, nenhum mais existia; continuavam-lhes os espolios, porém, hypothecados á Bulla; jámais se pronunciára ainda a Junta de Lisboa sobre a validade dos actos commettidos pelos seus delegados de S. Paulo.

Nova série de annos decorreu ainda antes de que viesse a palavra official ratificar a consumma-

---

( 1 ) Documento do Archivo do Estado de São Paulo. Papeis avulsos que pertenceram ao general Arouche.

( 2 ) Sogro do primeiro Visconde de Castro e portanto avô da Marquês de Santos. Foi longos annos escrivão da Real Fazenda de São Paulo.

ção desta sequencia de injustiças monstruosas e illegalidades. Em data que não podemos fixar (1); procedeu-se, entre 1787 e 1790 (2), á liquidação das contas de Pedro Taques, sendo os herdeiros de cada um dos seus abonadores condemnados a restituir ao fisco uma quota correspondente a duzentos e poucos mil réis (3), o que mostra uma diminuição de oitenta por cento de sua responsabilidade, em relação ás avaliações de 1771.

E naturalmente esse grande abatimento proviera das entradas dos thesoureiros menores realizadas com a maior lentidão, a unica compativel com as condições de communicação do Brasil colonial.

Mostra o facto, exuberantemente, quanto fôra o sequestro precipitado obra da vingança e do odio. Tudo teria integralmente pago o infeliz linhagista si lhe concedessem a unica cousa que reclamava: tempo para restituir o que devia e salvar o seu patrimonio.

Valeu-lhe, comtudo, essa série de iniquidades praticadas de pretexto á estrondosa manifestação documentaria reparadora da calumniada honorabilidade: os depoimentos, da maior relevancia, constantes dos autos da justificação promovida em outubro de 1787 — dez annos após a morte do historiador — por sua filha d. Catharina Angelica da Purificação Taques, para o fim de se habilitar ao casamento com o mais tarde guarda-mór Manoel Innocencio Alves Alvim, que á memoria paterna e á familia, em certa occasião, fizera desagradaveis referencias.

---

(1) Não conseguimos achar nos archivos de São Paulo os documentos a isto relativos. A nosso pedido percorreu o erudito sr. dr. M. E. Gomes de Carvalho, o sabio autor de «D. João III e os francezes», archivo da Bulla em Lisboa, encontrando-o totalmente desorganizado e esparso.

(2) Em fins de 1787 ainda encontrava intacto em São Paulo o deposito do sequestro. Nem se pronunciára ainda o Tribunal da Junta em Lisboa sobre o caso! Affirmam-no os autos de justificação de d. Catharina Taques acima referidos. Em principio de 1790, ao requererem a penhora dos bens da viuva do linhagista, allegaram os herdeiros de seus fiadores que haviam sido obrigados a pagar o deficit apurado na liquidação final das contas de Pedro Taques. Autos não catalogados do Archivo do Estado.

(3) Declaração de Manuel Innocencio Alves Alvim, genro de Pedro Taques, appensa aos autos do inventario da primeira mulher do historiador. Archivo do Estado, maço 43 de inventarios velhos.

Figuram entre os depoentes alguns dos mais illustres e prestigiosos vultos das ultimas decadas coloniaes paulistas, nada menos de doze homens sinceros e respeitados, todos concordes em exaltar o linhagista e reconhecer-lhe a innocencia.

Dentre estas declarações avultam as de Joaquim José Pinto de Moraes Leme e de seu irmão o padre José Joaquim Monteiro de Mattos e Moraes, de Anastacio de Freitas Trancoso e Candido Xavier de Almeida e Sousa, de José Pedro Galvão de Moura Lacerda e José Bonifacio Ribas, de José Joaquim dos Santos e Jeronymo Rodrigues. Moraes Leme fidalgo de quatro costados e pertencente ás melhores familias da capitania, o militar que acabou como official-general longa e bella carreira, cheia de serviços e prestigio, solememente apregôa quanto fôra o linhagista « muito estimado por toda a cidade ». Era sua convicção arraigada de que não dissipára os dinheiros da Bulla, sendo-lhe o sequestro feito: « por satisfação de vingança, sem averiguação de centas ».

Não havia quem, em São Paulo, ignorasse a inimizade do commissario ao historiador e quanto a insufflára o dr. José Corrêa.

Arrependera-se o arcediogo do que fizera, chegando a confessal-o ao pae do depoente, Francisco Pinto do Rego, homem tambem do maior prestigio e situação social. Si os prejuizos haviam sido avultados, é que os prepostos de Pedro Taques em Goyaz e Matto Grosso se tinham aproveitado da sua quêda para fugir á entrega dos dinheiros arrecadados.

Corroborando tão categoricas declarações, afirma Anastacio de Freitas Trancoso, o militar conceituado, o coronel de linha que, em 1823, iria ser membro do governo provisorio de São Paulo, que Pedro Taques se conduzira sempre « com muito honrosa decencia ». Haviam as perseguições, contra elle movidas, nascido da « paixão particular » do arcediogo, « ingerido » pelo dr. José Corrêa. Dahi se originára a « desordem do sequestro ». O que



se passára em Matto Grosso e Goyaz era exactamente o que relatára Moraes Leme.

José Pedro Galvão de Moura Lacerda, fidalgo da casa real, official de valor, fallecido brigadeiro, confirma as palavras precedentes, e, alludindo á inimizade do arcediogo, declara que « sempre assim ouvira ». O sargento-mór José Joaquim dos Santos, homem de grande influencia pela enorme fortuna, muito embora não se manifeste sobre a questão do sequestro, declara professar a maior estima pela memoria do escriptor, repetindo lhe os conceitos Candido Xavier de Almeida e Sousa, o brilhante official devassador de sertões, mais tarde coberto de serviços de guerra, presidente do governo provisorio de São Paulo em 1823, e fallecido marechal.

Assim tambem se exprimiram o ajudante Francisco de Salles, rico negociante da época, e Francisco Antonio Olyntho de Carvalho, official de linha, accrescentando o capitão Manuel Ferraz de Araujo, capitalista em São Paulo, homem prudente e timorato, que das pessoas mais gradas de São Paulo, sempre ouvira contestarem as affirmações dos fiadores, notadamente ao mestre de campo Alexandre Barreto, quando affirmavam que Pedro Taques prevaricára. Era, na cidade, voz geral, sinão unanime, que elle não dissipára o dinheiro da Bulla.

Uma nova testemunha, o capitão Francisco Xavier dos Santos, cavalheiro professo na Ordem de Christo, thesoureiro-geral da Real Fazenda, recorda quanto fôra o linhagista universalmente estimado, e a sua fama excellente em São Paulo e no Rio de Janeiro, nas Minas e na côrte da cidade de Lisbôa onde muito o apreciavam pessoas illustres, « os mayores ministros e cavalleiros fidalgos », com quem se correspondia, como tantas vezes elle depoente testemunhára. « Sempre, além de tudo, se conduzira com honra e verdade ».

O velho licenciado cirurgião-mór Jeronymo Rodrigues, esse, chamado a depôr após Xavier dos

Santos, começou declarando que Pedro Taques « fôra sempre tratado como pessoa nobre em todo o continente do Brasil. »

« Com muita honra e verdade em suas contas vivera. » Si lhe sequestraram os bens, não fôra por dissipar dinheiros á sua guarda confiados, e sim graças á perseguição do arcediago, « seu inimigo conhecido. » « Era a sua fallencia falsa » ; os thesoureiros menores de Goyaz e Matto Grosso muito o haviam lesado. Passados tantos annos não continuava o Tribunal da Bulla silencioso ácerca do sequestro ? Na sua opinião, fôra a guerra movida ao historiador monstruosamente injusta.

Os dois mais importantes depoimentos são os de José Bonifacio Ribas e do padre José Joaquim Monteiro de Mattos e Moraes.

Tivera, como já vimos, o primeiro, então escrivão da Real Fazenda e Junta, cargo identico como escrivão-mór da Bulla. Conhecia-lhe bem os arcanos e segredos, trabalhara com o conego Lara, successor do arcediago Carvalho, e falou com a mais absoluta sinceridade e singeleza.

Attestava sob juramento, que Pedro Taques « homem decente em suas contas » sempre se tratara como pessoa nobre « sem rumar em contrario. »

Publico e notorio que não fôra o sequestro motivado por dissipações do incriminado thesoureiro e sim « por satisfacção de paixão particular do commissario. » E tanto assim que, decorridos tão largos annos, continuava o producto do confisco em S. Paulo depositado « por se não ter mostrado liquidamente o alcance do thesoureiro ; toda a cidade sabia que nada fôra feito por ordem do Tribunal da Bulla e sim despoticamente pelo Arcediago. »

A responsabilidade dos desfalques de Goyaz e Matto Grosso podia-lhe « in totum » ser imputada, graças á desastrada suspensão do linhagista, que impedira as cobranças. Quanto ao padre José Joaquim Monteiro de Mattos e Moraes, irmão do brigadeiro Moraes Lima, e, portanto, pertencente ás mais illus-

tres familias de São Paulo, é-lhe o depoimento da maxima importancia, quer pela austeridade do seu character, quer pelo facto de se tratar de um ecclesiastico a falar, livre e espontaneamente, de outro, já fallecido, sem receio de compromissos.

Assim, solemnemente declara, após o juramento ao Santo Evangelho, que o sequestro e suspensão, pelo historiador soffridos, provinham da inimizade do Arcediago « que de seu motu proprio agira, sem conta liquida de alcance e sem lhe dar tempo de ajustar as suas contas, não havendo o Sargento-Mór Pedro Taques dissipado dinheiro algum de sua administração ». Assim era « publico e bem constante na cidade ».

Sabia que realmente mandara o linhagista pagar em Lisboa oito mil cruzados por meio de João Carneiro, seu procurador no Rio, e no emtanto o socio deste, sicrano Peres, não só não cumprira a ordem, como a S. Paulo a recambiara, já em tempo do sequestro.

Quanto aos desfalques de Goyaz, ainda a seu respeito estava o infeliz thesoureiro innocente. Do capitão Francisco Machado, enviado áquella região, para fiscalizar as cobranças, ouvira o depoente, que, elle, Machado encontrara, destruida pelo cupim, grande quantidade de papel estampilhado, que os prepostos de Pedro Taques, ante a sua destituição, haviam abandonado papel que, no emtanto, continuava debitada ao thesoureiro suspenso.

Rematando as severas palavras, declarou o padre Mattos e Moraes :

« E tanto se mostra ser aquelle sequestro satisfação de odio, que ainda hoje se acha o liquido dos bens sequestrados e arrematados nesta cidade, em deposito. »

Falava com a maxima isenção de animo, dizia o sacerdote, ficara Pedro Taques a dever importante somma a seu pae, Francisco Pinto do Rego, a quem não pudera pagar. Nunca, porém, tivera o credor a

menor suspeita contra a honorabilidade do seu devedor

A respeito de seu character honesto, jamais modificára o arraigado conceito. Elle proprio, depoente, convicto desta integridade, fizera no Rio de Janeiro o possivel para ajudar seus procuradores na execução que movera ao contractador da pesca da baleia.

Além destas palavras tão altamente reparadoras, unanimes referiram, as doze testemunhas citadas, de quanto prestigio gosara sempre o linhagista, no Brasil e no Reino, quanto o haviam ligado, relações as mais cordiaes, a muitas das mais gradas personalidades da Côrte, quanto, na sua segunda estada em Lishôa, fôra frequentemente visitado por pessoas illustres, inclusivé até pelo marquez de Pombal, que varias vezes o consultára sobre o Brasil.

Numa synthese imparcial, recapitulando as peripecias do processo, aqui longamente narradas, recordemos que, si de um lado as fraquezas e imprudencias do historiador o levaram a fazer crêr aos severos e desconfiados fiscaes que commettera irregularidades, por outro é indubitavel que estes, sob a influencia, insidiosa e perversa, do dr. José Corrêa da Silva, procederam, não como juizes, mas como irreductiveis perseguidores, no afan com que acabrunharam o detestado desafecto.

---

## CAPITULO XX

**Angustiosa situação do linhagista e sua familia — Liquidação de dividas — Novas execuções judiciais — Annos de enfermidade, penuria e tristeza — Serenidade do historiador — Sua resignação e firmeza — Morte de seus dois filhos — Angustia — A amizade de Agostinho Delgado Arouche. <sup>(1)</sup>**

A ruína de Pedro Taques não o attingiu unicamente, como era natural; reflectiu-se sobre aquelles cujos bens geria.

Se é exacto que a situação financeira de sua familia nunca se desafogara, desde a morte de Bartholomeu Paes de Abreu, melhorara, e consideravelmente, como vimos, nos ultimos dez ou doze annos, quando o linhagista estivera á testa da thesouraria da Bulla.

Depois de sequestrado passou a viver com os seus. No recenseamento de 1769, diz-se expressivamente: « vive com sua Mãe ». Não accusou, então, bens alguns e nem o podia fazer, ao passo que D. Leonor de Siqueira declarava computar o que possuia em seiscentos mil réis.

Continuava a gravar-lhe a casa avultado passivo, a interminavel liquidação da antiga divida contrahida em 1740 para com Diogo de Toledo Lara.

Os ultimos echos que deste processo infindavel ouvimos, nos diziam que até 1760 nada fora amortizado do capital primitivamente emprestado, no valor de 1:040\$620 réis.

Falleceu a viuva de Diogo Lara, D. Angela de Siqueira, sobrinha de D. Leonor, em 1764. Desap-

---

(1) Um descuido de revisão fez com que a numeração dos capitulos de XII a XIX esteja defeituosa.

parecida esta senhora, coube inventarial-a o unico filho, o conego Antonio de Toledo Lara, que muito longe se mostrou de ter a complacencia da mãi, « tão virtuosa e tão escrupulosa em tudo o que podia prejudicar a sua pura consciencia, que passava a ser excessiva », della nos diz o linhagista.

Acanhada e timida como quasi todas as senhoras de nossas eras coloniaes, fôra um joguete ás mãos do filho. Apenas a viu morta, com a maior insistencia recommçou elle, como si se rompera o liame do parentesco, a exigir da velha tia e dos primos o pagamento dos juros e a amortização suspensa.

Toda a justiça lhe assistia, aliás, neste proposito de liquidar a interminavel questão que envolvia, para a época, avultadas quantias.

Vendo que não havia probabilidades de receber o capital e receiando o desaparecimento dos ultimos bens da tia na voragem dos negocios de Pedro Taquez sequestrado, promoveu o conego Lara nova execução, que lhe valeu, em meados de 1770, a posse de quatro escravos e do sitio da *Samambaia*, no caminho da Penha, tudo no valor de 383\$000 rs. (1)

Imagine-se o pezar dos infelizes executados ante a alienação de uma propriedade tradicional da familia; na querida *Samambaia* haviam o linhagista e os irmãos passado parte da risonha infancia, quando de São Paulo alli iam passar temporadas de recreio e descanso.

Nesse anno de 1770 via, pois, o infeliz historiador a miseria propria aggravada pelas difficuldades enormes dos seus; a mãe, octogenaria e arruinada, as duas irmãs solteironas, vizinhas dos sessenta annos, cheias de preconceitos e liames, reduzidas á sua protecção de valetudinario e interdicto.

Casado, pela terceira vez, como sabemos, ainda se lhe tornaram peiores as tristes condições de vida.

A infeliz familia apenas restavam, em S. Paulo, uma pequena faisqueira do Jaraguá, o *Quebra-pé*, de rendimentos summamente exiguo, e a fazenda *S. Pe-*

---

(1) *Clareza do que deve á minha casa (a do conego Toledo Lara) a senhora d. Leonor de Siqueira Paes ou seus erdeiros.*

*dro*, perto do Arujá, carrascal de pastarias menos que mediocres.

Exigentes continuavam os credores, reclamando quantia superior a seiscentos mil réis, do resto de seu credito. Ainda havia a liquidar os bens deixados em Cuyabá pela recentemente fallecida irmã do chro-nista, D. Thereza Paes da Silva, a viuva do mestre de campo Manoel Dias da Silva, haveres que o recenseamento de 1765 avaliara em 1:200\$000. Era-lhes, com tudo, difficil a apuração.

Outro credor restava satisfazer, felizmente de quantia menos avultada, e, sobretudo, mais complacente: o Recolhimento de Santa Thereza. Devia D. Leonor ao Mosteiro Carmelita, de que era supericra sua filha, a Madre Escholastica de Santa Thereza, a quantia de duzentos mil réis, de que se constituira Pedro Taques fiador quando ainda thesoureiro da Bulla. ( 1 )

Não sabemos se estes duzentos mil réis seriam os do promettido dote da Madre Escholastica, em 1747, ou proveniente de algum emprestimo. ( 2 )

Na fazenda de São Pedro algum gado existia, mas o administrador, Ignacio Teixeira, a regia a seu arbitrio, prestando contas de grão capitão. Debalde procurava Pedro Taques vendel-a ( 3 ); nenhum pretendente a ella se apresentava.

Ao activo da familia havia a contar a dedicação extraordinaria e nunca desmentida de João Pereira da Cruz, o incomparavel amigo de Cuyabá, a ella preso pela recordação do reconhecimento e da admiração professada para com a memoria de Bartholomeu Paes de Abreu; o que pudese mandar, fatalmente remetteria. Infelizmente pouco avultava no momento.

Muito embora tão premente situação, nem por isto abandonou o escriptor, um só instante, a penna e os seus queridos estudos; em 1770 traçava os titulos de Gaias, Pedrosos, Vazes e Barros, em 1771 o

---

( 1 ) Testamento a p. 30.  
( 2 ) *Clareza etc.*  
( 3 ) Testamento a p. 3 v.

de Costas Cabraes, em 1772 o de Chassins, annotando e completando aos demais, continuamente, com as informações que lhe iam chegando ou desentranhava da massa enorme de documentos nos annos felizes recolhidos.

Trabalhando sob tão penosas impressões, era natural que a obra se lhe resentisse do estado d'alma. Assim se justificam as numerosas lacunas nella notadas, algumas quasi inexplicaveis, como as da propria biographia, em que não só deixou de mencionar a sua nomeação para Thesoureiro da Bulla — ausencia aliás aceitavel, pelas consequencias dolorosas que lhe trouxera esta investidura — como o provimento na Guarda-Moria das Minas de São Paulo, lugar de que tanto se envaidecia. Curioso e injustificavel mesmo, porém, é que não houvesse mencionado o terceiro casamento.

Apezar de tanto villipendio soffrido, jámais deixara o historiador de merecer a estima do Capitão General. Em 1770 confirmou-o D. Luiz Antonio de Sousa no posto de Guarda-mór; não havia mais em S. Paulo quem não estivesse capacitado de que o infeliz absolutamente não fôra um deshonesto e apenas, quando muito, um desordenado.

Era d. Luiz Antonio de Sousa um espirito esclarecido e dentre os primeiros a reconhecer a clamorosa iniquidade. O commodismo, quiçá o egoismo, lhe haviam impedido qualquer manifestação a favor do linhagista; quiçá tambem o receio da ingerencia numa questão ecclesiastica extranha á alçada das suas attribuições, e onde não poderia, magestáticamente, solver as questões como nos casos judiciaes communs, tanto succedia. Nunca, porém, lhe deixou de prestar publicas manifestações de quanto continuava a apreciar o.

Não podia, além de tudo, perder o apoio de um informante leal, versadissimo em todas as questões nacionaes. Continuou a ouvil-o e a lhe dar incumbencias de ordem consultiva.

A 13 de outubro de 1772 apresentava-lhe o historiador: a *Informação sobre as minas de São*



*Paulo*, obra que ao Capitão General extraordinariamente agradou, a ponto de a mandar registrar em livro especial de sua secretaria.

Um mez mais tarde, dava-lhe de novo a importante commissão, constante da seguinte ordem : ( 1 )

« O sargento-mór Pedro Taques, por serviço de S. Majestade, declare tudo que souber a respeito do estado das Aldeyas ( 2 ) desta Capitania, as ordens Reaes q. tem havido a respeito das suas terras e goveno, emfim tudo aquillo que alcançar o seu conhecim.<sup>to</sup> e julgar preciso se conserve nesta secretaria p.<sup>t</sup> todo o tempo constar. »

Termos mais honrosos do que os destes conceitos não poderiam constituir a redacção da consulta ; fazia-se-lhe plena justiça aos meritos e conhecimentos, dando-se-lhe inteira latitude de meios para a sua execução.

Assim procedendo, tinha em mente D. Luiz Antonio de Sousa, bondoso e indulgente, a intenção de acudir às necessidades cada vez mais prementes do escriptor. Quanto, porém, receberia o pobre Pedro Taques pelo trabalho ? Uma insignificancia, provavelmente, julgando talvez o seu mecenas havel-o retribuido com generosidade.

Se ainda no Brazil moderno não se faz idéa exacta da remuneração do trabalho intellectual, que succederia na era setecentista ?

Neste mesmo anno de 1772, concluiu Pedro Taques a *Historia da Capitania de S. Vicente*, encommendada por D. João de Faro, seu antigo protector e agora um dos doze principaes da Santa Basilica Patriarchal de Lisboa e do Conselho de Sua Magestade. Desejava este prelado defender os direitos de seu sobrinho o Conde de Vimieiro, á Capitania de S. Vicente, contestados num processo, mais que secular pelos herdeiros do Conde de Monsanto. Em estudos desta natureza procurava o historiador lenitivo e consôlo ás desgraças da existen-

---

( 1 ) *Documentos Interessantes, XXXIII, 108.*

( 2 ) Refere-se á consulta aos aldeamentos de indios nos arredores de São Paulo.

cia; com enorme afinco trabalhava, muito embora já se achasse no mais lastimavel estado de saúde. Continuamente progredia a molestia nervosa que desde algum tempo o accommettera, uma polynevrite de origem paludica, talvez consequencia da persistente demora nas terras malarientas de Goyaz, e causa primordial do *defluxo hepatico* que em Lisbôa, no anno do terremoto, quasi o prostrara.

A D. João de Faro, em 1772, no prefacio da *Historia da Capitania de S. Vicente* queixava-se do muito que o affligiam as enxaquecas « achaque inveterado cujas dores fazem pôr em desprezo o uso de ler e escrever » (1). Em Outubro do mesmo anno a D. Luiz Antonio de Souza dizia, ao apresentar-lhe a *Informação sobre as Minas*, que precisara trabalhar com certa lentidão graças ao « impedimento da molestia ». Privava-o esta « de poder sustentar por largo espaço de tempo, a pozetura do assento de hua cadeira e por isso qualquer escripto pelo proprio punho lhe era nocivo e a mesma natureza o prohibia ». (2)

« Vivo diariamente tão flagellado, (3) escrevia nesse periodo o infeliz ao seu amigo e confrade illustre, Frei Gaspar da Madre de Deus, que já me passam tres mezes sem que no decurso deste tempo pudesse adiantar a escripta do quaderno n. 9 do titulo dos Lemes, além do deploravel estado a que estou reduzido sem liberdade para a pozitura de assentado ».

Era esta molestia pelos symptomas descriptos a paralyisia geral, a devastar um physico combalido, ainda ultimamente depauperado pelos revezes e intenso soffrimento moral. Com a intelligencia intacta e cada vez mais culta assistia o desventurado historiador á ruina do organismo, num momento em que se via na imminencia de deixar na miseria tantos en-

---

(1) *Revista do Instituto Historico Brasiletró*, IX, 1, 138; (2), *Ibid.* LXIV, 1, 83.

(3) *Documentos Interessantes*, IV. 10.

tes queridos, sobretudo as filhinhas nascidas do terceiro casamento pois em poucos annos dera D. Ignacia á luz quatro meninas: Catharina Angelica, Anna Leonor, Mathilde Aurelia e Rita Marcellina.

Se a vinda ao mundo e o crescimento destas creanças trouxera á casa do historiador o bulicio e a alegria: por outro lado dous enormes desgostos o haviam contemporaneamente assaltado, amargurando-lhe sobremaneira, e em dias já tão asperos, o coração de pae extremoso.

Era o coroamento de tanta e tão inexplicavel serie de descalabros!

Com pequena differença de tempo morreram-lhe os dous unicos filhos homens: moços, robustos, no viço dos vinte annos.

Desappareceu a principio o primogenito o carmelita Frei Joaquim Antonio Taques de cuja intelligencia, e com motivos de sobra, se orgulhava immenso.

«Tinha tantos talentos, diz em sua dor, que foi eleito mestre de philosophia ainda em corista e a leu em S. Paulo. Falleceu no Rio de Janeiro, já presbytero, com grande sentimento dos seus religiosos que nelle esperavam um grande credito á religião.» Mal se resignara o desgraçado Pae a tão grande golpe, eis que a morte, a 30 de Março de 1773 (1) lhe tomava tambem o segundo filho Balduino Abegaro Taques de Moraes, seu companheiro inseparavel naquelles dias de tantas provações e de cuja intelligencia tanto podia esperar.

«Bem instruido nas bellas lettras estudara philosophia no curso que o irmão lera.»

Querendo auxiliar ao linhagista nomeara-o D. Luiz Antonio de Souza, fiscal da Real Casa da Fundação em agosto de 1771 (2) apesar da extrema mocidade. Revelara-se tão criterioso quanto cumpridor dos seus deveres e no anno seguinte haviam

---

(1) Registo de obitos da Sé Cathedral de S. Paulo.

(2) Archivo do Estado de São Paulo, 18 — T. C. — 181.

no eleito almotacel da municipalidade de S. Paulo.

Fora-se o pobre rapaz numa occasião em que na casa paterna verdadeira miseria reinava, pelo que se depreheende da carta seguinte: (1)

Meu muito venerando Sr. Comp.<sup>o</sup> Agost.<sup>o</sup> Delgado Arouche. — Depois que o amor, a compaixão de V. M. se dignou segurar-me q. de algumas patacas do seu gasto valleria a m.<sup>a</sup> afflicção qu.<sup>do</sup> foy da morte do meu presado Balduino, assentey commigo pagar breve esse emprestimo e q. se me assiste fiado para o caixão, v.<sup>to</sup> que para a cêra me tinha já soccorrido o M. R. Con. Faustino Xavier. Agora pede o mercador José Antonio Roiz e Domingos Fern. Lima, o que lhes devo: falta-me para ajustar a conta dez patacas, e fico sem real para aynanhã mandar ao assougue, até que os negros venham no fim de Mayo, com o q. der a catta, q. agora principião a abrir porém V. M.<sup>ce</sup> dará o pão pela sua occulta Providencia. Soccorra-me V. M.<sup>ce</sup> com 3200; e fique esta pa. lembrança de q. lhe ha de pagar q.<sup>m</sup> hé de V. M.

Comp.<sup>e</sup> m.<sup>to</sup> obr.<sup>o</sup> e part. am.<sup>o</sup>

P.<sup>o</sup> T.<sup>es</sup>

Casa, em 23 de abril de 1773.

Assim pois vira-se o misero historiador na contingencia de nem siquer ter com que enterrar o filho! Não lhe pudera pagar o caixão. Contava com os recursos aleatorios da sua fâisqueira do Jaraguá, de infima producção.

Em tão terriveis transes e em outros, dahi em deante, valeu-lhe a amizade daquelle para quem tão instantemente appellara. Em nota á margem do documento transcripto, lê-se do punho de Agostinho Delgado Arouche: « Forão, no mesmo dia, as dez patacas. »

Homem de espirito elevado representava Agostinho Delgado de Arouche e Barros Leme pro-

---

(1) Documento não autographo pertencente ao dr. Augusto de Siqueira Cardoso. De 1770 em deante, todos os papeis do linhagista provêm de dictados, dada a sua impossibilidade, quasi absoluta de escrever.

eminente papel na sociedade paulista de então. Escrivão da ouvidoria geral da Capitania ( 1 ), thesoureiro das fazendas dos defuntos e ausentes, guardador das minas de Parnahyba ( 2 ) attingiu ao elevado posto de mestre de campo das milicias paulistanas. ( 3 )

Era por si abastado, e pelo casamento com uma prima segunda do linhagista, D. Maria Thereza de Araujo e Lara, irmã do conego Antonio de Toledo Lara. Muito queria a Pedro Taques cuja intelligencia e erudição admirava. Desde muito, desde os maus dias, serviços varios lhe vinha prestando. Assim por exemplo em 1769, no auge dos revezes do historiador ainda o viera affligir o ouvidor Dr. Salvador Pereira da Silva com a intimação do proseguimento do inventario da sua primeira mulher. Ao amigo delegou então o chronista poderes para o representar. ( 4 )

O cuidado com que Agostinho Delgado educou os filhos — dous dos quaes se notabilisaram : o Marechal José Arouche de Toledo Rondon e o Conselheiro Diogo de Toledo Lara e Ordonhes — o afinco com que os fez instruir, no Brasil e em Coimbra, cabalmente prova quanto para a época tinha uma mentalidade muito superior á dos contemporaneos em geral.

Desde longos annos viuvo, muito de longe, apenas, acompanhara seus cunhados, o conego Lara e as irmãs, na execução contra D. Leonor Paes e os seus. Tornou-se, por vezes sua protecção providencial aos attribulados parentes.

Numa outra carta do genealogista, datada de 25 de Janeiro de 1774 lê-se a narrativa de novo beneficio: inteiramente baldo de recursos vendera o chronista vinte e um bois da fazenda São Pedro a certo João Pinto. Isto antes da entrada do inverno

---

(1) Por provisão de 4 de Junho de 1770 Archivo do Estado de São Paulo 18 — T: C. — 116 v. (2) Por provisão de 1773. Ap. Azevedo Marques. (3) Em 1795. Arch. do Estado de São Paulo 171 — T. C. — 168 (4) Documento appenso aos autos do inventario de d. Maria Euphrasia de Santa Quiteria, Maço 43 de inventarios velhos, Arch. do Est. de S. Paulo.

que rigorosissimo se annunciava e receioso de que ao gado succedesse um desastre como o de 1771 em que de frio haviam oitenta rezes morrido no campo.

Com a vinda do rebanho gastara 3\$200 de impostos em Sorocaba e 5\$ com os peões. Nada podia o comprador — ou queria — de prompto pagar e no entanto premente se apresentava a necessidade de saldar as despesas feitas.

« Neste lance, dizia o chronista, só V. M. pode valler-me com o desencargo de que este dinheiro não lhe posso dar senão depois de Paschoa que hê quando o comprador dos bois me ha de principiar a pagar. Este favor ha de vir agora porque a noute vem o pião e o capataz quer receber este dr.<sup>o</sup> Este sirva de crd.<sup>o</sup> porque ha morrer e viver. D.<sup>a</sup> nos dê a sua graça. » ( 1 )

Methodico annotou o generoso credor á margem da carta : « Forão no mesmo dia os oyto mil e duzentos réis — Arouche. »

Apesar de tantos revezes e desgraças e o agravamento contínuo do tão precario estado de saúde nem um momento perdeu o historiador a inabalavel firmeza e serenidade que o alentavam. Cheio de nobreza e dignidade jamais proferiu uma unica palavra mal soante contra os seus perseguidores. Podia desabafar-se nos manuscriptos da sua *Nobiliarchia* e nunca o fez ; nunca encontrou uma só palavra aspera para qualificar quem tanto o perseguira. Incidentemente fala do Arcediago ; ao Conego Lara e ao Dr. Salvador Pereira da Silva faz muito elogiosas referencias, com a maior isenção de animo. No nome do Dr. José Correia da Silva não toca uma unica vez.

E' que, de si para si, attendendo ao exame e julgamento da *Nobiliarchia*, pelos posteros, achava que não seria nobre trasladar questões pessoas para as paginas da sua obra. E não se enganava. Jus-

---

(1) Documento não autographo pertencente ao dr. Augusto de Siqueira Cardoso.

tiça lhe fariam os vindouros sendo-lhe a nobreza de character exaltada e reconhecida.

Apesar de quasi invalido não se descuidava Pedro Taques de tentar, por todos os modos, restabelecer a fortuna ou pelo menos angariar recursos para ir vivendo e melhorar de sorte.

Em meados de 1773 vêmol-o procurador em S. Paulo de certo Diogo José Pereira, (1) rico minerador de Matto Grosso, senhor de numerosa escravatura a quem procurava attrahir para as minas do Rio Verde, recentemente descobertas, na zona actualmente sul mineira. Como seu representante requereu e obteve do Capitão General D. Luiz Antonio de Souza a concessão do corrego chamado « da Campanha do Tolledo ».

Tudo isto sem prejuizo do continuo *clama ne cesses* com que ao Marquez de Pombal. á Junta da Bulla, aos amigos da Côrte endereçava as suas justas queixas pedindo reparação com uma pertinacia digna de melhor sorte mas não de melhor causa.

---

(1) *Doc Interess*, XI, 176.

## CAPITULO XXI

**Pedro Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus. — Auxilio mtuo e estudos em commum. — A correspondencia dos dous confrades. — Profunda amizade litteraria e pessoal. — Lealdade de Frei Gaspar para com o amigo. — O Brigadeiro Sá e Faria.**

Na longa serie de annos em que todas as calamidades sobre elle se encarnicaram, uma compensação de inestimavel valia reservava a Pedro Taques, como vimos, a feição essencial do espirito que o trazia norteado pela obra da edificação do monumento que intentava erigir á gloria de sua gente e de sua raça.

Servira-lhe o ideal de supremo consolo quando tudo, tudo o Destino lhe arrancara.

A personalidades de sua tempera se applicam os bellos versos hugoanos do *Grandê homem vencido*. Tudo pode elle perder, tudo !

*Tout, jusqu'à ce prestige à sa grandeur mêlé  
Qui faisait voir son front dans un ciel étoilé :  
Il garde toujours son génie !*

Serviam-lhe de carinhoso e seguro refugio, onde de todas as desventuras se abstrahia, o estudo da historia e as pesquisas documentaes ardentemente rebuscadas.

Dos seus processos de trabalho resta-nos preciosa prova : a longa, embora truncada, carta a que já varias vezes alludimos, escripta a Frei Gaspar da Madre de Deus e salva por Antonio Piza ( 1 ).

---

( 1 ) *Doc. Interess IV, pag. 10-20.*



Na pessoa do beneditino contava como sabemos, o mais dedicado amigo, insubstituível, pode-se dizê-lo pois ninguém, fóra o monge, dentre os contemporâneos, possuía as mesmas afinidades intellectuaes nem as mesmas instigações de espirito.

Assim pois, com que alegria era Frei Gaspar acolhido em casa do amigo, nas raras vezes em que, deixando o seu pittoresco mosteirinho de Santos, a S. Paulo subia, trazendo-lhe poderoso reconforto material e sobretudo moral.

Eram como que as duas únicas preeminencias da depressão profunda da vida intellectual coetanea no meio paulista, typos superiores, incomparavelmente acima de quantos cercavam, não os comprehendiam e naturalmente os desdenhavam...

Precisava um do outro; d'ahi o affecto entranhado, a admiração reciproca, leal, intensa...

Ora era frei Gaspar quem, á rua do Carmo, á triste morada do amigo vinha trazer a satisfação da sua presença, o pretexto para interminaveis conversas sobre os estudos communs e os factos da historia brasileira, ora o avisava Pedro Taques que, tencionando ir a Iguape, passaria uns dias em Santos, em sua companhia, desde que lhe chegasse « certa remessa de Guayazes ».

Vivia « tão flagellado » que os mezes se passavam sem que pudesse adiantar o trabalho pedido pelo correspondente.

Muito sacrificado lhe iam os estudos; não sentia em si forças para os proseguir; poder pagar a um secretario era irrealisavel sonho para quem nem sequer possuía mais a fæculdade de escrever desembaraçadamente. Quanto estimaria poder offerecer-lhe copia de preciosas obras e manuscriptos! Via-se na impossibilidade de o realisar comtudo pela miseria em que vivia graças « á paixão odiosa que o privava de fazer um mimo sem o contrapeso do desembolso do amigo » ( 1 ).

---

( 1 ) *Doc. Interess IV, 10-20.*

Permutavam os dois historiadores tudo quanto descobriam ou traçavam: assim commentava e annotava Pedro Taques as folhas das *Memorias* e ao correspondente, para o mesmo fim, submettia os titulos genealogicos, as suas monographias conhecidas e os motivos dos episodios mais notaveis da historia paulista, infelizmente para nós perdidas como a historia da expedição de Estevam Bayão aos sertões bahianos, a da guerra dos emboabas, entre tantas outras.

Já deixámos notado quanto os annos de dor e retrahimento haviam, apezar de tudo, sido fecundos para o proseguimento da obra de Pedro Taques; numerosos titulos da *Nobiliarchia* ultimara assim como compuzera a *Historia da Capitania de S. Vicente* e a *Imformação sobre as Minas*, tudo isto no meio dos maiores sacrificios « conseguido por interpoações de algumas horas de maior socego » entre os terriveis « e inveterados achaques de euxaqueca » que já nos referimos: « desses que põe em desprezo o uso de ler e escrever ».

Não que o deixassem de assaltar momentos do mais negro desanimo. Frequente lhe occorria a duvida pungente de que quanto compuzera seria absolutamente inutil! Vinham-lhe impetos de tudo destruir!

« Por minha morte hão de ter os rapazes, nas noutes de S. João, papel para traques, se antes disto não produzirem as melancolias da minha pobre vida a rezolução de reduzir tudo a cinzas, dezenganando assim aos meus inimigos que eu mesmo reconheço que meus escriptos são mais dignos de fogo que de luz » (3).

Valia-lhe logo porém a resignação e essa força incoercivel de confiança. protectora de sua obra « Seja o que for deixemos o tempo que produza ou estrago pela rezolução ou beneficio pela providencia ».

E era o que fazia trabalhar alta noute quando

---

(3) *Doc. Interess.*, IV, 10 et pass.

acaso despertava bem disposto, para aproveitar alguns raros momentos de tranquillidade e bem estar, pois geralmente não tinha « liberdade para a poitura de assentado ».

Nas suas relações com o linhagista procedeu sempre o beneditino do modo mais elevado. Procuraram alguns dos seus desaffectos entre os quaes Monsenhor Pizarro ( 1 ) insinuar que se appropriara do trabalho de Pedro Taques « — homem eruditissimo e o melhor genealógico do Brazil » — enfeitando-se com alheias pennas. Não resiste esta asserção a mais elementar critica, conhecida a carta que estamos a analysar.

Depois de annunciar a sua ida a Santos diz Pedro Taques ao confrade, affectuosamente: « Queira permittir-me o Senhor que, emprestando-me ainda a vida, possa, para o futuro mez de Junho ver-me com V. R<sup>ma</sup>. que desde já hade ser o objecto e rémora da minha demora nesta villa ».

Communicava-lhe a seguir a remessa de numerosos documentos originaes e copias de « grande papelada de antiguidades ». Recebera em devolução os nove cadernos de « *Historia Genealogica dos Lemes da Capitania de S. Vicente* » que ás mãos do monge haviam ido buscar emenda e correcção de defeitos ».

Animava-o o Desembargador João Pereira Ramos a que escrevesse uma *Historia de Piratininga* onde incluísse « os successos dos paulistas soccorrendo, conquistando e descobrindo ». Como fazel-o porém, enfermo como se achava, se nem a propria correspondencia com os amigos podia escrever. « Faltavam-lhe as forças principaes para satisfazer o premio a hum amanuense ».

Ao tempo que o amigo escrevia as suas volumosas obras preparava Frei Gaspar as *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, vagarosa e meditadamente. Ao passo que impugnava certas as-

---

( 1 ) *Memorias* II, 256.

serções genealogicas do linhagista com elle controvertia a proposito de factos obscuros da historia paulista.

Dizia-lhe por exemplo Pedro Taques que « cruzava os braços » acerca das origens de Antonio de Siqueira e Mendonça, um dos primeiros provedores vicentinos e tronco de numerosa familia.

« Não descubro a certeza de quem foi o progenitor desta familia em Santos, depois de V. R<sup>ma</sup>. repudiar a Antonio de Siqueira ; nada mais tenho a dizer e fico-me contentando com ignorar de onde vem os Siqueiras e Mendonças ».

Quem seria Antonio Pinto Missel que, em 1601, contra os jesuitas representava ? perguntava-lhe o beneditino. Nada podia dizer-lhe a este respeito, replicava.

Em compensação a varias duvidas e consultas do confrade elucidava por completo, como por exemplo sobre os actos dos primeiros capitães generaes de S. Paulo e a expedição de Maciel Parente aos sertões bahianos, em que provavelmente contestava as opiniões de Jabotão e Rocha Pitta.

Nesta epoca, 1773, tinha Frei Gaspar em mãos as memorias do amigo sobre Martim Affonso de Souza, a guerra dos emboabas, alem de varios titulos genealogicos.

Nessa mesma e longa missiva, detidamente analysa o genealogista para o amigo, a *Historia Geral do Paraguay* de Charlevoix obra com que, apesar de não recentemente publicada, nem um nem outro se avistara ainda. Communicara-a ao linhagista o Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria e elle com entusiasmo soffrego a devorava, ao correspondente transmittindo, o que nella aprendera sobre a presença de Ruy de Moschera em Cananéa, enigma da historia paulista que ao beneditino mais tarde tanto inflammava, inspirando-lhe paginas repassadas de violenta indignação contra o jesuita historiador do Paraguay.

De quanto se interessavam os dous confrades pelas questões brasileiras extra regionaes nos dá ainda ideia a mesma missiva.

Maravilhado fala Pedro Taques da logica e eloquencia de certo *Manifesto* — dado a conhecer pelo mesmo Brigadeiro Sá e Faria — do rei D. Pedro II, sobre a fundação da Colonia do Sacramento.

Neste parecer de conselho de estado, até então confidencial senão secreto, se mostrava « totalmente ( cerrado o discurso a toda a contradicção ) com toda a evidencia que a divizão entre as duas coroas Fidelissima e Catholica hera pelo Rio dos Amazonas ao Norte e pelo da Prata ao Sul ».

Tal « papel hera de tanta ponderação que fóra do presente e actual Ministerio ninguem o tinha senão o sobredito Brigadeiro » ( 1 ).

Fôra, para Pedro Taques verdadeiro refrigerio a chegada em S. Paulo, a 12 de julho de 1772, do illustre official general por tantos titulos notavel na nossa historia colonial, o architecto cheio de bom gosto da linda Igreja de Santa Cruz dos Militares no Rio de Janeiro, o brilhante militar que no Rio Grande do Sul se batera com os castelhanos e, em commissão regia, pela cidade passara afim de inspeccionar o pestilento presidio de Iguatemy, muito a contra gosto aliás, segundo o que se deprehe de severa admoestação que, a 21 de abril de 1774, lhe endereçava o ministro Martinho de Mello Castro ( 2 ).

Homem realmente culto, excellente engenheiro militar, a quem se deveram numerosas e preciosas observações astronomicas e o levantamento do curso do Tietê e do Paraná, travou José Custodio optimas relações com Pedro Taques, unica pessoa talvez com quem, naquella época, podia entreter-se sobre assumptos extra-locaes e não corriqueiros. D'ahi o « particular affecto » ao linhagista por elle

---

( 1 ) *Doc. Interess.* 17, 10-20.

( 2 ) *Revista o Instituto Brasileiro*, XXXIX, I, 287 et p.

consagrado (1) e a «força de inclinação» que «depois de algumas praticas sobre a materia presentemente de grande circumspecção» (2) delle se fiava mostrando-lhe o documento confidencial «que a outrem não havia ainda communicado». Do papel «havendo tomado conhecimento graças á grandeza do animo do Brigadeiro» achara-o tão notavel que não se pudera furtar ao desejo de o transmittir ao caro amigo.

«O meu affecto me não pôde dispensar aquelle axioma: *omne bonum est communicabile*; fico prompto para finalmente dictar hua copia para v. Rev.<sup>ma</sup> possuir na sua collecção litteraria este Manuscripto, porque acho que nunca é mais bem empregada a dispeza que para conseguir este thesouro».

Infelizmente, porém, não lhe era dado obsequiar o amigo com o presente da copia, que custaria oito patacas.

«Oh seja Deus louvado para sempre, exclamava o pobre genealogista, pelo estado que permittiu a paixão odiosa o privar-me de fazer este mimo a v. Rev. sem o contrapezo do seu desembolso»'

Como nova prova de que os assumptos extra-paulistas tambem interessavam a ambòs os historiadores outro topico merece ser citado: aquelle em que é o beneditino avisado de que lerá historia inedita da chamada *guerra dos mascates*; um «papel do levantamento de Pernambuco contra o governador Caldas» lhe será remetida.

Da correspondencia entre os dous chronistas só se publicaram, até hoje duas cartas de Pedro Taques, uma dellas truncada de muitas paginas, quiçá mais interessantes do que as se salvaram; a segunda, é incomparavelmente menos valiosa.

Das respostas de Frei Gaspar ao confrade nenhuma, ao que nos conste, se salvou.

---

(1) *Documentos Interessantes*, IV, 12.

(2) Estavam então muito tensas as relações entre Portugal e Hespanha, entre quem dentro em breve estalaria a guerra

Fosse possível fazer resurgir essa correspondência, tão curiosa para o estudo da historia brasileira, e nella achariam os observadores numerosos traços fixadores das individualidades dos dous proceres da litteratura regionalista de S. Paulo.

O que nunca se poderá negar é a lealdade, a probidade litteraria do beneditino para com o seu confrade e amigo. A's observações insidiosas e depreciadoras de Monsenhor Pizarro respondem às palavras singelas do monge chronista quando, nas *Memorias*, por elle expressa a maior admiração e acatamento.

Não se refere a seus « preciosos e veridicos manuscritos » ? Não declara que deixou a opinião do Padre Santa Maria sobre a fundação de São Vicente para se cingir a de Pedro Taques ? Não é ainda quem nos conta que o linhagista empregára na composição da *Nobiliarchia* « alguns cincoenta annos examinando para isso os cartorios de todas as villas da Capitania de São Paulo, assim seculares como ecclesiasticos » ? Não lhe basta certa affirmacão de Pedro Taques sobre os irmãos Goes para se lhe dissiparem persistentes duvidas ? Ao linhagista não lhe chama « portento de retentiva » ? E quem afinal revelou Pedro Taques aos eruditos ? Frei Gaspar sobretudo, acima de todos.

Por outro lado não nos declara Pedro Taques expressamente, quer na *Nobiliarchia*, quer na carta impressa por Antonio Piza que o beneditino lhe revia as laudas ? Duvida alguma pode subsistir sobre o assumpto contravertido.

Reinou entre os dous historiadores, continuamente, a maior lealdade, a mais absoluta probidade litteraria. Um era digno do outro e nenhum delles precisava do outro para merecer a attenção e o respeito dos posteros. (1)

---

(1) Vd. a biographia de Frei Gaspar da Madre de Deus pelo A. deste estudo. (Tomo 77 da *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, tomo 20 da *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*, introdução á terceira edição das *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*) (Weiszflog Irmãos, 1920).

## CAPITULO XXII

Morte de d. Leonor de Siqueira Paes. — Penosa successão. — O conego Lara. — Novas complicações com d. Marla Angela. — Seus revezes e interdicção. — Pensa Pedro Taques em voltar ao Reino para se defender. — Incita-o o desembargador João Pereira Ramos á viagem. — Dedicção do procurador de Cuyabá. — A partida do linhagista.

A 1.<sup>a</sup> de Junho de 1774 (1) fallecia, aos 93 annos de idade, a mãe do historiador, d. Leonor de Siqueira Paes, a filha macrobia do velho Pedro Taques de Almeida, que tanto se sobrevivera e a quem os fados pouco propicios fizeram unir a longa vida ás existencias tumultuosas de Bartholomeu Paes de Abreu e de seu filho.

Imbuida das antigas prevenções e preconceitos nobiliarchicos da familia, interminaveis annos arrostara de uma vida cheia de dissabores e infelicidades, entre os incidentes dos processos expoliadores do seu patrimonio, dos apertos crueis de dinheiro, das luctas de familia.

Perdera a casa de morada e as terras de seu dote, os escravos, as joias e até as peças de sua rouparia e ainda a perseguiam os credores insatisfeitos.

« Senhora muito distincta em sua nobresa » na phrase de um contemporaneo (2) reservara-lhe o destino, para os dias de octogenaria robusta, a ca-

---

( 1 ) Registro de obitos da Sé, Cathedral de São Paulo.

( 2 ) Auto de justificação de d. Catharina Angellica Taques.



tastrophe que ao filho, de quem tanto se orgulhava, arrazara. Vivera mais uns cinco annos, como exclusivamente para lhe acompanhar de perto a desventura immensa. Desapparecia quando o misero, reduzido á ultima extremidade pela impiedosa molestia ia correr a mais perigosa das aventuras: a nova ida ao Reino para tratar-se da paralytia cada vez mais avassalladora e procurar obter alguma reparação a tantas iniquidades soffridas.

Era a unica taboa de salvação para o infeliz.

Immovel continuava o deposito do seu sequestro em São Paulo e impassivel a Junta da Cruzada.

Continuava o conego Lara a urgir os devedores. Estava a casa de d. Leonor exaurida dizia elle no seu memorial, de modo que a sentença, contra ella obtida, de pouco valia em relação aos bens de São Paulo.

« No Cuyabá ha com que se possa satisfazer toda a conta, (840\$620) avendo quem cuide na cobrança, para o que temos sentença a nosso favor » (1) allegava no seu memorial.

A pertinacia com que se cobrava o credor acirrará-a o seguinte facto: o procurador de d. Leonor Paes em Cuyabá, Mestre de Campo Francisco Lopes de Araujo, liquidando algumas contas, remettera a Pedro Taques diversas quantias de que este nada distrahirá para a amortização do debito de sua familia para com os Laras.

Protestava o conego: « este dinheiro deve ser verdadeiramente para pagamento de minha casa porque aonde á dividas não ha erança ».

Toda a razão lhe assistia; assim tomou providencias para que ás mãos lhe viessem ter quatrocentas oitavas ou seiscentos mil réis que o mestre de campo Araujo mandára a seus procurados.

Era além de tudo o conego Lara um homem duro.

---

(1) *Clareza, etc.*

Delle, ao governo portuguez, em 1777, dizia o bispo d. Frei Manuel da Ressurreição no documento confidencial a que já alludimos (1) « he filosofo e theologo poreim as continuadas vertigens, que padece e a grande apprehensão das enfermidades, de que se queixa, o impedem celebrar o Santo Sacrificio da Missa, á mais de sete annos, e o fazem fugir da residencia do Côro »

Não ha nestas palavras o que muito abone um sácerdote, este lapso tão consideravel de annos em que por completo se afastara do altar.

Contra sua avidez certa occasião protestou o capitão general Martim Lopes de Saldanha (2), ao conhecimento da Côrte levando uma representação do povo de Ytú.

Era então o conego Lara o governador do Bispado e sobre os povos exercia « grandissima opreção ». Ao capitão general parecia justo que se o forçasse a repôr as quantias extorquidas « por força de seu genio » com o fim de beneficiar a um parente, escrivão do Juizo Ecclesiastico.

Voltemos porém ao nosso caso.

Ao primo, accusando de deslealdade e incorrecção, oppoz-lhe Lara embargos ao recebimento das quatrocentas oitavas.

Era tanto mais desastrada esta pendencia quanto agora o conego, commissario da Bulla da Cruzada, como sabemos, difficultava qualquer accôrdo ou incidente favoravel ao linhagista.

O que ia de mal a peor eram os negocios de d. Maria Angela Eufrazia da Silva. Triumphante na Relação do Rio executara a o padre Leonardo de Moura, em 1772, fazendo ir á praça a sua chacara da Varzea do Carino, com uma casa de tres lances fabrica de farinha de mandioca, e muito gado

---

(1) *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, IV, 856

(2) *Documentos Interessantes*, XXIX, 257.

e o predio de residencia na cidade, á rua «por traz do Carmo».

Conseguiu salvar-se da execução mas logo depois cahia-lhe em cima o dr. Antonio Fernandes do Valle como successor do sargento mór Mathias de Castro contra ella obtendo sentença que lhe promoveu a penhora geral dos bens.

Complicara-se a sua situação no processo movido a Bartholomeu Bueno da Silva sobre as passagens de Goyaz, mas não se dando a insaciavel demandista por satisfeita, sabedora do caso da alforria de um seu escravo, refugiado em Goyaz, alli intentara novo processo. Já no mesmo fôro, e a proposito de escravos, mantivera uma demanda que lhe arrancara de custas a enorme somma de trezentas oitavas, ouro, de que, por emprestimo obtivera de Pedro Taques a terça parte (1) quando amigos intimos. Até a morte do linhagista, não lhe poude pagar esta quantia «pelos seus muitos vexames e perseguições soffridas» explicava o cavalheiresco credor, cheio de generosas desculpas para com quem tão benevolente lhe fôra outr'óra.

Nos documentos, que pudemos descobrir, varias lacunas ha, muito difficeis de preencher. Quer nos parecer que o processo de interdicção, á prodiga movida pelos filhos, e de que já falámos, teve uma serie de peripecias graças ás quaes conseguiu voltar á administração da sua fortuna, para afinal definitivamente a perder quando já Pedro Taques estava totalmente arruinado Annotando o texto da *Nobiliarquia* escreveu Diogo de Toledo Lara e Ordonhes: «falleceu em S. Paulo (2) em bem differente estado do tempo passado e fôra da companhia dos filhos que por justiça lhe tiraram a administração dos bens que a sua prodigalidade ia dissipando».

Provavelmente, nesta mesma occasião, intentaram

---

(1) Testamento de Pedro Taques, fls. 6 v.

(2) A 6 de julho de 1780, registro da Sé de S. Paulo.

os seus interdictores a Pedro Taques, para se vingarem, o processo a que nos referimos.

E não se pode negar que certa razão lhes assistia

Sobre o seu admirador devia D. Maria Angela exercer o mais forte ascendente para que o fizesse seu preposto, verdadeiro *testa de ferro* da giria moderna.

Assim procedera no caso de arrematação de um casal de escravos (1) com que a certo pardo barbeiro pretendia favorecer a avelhantada dulcinéa.

Comprara-os por sua ordem o thesoureiro Francisco José Machado ; fôra porém Pedro Taques quem pela arrematação se responsabilisara ; pagando-os como seu legitimo senhor.

E no entanto promoveram os filhos de D. Maria Angela a apprehensão de taes escravos, quando obtiveram a interdicção de sua Mãe, processando simultaneamente o linhagista.

Ficara a prodiga reduzida a alguma pensão, talvez. Dão-nos os recenseamentos coloniaes documentos comprobatorios do seu tolhimento de acção como no de 1776 se conta. Com sigo então apenas tinha o filho mais moço ; nada se declarando quanto aos seus cabedaes. Residiam os dous filhos mais velhos longe de sua casa, em companhia de suas quattros irinãs. Em 1779 estava-lhe a escravatura, out'ora tão numerosa, reduzida a dous homens e tres mulheres que os curadores lhe haviam deixado para os serviços domesticos.

Bem desagradavel, para o linhagista, a *capitis diminutio* social de sua querida de outr'ora.

Alem destes vexames e tormentos, novos lhe vinham, com os echos que aos ovidos lhe chegavam, persistentes, dos insultos dos inimigos, empenhados em o aggreddir « na honra e fama » (2).

---

(1) Testamento fls. 7

(2) Testamento a p. 7. (2) *Doc. Interes. IV, 1.º.*

*Urbi et orbi* espalhavam que dos seus antigos thesoureiros nenores continuava a receber remessas clandestinas; de Matto Grosso lhe vinham quantias sonegadas á execução da Bulla e aos demais creadores.

Havia realmente alguma verdade em semelhantes boatos; varios dos ex-prepostos persistiam em lhe mandar dinheiro.

Nuuna carta a Frei Gaspar (1) dizia o genealogista que se achava desapontado com o não se verificar « uma remessa de Guayazes »

Haveria o que censurar nessa continuação de relações? Absolutamente não. Era um meio de minorar o desastre, uma tentativa para impedir que o cupim devorasse o papel estampilhado até a ultima folha, dados o descaso, as delongas imprudentes, o arbitrio com que se encaminhavam os processos coloniaes.

Quanto aos dinheiros de Matto Grosso, sobre elles contava a fim de poder levar a effeito a sua projectada viagem ao Reino, ultima ensanchar de melhoraçã de sorte que se lhe autolhava.

E' possivel que com effeito houvesse o pobre escriptor discrepado das normas de uma correcção irreprehensivel, em relação aos primos seus creadores, não lhes entregando as sommas vindas de Matto Grosso, por intermedio do sempre fiel João Pereira da Cruz, e cuja procedenciã cuidadosamente occultara.

Mas é que dissipado este dinheiro como haveria de realisar a viagem alem. Atlantico, extremo recurso a que se podia apegar?

Aos parentes imdennisaria mais tarde, capital e juros, pois agora se convencera de que a ida a Lisboa lhe traria o restabelecimento da saúde e da fortuna. Desse-lhe Deus algumas forças! reviveria a antiga questão da passagem dos rios, a velha pretensão pa-

---

(1) *Doc. Interes. IV, 11.*

terna e liquidado o alcance da Bulla, obteria uma indemnisação dos prejuizos, sobresaltos e desgostos! Esta travessia do Oceano, esta ida a Lisbõa, empolgava-o e hypnotisava-o inteiramente; antevia na viagem por mar, e numa estação das milagrosas Caldas da Rainha, o restabelecimento da saúde. A profunda miseria physica susteria a robustez do espirito; energia lhe sobrava para a longa jornada que o separava da fonte de Juventa, tanto mais quanto de alem Atlantico a voz amiga de um compatriota, e parente, poderoso na cõrte pombalina, um neto de Amador Bueno, insistente o chamava.

Era este amigo o Desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho « que o estimulava com empenho ». Quarto neto do aclamado rei dos paulistas pela filha deste, D. Maria de Ribeiro, casada com D. João Matheus Rendon, assim o qualificava o linhagista a Frei Gaspar: Florente ramo da America Brazilica, cujos troncos de Pires, Buenos e Rendons ficarão em S. Paulo, de onde se transplantou um garfo para o Rio de Janeiro, que enlançando-se em Azeredos Coutinhos acaba no illustre Donatario da capitania do Espirito Santo Vasco Fernandes Coutinho (1).

De D. José Matheus Rendon e D. Maria de Ribeira proviera D. Anna de Alarcão e Luna, casada numa opulenta e antiga familia fluminense os Souto Maior entrelaçados aos Azeredos Coutinhos, Lemos e Faria e Pereira Ramos.

Destes ultimos, senhores dos engenhos de Itaúna, Guaxindiba, Gama e Cabuçú, dos « paúes e panta-naes » do Guandú, morgados de Marapicú (2) aparentados com varias das melhores casas do Reino, provinha « o florente ramo da America Brazilica »

---

(1) *Doc. Interess.* IV, 11.

(2) A esta familia illustre, a que se prende o sabio bispo de Pernambuco e de Elvas, deputado ás cortes de 1821 D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, e muitos outros personagens notaveis, pertenceu o ultimo morgadio brasileiro, e do Marapicú extincto em 198 com o fallecimento do derradeiro titular o Conde de Aljezur, cujo apego e fidelidade á pessoa de D. Pedro II, de cuja camara era o primeiro gentilhomem — a todos impunha verdadeira admiração.

o Desembargador João Pereira da casa da Supplicação, Procurador da Corôa e da Santa Igreja de Lisboa.

Conselheiro da Universidade de Coimbra era um dos raros brasileiros a quem altos cargos confiara a corôa portugueza.

Valiam-lhe variados meritos mas tambem e muito a grande fortuna que do pae herdara. Desde a adolescencia vivia em Portugal onde outro irmão, o bem conhecido D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, egualmente fizera grande carreira pois a principio lente em Coimbra e membro do tribunal do Santo Officio fôra, em 1770, nomeado Reitor Reformador da Universidade e Conselheiro de Estado e pouco depois sagrado Bispo Conde de Coimbra.

Tinha Pombal muita estima pelos dous irmãos que dedicadamente o serviam, muito lhes attendendo aos pedidos e empenhos.

Entretinha, Pedro Taques, e desde longo tempo, activa correspondencia com João Pereira Ramos; tinham amigos e parentes communs: Frei Gaspar e Agostinho Delgado Arouche; pedira-lhe apontamentos genealogicos e em retribuição muitos tambem lhe dera, como certos papeis de familia, em 1746 (1) escriptos.

Sabia quanto o omnipotente Sebastião José de Carvalho o ouvia e ao irmão; quizessem o Desembargador e o Bispo Conde por-se a campo e certamente, para o desolado correspondente e aparentado de S. Paulo, haveriam de obter um subsidio a titulo de indemnisação de serviços, subsidio que o habilitasse a pagar as dividas e conservar uma pequena somma que o livrasse da miseria nos dias tenebrosos da velhice (2).

Era a unica esperanza de se libertar da situação que tanto o premia.

---

(1) *Rev. do Inst. Braz.* XXXIII, 2, pg. 165.

(2) Escreveu o Conego Januario da Cunha Barbosa a biographia dos dous illustres irmãos fluminenses na *Revista do Instituto Brasileiro* (TII, a pgs. 118 a 378 da 2.<sup>a</sup> edição).

Incitaram-no alguns dos amigos de S. Paulo a que realisasse o projecto; na viagem não podia a maioria, porém, senão enxergar o mais arriscado tentamen para um enfermo nas suas condições.

De Matto Grosso chegara-lhe algum dinheiro da liquidação do inventario demorado de D. Thereza Paes e da amortização do inextinguivel debito de João Pereira da Cruz.

Em agosto de 1772 annunciava-lhe o extraordinario devedor que dentro em breve lhe remetteria 470 oitavas de ouro, de uma conta antiga de venda de casas e escravos. Esperava, dentro de prazo relativamente curto, saldar definitivas contas com os amigos de S. Paulo, embora esse ouro lhe houvesse, e não pouco, custado a ajuntar.

« Agradeço a V. M. e á Sr.<sup>a</sup> S. Mãe e a todos o perdão que me fazem, escrevia o devedor exemplar; se eu não tiver com que lhes pague Nosso Senhor lhes pagará porque he esmola muito grande e isto bastou para me por no cuidado de a pagar, se Deus Nosso Senhor me ajudar, que já vay em bons termos ».

Era natural que com tão extraordinario amigo se abrisse o linhagista fazendo-o o confidente das suas desgraças, E' o que explica outros topicos da carta em que Cruz o procura alentar :

« Eu sinto tanta derrota que V. M.<sup>ces</sup> tiverão agora; por esta que V. M.<sup>ce</sup> me escreve he que vejo aver tanta execução na caza; já que não tem remedio, paciencia, eu o sinto propriamente como coiza minha » (1). Outras quatrocentas oitavas, provenientes da venda de um engenho em Cuyabá e entregues ao procurador da familia, o Mestre de Campo Araujo, achavam-se penhoradas por certo José da Silva Ferrão, portador de um credito. Depositadas este anno na compra dos ausentes a seu respeito tambem havia mandato em favor do Conego Lara.

---

(1) Documento pertencente ao Dr. Augusto de Siqueira Cardoso.



Num arroubo affectuoso declarava o reconhecido e extraordinario prestamista, ao terminar a sua carta : « Eu vou passando com a minha vida e minhas molestias ; mas sempre com o cuidado e o desejo de ver a V. Mce. ainda ; que se eu puder depois de paga a divida ( 1 ) ( irei ) para lá morrer na sua companhia ».

Com a noticia de remessa destes fundos inesperados, e que aliás chegaram tarde, segundo se lê em nota á margem da carta, conseguiu o historiador levantar dinheiro, talvez com o bom amigo Agostinho Delgado ; certo é que, apegado ás esperanças, em Santos, a 29 de junho de 1774, embarcou ou nas immediações deste dia ( 2 ) em que se despediu do outro amigo fiel : Fr. Gaspar.

Fôra o beneditino a bordo levar o consolo de sua solicitude ao desventurado homem de talento, paralytico, quasi indigente, a quem, quanto possivel, procurava animar, apontando-lhe compensações para tantas e tão notaveis infurtunios.

E não deixavam taes esperanças de possuir fundamentos serios. Quem mais o incitara a emprehender tão cruciante jornada fora, como dissemos, o Desembargador João Pereira Ramos. A Lisbôa o chamara « para ver se naquella cidade lhe applicavam remedios a sua queixa » ( 3 ) convidando-o a que em sua casa se hospedasse ( 4 ) como amigo e parente seu.

Ora, pessoa intima de Pombal como o Desembargador era, decorriam os melhores indicios dessa insistencia do poderoso patrono. Alem desta grande amizade ainda podia o genealogista apoiar-se noutras não menos valiosas, as do Cardeal Patriarcha D. Francisco de Saldanha, de D. João de Faro e do Conde de Vimieiro a quem tanto servira para a sua causa, sobre a posse controvertida da capitania de S. Vicente e outras pcis « na côrte de Lisbôa me-

---

( 1 ) Aqui ha uma lacuna facil de supprir-se. ( 2 ) *Doc. Interessantes* IV, 22. ( 3 ) Depoimento de João Pedro Galvão de Moura Locerda nos actos de justificação de D. Catharina Taques. ( 4 ) *Ibid.* Depoimento de Francisco Xavier dos Santos.

recera sempre a honra e amizade dos maiores Ministros e cavalheiros fidalgos, com quem sempre entretivera commercio de cartas ( 1 ) ».

Com a experiencia dolorosa da vida, bem sabia Pedro Taques quão debil é a voz do pobre ante os poderosos, quão importantes as apparencias de fortuna para os pedintes de favores.

Assim pois procurou angariar a maior somma possível de dinheiro para a sua viagem e estadia na Europa, offerecendo os prestimos de procurador, advogado em Lisboa a diversos que alli tinham negocios a liquidar. Isto, lhe proporcionou valiosos elementos como por exemplo a incumbencia do levantamento no thesouro regio de um deposito de quarenta e nove dobras ( 627\$200 rs. ), avultada quantia, para a epoca, somma que, debalde, certo Sebastião de Miranda desde alguns annos tentara reaver ( 2 ) Demonstram estes factos, novamente, quanto em S. Paulo se mantivera inalteravel a confiança depositada na honorabilidade do genealogista. Assim munido de alguns recursos proprios, e outros a realisar, partiu o linhagista de Santos, a 28 de junho de 1774. Escusado dizer que na sua minguada bagagem figuravam numerosos manuscriptos : os fructos das suas « infatigaveis diligencias ». Exigira João Pereira Ramos que os levasse, pelo grande empenho que fazia em os ler e este desejo ia ser a causa providencial que á posteridade conservou as preciosidades da *Nobiliarchia Paulistana*.

---

( 1 ) Ibid. Depoimento do cirurgião Jeronymo Rodrigues.

( 2 ) Testamento pg. 8

## CAPITULO XXIII

**Segunda estada do linhagista em Portugal. — Promessas e esperanças. — Acolhimento affectuoso. — Honrosas visitas aos archivos. — Ida ás Caldas da Rainha. — Regresso ao Brasil.**

De Santos sahido, num dia presagamente feliz, pois era o do seu onomastico e sexagesimo anniversario, á espera de ventos favoraveis esteve Pedro Taques no Rio de Janeiro, até 31 de julho seguinte ( 1 ) « Emquanto me detive naquella cidade, escrevia a Frei Gaspar, não entrou embarcação alguma vinda de Santos e por isto embarquei sem o gosto de receber noticias de V Rev.

Mas não era só a ausencia das novas do amigo a quem pedia « aceitasse o seu coração, a sua saudade e a sua obediencia » que o affligia, e sim sobretudo a dos seus.

Com que angustia não teria o pobre invalido, o misero paralytico, deixado a mulher, já aos vinte e quatro annos tão rudemente experimentada e as quatro filhinhas, a filha moça, e por casar, as irmãs velhas, solteironas, cuja grande pobreza era menor que os preconceitos, o irmão simples, infantil

Quanta tristeza atraz de si! quanta coragem e resignação para emprehender longa e desconfortavel viagem, affeito á ideia, tão dura para um homem piedoso como era, de acaso não poder repousar em terreno sagrado, possivel como se lhe antolhava, certamente, a hypothese do fallecimento em alto mar. Nunca despedida houvera na cidade de

---

( 1 ) Doc. Interessante, IV, 22.

S. Paulo cheia de lagrimas e apprehensões dolorosas como a do desventurado historiador.

Durante a estada no Rio de Janeiro tentou Pedro Taques liquidar a questão do compromisso dos tres mil crusados que sua leviandade, e a falta de escrupulos do segundo sogro, lhe faziam pesar no passivo. A Antonio Alvares de Oliveira, detentor do indebito titulo de divida, adduziu então todos os argumentos de que pôde lançar mão, em prol dos seus direitos « advertindo-o que consultasse sobre esta materia de tanto peso a sua consciencia ». pois bem sabia o deshonesto credor que « nada devia elle de sua semelhante somma ». ( 1 ) Couse alguma conseguiu o pobre linhagista do seu *desideratum*; manteve-se Oliveira insensivel ás suas razões.

Devia a chegada a Lisbôa consolal-o um pouco deste primeiro insuccesso. Carinhosamente o acolheu o Desembargador João Pereira Ramos que para a sua casa o levou mostrando de modo mais flagrante quanto ao primo paulista ( 2 ) apreciava hospedar. Vieram logo visital-o amigos e conhecidos, pessoas de grande posição social e politica ( 3 ) e estas demonstrações lhe trouxeram real reconforto e notavel redobrar de esperanças,

Em compensação teve Pedro Taques o grande desgosto de encontrar a sua parenta e bemfeitora de outr'ora, D. Ignez Pires Monteiro, amargurada por uma serie de iniquidades de que fôra autor o enteado, o ultimo contractador de diamantes João Fernandes de Oliveira morgado de Grijó. E o peor era que a infeliz senhora merecia agora toda a má vontade, se não a perseguição, do marquez de Pom- bal de quem era o morgado valiado. Celebrisara-se o periodo deste contractador ( 1759-1771 ) — marcado pela catastrophe do *Acaba-mundo* no Jequi- tinhonha ( 4 ) — pelas enormes descobertas de pedras preciosas, graças ás quaes attingira o Tijuco o

---

( 1 ) Testamento p. 3 v. ( 2 ) Autos de justificação de D. Catharina Taques, depoimentos de Francisco Xavier dos Santos. ( 3 ) Ibid. Depoimentos diversos. ( 4 ) v. d. *Memorias do districto diamantino* de Felicio dos Santos.

auge do seu esplendor. Devasso e prodigo, sommas immensas dissipara em orgias e liberalidades, sobretudo com a amasia a tão celebrada, na historia do districto diamantino, Chica da Silva « antiga escava, mulata, alta, corpulenta e de feições grosseira, sem espirito, sem educação nem graça » ( 1 ) por quem cegamente se deixara dominar e para quem riquissima chacara montara nas immediações de Diamantina. Nesta quinta, entre outras cousas notaveis, se viam um theatro e grandes tanques onde vogava um navio de alto bordo, alli construido para satisfazer a um dos muitos caprichos da mestiça.

Principiando em 1771 a *Real extracção* no districto diamantino voltara o amasio de Chica da Silva a Portugal onde ao pae encontrara morto.

No ajuste de contas com a Corôa alguns milhões de cruzados teve que restituir ao regio erario, que Pombal lh'os arrancou. Evidenciou-se então quão indigno fôra o procedimento do seu pae para com a segunda mulher, D. Ignez, a filha e protectora do linhagista, a quem devia a enorme fortuna que longos annos desfructara, principescamente, como o mais rico dos vassallos de Portugal, talvez.

Aproveitando-se da circumstancia de que a boa senhora não sabia ler nem escrever arranjava João Fernandes uma escriptura ante-nupcial que a fizera assignar e, graças a qual, se tornara grande credor da mulher, cujos bens não eram sufficientes para satisfazer o valor do ficticio compromisso ( 2 ). Estando a morrer, porém felo o Bispo de Vizeu, que o assistia e confessara, desistir da ignobil trama tendo o prelado a « consolação de ver os effeitos da sua diligencia e de presenciarem todos os signaes de um verdadeiro arrependimento ». ( 2 ) Mandou João Fernandes « vir tabellião e fez uma revocação de que aquella escriptura dotal fôra sem consentimento de sua mulher. » Devia o beneficiario de tal ladroice

---

( 1 ) Galanti *Historia do Brasil* III, 209.

( 2 ) Nota de Diogo Ordonhes á *Nobiliarchia Paulistana* ( *Revista do Instituto Brasileiro*, XXXIV, 1, 209 )

ser o filho e socio, a quem, apesar da enorme restituição aos cofres reaes, ainda immenso ficava. Entendeu porem em juizo rehavere os *prejuizos* reivindicando os direitos com que o armava a falsa escriptura paterna e obteve o que queria, graças a Pombal e sobretudo ao repulsivo *factotum* do marquez: José de Seabra. « Pediu ministros a sua satisfação, os quaes deram uma iniqua sentença, fazendo valida a primeira escriptura dotal ».

Um simples depoimento do Marquez de Pombal, de que João Fernandes se achava quasi inconsciente ao desdizer-se, annulou as declarações formaes em contrario de tres medicos, um cirurgião, varios padres assistentes, e numerosas pessoas mais! Tal o terror pelo ministro inspirado que apenas, e a custo, encontrou a viuva obscuro letrado que lhe defendesse a causa. « movido mais de piedade do que de interesse porque todos respeitavam a alta protecção da parte contraria ». De tudo desapossada « sahira a infeliz senhora com algum facto do seu uso para a casa do neto Luiz de Souza ».

Em Setembro de 1773 internava-a o ministro no convento de Via Longa, longe de Lisbôa, com ordem formal á abbadessa que a trouxesse rigorosamente incommunicavel!

A excessos muito maiores, como o sabemos, chegava o *hoc volo et sic jubeo* pombalino

Foi esta a situação terrivel em que veiu Pedro Taques encontrar aquella a quem immenso devia; a generosissima protectora dos dias lobregos de 1755 e 1756, do terremoto e dos seis mezes de enfermidade gravissima ( 1 ).

Elle proprio, á miseria reduzido, precisando, como questão de vida ou morte, da maior bôa vontade e protecção dos poderosos, que podia fazer?

---

( 1 ) Ao cahir Pombal em 1777, pôde D. Ignez sahir da prisão. Ordenou D. Maria I a revisão do processo. Morrendo o morgado de Grijó, proseguiu o pleito contra seu filho bastardo e herdeiro. Tal porém a força dos factos consummados na monarchia portugueza, que fallecendo d. Ignez em 1788, não conseguiu mais rehavere os bens de que fora expoliada.

Calar-se, pois bem sabia quanto era Pombal ferozmente rancoroso, incapaz de perdoar, não uma pequena picardia, mas até a mais leve censura ou menção desaprovadora dos seus modos de agir.

Consolou-o certamente, algum tanto, desse regimen de mordaca, o tremendo e inexplicavel castigo que dentro em breve applicaria o proprio Sebastião José de Carvalho ao miseravel e docil executor de suas inspirações.

Inesperadamente destituído do cargo de ministro de Estado, em Janeiro de 1774, fôra por longos mezes José de Seabra encarcerado nas masmorras do forte da Foz, no Porto, de onde para Angola o deportaram.

Em março de 1775 chegava ao presidio das Pedras Negras, onde, pelo espaço de mais de dous annos iria soffrer innumeras privações.

Dos protectores e relações prestigiosas de 1755 perdera Pedro Taques dous outros ainda: o marquez de Tancos e o cardeal patriarcha D. Francisco de Saldanha.

Pela vontade de servir e influencia na Côrte suppria João Pereira Ramos estes amigos mortos.

Sem perda de tempo occupou-se o genealogista do assumpto capital de sua viagem. Emquanto procurava liquidar a questão com o Tribunal da Bulla, ao ministerio do Reino, dirigido pelo proprio Pombal, endereçava longa exposição onde recapitulava a velha historia dos serviços paternos e dos seus direitos, confiscados, aos pedagios do caminho de Goyaz.

Pedia pois « para ser encartado no direito dos rios do caminho de Guayazes », de que Sua Magestade havia feito mercê a Bartholomeu Paes e seus socios por ajuste celebrado por ordem sua com Rodrigo Cesar de Menezes, por tres vias sujeitas á lei mental ».

A *passagem dos rios* sobre que tanto haviam contado os descobridores de Goyaz cada vez menos rendia, no emtanto.

Dera em 1767 qantia abaixo de um conto de réis, dizia D. Luiz Antonio (1). Os proprios direitos que ao Anhanguera e seus associados tocavam, quando muito passavam um pouco além de quatorze contos (2)

Debatida a questão, entendeu Pedro Taques pedir uma remuneração de quinze mil cruzados a D. José I, sendo informado de que o requerimento tinha as sympathias do omnipotente primeiro ministro (3).

Calcule-se a commoção com que o linhagista, invalido e reduzido á miseria, retido em casa do generoso parente, viu approximar-se o famoso secretario de Estado, o verdadeiro senhor da monarchia luzitana, o supremo dispensador de graças, que o vinha consultar acerca de assumptos brasileiros! E estas consultas se repetiram sobre varias materias, sempre recebendo o chronista «a honrosa attenção do ministro» (4).

E não fôra Pombal o unico visitante de categoria que o procurara, aliás.

Ao regressar de S. Paulo, findos os dez annos de seu proconsulado, e chegado a Lisbôa, varias vezes tambem o procurou D. Luiz Antonio de Souza (5).

A questão da liquidação com a Bulla tomara favoravel pé desde que com a execução de João Carneiro se pagara a letra dos oito mil cruzados que Francisco Peres não satisfizera. Cahira o computo do alcance a pouco mais de um conto de réis. As questões de que se fizera o chronista procurador, estas tiveram feliz solução graças a João

---

(1) *Doc. Interes. XIX, 286.*

(2) *Livro dos Dízimos.* Codice do Mus. Paulista. Em 1746 foram computadas em 2:000\$000 e arrematadas por João Franco na época do espleador da mineração goyana.

(3) Das passagens de onze rios apcnas tres tocavam á parte de Bartholomeu Paes e seus herdeiros.

(4) Autos da justificação de d. Catharina Taques, depoimento de José Pedro Galvão de Moura Lacerda.

(5) *Ibid.* Depoim. de Joaquim José dos Santos.



Pereira Ramos, como no caso do levantamento do deposito de Sebastião de Miranda ( 1 ).

Parecia evidente que a situação se desafogava...

Pôde pois o historiador, mais tranquillo agora, cuidar de assumptos certamente mais gratos á sua paixão de toda a vida.

Na Torre do Tombo, de quem era José Pereira Ramos guarda-mór, como procurador da Corôa, teve, naturalmente, entrada franca e todas as facilidades. Della se aproveitou quanto pôde, pois, dia a dia, a invalidez se lhe aggravava.

Já não mais encontrou em Lisbôa, porém, os grandes luminares da historia lusitana que, em 1755, conhecera: D. Antonio Caetano de Souza, Diogo Barbosa Machado e Monterroyo Mascarenhas. Fazia muito que haviam estes illustres anciães desaparecido. Uma outra trindade de grandes eruditos, precursora de Alexandre Herculano, surgira em seu logar, mas seus trabalhos ainda estavam em inicio e seu nome não adquirira ainda aquelle brilho que com o correr dós annos alcançaria. Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo mal completara trinta annos; Antonio Caetano do Amaral, nascido em 1747, começava a reunir os materiaes para as suas sabias memorias; quanto a João Pedro Ribeiro, este ainda estava na adolescencia. Assim, portanto, veio Pedro Taques encontrar os estudos da historia portugueza numa phase em que nenhum grande nome a illustrava e de relativo esmorecimento.

A frei Gaspar exultante escrevia, em 31 de maio de 1775: «Aqui tenho descoberto o que totalmente ignoravamos do nosso ascendente Pedro Leme» ( 2 ) e ao mesmo tempo lhe dava uma série de informações sobre o tronco a ambos commum. Por completo se equivocara, dada a ausencia de informações, quando traçara a genealogia dos Lemes, agora em estado de poder rectificar.

---

( 1 ) Testam a fls. 8.

( 2 ) *Doc. Interes.* IV, 22.

Como dissemos, levava Pedro Taques consigo os seus manuscriptos completos, a pedido de João Pereira Ramos, pois segundo expressamente declara Diogo Ordonhes (1), copiou elle a *Nobiliarchia* dos originaes pertencentes ao Desembargador que lhos confiara em fasciculos.

Numerosas lacunas preencheu-as Pedro Taques com o exame dos archivos portuguezes, annotando os seus escriptos graças aos recursos oriundos da frequentação de cartorios e bibliothecas de Lisbôa e averbamentos dos genealogistas.

De quanto, apesar da quasi invalidez, pôde trabalhar, dá-nos idéa um topico da carta a que nos referimos e em que, de frei Gaspar, reclama um caderno da *Historia do Paraguay*, que o beneditino quizera copiar. «Desejava combinal-a com algumas memorias da Torre do Tombo.»

Esperava Pedro Taques, nesta occasião, anciosamente, cartas de casa, um anno se passara sem que nenhuma outra de S. Paulo lhe chegasse; dous navios do Rio de Janeiro, sahidos em fins de 1774, nada dalli lhe haviam trazido, nem de Santos. «Destta villa tambem só lhe fazia falta o honroso obzequio das letras» de frei Gaspar.

Para tão affectuosa pessoa imagine-se quanto seria penosa esta ausencia prolongada e absoluta de noticias, tanto mais quanto, dia a dia, cada vez mais enfermo se encontrava.

«Eu me acho da minha paralyisia em muito peor estado do que quando sahi da presença de V. R.», annunciava tristemente ao monge.

Alentava-lhe ás forças a confiança nas virtudes das aguas thermaes das Caldas da Rainha.

«Agora que está entrada a quadra para o uso dos banhos, heide sahir para as Caldæs da Rainha, para dellas me recolher, em principio de setembro, no estado que Deus fór servido conceder-me.»

---

(1) *Revista do Instituto Brasileiro*, XXXII, 1, 175.

Tão tristes lhe eram os presentimentos que logo depois accrescentava: Se me durar a vida, pretendo embarcar no primeiro navio que se offerecer para o Rio de Janeiro, logo que acabar o mez de Fevereiro de 1776, porque ainda em Março e Abril ha ventos ponteiros que facilitam as viagens para o Rio de Janeiro ( 1 ).»

Lembrando-se de quanto para um homem de sentimentos elevados *le moi est haïssable*, depois de contar as suas terriveis miserias ao confidente, relatava detidamente certos successos que julgava dever interessal-o como os pormenores do fallecimento do Provincial dos beneditinos.

E, sempre cheio de palavras corizes e intenções affectuosas, terminava dizendo ao amigo que, já sexagenario, vivia com sua Mãe ainda, filho extremosissimo que sempre se mostrara :

« Agora o que quero é que V. R. vá gosando da terna consolação da vida da Ill<sup>ma</sup>. Snra. D. Anna de Siqueira Mendonça, a cujos pés me porá V. Rev<sup>ma</sup>. com os meus profundos e reverentes affectos.»

De S. Paulo retirando-se entregara Pedro Taques a familia aos cuidados do fiel e ccnstante Agostinho Delgado; a melhor guarda não podia confial a, e, com effeito, suppriu Arouche constantemente a mulher do seu amigo, de dinheiro, acompanhando-lhe a vida da familia toda com a melhor solicitude ( 2 ).

Assim, era elle quem se encarregava do transporte de Santos a S. Paulo; das remessas de generos e artigos de industria européa, tão raros e dispendiosos no Brasil colonial que aos seus enviava o historiador: vinhos, caixas de miudezas, bacellos de videira, etc. ( 3 ).

---

( 1 ) *Doc. Interes.*, IV, 24.

( 2 ) Num documento aliás truncado da collecção Augusto Cardoso ve-se a nota de Arouche sobre os supprimentos feitos na ausencia do genealogista.

( 3 ) Despacho de dous caixões, dous barris com vinho e uma parreira de Lisboa a São Paulo, tudo na importancia de 20\$000 pagos por Agostinho Delgado de Arouche. Documento datado de 28 de Julho de 1776 e pertencente ao dr. Augusto Cardoso.

Impunha-se, porém, inadiável, ao genealogista a fixação da data do regresso. Sentia-se o misero morrer dia a dia, não queria deixar o mundo sem rever aquelles que tão caros lhe eram.

Por todos os modos procurou accelerar o despacho de seus papeis. A prodigiosa lentidão das normas administrativas contemporaneas deixava que os mezes se escoassem sem que nada de positivo se firmasse. Perigoso era tentar qualquer intervenção apressadora dos desfechos, por melindrar a susceptibilidade vaidosa dos poderosos.

Numerosissimos os brasileiros que em Lisboa se achavam presos, mezes e annos, sem conseguir solução para os seus negocios e pretensões.

A varios encontrou Pedro Taques em Lisboa á espera da interminavel solução de suas pretensões. Nestas contingencias dolorosas da expectativa infundavel, procurou João Pereira Ramos valer-lhe quanto possivel, do marquez de Pombal, obtendo enfim a promessa de deferimento do memorial em que o linhagista pedia quinze mil cruzados de «ajuda de custas», quantia entre os tres combinada.

Avalie-se a intensidade dos sentimentos que ao historiador agitavam ! Dos seis contos de réis sobrar-lhe-ia avultada margem bastante compensadora dos prejuizos e desventuras, embora pago o *deficit* final da Bulla.

Chegara o momento inadiável do embarque ; a 20 de agosto de 1776 fôra Pedro Taques carregado para bordo do navio que o devia transportar ao Brasil sem que nenhum despacho viesse positivar as promessas pombalinas !

Dia cruel em que certamente rememorou o infeliz a interminavel série das desventuras que havia mais de meio seculo lhe acompanhava a existencia e a dos seus ; o amontoar de fatalidades e injustiças indscriptiveis do Destino que recompensara a intelligencia, a coragem e a energia do Pae hoje a perseguil-o tambem, até lhe arrancar a vida dos dois

filhos queridos no viço dos vinte annos e no inebriamento das esperanças fundadas. Como supremo apaziguador de maguas ter-lhe ia á mente acudido a evocação do *nom omnis moriar* horaciano, o consolador por excellencia dos homens de sua feição? Provavelmente sim.

Nas horas de maior acabrunhamento ficava-lhe a confiança na sobrevivencia de sua obra.

Como a deixava mal amparada, comtudo! entregue ás vicissitudes da sorte precaria dos manuscritos. Como que por uma ultima perversidade da sorte, não lhe fôra sequer dado pensar em imprimir-lhe uma parte, por absoluta falta de recursos, quando na realização deste plano enxergava a recompensa de tanto labor penoso e tanto sacrificio!

Semi-moribundo, continuava a annotal-a, a preencher-lhe as lacunas. Nos ultimos dias de 1776, ainda trabalhava, já quando a paralyisia não mais se contentava em lhe tirar unicamente o uso das mãos.

Não importa! nem tudo naufragaria! lhe segredava uma voz intima e tranquillizadora. Haviam-se-lhe as copias da *Nobiliarchia* multiplicado; bem sabia o apreço em que a tinham João Pereira Ramos e seu irmão o Bispo-Conde, os seus jovens primos, filhos de Agostinho Delgado, estudantes em Coimbra, tão intelligentes quanto amantes das cousas do Brasil: Diogo Ordonhes e José Arcuche.

Della tomara conhecimento outro primo e erudito genealogista; o conego Roque de Macedo Paes Leme.

E acima destas amizades pairava a dedicação leal de frei Gaspar, que lhe seria o arauto da obra.

A' noitinha, para o compensar dos negros pensamentos do dia, recebeu o historiador a ultima visita de João Pereira Ramos, que com um abraço derradeiro lhe vinha trazer formal recado do Marquez: naquella noite faria El-Rey assignar o des-

pacho concedendo-lhe os quinze mil cruzados ! ( 1 ).

Imagine-se a effusão que entre os dous amigos causara a communição da promessa.

Pôde o infeliz paralytico empreliender a longa travessia atlantica, sustido, no meio de tantos desfallecimentos, pela esperança de que, embora dentro em breve cerrasse os olhos, aos seus deixaria pelo menos ao abrigo da penuria.

---

( 1 ) Testamento. Por mais que no Archivo Ultramarino pesquisasse nosso bom parente e amigo, o sr. dr. Manoel Emilio Gomes de Carvalho autor das sabias monographias que todos os estudiosos da historia nacional admiram — não lhe foi possível descobrir a petição memorial apresentad a D. Jssé I, pelo linhagista.

---

## CAPITULO XXIV

### O regresso a S. Paulo — Morte do historiador — Seu testamento.

A Santos chegado em fins de 1776, receberam-no, summamente contristados, os fieis frei Gaspar da Madre de Deus e Agostinho Delgado de Arouche. Era o seu estado destes que a ninguem enganam acerca da proximidade do desfecho fatal.

Elle proprio não se illudia um só momento, tanto mais quanto á antiga e cruel molestia viera agora aggravar o apparecimento de «humas chagas.» (1)

Penosissima lhe devia ter sido a viagem, serra acima, atravez dos pessimos caminhos do Cubatão; transportado em rede, a morrer chegou á sua casa da «rua que vai do Palacio para o Carmo e Tabatinguera, onde á familia deixára :

« D. Ignacia Maria de Assunção, sra. mulher do sargento-mór, com 25 annos de idade», a mãe desta, a viuva Appolonia Maria, a irmã Anna, ainda menina, a enteada D. Emilia Flavia e as quatro filhinhas do casal, a mais velha das quaes ainda não fizera nove annos e apenas completara dous a mais moça. (2)

Dias amargos haviam acompanhado aquellas pobres mulheres durante os dous annos transactos; de difficuldades pecuniarias de toda a especie. Valera-lhes Agostinho Delgado de Arouche, sobretudo, entre outros amigos do linhagista ausente.

---

(1) Termo de approvação do testamento do linhagista pelo tabellião Moraes ..

(2) Recenseamento de S. Paulo em 1776; Archivo do Estado, 255 — T. C.

Continuava a acção judicial e persistente dos credores, sobretudo por parte do conego Lara, que se não conformara com as remessas feitas de Cuyabá por João Pereira da Cruz e trabalhava para embolsar os setecentos mil réis constantes de suas ordens embargando-lhes a entrega á mulher do genealogista ( 1 ).

Para poderem acudir a Pedro Taques e aos seus, recorreram os amigos aos meios judiciaes que pudessem tornar effectiva a sua acção protectora. Assim, em 17 de Julho de 1773, a D. Ignacia doáva certo dr. Joaquim José Freire uma escrava, que em sua falta a d. Emilia Flavia reverteria ( 2 ).

A bôa noticia da promessa de indemnisação naturalmente encheu de maior alegria aos parentes e amigos. e aos credores.

Veio Pedro Taques encontrar em São Paulo o seu affeiçãoado d. Luiz Antonio de Sousa substituido pelo despota falso e atrabiliario que era Martim Lopes Lobo de Saldanha, empossado no governo da capitania a 13 de Junho de 1775.

Apezar das violencias motivadas pela fundação de Iguatemy, e de alguns erros fôra, em summa, d. Luiz Antonio um bom administrador e os paulistas lhe deploraram a ausencia quando lhe compararam os actos aos do successor, prepotente, mesquinho, piraento e vaidoso, injusto como raros e capaz de não recuar deante de verdadeiros attentados como no caso conhecido da execução do soldado Caetano José da Costa.

Pecebido debaixo de vivas e no meio das maiores demonstrações de desagrado ao capitão-general demissionario, pretende elle na sua correspondencia com a Côte, encetara o governo irrogando ao antecessor as mais graves accusações.

Teve então contra si o Morgado de Matheus a applicação do *hodie mihi*; gravemente desacatara

---

( 1 ) *Clareza*, etc.

( 2 ) Livro traslado de notas do 1.º officio de S. Paulo. Archivo do Estado.



ao assumir o governo, em 1765, o seu predecessor Alexandre de Souza Menezes, fazendo-lhe mesquinha questão a proposito de algumas semanas de vencimentos; agora soffria do successor agravos muito mais serios.

Assim dizia Martim Lopes a Pombal que a capitania encontrara inteiramente anarchisada; fôra d. Luiz Antonio verdadeiro extorsor dos seus governados e impudente ladravaz. Não havia quem do ex-governador não houvesse recebido as maiores injurias. Seis mil paulistas se tinham exilado para os sertões limitrophes, fugindo ás suas manias de fundação de ephemeras villas e exploração improficua de sertões que ás populações impunham os maiores sacrificios.

A tal violencia chegava o libello accusatorio que ao Morgado de Matheus attribuia os mais infames vicios.

Para rematar a diatribe narrava Martim Lopes: « Nesta capital, no dia em que nella entrei, acompanhado do meu antecessor, innumeraveis pessoas me acclamavam a sua vista, tumultuosamente, todos os moradores, de todos os sexos e idades, por seu Redemptor e com incessantes vivas » (1)

Tal a violencia destas expansões que lhe fora preciso tomar providencias para resguardar o Morgado de Matheus de algum desforço popular.

Eram as acclamações das rãs ao rei grou, substituto do bom rei bastão.

Faltava Martim Lopes, em grande parte, á verdade, ao relatar o delirio dos paulistanos que o acclamavam; um anno mais tarde ninguem o podia tolerar; chegando Pedro Taques a S. Paulo contra elle encontrou a população exasperada mas amordaçada, como em eras coloniaes succedia.

E' que as perspectivas do governo do novo sátrapa não se apresentavam risonhas: Ao Vice-

---

(1) *Documentos Interessantes*, XXIX, 18-32; 175-181; 185-203; XLII, 6, 119.

Rei do Brasil, a 22 de março de 1776 pedira (1) a remessa de um carrasco porque «na Capitania não havia quem soubesse fazer a execução de morte» — funcionario de que jamais cogitara D. Luiz Antonio de Souza.

Correriam longos annos, pesadamente, até que em 1783 se amercesse D. Maria I dos seus bons povos de S. Paulo retirando-lhes o governo de Martin Lopes, escapo à *derrubada* do functionalismo pombalino em 1777, provavelmente por figurar entre as peiores nomeações do Marquez deposto.

Com se nelhante governador — flagello pouco tempo de contacto coube ao nosso linhagista, porém.

Em principios de fevereiro de 1777, comprehendeu bem que os dias lhe estavam contados, immobilizado num leito de excruciantes dores iamse-lhe rapidamente obliterando as ultimas funcções até então escapas á ruina de todo o organismo, excepção feita das cerebraes, cada vez mais lucidas e percucientes.

Preparou-se pois, com aquella serenidade que jamais o abandonára para a magna questão da entrada na eternidade e da redacção das ultimas vontades, occurrencia maxima, coroadora de uma existencia. nos tempos de antanho, para grandes e pequenos, homens e mulheres, por se revestir frequentemente das particularidades e attributos de verdadeira confissão publica.

Para o linhagista, sobretudo, cuja vida nos ultimos annos, tão attribulada e agitada correria e cuja successão se achava gravada de debitos avultados e varios, ena imminencia de regias mercês, para o linhagista a quem cabia desinteressar abonadores, pessoas de quem fôra o procurador e outras com quem martinha processos, as palavras á beira do tumulo, se lhe revestiam de excepcional importancia.

---

(1) *Doc. Interess.*, XLII, 103.

A 15 de fevereiro de 1777 perante, o tabellião João Baptista de Moraes, começou a dictalas ao escrevente Joaquim Francisco de Vasconcellos tendo como testemunhas do acto o fiel Agostinho Delgado de Arouche e mais tres amigos : João dos Santos de Faria, José Novaes Dias e Manuel Pereira Chrispim. Nomeou testamenteiros a mulher e as duas primeiras testemunhas. Catholico fervoroso como era, não podia deixar de encabeçar o acto senão pelas disposições espirituaes a cuja redacção presidiu um espirito de profunda piedade. Declarava achar se de cama mas « no gozo do perfeito juizo que Nosso Senhor lhe dera » ; por muito temer a morte queria por a alma em caminho da Salvação e por isto a encomendava a Santissima Trindade que a creara.

« Ao seu Senhor Jesus Christo pedia pelas Suas Divinas Chagas que já que nesta vida lhe fizera mercê de dar Seu precioso Sangue e merecimentos de Seus trabalhos tambem lhe fizesse mercê da Gloria ».

A' Gloriosa Virgem recommendava-se, a todos os Santos da Côte celestial, especialmente ao seu Anjo da Guarda e ao Snr. São Pedro.

Que o assistissem na verdadeira agonia e por elle intercedessem a Jesus porque como verdadeiro christão protestava viver e morrer em a Santa Fé Catholica « crendo o que tem e crê a Santa Madre Igreja de Roma e nesta Fé esperando salvar a alma, não pelos merecimentos proprios mas pela da Santissima Paixão do Unigenito Filho de Deus ».

Após a ardente profissão de fé outros e importantes assumptos occorriam : o enterramento e os serviços funebres.

Amortalhado no habito de Terceiro Carmelita queria ser sepultado na Capella de N. S. do Carmo ; ao funeral, pompa alguma presidiria, devendo porer o cadaver ser encomendado em casa pelo Cura da Sé Cathedral, acompanhado de quattros sacerdotes de sobrepeliz e conduzido depois á Igreja dos Carmelitas.

Lucido como estava, meticuloso e praxista, até os últimos momentos, prohibia no entanto que para o banquetta do Altar Mor da Igreja se desse cera. Era um abuso que as Actas condemnavam.

Custava-lhe immenso morrer sem pagar as anuidades em atrazo das Irmandades de que fizera parte (1). Lembrara porém quanto fôra sempre outr'ora pontual nestes pagamentos, « parara esta saptisfação desde o anno em que o haviam posto nú, a viver da caridade dos christãos ».

Determinassem os provedores das Irmandades como melhor entendessem, para o serviço de Deus e o bem da alma do irmão involuntariamente remisso. Quanto lhe doia apenas determinar oito missas por sua alma! Não fora « a total pobreza » em que morria!

Para não offender nem escandalisar os seus credores com um grande legado para suffragios de sua alma a tudo se resignava. Se se verificasse porém a indemnisação dos quinze mil cruzados a primeira cousa a fazer-se seria o pagamento ás Irmandades e a celebração de duzentas missas em sua intenção.

Reguladas as questões espirituaes passou o moribundo, com extraordinaria minucia e singular presença de espirito, a recapitular os principaes lances de sua vida e a expôr o estado dos seus negocios.

Assim se referiu aos seus diversos casamentos, nomeando os filhos que deixava. Com todos os pormenores historiou o que se dera com as questões no Rio de Janeiro — a proposito de letra de tres mil cruzados e as transações com D. Maria Angela Eufrasia da Silva, que ainda lhe ficava a dever cem oitavas de ouro e a quem se referiu em termos generosos e repassados de certa commoção, como quando fez allusão aos seus « soffrimentos e vexações ».

---

(1) S. S. Sacramento, Passos, Rosario e Almas.

Narrou o que se passára entre elle e os filhos da prodiga e deixou instrucções para o pagamento do deposito levantado em Lisbôa e pertencente a Sebastião de Miranda.

E, á extrema hora, historiando o magno desastre de sua vida, por miúdo explicou o caso de sua destituição de Thesoureiro da Bulla e os consequentes sequestro e execução.

Nem uma palavra aspera de queixa teve para com o arcediogo, sequer para com o dr. José Corrêa.

Não se esquecesse, quem se incumbisse da liquidação do alcance, de que, se não houvesse concordancia entre o numero de bullas e outras formulas estampilhadas e as clarezas da thesoureiros, deviam os fiadores ser responsabilizados pela differença pois ficara elle Pedro Tâques «dezobrigado totalmente» depois do confisco feito aos seus thesoureiros menores.

Morria o linhagista com a convicção de que os dinheiros arrecadados e correspondentes aos exercicios de sua gestão já ao alcance haviam sobrepujado. Chegava a precisar-lhe as importancias.

«E porque agora trago os conhecimentos de todos os dinheiros que El Rey tem recebido no Thesouro da Cruzada por elles se conhece sem a menor duvida que no dinheiro depositado está demais que me pertence 247\$882 réis os quaes se me não pódem entregar athé que não chegue ordem do tribunal para isto» porquanto ao Juizo Commissario de São Paulo faltavam attribuições.

E ainda havia dinheiro de Goyaz a receber, sendo o seu fiador e procurador alli Francisco Fernandes Pinto, o mestre fundidor, homem de bem.

Em sua casa quatro<sup>o</sup> escravos viviam e duas escravas; «dos seus mas não seus». Não possuia «móveis ricos nem pobres» as roupas de uso eram-lhe exclusivamente de «chita fina e japonas de baeta».

O que por varios lhe era devido estava perdido por antigo; não o pudera cobrar «sendo superfluo fazer entulho no inventario».

A unica expectativa favoravel consistia no subsidio real. « Assim haveria dinheiro para pagar as dividas e restar alguma cousa para a terça » de que pretendia deixar um legado de duzentos mil réis a sua cunhadinha e afillhada Anna Joaquina Renovata de Aguiar. A minucia com que foram todos estes assumptos tratados e esclarecidos mostra a quem lê o testamento quão lucida e perfeita conservava o linhagista a intelligencia.

Por diversas vezes allegou a sinceridade das declarações feitas.

« Vejo-me nas portas da morte para não occultar cousa alguma ». E reumatando as declarações com uma serie de palavras dignas de um christão lembrou: « Como catholico, esperando a morte todas as horas pelo meu deploravel estado, perdão aos que se empenharam a me insultar na honra e na fama ».

E, encerrando o instrumento de suas declarações, autorisou o pobre homem os testamenteiros a « tomar e vender de seus bens o que necessario fosse para seu enterramento » tal a firmeza com que á morte encarava.

Ter-lhe-ia aos ultimos momentos mitigado a ideia de que El Rei de Portugal cumpriria a sua real palavra? Analysando-lhe as palavras cremos que nem ao menos ao infeliz restou a certeza da restituição implorada, quando lhe era mais do que devida.

E' que conhecedor dos processos administrativos coloniaes a sua clara intelligencia aquilatava do valor das fallazes palavras dos poderosos de ultramar. Bem sabia quanto eram geralmente vãs as promessas feitas a brasileiros, embora partissem do throno fidelissimo.

Assim jamais substituiu a condicional pelo adverbio de tempo. « Se se verificasse o subsidio. »

Ficou-lhe a duvida a pungir-lhe atrozmente o espirito até o ultimo momento, duvida feita de esperanza angustiada e terror da desillusão, da confiança do subdito, do aristocrata, apaixonadamente leal, na palavra de seu rei e senhor, e receio de uma ultima

injustiça, pela falta de fé tão commum nas relações entre os grandes de alem mar e os mesquinhos vassallos do Brasil.

A 21 de fevereiro assignava Pedro Taques o testamento e a 25 rubricava o termo de sua approvação. Chamado o tabellião João Baptista de Moraes, á sua casa declarou encontral-o « em perfeito juizo e estendimento » segundo as respostas dadas ás perguntas que lhe fizera e logo « por suas próprias mãos lhe entregou o papel indo das suas » depois de o lér, palavra por palavra, declarando-se então que elle derrogaria qualquer outro, « anterior ou codicillo ».

Seis dias gastara o historiador a dictar as ultimas vontades, não tanto porque se achasse em tão miseravel estado de saúde mas porque sobretudo precisara frequentemente consultar as suas notas e numerosos documentos comprobatorios das asserções.

Oito dias mais tarde, a 3 de março de 1777, (1) extinguiu-se, ordenando o juiz ordinario Guarda Mór Domingos Francisco de Andrade que immediatamente se lhe procedesse á abertura do testamento. Realisou-a o tabellião Moraes (2) nesse mesmo dia.

---

(1) Test. a fl. 12. Debalde, no Archivo da Sé da Cathedral de S. Paulo, procurámos o assento relativo ao obito do historiador, a que deviam acompanhar as disposições relativas aos seus funeraes. Não o encontrámos. Estava o livro referente ao anno de 1777 truncado e prestes a desaparecer, de vorao por insectos papyrophagos. Algum tempo mais tarde deu-se a reforma e restauração deste archivo pelo actual Arcebispo de S. Paulo.

(2) Testamento a p. 12.

---

## CAPITULO XXIV

**Miseria em que falleceu o historiador. — Novas perseguições judi-  
ciarias á sua viuva e irmãos. — As passagens de Goyaz.  
— Não cumprimento das promessas regias.**

Tão extrema a pobreza em que fallecera Pedro Taques que um seu vizinho, o caridoso Padre Mestre Antonio Gonçalves Ribas, offereceu-lhe á familia a mortalha com que se sepultou ( 1 ).

« Todo o seu funeral foi feito por esmola athé o mesmo habito da mortalha » depoz um contemporaneo ( 2 ).

Quatro dias depois de sua morte soffria a sua attribulada gente novos vexames e sobresalto : intentaram os credores e fiadores da Bulla levar a effeito a penhora do que em casa lhe ficara ( 3 ) e conseguiram-no tomando á infeliz familia os pobres moveis que lhe restavam ( 4 ). Aconselhada por amigos assignou então a joven viuva um termo de renuncia, por si e suas filhas, a tudo quanto da herança do genealogista pudesse caber-lhes; alli não se comprehendendo naturalmente os direitos ao subsidio regio ( 5 ).

Mas este... Ainda ás portas da morte perseguia o Destino ao filho de Bartholomeu Paes.

---

( 1 ) Ouvidoria de S. Paulo - 1789 autos de penhora entre A. A. os herdeiros dos fiadores de Pedro Taques R. D. Ignacia Maria da Assumpção e Silva Depoimento de Esmeria de Jesus a p. 33.

( 2 ) Ibid. Depoimento de Joaquim Ferreira de Vasconcellos.

( 3 ) Ibid. Razões dos advogados da Ré. ( 4 ) Declaração de Alvim, genro do linhagista appensa aos autos do inventario da primeira mulher de Pedro Taques. ( 5 ) Processo acima citado. Razões dos advogados da Ré.



Onze dias antes de Pedro Taques fallecera D. José I e cahira Pombal que nada, até então, fizera para a effectivação da promessa de que fôra João Pereira Ramos o portador.

Como se sabe entenderam D. Maria I e a reacção antipombalina contrariar os actos do rei defunto isto é do ministro apeado.

Tratava-se além de tudo, de pagar... era pois o pretexto esplendido para que as portas do Thezouro regio apressadamente se cerrassem muito embora não fosse tal pagamento senão a reposição de pequena parte de quantias clamorosamente usurpadas pelo fisco.

Não se verificou a mercê reparadora, em 1776 obtida, ou antes solennemente promettida, explica o ingenuo annotador anonymo da *Nobiliarquia Paulistana* porque Pedro Taques veiu logo a fallecer !

Anno e meio mais tarde vinha a carta régia de 9 de novembro de 1778 definitivamente, dirimir a questão. Mandava a Rainha Nossa Senhora, pelos conselheiros do seu Conselho Ultramarino, que se regulamentasse, uma vez por todas, a questão do pagamento de impostos nas passagens de Goyaz, cujos direitos se haviam encorporado á sua Real Fazenda.

Nenhuma palavra nella se pronunciava sobre as pretensões do linhagista. Rei morto rei posto, mas isto não significava a continuidade das promessas régias de soberano a soberano, mesmo de pae a filha.

Dissipada a miragem, corajosamente começou a moça, viúva do historiador a trabalhar para poder levar a cabo a educação de suas filhas. Continuou a residir com a enteada e a mãe, que tinha alguns

escravos, como dos diversos recenseamentos posteriores a 1777 se infere. (1)

Encontrando em Agostinho Delgado o mesmo conselheiro cheio de criterio e dedicação pediu-lhe que se encarregasse da liquidação de varios negocios do marido, sobretudo os da sua Thesouraria e elle a serviu com sua nunca desmentida amizade. Assim era elle quem, em principios de 1778, encontrava contas com os thesoureiros menores do linhagista. A Chrispim Fernandes Ribeiro, por exemplo, dava quitação de 64\$000 recebidos ainda da venda antiga da Bulla, em Curytiba, e 44\$865 em Paranaguá. De Santos escrevia-lhe nesta época Manoel de Souza Pereira «mandando-lhe conta do que sobrava da Bulla.» (2)

Novas e preciosas provas do arbitrio que ao processo da espoliação do historiador presidira.

Quasi dez annos após o sequestro, ainda havia sommas a arrecadar dos seus prepostos; e não de funcionarios perdidos em remotos páramos sertanejos.

Havia dinheiro a receber em Santos e Paranaguá!

Continuou D. Ignacia a liquidação dos negocios de Cuyabá. Activa, quanto era isto compativel com a morosidade dos tempos, se lhe mantinha a correspondencia com os seus procuradores de Matto Grosso e de Ytú (3).

Despachara-se nesse interim para Goyaz, de accôrdo com os fiadores, um representante commum, o capitão Machado, a arrecadar contribuições dos antigos thesoureiros menores e o saldo do papel estampilhado.

---

(1) Em fins de 1777 dizia o recenseamento official que a viuva do linhagista, sua mãe e enteada tinham tres escravos homens e um moleque, sete, escravas uma moleca e dous aggregados libertos. Em 1779 dispunham de quatro escravas e nove escravos, adultos e menores. Recenseamento official. Em 1787 residiam todos á rua das Flores, com quatro escravas, dez escravos, um aggregado e duas aggregadas. (Rol de Familia, Sé Cathedral de S Paulo).

(2) Documentos avulsos do Archivo do Estado de São Paulo, papeis do General Arouche.

(3) Manoel Francisco da Silva e Francisco Novaes de Magalhães. Doc. 7 da collecção de papeis avulsos offerecidas ao Archivo do Estado de São Paulo pelo dr. Augusto Cardoso.

Já narrámos que este procurador encontrara em frangalhos resmas de papel sellado, quasi devorado pelo cupim, e no entanto sempre debitadas ao infeliz thesoureiro-mór deposto.

« Pobre e a viver de suas costuras, então ajudada do amor de muitas pessôas caridosas » ( 1 ), em sua viuvez procedeu D. Ignacia « com toda a honestidade e decencia » ( 2 ), a honrar a memoria do esposo illustre, a quem tanto quizera e coherente com o seu passado, pois « em companhia de seu marido vivera sempre com estimação e gravidade. » ( 3 )

« Por suas mãos trabalhava e por seus famulos com honra e recolhimento, creando as filhas com toda a cautela, conservandc-as em casa, fechadas » ( 4 ).

Tal o recato com que as mantinha, que ás visitas masculinas, embora as mais intimas e chegadas, jámais appareciam. Nem ella « permittia que algum homem lhes fallasse » ( 5 ).

Tanto as resguardava « da vista e fala dos homens », que um dos seus compadres declarava jámais ter-se avistado com a afilhada depois de pubere, apenas apparecendo ella á madrinha, mulher do depoente ( 6 ).

As cunhadas de D. Ignacia, as velhas irmãs do linhagista, sobreviventes ao naufragio da familia, D. Angela Maria e D. Leonor Caetana, é que lamentavelmente arrastaram melancolica e longa existencia.

Em 1779 conseguiam os irmãos Toledo Lara fazer-se pagar de parte do seu credito, afinal obtendo o arresto e a entrega das 450 oitavas de ouro reclamadas e procedentes de Guyabá ( 7 ).

---

( 1 ) Autos de justificação de D Catharina Taques. Depoimento de José Bonifacio Ribas.

( 2 ) Ibid. Id de Francisco Xavier dos Santos.

( 3 ) Ibid. Id.

( 4 ) Ibid. Id. do cirurgião-mór Rodrigues.

( 5 ) Ibid. Id. de J. P Galvão de Moura Lacerda.

( 6 ) Ibid. Id. do tenente de primeira linha Francisco Antonio Olyntho de Carvalho.

( 7 ) *Clareza* etc.. Memorias do Conego Lara.

Em 1786, acompanhadas de uma aggregada liberta e reduzidas á posse de tres escravas e um escravo, nota-o o recenseamento, viviam as duas irmãs os longos dias da velhice na pobreza. Inocentes e infelicissimas victimas de tantos embates em que a fortuna lhes sossobrara nem ao menos lhes podia a resignação trazer-lhes o apaziguamento ao espirito attribulado. Restavam-lhes os preconceitos ferrenhos, indeleveis, martyrisadores de sua vida de aristocratas decahidas, que o naufragio da sua situação social longe de subverter viera acirrar.

Em 1787, diz o « Rol de familias », da Sé de S. Paulo, residiam á rua das Flores com os seus cinco escravos. D. Leonor Caetana e D. Angela Maria.

Haviam herdado, á falta da fortuna, a robustez ancestral, pois esta contava 81 janeiros e aquella 73.

Que passaria por aquelles cerebros de solteironas macrobias, durante tres quartos de seculos cuidadosamente infantilizados pelo nosso regimen musulmano colonial, aniquilador da personalidade feminina? Que lhes restaria do sonho aristocratico e megalomaniaco em que se lhes formara o espirito, cheio de orgulho e timidez, indolencia e aferro aos preconceitos, incapacidade de agir, quiçá de pensar, e temor da vida?

Pobres victimas de cruel conflicto de sentimentos e circumstancias antagonicas! Morreram embaladas pelas historias grandiosas dos seus claros avós e de sua linhagem illustre que tanto, ao irmão, haviam ouvido, cerrando os olhos á evidencia do implacavel presente para se refugiar naquelle maravilhoso passado onde as figuras do pae, o descobridor dos thesouros immensos de Goyaz e do Avô, o nababo e omnipotente capitão-mór assumiam descommunes proporções...

Serviam-lhes de recordação do querido passado aquelles reposteiros onde bordado haviam, os multiplos brazões dos Taques, pomposos adornos das modestas taipas, abrigadoras do linhagista e seus devaneios nobiliarchicos

Não seria esta tão flagrante discordancia de pretensões e realidades o symbolo de um estado social brasileiro e symbolo da impraticabilidade dos principios do linhagista, procurando revigorar no paiz as ideias cada vez mais deliquescentes obliteradas da selecção aristocratica, que, até no proprio Portugal se iam velozmente desmaiando para, no seculo XIX, dar logar á mais rasteira das monarchias, complacente em abrir mão das regalias mages-taticas e das instituições basicas dos antigos thronos, traficante de nobreza, atascada na desmoralisação das tradições ?

Em 1787 — como nol-o indicam os autos de justificação de D. Catharina Angelica Taques, filha do linhagista, a que tantas vezes nos temos referido, proseguia sem solução o caso do sequestro dos bens do linhagista, cujo producto continuava a dormir nos cofres do deposito de S. Paulo.

Entre 1787 e 1789, quer nos parecer, consum-mou-se definitivamente o golpe machinado, vinte annos antes, contra a fortuna e posição social do historiador. Longe de se restituir aos seus successores alguma cousa, como julgava o chronista que haveria de succeder, foram os fiadores, seus herdeiros, intimados a pagar ao fisco uma quota de cento e poucos mil réis, cada um (1)

E' o que se deprehende do libello do processo em 1789 movido á viuva de Pedro Taques por esses herdeiros (2) sob o fundamento de que sonegara bens havidos da successão do marido.

Allegavam os autores que além dos sacrificios já feitos ainda provavelmente teriam novo rateio a pagar, tão consideravel quanto o primeiro.

---

(1) Documento appenso aos autos do inventario de D. Maria Euphrasia de S. Quitéria, primeira mulher de Pedro Taques.

(2) D. Maria Josepha da Cunha, viuva do Dr. José Correia da Silva ; D. Maria Barbosa de Lima, viuva de Alexandre Barreto de Lima e Moraes ; D. Maria de Lara Leite e Goes, viuva do Guarda Mor José de Goes de Siqueira e os filhos de João da Cunha Franco — Ouvidoria de S. Paulo, 1789. Autos não catalogados do Archivo do Estado de S. Paulo.

Era voz geral que o thesoureiro desfalcatorio alguns bens occultara, assim como, indebitamente, recebera quantias resultantes de cobrança da bulla, e não as declarara. Seguindo lhe os conselhos procedera a viuva da mesma fórma « secretamente arrecadara novas parcellas, com ellas comprando escravos. »

Requeriam-lhe, portanto, o sequestro dos bens. Intimados a depôr em juizo, declararam as cunhadas de D. Ignacia nada poder responder ao que lhes era perguntado.

A enteada Emilia Flavia, esta contou que « a madrastra recebera outr'ora uma barra de ouro, grande, vinda de Cuyabá », cuja proveniencia totalmente ignorava.

Ausente D. Ignacia no Rio de Janeiro, fez-se-lhe a penhora dos bens, delles bem pouco se apurando: uma escrava de dezeseis annos, uma cadeirinha de telhadilha, com cortinas de algodão, meia duzia de pratos e tigelas, uma papeleira e um contador de jacarandá. Maldosa e asnaticamente declaravam os avaliadores: « Excepto os bens acima declarados ha muito mais bens constantes de ouro e prata e pedras preciosas, dos quaes se não fazem menção por não haver delles conhecimento. »

A S. Paulo voltando em principios de 1790, expoz D. Ignacia, por intermedio de seus advogados, a sua situação de modo tão natural e categorico, que o ouvidor lhe deu ganho de causa, annullando a penhora effectuada. A 12 de outubro desse mesmo anno declararam os autores desistir da causa. Taes foram os ultimos echos do desastrado processo da Bulla, que ao historiador, e aos seus, prodigioso desencadear de calamidades motivara.

Em 1791 fallecia, solteira, D. Emilia Flavia da Conceição Taques, amargurada vitima, como as outras, dos descalabros da fortuna paterna. Quatro annos mais tarde cabia-lhe á madrastra desaparecer do mundo...

Finara-se destituida de recursos, allegaria o gen-

ro, Manoel Innocencio Alves Alvim, respondendo á intimação que lhe fôra feita, em certa data, para que ao inventario da sogra conclusse :

« Não lhe fôra testamenteiro nem muito menos herdeiro pela falta que ella tinha de bens e em razão de lhe serem todos sequestrados pelo Commissario da Bulla, logo depois do fallecimento de seu marido, ficando a viuva reduzida a total pobreza até a sua morte, como de todos era constante ( 1 ).»

Mais uma vez contestavam os factos, irrecusavelmente, as accusações de improbidade contemporaneas, irrogadas ao autor da *Nobiliarchia Paulistana*.

---

( 1 ) Inventario de D. Maria Euphrazia de Santa Quiteria. Petição de Manoel Innocencio Alves Alvim ao ouvidor de S. Paulo, Maço 43 dos inventarios velhos. Archivo do Estado de S. Paulo.

---

## CAPITULO XXVI

O olvido que envolveu o nome e a obra do historiador das «bandeiras.» — Antonio Piza e Azevedo Marques. — A solennisação do segundo centenario natalicio do linhagista. — Homenagens diversas prestadas á sua memoria e á sua obra.

Fôra Pedro Taques um personagem de antiguidade, e seus biographos, ao lhe analysarem a attribulada existência, envolta em mil difficuldades, terminada por descalabros de toda a especie e catastrophes sobre catastrophes, diriam que o Destino, a incomprehensivel e fatal Moira, o marcara com o ferrete dos perseguidos dos deuses. E, realmente, raros os que, como elle, tiveram a vida tão cheia de afflicções e infelicidades. Ainda depois de seu desaparecimento, acompanhado de lances tragicos e pungentes, como a punil-o do muito que o alentára, em sua jornada cruciante, o consolo intimo desse *non omnis moriar* do poeta, que aos homens do ideal anima e reconforta; como a castigal-o de tanta constancia e firmeza de alma, encarniçou-se a sorte em lhe anniquillar os elementos constituidores da razão de ser dos seus sentimentos de amor á gloria e horror ao olvido. Dispersaram-se-lhe os manuscriptos, durante quasi um seculo; dois terços de sua obra, talvez, desapareceram, sem deixar esperanças de que algum dia se recomponham, e tão singular o silencio que em torno de sua pessoa se formou que para elle até concorreram os seus maiores amigos e admiradores.

Ninguem o teve em tão alta conta, nem tão calorosamente o proclamou quanto frei Gaspar da



Madre de Deus; e, no entanto, graças a inexplicavel lacuna de memoria, na sua obra equivocou-se acerca da data do fallecimento do amigo, e esse erro foi á porfia repetido por todos os biographos de Pedro Taques.

Por completo obliterou-se a noção das injustiças, digamos melhor, das iniquidades que á vida do infeliz historiador arrazaram: a questão do pretenseo desfalque á thesouraria da Bulla da Cruzada, graças á qual se viu lançado á miseria, velho, alquebradissimo, já ás voltas com as primeiras crises da paralyisia geral. Miseria tal que faria com que precisasse um amigo de o acudir com alguns mil réis, porque não «havia com que ir ao açougue», e outro com a mortalha que lhe envolveu o cadaver.

De nada disso se conservou memoria, mesmo entre os mais ferventes estudiosos das cousas nacionaes e da historia paulista. Tudo se explicaria si se tratasse de alguma personagem de somenos importancia; mas justamente Pedro Taques é um nome que enche a historia do Brasil e de S. Paulo setecentista; é o maior — e com enorme superioridade — dos tão raros escriptores chronistas de antanho; é, em summa, o Historiador dos Bandeirantes.

Neunhum epitheto mais se torna preciso para qualificar a posição que no conjuncto das nossas letras e dos nossos fastos lhe compete.

Ao inserir na collecção dos *Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de S. Paulo* uma carta do capitão-general de S. Paulo ao de Goyaz, acerca do desfalque da Bulla, annota Antonio Piza, a revelar a mais incompleta insciencia do assumpto capital para o estudo da vida do linhagista, aquelle que lhe motivara a ruina:

«Pedro Taques, a quem D. Luiz Antonio de Souza se refere, era o illustre auctor da *Nobiliarchia Paulistana* e de outras obras de muito merito. Parece que elle não ficou totalmente arruinado com sua dissipação, porque mais tarde foi a Portugal, esteve se tratando de paralyisia em Caldas da Rainha

e continuando em Lisbôa os seus estudos nobiliarchicos» ( 1 ).

Aliás, nem sempre rende Antonio Piza a devida justiça ao genealogista, para quem se mostra sobrio de elogios. Occasiões ha em que lhe chama apenas: «escriptor distincto e muito trabalhador» ( 2 ). Alhures classifica a *Nobiliarchia* «notavel trabalho» ( 3 ). Ao pedir ao Instituto Brasileiro permissão para a reimpressão da obra, «importante trabalho» ( 4 ). Em outras notas aos *Documentos Interessantes* é menos parcimonioso em relação ao linhagista. Assim delle ora diz: «historiador muito instruido» ( 5 ); ora «autor de trabalhos de valor» ( 6 ); e «illustre autor de trabalhos litterarios de grande valor» ( 7 ).

De particularidades capitaes, quanto cheias de interesse, como as do desfalque da Bulla, tambem não veiu a saber Azevedo Marques, tão cauteloso rebuscador e incançavel estudioso. A' pequena noticia biographica do linhagista apenas accrescentou escassos dados ineditos hauridos de notas de Roque de Macedo Paes Leme, segundo affirma.

Da pessoa do linhagista occupa-se com uma frieza que tóca ás raias da injustiça, pois declara que para os seus *Apontamentos* «não poucas noticias da Nobiliarchia trasladou, depois de haver verificado a verdade dellas pelo confronto de documentos authenticos e escriptos dignos de todo o credito» ( 8 ).

Quanto ao brigadeiro Machado de Oliveira, nunca se nos deparou nos seus escriptos allusão alguma ao linhagista, cujos trabalhos aliás só se publicaram após a sua morte.

- 
- ( 1 ) *Documentos Interessantes*, XIX, 250.  
( 2 ) *Docs. Interes.*, IV, 18.  
( 3 ) *Revista do Inst. Hist. de S. Paulo*, 3, 50.  
( 4 ) *Revista*, 58, II, 389.  
( 5 ) *Docs. Interes.*, V, 50.  
( 6 ) *Docs. Interes.*, XXXIII, 108.  
( 7 ) *Docs. Interes.*, XV, 44.  
( 8 ) *Apontamentos*, II, 104.

Renasceu nas ultimas decadas a curiosidade em relação á tão esquecida figura do velho chronista das bandeiras e entradas.

Fez a fundação do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, em 1895, com que logo se pensasse na oportunidade da reedição da *Nobiliarquia Paulistana*, o que se não se levou a effeito; comtudo, publicou Augusto de Siqueira Cardoso, erudito linhagista alliado á familia do chronista, interessantes e valiosos estudos: *Os ascendentes e descendentes de Pedro Taques de Almeida Paes Leme* ( 1 ); *Pedro Taques de Almeida Paes Leme — estudo genealogico* ( 2 ).

Afinal, a approximação da data natalicia bicentenaria suggeriu a necessidade de homenagens publicas á memoria do tão deslebrado historiador.

Foram estas festividades celebradas pelo Instituto Historico de S. Paulo, em Julho de 1914, modestas, mas nem por isso deixaram de chamar a attenção e a sympathia do publico e da imprensa paulista e fluminense para uma figura nacional de tão grande relevo ( 3 ).

A reedição da *Nobiliarquia* será nova consagração do inicio da obra reparadora e justiceira que a gratidão brasileira devia á personalidade do grande chronista, e, mais dias, menos dias, se consubstanciará num monumento erigido pela cidade de S. Paulo em honra a um de seus maiores filhos.

Levando-a a cabo pois se acha em andamento, demonstra mais uma vez o Instituto Historico e Geographico Brasileiro quanto inflexivelmente se norteia pela senha já quasi centenaria, e cada vez mais obedecida, que de seus maiores recebeu, sob os auspicios de seu magnanimo protector de cincoenta annos, directriz essa apontada pelo amor de todos os instantes e a preocupação continua pelas cousas do Brasil.

---

( 1 ) *Revista do Inst. Hist. de S. Paulo*, X, 39 ( 1905 ).

( 2 ) *Revista do Inst. Hist. de S. Paulo*, XIX, 275.

( 3 ) Vid. na *Revista do Inst. Hist. de S. Paulo*, Tomo XIX, a descripção destas solemnidades promovidas pelo autor desta obra.

*Priora disquirendo Patriam colimus* — não enuncia, e tão expressivamente, uma das divisas daquelles que aggreinados em torno de seu nome, na occupação pacifica da sciencia, trabalham pela gloria do Brasil?

Além das homenagens prestadas á memoria de Pedro Taques pelo Instituto Historico de S. Paulo, em Julho de 1914, outras ha a mencionar anteriores e posteriores a esta, que, sem duvida alguma, representa a unica e publica consagração de certo vulto, até hoje imaginada para celebrar a gloria do historiador das bandeiras. Constou da inauguração de uma bella placa de bronze commemorativa, offerecida pelo então prefeito de S. Paulo dr. Washington Luis Pereira de Souza, em nome da capital paulista, de uma sessão solemne onde o autor deste estudo fez a biographia e o estudo da obra do linhagista e ainda de outra inauguração, a de segunda placa de bronze á esquina da rua Pedro Taques, na Consolação, que deu motivo a uma festa de rua, muito concorrida, nella havendo o dr. Eugenio Egas celebrado, em termos eloquentes, a memoria do historiador.

A inscripção da placa do Instituto assim a redigimos :

*A' gloria de Pedro Taques este preito consagra o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, a 20 de Julho de 1914, celebrando o segundo centenario natalicio do historiador das bandeiras paulistas, dilatadoras do Brasil.*

Pouco depois, por occasião do primeiro Congresso de Historia Nacional, propoz Basilio de Magalhães — cuja cadeira na Academia Paulista tem por patrono Pedro Taques — que numa das actas do Congresso se rememorasse que 1914 era o millesimo do segundo centenario natalicio do linhagista de S. Paulo.

Approvada esta moção, propóz o sr. Max Fleiuss que dos *Annaes do Congresso* tambem constasse o estudo biographico do autor desta memoria sobre o glorificado genealogista, o que obteve a unanime acquiescencia dos congressistas.

Data de 1883 a primeira publica homenagem prestada á memoria do historiador primevo de São Paulo: a idéa da fundação, no Rio de Janeiro, de uma sociedade intitulada *Pedro Taques*, cujo fim era colligir materiaes para a historia dos bandeirantes, occorreu a um grupo de eruditos. No programma da associação se declara que seu titulo é «justa homenagem a Pedro Taques de Almeida Paes Leme, o notavel autor da *Nobiliarchia Paulistana*». Cada socio, diz ainda a noticia, ficará encarregado de extractar de determinados livros, e manuscritos, tudo o que diz respeito ao assumpto que se procura estudar. A distribuição do trabalho será methodica e dever-se-á começar pelo seculo *XVI*. Um livro deverá conter o resultado das investigações.» Á esta sociedade pertenciam J. Capistrano de Abreu, Alencar Araripe Junior, João Severiano da Fonseca, F. Ramos Paz, Sylvio Romero, Teixeira de Mello, Rodrigues Peixoto, Gama Berquó. ( 1 ). Nada mais é necessario dizer sobre o valor desta homenagem á memoria do chronista, alem dessa simples resenha de nomes .

---

( 1 ) Vid. *Gazeta Litteraria*, do Rio de Janeiro, 1.º de Outubro de 1883.

## CAPITULO XXVII

**A Nobiliarchia Paulistana — Condições em que foi composta — Constancia inquebrantavel do linhagista — O que Pedro Taques escreveu e o que se perdeu — Projectos de reimpressão — As demais obras do historiador : as publicadas e as que se perderam.**

Trabalhador infatigavel, immenso produziu Pedro Taques. Cincoenta annos consagrou-os inteiros, pertinaz e incessantemente, á erecção desse monumental repositorio documentario, que é a *Nobiliarchia Paulistana*.

O estudo accurado dos troncos decórrentes dos primeiros povoadores de S. Paulo, levou-o ao estabelecimento de noventa e sete titulos genealogicos, quiçá, maior numero ainda, pois, nos vinte e quatro impressos, referencias se têm a setenta e tres ineditos, sendo, portanto, muito provavel que na parte desconhecida da obra haja allusões a novos capitulos.

Para realizar tão formidavel obra, no barbaro Brasil setecentista, onde as condições eram inacreditavelmente difficeis, precisou o seu autor fazer um dispendio de energia absolutamente pasmoso.

Ainda adolescente, aos 16 annos, já cogitava do assumpto capital de sua vida inteira ; data de 1742 o titulo dos Buenos, de 1748 o dos Arrudas Botelhos e Sampaio. Jamais se descurou, um só dia, da faina de avolumar materiaes, o cabedal de suas notas e apcmtamentos, por mais longe que o levassem o desejo de enriquecer ou a defesa dos interesses familiares ás solidões de Goyaz e ás de Matto Grosso.

O periodo fecundo de trabalho, encetou-o, porém, em 1763, quando de volta de Portugal, e estabelecida a vida em S. Paulo, exerceu o cargo de thesoureiro da Bulla da Cruzada. Mandam-lhe então os prepostos informações e cópias de documentos, e elle proprio entretém enorme correspondencia com mil e um interrogados, realiza viagens, á feição dos *iter* dos antigos historiadores, por toda parte onde suppõe encontrar papeis velhos e documentos.

Vieram pouco depois os annos dos revezes e das calamidades, o sequestro dos bens, as accusações as mais desabaladas contra a sua probidade, as privações e vexames soffridos pelos seus, a insolencia dos credores, a angustiosa falta de meios, todos estes descabros ainda coroados por terrivel molestia nervosa e a perda de dois filhos, unicas esperanças e consolo no meio de tão attribulada vida. Nada o demoveu de levar a cabo a *Nobiliarchia* e os seus queridos estudos historicos, que eram como a carne de sua carne, os ossos de seus ossos, o reconforto e o lenitivo de sua pobre vida.

Permittisse-lhe a molestia « a interpolação de algumas horas de mais socego », e voltava encarniçadamente ao trabalho, dizia ao confidente: o benedictino, parente e confrade.

A' genealogia dos Lemes, certa occasião tivera de a interromper por espaço de treze mezes « tão flagellado vivera diariamente ». Quanto projecto não precisara abandonar, graças « ao deploravel estado em que se achava, sem liberdade para a positura de assentado ( 1 ).

Ainda se ao menos pudesse pagar um amanuense! Muito a meúdo o immobilisava tambem « o æchaque inveterado de enxaqueca, cujas dôres faziam pôr em desprezo o uso de ler e escrever ( 2 )

Foi entre os maiores soffrimentos physicos e moraes que escreveu a *Historia da Capitania de S. Vicente*, a *Informação sobre as minas de São*

---

(1) *Docs. Interns.*, IV, pag. 10 et passim.

(2) *Revista*, IX, 2, 133.

*Paulo*, em 1772, os titulos genealogicos sobre os Costa Cabraes, Chassins, Gayos, Pedrosos, Vazes e Barros.

Semi-moribundo, a Portugal transportou os seus queridos manuscriptos, quando num supremo arranco de forças foi perante o Rei tentar mais uma vez obter justiça e reparação.

Generalisara-se-lhe a paralyisia, mas a indomavel energia do infeliz ainda o fazia frequentar a Torre do Tombo e pedir a Frei Gaspar que lhe enviasse os seus cadernos de notas para as combinar com algumas memorias, em Portugal descobertas (1) Até os ultimos dias, pode-se dizel-o, leu, annotou e ampliou a sua obra querida.

Passava, no entanto, por momentos de verdadeiro desespero o desgraçado, desalento e duvida, quanto á utilidade da tarefa que estava levando a cabo, desanimo em relação á sorte que aguardava os seus pobres manuscriptos; assim escrevia ao querido amigo: « vai traçando o destino para verificar-se o proprio prognostico, de que por minha morte hão de ter os rapazes, nas noites de São João, papel para traques, se antes disto não produzirem as melancolias da minha pobre vida a resolução de reduzir tudo a cinzas, desenganando assim aos meus inimigos, que eu mesmo reconheço, que os meus escriptos são mais dignos de fogo que de luz (2)

Havia de impedir-lhe, porém, o levar a effeito tão sinistro plano a força irresistivel que o alentara para a satisfação do seu ideal de escriptor. Afastara-se-lhe para o irrealizavel o projecto tão caramente acariciado de fazer « ver ao mundo a sua *Nobiliar-chia* pelo beneficio da imprensa ». Apesar de tudo nella trabalhou até o ultimo sopro.

Parece-nos que na historia litteraria do Brasil não ha exemplo que de perto se approxime daquelle que tão nobremente deixou Pedro Taques, de inquebrantavel preocupação e desvelo pela realisação de

---

(13) *Docs. Inters.*, IV, 22.

(14) *Docs. Inters.*, IV, 11.



uma obra, filha de intimas e nobres impulsões e no meio de tantas e tão notaveis adversidades.

Por mais que lhe admiremos a coragem e resignação, inquebrantabilidade e apego ao ideal, não nos surprehendamos comtudo de quanto Pedro Taques — historiador desses bandeirantes com quem realisava todas as æffinidades — devia deixar de si um padrão extraordinario de energia.

A' lista dos titulos impressos: *Buenos da Ribeira, Taques Pompeus, Almeidas Castanhos, Antas Moraes, Laras, Prados, Costas Cabraes, Mesquitas, Penteados, Alvarengas Monteiros, Pires, Affonsos Gaias, Chassins, Campos, Toledos Pizas, Rendons, Lemos, Godoys, Bicudos, Carneiros e Mendonças, Pedrosos, Vazes e Barros*, addicionou Antonio Piza outra, constante de cincoenta e tres novos capitulos ineditos, por elle apontados, no texto publicado, a saber:

*Aquirre, Almeida, Alvares Sousa, Anhaia, Arzão, Baião, Betim, Borba, Camargo, Canhamares, Carvoeiros, Cerqueira, Cordeiro Paiva, Cunha Gago, Dias Paes, Dias Tibiriçá, Dutra, Falcão, Fernandes Povoadores, Freitas, Furquim, Furtado, Garcez Barreto, Góes Mendonça, Guerra, Horta, Jorge Velho, Leite de Miranda, Lopes da Silva, Machado, Machado Castanho, Machado Fagundes, Martins Bonilha, Moraes, Moraes de Souza, Moreira, Nunes Siqueira, Pacheco Jorge, Pinto Guedes, Pontes, Portes d'El Rei, Preto, Proença, Quadros, Raposo Bocarro, Raposo Góes, Raposo da Silveira, Raposo Tavares, Rodrigues Lopes, Siqueira Mendonça, Tenorio, Vaz Guedes e Vieira Maia.*

Percorrendo attentamente a *Nobilharchia* verificamos a existencia de vinte e um titulos novos que a Antonio Piza escaparam:

*Almeida Neves, Annes Sobrinhos, Arruda (ou Botelho Arrudas) Azeredo Coutinho (do Rio de Janeiro), Barbosa Lima, Bicudo Castanho, Bueno Anhanguera, Botafogo (do Rio de Janeiro), Castilho, Cerqueira Lima, Cunha*

*Abreu, Eannes, Ferraz de Araujo, Góes, Machado Barros, Miranda, Moreira Castilhos, Munhos, Oliveira Leitão, Pimentel Moraes, Ponce Torales, Proença Abreu e Saavedra.*

Ainda se refere Pedro Taques a outros capitulos, como *Machado Toledo* (da ilha Terceira), *Pontes* (dos Açores) etc., de modo a não deixar bem claro, porém, se os escreveu, ou se se trata de escriptos de outros genealogistas.

Constam os titulos impressos, na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, de 1202 paginas in-8 e typo médio. E de crêrque a *Nobiliarchia Paulistana* completa dêsse tres mil, senão mais paginas... Curiosas as vicissitudes da existencia desta grande obra!

Ao realizar a segunda viagem a Portugal, em 1774, levou Pedro Taques, comsigo, os seus manuscritos, com o fim de os mostrar ao Desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, de cujo parentesco longinquo e amizade poderosa tanto esperava. Foi providencial esta resolução — pois salvou a *Nobiliarchia* da completa perdição.

Gioso das glorias de sua estirpe ligava o Desembargador grande importancia ás pesquisas do chronista que tanto lhe exaltara os ascendentes Rendons, Buenos da Ribeira e Azeredo Coutinho.

Communicou-as, annotando-as em diversos pontos, ao irmão, o Bispo Conde de Coimbra. D. Francisco de Lemos, e ambos, gostosamente as tornaram conhecidas dos dois irmãos, seus primos afastados, de São Paulo, José Arouche de Toledo Rendon e Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, apaixonados ambos de assumptos paulistas e genealogicos, sobretudo.

Teve em mãos Diogo Ordonhes espirito sumamente culto, durante longos decennios a obra de Pedro Taques, — senão grande parte della, — desde o regresso do escriptor a São Paulo: copiou-a e annotou-a em differentes topicos, completou-a com informações recentes, algumas das quaes minuciasas, como a que se refere ao processo do contractador

de diamantes João Fernandes de Oliveira, morgado de Grijó e sua madrastra.

Escreveu sempre com criterio e ponderação e muitas de suas notas têm real valor documentario.

Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, que com elle em Lisbôa se encontrára, sobremaneira se interessára tambem pela *Nobiliarchia*; chegou a copiar-lhe paginas e paginas, a pedido do patricio e amigo. Diogo Ordonhes, ouvidor em Cuyabá, deputado á Assembléa Constituinte, conselheiro de fazenda no Rio de Janeiro em 1826, ahi falleceu celibatario. Passaram os 59 cadernos da cópia da *Nobiliarchia* para o poder do irmão, o Marechal Arouche, que bem lhes aquilatava o valor. Desaparecido por sua vez este, em junho de 1834, poz-se São Leopoldo a campo para salvar tão precioso espolio dos perigos que o ameaçavam. Pediu encarecidamente á filha do Marechal, que por algam tempo e para os mandar copiar, lhe confiasse os manuscritos.

Salvadora foi a sua intervenção, pois decidiu D. Maria Benedicta de Toledo Arouche, a doal-os a quem por elles tanto se empenhava. Teve-os São Leopoldo em mãos durante alguns annos; por sua morte, em 1847, tocaram ao filho Dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, e este, bem inspirado quanto possivel, offereceu-os ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 1855. No seu tomo XXXII, anno de 1869, encetou a *Revista do Instituto* a impressão do codice, terminada no tomo XXXV. O modo, porém, pelo qual se levou a effeito tal publicação sobremaneira prejudicou a obra. Realizada em dez fragmentos esparsos em quatro tomos e sete fasciculos, tornou incommodo quanto possivel o manuseamento do grande trabalho de Pedro Taques. Fosse como fosse, estava salvo muito do que o chronista escrevera de melhor: os titulos importantissimos dos Buenos, Taques, Lemes, Campos, etc., repletos de documentação valiosa.

Já no tomo 18, de 1855, da *Revista* se impuzera aos estudiosos e eruditos a necessidade da

impressão da *Nobiliarchia*: nelle fizera o dr. Antonio da Costa Pinto e Silva inserir pequena parte do titulo *Taques Pompeus*, copiado de um manuscrito pertencente a um neto do escriptór, prova de quanto andavam dispersas as paginas da *Nobiliarchia*, como já o observára o Visconde de São Leopoldo, certo de que passára ella por diversas mãos soffrendo numerosas mutilações e provavelmente provocando não poucos plagios.

A Frei Gaspar da Madre de Deus, que tanto chamou a attenção dos historiadores, sobre a obra de Pedro Taques, neste particular procedendo com a maior lealdade e modestia a ponto de lhe attribuirem escriptores, como Monsenhor Pizarro (1), que se não avistaram com as obras do genealogista, como que o papel do copiadador deste, a Frei Gaspar se deve em grande parte a ressurreição do que deixou o confrade e amigo. Exaltou-lhe os meritos, a consciencia, a capacidade de trabalho, o labor formidavel da documentação, a memoria extraordinaria, e não pouco contribuiram certamente as suas palavras (2) para que a *Nobiliarchia* mais cara se tornasse aos irmãos Arouche e Visconde de São Leopoldo.

Será possivel encontrar-se parte do que se sabe perdido da *Nobiliarchia*? E' possivel que sim. O titulo referente aos Arrudas por exemplo escapou á destruição e delle se serviu Silva Lenie para a sua *Genealogia Paulistana*. E' muito plausivel que outros surjam dentre os amontoados de papeis velhos, dilacerados, apagados, truncados, a que o quasi geral descaso brasileiro condemna documentos ás vezes valiosissimos. Haja vista o que Antonio Piza salvou do espolio do marechal Arouche — *Chronicas de Cuyabá*, as notas de Frei Gaspar, etc.

Não será de extranhar que de Portugal nos cheguem alguns dos capitulos desconhecidos da *No-*

---

(1) *Memorias*, II, 258. — Ahi intitula a Pedro Taques «eruditissimo e o melhor genealogista do Brasil».

(2) *Memorias para Historia da Capitania de São Vicente*, §§ 18, 23, 77, 94, 95 e 96.

*biliarchia*. Com o seu faro extraordinario de *trouveur* e de pesquisador, a quem o destino fez os régios presentes do encontro de tantos documentos capitaes, suspeitava Varnhagen parassem em Coimbra, quicá no archivo da Universidade, os manuscriptos paulistas, sendo, alás, isto natural, dadas as relações de seu autor com D. Francisco de Lemos Faria Coutinho, o bispo conde, e irmão do desembargador João Pereira Ramos.

Procurou-os ardentemente como se deprehende dos topicos de uma carta que de Portugal em 1842, escreveu ao conego Januario da Cunha Barbosa: « Faço diligencias para obter a celebre *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques, tão citada e gabada por Frei Gaspar; e o certo é que já tive menos esperanças de obter noticias della. Si eu conseguir uma occasião de voltar á Coimbra, farei nisto consistir um dos meus empenhos ». ( 1 ).

Ao fallecer o Visconde de São Leopoldo, escreveu o brigadeiro Machado de Oliveira á directoria do Instituto, recommendando-lhe insistentemente que se não se descuidasse de procurar obter os manuscriptos de Pedro Taques pertencentes ao espolio do illustre santista, tanto mais quanto sabia ser intenção sua legal-os á companhia de que fôra fundador e presidente ( 2 ).

Grande curiosidade acompanhou a divulgação dos diversos titulos da *Nobiliarchia*, entre os especialistas, entende-se; pois, salvo quanto a um ou outro amator de cousas nacionaes, passou a obra despercebida, sobretudo pelo facto de que a sua publicação se subordinou ao detestavel e incomprehen-sivel criterio da inserção por fasciculos em sete tomos da *Revista* !

Ao fundar-se o Instituto Historico e Geographico de São Paulo, empenhou-se Antonio de Toledo Piza, ardorosamente, para que a nova companhia tratasse, quanto antes, da re-impressão da *No-*

---

( 1 ) *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. V, 95.

( 2 ) *Revista*, I. X, 122.

*biliarchia*, para tanto solicitando a necessaria permissão do Instituto Brasileiro.

A 5 de Novembro de 1895 escrevia elle, neste sentido, ao Presidente do Instituto Brasileiro, allegando que, ao reeditar a obra de Pedro Taques, a ella additaria o Instituto de São Paulo um capitulo inedito: *Arrudas Botelhos e Sampaio*s, que em seu poder se achava, assim como a «nobiliarchia das familias até a presente data de 1895, em vista dos trabalhos recentes já publicados pelos Drs. João Mendes de Almeida, Augusto de Siqueira Cardoso e Ignacio Xavier Paes de Campos Mesquita e outros, e com o concurso dos estudos especiaes de varios de seus membros».

Promptamente concedida a permissão solicitada, a 13 de maio de 1896 communicava Antonio Piza o facto aos seus consocios. Nada se fez, porém, ou se pôde fazer; foi o projecto, como tantas e tão frequentes vezes, adiado *sine-die*, e ha disto, já, vinto e cinco annos.

Neste interim não sabemos de descoberta nova, alguma, referente á *Nobiliarchia*, salvo quanto a umas folhas esparsas do titulo *Camargos*, em poder de Silva Leme. Intercalou a *Revista* do Archivo Publico Mineiro (t. VI) em suas paginas o *titulo da nobre familia dos Arias, Aguirres e Sodrés da cidade de São Paulo*, copia do manuscripto da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, e offerecida ao archivo por Lafayette de Toledo. Por occasião da Exposição de Historia do Brasil figurara o manuscripto sob o n. 15.271 do Catalogo. Não se trata de um inedito de Pedro Taques, segundo nelle formalmente se declara, dizendo o autor João José de Siqueira Távira, que compuzera tal titulo, terminado em Lisboa a 27 de maio de 1773, trasladando-o «de huma genealogia feita por Pedro Taques, natural de São Paulo, além de varias informações dadas por pessoas antigas da mesma cidade de São Paulo, e do que constou de alguns auctos de genere e inventarios».

Da obra de Pedro Taques restam-nos a muti-

lada *Nobiliarchia Paulistana Historica e Genealogica*, e mais tres memorias todas ellas publicadas pelo Instituto Brasileiro :

*Historia da Capitania de São Vicente* ( 1 ),  
*Informação sobre as Minas de São Paulo* ( 2 ),  
e *Noticia Historica da expulsão dos jesuitas de São Paulo em 1640* ( 3 ).

E' a *Historia da Capitania de São Vicente*, sobretudo um arrazoado juridico para provar os direitos do Conde de Vimieiro á Capitania de São Paulo, direitos que lhe contestava seu parente Conde de Lumiares, o proposito de um novo incidente do secular processo Monsanto-Vimieiro.

Diz-se na *Revista* que se imprimiu uma cópia do original existente no Archivo do Instituto. Como porém, se trata de uma memoria terminada a 3 de janeiro de 1772 e nessa época já o chronista estava a soffrer o continuo pungir dos effeitos tão crueis da terrivel paralyisia geral, é provavel que houvesse ditado o texto a algum copista, assignando-o apenas. Custava-lhe immenso ficar sentado, e tinha os movimentos necessarios á escripta descoordenados, conforme nos revela uma de suas cartas a Frei Gaspar ( 4 ).

Quem ao Instituto forneceu o manuscripto da *Historia da Capitania de São Vicente* foi o Visconde de Uruguay, que o encontrára no archivo do Ministerio de Extrangeiros, então a seu cargo, segundo parece inferir-se do que avança o conego Januario no seu relatorio de 1843 ( vide *Revista*, tomo V, pag. 17, suppl. ). Em todo o caso, em 1845, já ao Instituto pertencia ( 5 ). Delie deve existir outro exemplar, quando não seja o que serviu para o indecoroso plagio de Manuel Cardoso de Abreu, em cuja *Historia da Capitania de São Paulo*, até

---

( 1 ) *Revista*, tomo IX, 103 pags in 8.

( 2 ) *Ibid.*, tomo LXIV, 84 pags, in-8.

( 3 ) *Ibid.*, tomo XII, 40 pags, in-8.

( 4 ) *Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de São Paulo*, IV, 11 : 12.

( 5 ) *Revista*, tomo X, pag. 564.

hoje inédita ( 1 ), paginas e mais paginas existem em que o texto do linhagista foi *ipsis litteris* copiado sem a menor indicação da procedencia.

Quanto á *Informação sobre as minas de São Paulo* ( 2 ) della ha pelo menos dois exemplares, no Brasil, um de propriedade do Instituto Brasileiro outro da Bibliotheca Nacional, que em 1887 o adquiriu da collecção João Antonio Alves de Carvalho. Opina Antonio Jansen do Paço que o do Instituto é o autographo original, sendo o da Bibliotheca uma copia que Pedro Taques, offereceu ao Capitão-General de São Paulo, D. Luiz Antonio de Sousa Botelho e Mourão, morgado de Matheus; o facto de haver o volume pertencido a D. José Maria de Sousa, como nelle se declara ainda o comprova, pois é este D. José Maria o filho do Capitão-general, o marido da Condessa de Flahaut e promotor da celebre edição dos Luziadas, a chamada do Morgado de Matheus.

A *Noticia Historica da expulsão dos Jesuitas do Collegio de São Paulo em 1640*, foi em julho de 1848 ao Instituto offerecida por Manoel de Araujo Porto Alegre, que a copiara do original existente na bibliotheca do Convento de S. Francisco do Rio de Janeiro conforme se lê no tomo X da Revista a pags. 398. Em agosto de 1851, ao Instituto chegaram as cópias do titulo Arrudas, Botelhos e Sampaivos, offerecidos pelo Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, e em julho de 1852 um trecho do titulo Taques Pompeus, pelo Dr. Antonio da Costa Pinto e Silva ( Vide *Revista*, tomo XV. pags. 550 a 555 ).

Do enorme espolio de Pedro Taques « seus preciosos e veridicos manuscriptos, » como diz Frei Gaspar da Madre de Deus, perderam-se varias memorias a que na *Nobiliarchia* e em diversos outros escriptos faz allusão; entre essas menções respigamos as seguintes: *Historia de São Paulo* ( 3 ), *Discurso Chronologico dos descobrimentos do Bra-*

---

( 25 ) Pertence o manuscripto ao Archivo do Estado de São Paulo que o adquiriu do espolio do Barão do Rosario em 1915.

( 26 ) *Revista*, LXIV, pags. 1-84.

( 27 ) *Revista*, XXXIII, parte 1.ª, 169.



sil (1), *Elementos da Historia de Piratininga* (2), *Apontamentos* (3), *Memorias de Jundiahy*, (4), *Dissertação Veridica e Chronologica* (5).

Aos *Elementos da Historia de Piratininga* tambem chamou *Historia de Piratininga Paulistana* (6).

Da sua correspondencia, que com certeza foi muita avultada, salvaram-se, ao que sabemos, seis cartas, duas das quaes tão interessantes quanto valiosas, dirigidas a Frei Gaspar da Madre de Deus (7), e publicadas por Antonio Piza, que as encontrou truncadas e em miseravel estado entre muitos papeis que haviam pertencido ao marechal Arouche « atiradas num quarto no fundo de um quintal e depositados a granel sobre o soalho, havendo esses documentos sido lavados por agua da chuva entrada pela janellas abertas por pouco cuidadoso caseiro ».

E' uma dessas cartas absolutamente preciosa, pois por ella podemos avaliar os processos de trabalho do historiador e o forte intercambio intellectual que entre elle e o beneditino havia.

Graças ainda a ella sabemos que alem de seus grandes trabalhos compuzera o linhagista varias memorias isoladas, em que narrava factos notaveis da historia paulista, entre ellas a biographia de Martim Affonso de Sousa, a que se referia ás expedições de Estevam Ribeiro Bayão Parente e seu filho João Amaro Maciel Parente, aos sertões da Bahia, para combater os aymorés, e uma outra, mais valiosa, sobre a guerra dos Emboabas, o « levantamento das Geraes » (8).

Mais quatro cartas existem, a primeira das quaes pertence ao Archivo de S. Paulo e dirigida a certo João Duarte França, datada de S. Paulo, de 1764; duas outras endereçadas a Agostinho Delga-

---

(1) *Revista*, XXXIII, parte 2.ª, pgs. 105.  
(2) *Revista*, XXXII, parte 1.ª, pgs. 188.  
(3) *Revista*, XXXV, parte 1.ª, pgs. 65.  
(4) *Revista*, XXXV, parte 1.ª, pgs. 65.  
(5) *Docs. Inters.*, IV, pags. 17.  
(6) *Revista*, XXXII, parte 1.ª, pags. 237.  
(7) *Docs. Inters.*, IV, pags. 10 e 21.  
(8) *Docs. Inters.*, IV, 18 e 19.

do Arouche, de 1773 e 1774; e uma quarta a um correspondente desconhecido, de 1763.

Dá-nos a leitura do testamento de Pedro Taques nitida impressão de quanto possuía o linhagista copioso e bem organizado archivo, pois nelle referencias se fazem a numerosos cadernos e maços de documentos numerados, etc.

Reunira o historiador, certamente, rica collecção de documentos, tendo em vista a confecção de suas obras. Desses vieram alguns ás mãos de Augusto de Siqueira Cardoso, casado como dissemos com uma descendente do linhagista e apaixonado admirador de sua memoria. Demonstram quanto devia ter sido tal collectanea preciosa.

Tudo se espalhou, tudo se dispersou. E, embora muita cousa se haja perdido, não é de extranhar que ainda alguma se salve. E' possível que em Portugal se encontre parte dos originaes lá deixados pelo chronista, entregues á guarda do desembargador João Pereira Ramos, como já atraz o frisámos. De quanto correntemente se encontravam no reino os seus escriptos, nos documentam as asserções, em 1773, do autor do titulo dos Arias, Aguirres e Sodrés, certo João José de Siqueira Tavira, que o compuzera como dissemos, á vista de «uma genealogia feita por Pedro Taques», e as do conego Roque Luiz de Macedo Paes Leme da Camara, que na mesma cidade, a cinco de fevereiro de 1792, completava a confecção da sua *Nobiliarchia Brasileira*», «composta sobretudo graças ás memorias do Sargento-Mor Pedro Taques de Almeida Paes Leme», como o proprio autor realmente confessá (1).

Descobrimos em 1917, volumosa documentação relativa á personalidade de Manoel Cardoso de Abreu, o autor do *Divertimento Admiravel* e da pseudo *Continuação das Memorias de Frei Gaspar* (2). Levou-nos este facto ao cotejo de sua obra inedita, pertencente ao Archivo do Estado de S. Paulo com as *Memorias* do beneditino. Verificámos então que Abreu

---

(1) *Annaes da Bibliotheca Nacional*, IX, 1298.

(2) Va. a biographia de *Manoel Cardoso de Abreu* pelo A.

não passava do mais impudente plágio acaso nascido no Brasil. Notámos também que se apropriara de trechos inteiros de Pedro Taques.

Ora como era intimo amigo do genro deste, Manoel Alves Alvim, com certeza pôde com a maior liberdade utilizar-se do espolio manuscripto do infeliz linhagista; d'ahi os furtos que realizou.

Soube certa vez Eduardo Prado que em Londres se vendera volumoso codice da autoria de Cardoso de Abreu e referente á genealogia paulista. Quando quiz adquiril-o, perdeu-lhe a pista (1). Este codice não é certamente senão uma nova ladroice litteraria do velho Official Maior da Secretaria da Capitania de S. Paulo. Em materia de genealogia era Cardoso de Abreu tão versado que ao casar-se, quasi aos quarenta annos, declarava ao vigario de S. Paulo ignorar quaes eram os appellidos de seus avós maternos! (2). Assim haja acaso, o refinado tratante plagiado mais uma vez a Pedro Taques... Resta-nos a esperança de que, um dia ou outro, pode surgir-nos uma nova copia da *Nobiliarchia Paulistana* e esta applicação paulistana do *sic vos nos vobis* voltar-se-á contra o plagiario de Araraytaguaba. Nada mais da *Nobiliarchia*, venha a descobrir-se, porém, . o que existe é quanto basta para a affirmação de que o linhagista edificou um dos mais notaveis monumentos das letras historicas brasileiras: *aere perennius*, padrão de seu nome, atravez das idades.

---

(1) *Rev. do Instituto Historico de S. Paulo*, t. VI pag. 292.  
(2) Registo de casamentos da Sé de S. Paulo.

## CAPITULO XXVIII

O valor documentario da « Nobiliarchia ». — Apreço em que é tida por historiadores e criticos litterarios. — Lacunas, enganos, deslises inevitaveis. — Revisão de Silva Leme. — O respeito professado pelo linbagista aos documentos. — Critica sobre Rocha Pitta. — Viagens de informação no Brasil e em Portugal. — Estudos em commum com Frei Gaspar da Madre de Deus. — Indifferença senão hostilidade publica em relação á « Nobiliarchia ». — Informantes do linbagista. — A tradição oral. — Tendencias altamente individualisadoras. — Documentação humana.

Para o estudo da historia da conquista do Brasil pelas bandeiras paulistas e das primeiras eras de S. Paulo, representa a *Nobiliarchia Paulistana* insubstituivel repositorio documentario assim o entenderam e entendem quantos estudaram e estudam as cousas brasileiras.

« Nessa obra colossal, nunca assás admirada, se recolhem os mananciaes de toda a historia do Brasil meridional » avança Diogo de Vasconcellos ; sobre ella expende Basilio de Magalhães os mais altos conceitos na sua notavel *Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII*, e o respeito á personalidade de Pedro Taques leva-o a propôr numa das sessões do Primeiro Congresso de Historia Nacional « um voto de reconhecimento á memoria veneranda do benemerito paulista, cuja longa e valiosa obra é um dos melhores elementos para o

estudo da evolução brasileira, notadamente para a epopeia da conquista dos sertões».

Nas suas, tão justamente apreciadas, *Minas do Brasil* não discrepa Calogeras dos eminentes confrades, e ao sabio J. Capistrano de Abreu tanto merece, egualmente, a individualidade do linhagista que a uma sociedade de estudos historicos, cuja fundação ideiara, resolvera impôr o nome de Pedro Taques.

Aos historiadores da litteratura brasileira não podia o linhagista deixar de se tornar salientemente notorio.

Consagra-lhe Sylvio Roméro dez extensas paginas e faz-lhe plena justiça aos meritos. Põe-lhe em destaque a feição eminentemente brasileira; o espirito de nacionalismo que pela obra lhe perpassa, tão notorio nos madrigaes de Alvarenga e no *Caramurú* como nas paginas da *Nobiliarchia*». O que Taques fez não é obra de um Rocha Pitta, uma « *America Portuguesa* boquiaberta de governadores e vice-reis, e sim a descripção de um troço de bandeirantes a internar-se». Até essa epocha « fôra a historia tambem um genero de importação, vindo enfardada da metropole como a pimenta, a cebola e os queijos do reino». Foi Taques quem a nacionalisou. « Tircu-a do palanque, arrancando-lhe as capas, jogou-a na rua com a introdução de um novo elemento : o povo.

Não era ainda o povo brasileiro em sua totalidade e sim nobiliarchisado em suas principaes familias; ainda assim foi o alcance immenso».

Denota o chronista « vasta leitura, erudição pratica, conhecimento positivo dos documentos». Escapa á « mania de copiar os antecessores, molestia commum dos historiadores brasileiros, antigos e modernos. Manuseou archivos, antigos e modernos e era da familia dos beneditinos europeus».

A estes elogiosos e exactos conceitos, ajunta Sylvio Roméro algumas cbservações em que analyssa o espirito bairrista do autor da *Nobiliarchia*, tão forte e tão patente, quasi de pagina a pagina de sua

obra : « Tinha em alta escala o sentimento provinciano; antes de tudo era paulista. Para elle, ainda que o não tivesse dito expressamente, devia o Brasil ser uma especie de federação onde collaborassem as grandes regiões naturaes do paiz e onde S. Paulo tivesse a primeira figura ».

Não nos parecem nada claras, aliás em toda a obra do linhagista, estas tendencias á apologia da prussificação do Brasil pelos paulistas. Entende, porém, o escriptor sergipano, insistindo nesta ordem de idéas, que assim procedendo toda a razão assistia a Taques : « E' este um titulo mais para ser apreciado. Tal me parece ser a indole geral de seu espirito. Só em São Paulo se poderia effectuar tal transformação », conclue, hostile como é a acção do Pio de Janeiro nos meios litterarios e pensantes do paiz. « Este é o valor de Pedro Taques e o seu titulo de gloria ». « A leitura de sua obra fornece, alem disto, conhecimento de detalhes altamente preciosos ».

Comparando o linhagista a Frei Gaspar acha o beneditino mais amaneirado no estylo e o seu rival mais desalinhavado e natural, cabendo-lhe grande superioridade sobre o monge, no tocante ao conhecimento dos assumptos estudados, o que não impede que suas pesquisas sejam igualmente originaes ( 1 ).

Corroborando as opiniões aqui enunciadadas vem a *Historia da Litteratura Brasileira* de Sylvio Romero e João Ribeiro recordar quanto se mostra Pedro Taques « brasileiro de bôa seiva » pela indole do espirito e amor profundo ao nosso paiz ( 2 ). Passando muito perfunctoriamente sobre a obra do linhagista, nella apenas enxerga José Verissimo a feição puramente litteraria. Encambulha-a entre as « chronicas e relações historicas de nenhum ou ruim sabôr litterario, ou as seccas e insipidas genealogias ». Quando muito, concede, « acaso encerra sub-

---

( 40 ) *Historia da Litteratura Brasileira*, I, 372-382.

( 41 ) *Historia da Litteratura Brasileira*, 93-97.

sidios valiosos para a nossa historia mas insignificante como bôas letras » ( 1 ).

Demonstram estas apreciações a precipitação com que o autor percorreu a obra do linhagista; encararam-n'a Sylvio Roméro e João Ribeiro com outra superioridade de vistas e outro conhecimento do material e analysar.

Não podemos deixar de constatar quanto se nos afigura grave lacuna da obra do critico paraense o descaso com que trata os velhos chronistas brasileiros, a facilidade em que lhes attribue tão diminuto valor. Representam elles, e ninguem o contesta, as primeiras manifestações do espirito brasileiro, as primeiras affirmações da existencia da nossa razão de ser nacional, e como tal mereciam detido exame e muito maior carinho.

Milhares, senão dezenas de milhares são os informes que a *Nobiliarchia* nos ministra; materialmente impossivel seria que entre tão avultado numero de indicações deslises não houvesse e numerosos, lacunas, enganos e confusões. O que nella sobressae é no entanto a consciencia e a exactidão das indicações. Poucos os historiadores que, como Pedro Taques, pela integridade dos documentos tão fundo acatamento professaram.

Brilhantes comprobações de sua honestidade lhe trouxeram muitas das pesquisas de nossos dias, assim por exemplo, entre outras, as que se referem aos casos de Timotheo Corrêa de Góes e Sebastião Paes de Barros.

A's vezes o paciente e illustre linhagista tem sido acoimado de attribuir realidade a factos que não passam de lendas ou ficções ( 2 ) diz Basilio de Magalhães, ao referir que teve « a facilidade de descobrir documentos que dão razão ao erudito nobiliarchista, e cuja opinião se contrapunha a de quasi todos os historiographos e chronistas » ( 3 ).

---

( 1 ) *Historia da Litteratura Brasileira*, 123.

( 2 ) *Revista do Instituto de S. Paulo*, XVIII, 507.

( 3 ) *Expansão Geographica do Brasil*, 58.

É preciso, além de tudo, não esquecer que muitos dos capítulos da grande obra não tiveram a sua redacção definitiva, como se vê das annotações de Ordonhes. Titulos houve, como o referente aos Mesquitas, escriptos por outra letra que não a do autor e por este emendados; lugares que Pedro Taques deixou em branco para preencher as lacunas com indicações recebidas ulteriormente. E depois é mister notar que lhe chegavam, daqui e dalli, informações que muitas vezes discordavam, pois provinham das referencias prestadas pela memoria dos informantes, desajudada de documentos comprobatorios das asserções.

Na severa e acurada revisão da *Nobiliarchia*, por Silva Leme levada a effeito para a sua magistral *Genealogia Paulistana*, teve elle ensejo, de, por diversas vezes, encontrar em erro o linhagista, apontando-lhe sensiveis faltas e lacunas, até em sua propria ascendencia!

Como, porém, escaparia Pedro Taques a semelhantes enganãos, havendo escripto no seculo XVIII, a vencer as maiores difficuldades de communicações e do atrazo dos tempos se o seu corrector, operando com outras facilidades, incomparavelmente maiores, máo grado todas as precauções e providencia, também incidiu em falhas, fataes, inevitaveis em obras de tal natureza, mas que em nada desmerecem o seu immenso labor e a alta valia de sua obra?

D'ahi, portanto, os emendas e rasuras numerosas e as difficuldades que Diogo Ordonhes teve frequentemente de vencer para encadear as diversas gerações mencionadas no texto, de accôrdo com a verdade dos factos, como dissemos, a lutar com a maior indecisão para apanhar o fio da meada de Ariadne genealogica.

« Nestes numeros e nos paragraphos seguintes se acham tantas emendas, notas, entrelinhas, riscos e tal confusão, commenta o consciencioso annotador, acerca de certo trecho, que não obstante toda a minha diligencia de examinar tantos papelinhos que se acham avulsos, necessariamente ha de haver



engano, pois o autor mostra em muitos lugares ficar na incerteza, se é assim ou não o que escreve e com effeito as datas contradizem o que se acha em alguns numeros. »

Repetem se estes reparos numerosas vezes. Assim lemos ainda : « O A. tinha de augmentar a narração e esperava talvez por noticias ».

« Isto não leva a ordem com que costuma escrever o A. por ser accrescentamentos e emendas. »

Provêm as fontes documentarias da *Nobiliar-  
chia*, principalmente do estudo acurado dos documentos accumulados nos cartorios civis e ecclesiasticos de que foi Pedro Taques consoante a informação de Fr. Gaspar da Madre de Deus infatigavel e insaciavel revolvedor.

Com a maior attenção revistou registos parochiaes de nascimentos, casamentos e obitos — onde deixou notados enganos, erros e omissões de parochos — foi o mais pertinaz ledor de quantos inventarios e testamentos se lhe depararam, de quanta justificação de *genere et de nobilitate probanda* lhe cahiu sob os olhos, sem contar o estudo pormenorizado dos papeis officiaes, actas de camara e livros de seus registros, assentamentos e tombos de repartições publicas, sesmarias, etc.

Chegou a ler correctamente os mais velhos documentos paleographicos, como os de Santo André, a quem traduziu nas entrelinhas, segundo pensa Varnhagen. Deram-lhe enorme trabalho os documentos quinhentistas do antigo cartorio da Fazenda Real de S. Paulo. Frequentemente gastou « muitas horas de applicação para verter uma só lauda. » (1)

« Prodigio de retentiva », na phrase do benedictino, servia-lhe a desmarcada memoria para estabelecer as ligações indispensaveis, imprescindiveis aos estudos da natureza queprehendera.

Não o satisfazem as informações oraes sobre assumptos de certa monta, embora ministradas por pessoas por cuja autoridade professa a maior veneração. Assim succede, por exemplo, ás que

---

(1) *Rev. do Inst. Bras.* IX, II, pag. 138.

lhe dera seu mestre Padre José de Mascarenhas, no entanto a seu ver « unico genealogico das familias das capitancias do Rio de Janeiro, S. Vicente e S. Paulo. »

Relata o que elle lhe disse, mas accrescenta que jámais encontrara documento algum verificador de semelhantes noticias.

Desse contacto intimo com as provas proveio-lhe o maior respeito pela sua integridade e o desgosto que lhe causavam a sua violentação pelos escriptores pouco escrupulosos. D'ahi a animadversão, a Rocha Pitta votada, e os reparos severos feitos a Jaboaão.

Accusa o primeiro de escrever « sem a licção dos cartorios » e mais por vaidade que por zelo », ouvindo inscientemente « a informação dos apaixonados » ; « levado de sua fantasia e credulidade sem exame necessario, traz muitos e pessimos erros, afastando-se inteiramente da alma da historia, que é a verdade. »

« Levado de informações erradas e do natural genio de lisonja, claudicara muito da verdade dos factos a sua desaforada penna » ao tratar de varios assumptos paulistas, crassamente errados. Assim, por exemplo, quanto á narrativa das acções de Arthur de Sá e Menezes nas minas, ás proezas de Nunes Vianna na guerra dos Emboabas, « factos de tanta ponderação ». Quanto erro formidavel em materia da mais elemental chronologia como no caso da elevação de S. Paulo a cidade !

E que deploravel psychologo, quando affirma houvessem os paulistas recebido os seus novos capitães generaes como se fosse o proprio rei que ao seu gremio chegara, cheios de subserviencia, quando até então sempre se haviam mostrado tão altanados quanto insubmissos.

Taes palavras só cabem porém « aos que tomam por fio da historia qualquer informação sem mais exame para a credulidade do que o nescio conceito de serem verdadeiros todos os factos que lhes communica ou o paixão odiosa ou a facilidade lisonjei-

ra ». Exactamente a mesma causa de engano quanto á narrativa inteiramente fantasiosa relativa aos irmãos Leme! Um acervo de disparates sobre essa materia » onde o autor não expressou clausula que não fosse um engano, confundindo umas acções com outras e os sitios onde ellas aconteceram. »

Enfurece-se o bondoso linhagista — e com razão, para quem com tanto carinho interpretava os documentos e os respeitava, — contra o historiador bahiano tão insciente das cousas paulistas e, no emtanto, sobre ellas, cathedriticamente como a pontificar.

E desse justo resentimento compartilha Frei Gaspar, naturalmente quando declara : que « se não fíem no autor da *America Portuguesa*, o qual muitas vezes claudicava, em sahindo fóra de sua patria. »

Do amor consagrado aos documentos dá-nos Pedro Taques numerosas provas, quando lastima a dispersão dos velhos archivos vicentinos, e sobretudo a catastrophe provocada por um louco, a do incendio do cartorio da Camara de S. Vicente, « monumento para a posterioridade ». Nunca se consolaria da perda do livro grande chamado « O Tombo » porque nelle se achava escripto, com pureza de verdade, o dia, mez, e anno da fundação da cidade de S. Vicente, a chegada de seu fundador o donatario Martin Affonso de Sousa, com as forças que trouxera do reino ; o numero dos navios em que com elle tinham passado os primeiros e nobres povoadores, fazendo a descripção dos nascimentos e qualidades de cada um delles ».

Causaram as pesquisas de Pedro Taques grandes viagens já o sabemos : assim, por exemplo, foi a Sorocaba e Itú, expressamente, para estudar *in loco*, a tragica historia dos Lemes. Para bem conhecer os annaes da familia dos Rendons, esteve em 1759 na barra de Guaratiba, Angra dos Reis e Ilha Grande, em casa do capitão-mór Fradique Rendon de Quebedo.

Velho, arruinado, semi-paralytico, annunciava a Frei Gaspar que pretendia ir a Iguape, em sua in-

fatigavel faina de curiosidade; a beira tumulo vivia, dominado pela paixão de sua vida, a ler e fazer copiar memorias da Torre do Tombo, feliz por haver descoberto « factos que totalmente ignorava » e passava a communicar a seu grande amigo, o benedictino, por meio de extensas epistolas. Quanto lhe doe nada poder dizer acerca das cartas dos reis ao famoso bandeirante Carlos Pedroso da Silveira, pois se desencaminharam com a sua morte, e lastima não conseguir descobrir documentos que comprovem o que da tradição recolhera acerca dos feitos heroicos dos officiaes do soccorro paulista, a Pernambuco enviado, durante a guerra hollandeza ou as das expedições sertanistas levadas a cabo pelo mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida. Vendo-se isolado, senão desajudado, no seu labor indefesso e diuturno, lastima amargamente a indifferença senão grosseiria e desamor, ou mesmo hostilidade com que os contemporaneos lhe acompanhavam os penosos e aturados esforços necessarios á edificação de sua grande obra. « Não temos achado um só sujeito que nos queira ajudar nessa empreza que toda se dirige ao fim do bem publico. »

Ninguem lhe comprehendia o alcance moral e patriotico, tendo ella em vista apenas a « utilidade dos descendentes » dos varões illustres a « quem biographava, pois viviam todos amortecidos na ignorancia de seus nobres progenitores e das suas honrosas virtudes e acções para lhes imitarem com credito do mesmo sangue, que lhes adornava as veias. »

E a queixar-se dos que lhe escarneciam os esforços, concluia: « antes, o sequito dos imprudentes, que já tem degenerado do mesmo esplendor dos seus antigos ascendentes, emprega todo o tempo na murmuração do nosso infatigavel trabalho, que até se tem acompanhado de despeza propria em muitos documentos, que temos feito extrahir de varios cartorios das villas e cidade capital de S. Paulo ». O que lhe succedeu era por isso « a repetição do que sempre haviam soffrido » « os genealogicos » e ahi

a vingar-se dos estultos detractores fazia-lhes Pedro Taques cruel insinuação. A mais cruel das que lhe podiam occorrer: a macula de sangue: «Esta mesma calumnia soffreram sempre aquelles que se applicaram a estudos genealogicos; talvez porque alguns sujeitos. aos quaes a lima do tempo consumiu em alguns dos seus ascendentes qualquer facto de mecanismo se persuadem que nós fazemos renascer pela imprensa aquelle silencio, que lhes apadrinha o antigo defeito.»

Manifestou-se, como vemos, a vingança do escriptor, espirituosa e collectivamente, sem descer a personalidades que ao espirito brando e educado lhe repugnavam.

Não havia porém o que admirar-se e, ainda menos lastimar-se na indifferença dos paulistas, quando estes nem sequer prezavam as suas mais illustres tradições. Assim, por exemplo, não rendiam preito á memoria de Amador Bueno que os conservara portuguezes; «a lealdade daquelle que recusara a coroa» era mais estimada em Portugal do que applaudida na cidade de S. Paulo, porque o segredo do tempo fizera consumir aquella acção digna de se perpetuar com um padrão que sempre lhe accusasse a heroidade.»

E amargamente commentando tão triste facto, adduzia «para semelhante descuido muito concorria o destino occulto de ser paulista Amador Bueno!»

Apezar da affirmacão em contrario, quanto aos informantes, dá-nos o proprio linhagista no corpo de sua obra a conhecer que se não teve auxiliares affectivos, contou pelo menos collaboradores dignos de apreço pelo cuidado e afinco com que o procuravam auxiliar.

Entre elles avulta Frei Gaspar da Madre de Deus, como deixámos dito. Informa-nos a mesma preciosa carta do linhagista ao beneditino já mencionada, quanto os dois historiadores se auxiliavam, trocando notas, copias de documentos, resultado de pesquisas, livros, etc. Refere-se num topico o linha-

gista á estada de uns cadernos do titulo Lemes entre as mãos do monge, a quem haviam ido « buscar a emenda e correção dos defeitos », como o comprovam varias rotas, acerca de diversos personagens, entre outras á mulher de Alonso Pelaes.

No original do titulo Affonsos Gaias nota-se uma refutação á margem de Frei Gaspar, em que o beneditino contesta os dizeres do genealogista, acompanhando-a a replica deste.

Entre os informantes de Pedro Taques, por elle proprio nomeados, citemos, por exemplo, o carmelita Frei Antonio da Penha de França, muito versado em genealogia das familias de Santos e cujas indicações contraria; o sargento-mór Manuel Angelo Figueira de Aguiar, a quem consultava por ter vivido nos sertões de S. Francisco, os *Curraes da Bahia*, e diversos outros amigos e parentes de Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso, de Curytiba e do Rio de Janeiro com quem devia entreter activissima correspondencia, pelo que nos diz.

Era frequente e natural o embate desses informes, fazendo com que o escriptor — apezar da enorme memoria se sentisse perplexo em mover-se atravez dos cipoaes que constituem geralmente as questões genealogicas.

Muitas das suas noticias, deixou-as Pedro Taques truncadas; ou, com a sua morte,<sup>1</sup> lhe extraviaram as folhas escriptas, como succedeu ás biographias do grande bandeirante descobridor de Goyaz, Bartholomeu Bueno da Silva e á de Jacintho Barbosa Lopes, quando, exactamente ambos tanto lhe tocavam de perto, uma por ser a do celebre sócio de seu pai e outra por se referir a uma das maiores victimas de Sebastião Fernandes do Rego, o perseguidor de sua familia.

De quanto escreve resalta a convicção de sua lealdade. Quando lhe faltam as informações, confessa immediatamente ignorancia, como no caso da descendencia de seu tio Valentim de Barros, cujos filhos se haviam, em meados do seculo XVII, transmigrado para o Rio de Janeiro.

Estendia-se-lhe a correspondencia aos mais longinquos páramos sertanejos, como já o deixámos notado; é com segurança que declara existir F no sertão da Bahia ou no de Goyaz ou Matto Grosso. Mandava ao mesmo tempo proceder a pesquisas na Europa, em diferentes pontos de Portugal e da Hespanha, nos archivos reaes e particulares, nos cartorios civis e nos das ordens religiosas. Durante as duas estadas no Reino, apesar da catastrophe do terremoto e da angustia em que vivia, graças ao pessimo estado de saude, com que afincou no entanto frequentou a Torre do Tombo e o Archivo Ultramarino, as bibliothecas de conventos e particulares, os genealogistas, historiadores e bibliographos illustres, como Monterroyo Mascarenhas, D. Antonio Caetano de Souza e Diogo Barbosa Machado!

Provêm muitas das asserções de Pedro Taques da tradição oral, das informações que do Pae e dos parentes, pessoas da maior situação social, haurira, como por exemplo, a interpretação que, em 1698, aos paulistas dera o capitão general Arthur de Sá e Menezes relativa ás instrucções de D. Pedro II, acerca da devassa dos sertões.

A respeito das questões historicas de antigas eras sobre tudo muito se guiou o linhagista pelas versões de fonte paterna; da vivaz intelligencia e rectidão de conceitos de Bartholomeu Paes fazia o mais elevado, e aliás justo, conceito.

Immenso deplora haver-lhe o pai morrido quando mal passara dos vinte annos. Na meninice de quanta cousa preciosa lhe ouvira a relação, em conversa com outros, como a narrativa pormenorizada do caso tragico dos Lemes. «Fôra porém em tempo que não soubera aproveitar, d'elle indagando, então, todos as circumstancias, ainda as mais miudas acontecidas em taes acções.»

O seu habitual criterio e reflexão levaram-no, porém, a acceitar prudentemente, até certo ponto, os subsidios da tradição oral, como varias vezes o têm comprovado as pesquisas hodiernas. Assim os factos succedidos a Thimotheo de Goes, a que já alludimos

Desejando reforçar os traços biographicos dos seus personagens, descia Pedro Taques a minucias. Assim é que, a seu respeito refere innumeradas particularidades acerca do physico, das alcunhas, etc. De Bernardo Bicudo Chassim conta que, apesar de extremamente corpulento, era herculeo e veloz na carreira, relata-nos as extraordinarias proezas equestres de certos dos seus contemporaneos, como as de seus primos proximos Ignacio Dias da Silva e seu filho Bento do Amaral Silva ou de Antonio Pompeu Taques «singulares na arte da cavallaria, a ponto de merecer Bento os mais calorosos applausos do Capitão-General de Matto Grosso D. Antonio Rolim de Moura que o proclamava o melhor cavalleiro que jamais vira»; conta-nos tambem as façaulias tauro-machicas de Antonio Leitão que, de um golpe, decapitava um touro.

Do mesmo modo relata ainda que o primeiro sogro de seu pae era alcunhado *Tavuyuna*; certo sertanista *Tripuhy* e outro *Tamarutaca*; que a determinado frade chamavam *Trapihá*, ao sertanista Francisco de Siqueira *Apuçá*, ou «o surdo», etc.

São o pendor para a documentação humana, as tendencias á individuação, que para nós sobrelevam o valor dessa *Nobiliarchia Paulistana* — obra de paciencia quiçá apenas documentação valiosa de nossa historia sertanista, para os observadores superficiaes; mas para os estudiosos e os sinceros muito mais que isto: porque representa a fixação dos caracteres das gerações longinquas que passaram anonyms, e traduz um pouco da alma que aos dilatadores do Brasil animava. E tudo isto sem a sua intervenção se perdera...

---



## CAPITULO XXIX

O espirito de clan e a preocupação nobiliarchica. — Franqueza de conceitos e apreciações. — Brandura de sentimentos e palavras. — Delicadeza para com as senhoras. — Espirito regionalista e de solidariedade lusitana. — A religiosidade do chronicista. — Feição altamente moral de sua penna. — Imparcialidade de julgamentos.

A aceitarmos o aphorismo buffoniano sobre o estylo, afigura-se-nos Pedro Taques, acima de tudo, um homem brando e indulgente, generoso e cheio de delicadeza.

Raramente nos seus escriptos se encontrarão asperos conceitos, sequer phrases repassadas de amargor. Tende constantemente para attenuar as faltas dos seus biographados, mesmo quando a seu respeito tem de narrar factos graves e até delictuosos. Assim, por exemplo, como a desculpar Alberto Pires do nefando uxoricidio, explica que nelle « não lavrara o buril da descripção de seus paes com a policia em que crearam os filhos, civilizando-o com a doutrina das escolas dos pateos dos jesuitas do collegio de S. Paulo », e ao contar que Antonio de Oliveira Leitão injustamente trucidara a filha por julgal-a deshonorada, explica que agira levado do animo precipitado e arrebatado que lhe gerara melindres de honra antes de haver exame na offensa ».

Com real prazer affirma de alguém que tivera « bella presença com natural respeito, sem ares de soberba », ou então « gentil aspecto docil e affavel

genio», ou ainda: «muita civilidade, cortez politica e bõa instrucção».

Raro que dos seus personagens enuncie conceitos como este: «nelle o descommedimento já tocava em total desprezo e abatimento de sua pessoa». sendo preciso que se trate de algum facinora para avançar que «perdendo o santo terror de Deus, fõra cruel por inclinação e matador por vicio».

Dominado aliás pelás idéas de casta e sentindo-se um pouco parente de todos os seus biographados, dava Pedro Taques expansão a fortissimo, visceral sentimento aristocratico de preconceitos de familia, senão de classe.

Para elle não ha peor desgraça do que não poder alguém ter direito a ser considerado como «de sangue limpo de toda a raça de macula». Com que satisfação intensa se refere ás justificações de nobreza por este ou aquelle levadas a effeito!

Ora é seu avó a quem exalta porque requerera diligencia de genere pelos costados dos seus quatro avós afim de esmagar as calumnias de seus inimigos e invejosos a quem não queria deixar a liberdade «de lhe não concederem a distincta qualidade de sua conhecida nobreza hereditaria de uma seguida serie de avós paternos e maternos, entre os quaes se não descobria algum que tivesse claudicado com facto de mecanismo, porque todos, sem discrepancia, tinham tido os honrosos empregos do real serviço».

Ora ao padrinho o mestre Frei Luiz dos Anjos, «o qual para desabusar alguns incredulos de S. Paulo, da grande nobreza e pureza do sangue de seus avós, requerera o brazão de armas de familia.»

Do mesmo modo ao padre José de Godoy, cuja nomeação para familiar do Santo Officio «rompera a funebre impureza com que a maledicencia inimiga pretendia offuscar-lhe a pureza do sangue», e assim por deante, em numerosos topicos.

Mau grado o espirito religioso, comprehende perfeitamente os escrúpulos que levaram Fernão

Paes de Barros a não fazer vida marital com sua mulher legitima pelo facto de haver descoberto « bastante prova contra a pureza de sangue dessa senhora. »

Do mesmo modo, por mais que admire os dous tios avoengos Pedro Vaz de Barros e Fernão Paes de Barros, não occulta que possuíam verdadeiro harem de mamelucas; tambem não o preoccupa a descripção da progenie destes nobres paulistas pelo facto de terem tido filhos naturaes mulatos. De uma dessas mestiças, como herdasse avultados cabedae, menciona que desposara certo official portuguez « vencido do avultado dote. » E embora reconheça que deste pae nascessem filhos « que se casaram muito bem », e de onde procediam ramos « que com honroso procedimento conciliaram estimações de toda a nobreza », não deixa de extranhar que o governador do Rio de Janeiro, o famoso Arthur de Sá e Menezes, « não duvidasse » ter servido de padrinho a um destes mulatos.

Sob o ponto de vista contrario á mestiçagem negra mostra-se o genealogista inflexivel: referindo-se a João Pires de Campos, afasta-se da habitual cordura para dizer que levado só do indesculpavel appetite e infeliz destino de sua sorte, esquecido das obrigações do nobre sangue, desposara uma mulata causando um geral lucto de sentimento aos seus parentes que, lamentando a injuria, lhe não puderam atalhar o damno ».

Para evitar duvidas futuras, não hesita em dizer de certas familias « *todos mamelucos* », e que determinados membros de bons troncos vicentinos se casaram com uma mulata ou com uma filha bastarda « havida em uma mameluca alva », etc..

Indigna-o tambem o facto de se darem essas allianças com gente suspeita de « mecanismo » ou « officiaes de artes fabris ».

Não perdôa a José Pires Monteiro ser o sogro de um alfaiate. Acerca de sua descendencia « que diga o mais » como unico interessado a respeito da sorte de semelhaute gentalha.

E' esta a sinceridade com que tudo vai relatando. Pouco se lhe dá esconder que Francisco Barbosa, rico santista seja filho natural de certo padre, ou Sebastiana Pedroso, das primeiras familias de Santos, haja tido tres filhos do adulterio com um cunhado, durante a ausencia do marido. Sobre Guilherme Borges Monteiro lavra fulminatoria sentença: «Casou indignamente e se lhe extinguiu a geração».

E' que para o linhagista sentimento mais arraigado talvez não houvesse do que o da imprescindivel necessidade de selecção aristocratica.

Seguindo plurisecular meada genealogica, prova e com o maior desvanecimento, ou pretende provar, que seu avô materno: o capitão-mór Pedro Taques de Almeida era o decimo terceiro neto do fundador da monarchia lusitana, muito embora isto á custa de declaração de que sua decima avó havia prevaricado, amante que fôra do vencedor de Ourique. E' chegado a esta conclusão, aparentemente modesto, mas com effeito a estalar de mal sopitada vaidade, annota a brasonar: «*Deus fecit nos et non . . .*» como diz o psalmista. Da familia de sua bis-avó, Lara, diz com a maior simplicidade que a alta «qualidade acreditadora da nobreza do sangue» prendia-a aos mais illustres da Hespanha.

Aos Lemos, tronco paterno, qualifica: «raça de varões illustres».

Assim, portanto, não fazendo a menor cerimonia em confessar que se julgava tão nobre como qualquer aristocrata dos mais cheios de prosapia, da Europa, nada mais natural do que exprima o desgosto que lhe causa constatar quanto, mais e mais, no Brasil se obliteravam as noções da hierarchia social e o prestigio dos privilegios de sangue. Viviam os seus contemporaneos «amortecidos na ignorancia de seus nobres progenitores e de suas honrosas virtudes e acções», muitos dos quaes «já degenerados do mesmo esplendor dos seus antigos ascendentes».

« Quanto villão ruim, conhecido por tal, vendo-se favorecido dos bens da fortuna se constituia nobre e fidalgo antigo de cotta de armas, bastando, *verbi gratia*, ter o appellido de Castro para tirar o braço de armas dos illustres Castros! ».

Tambem como consequencia de semelhantes abusos, notava-se agora « nas assembléas de todas as villas e cidade capital de S. Paulo » não mais se elegerem, como outrora, para officiaes das camaras « homens da maior honra, zelo e desinteresse, lamentando-se esta infeliz decadencia em todo o Estado do Brasil, onde já não se escolhiam os sujeitos da primeira graduação para ornarem os corpos dos senados, á imitação dos seculos de 1500 e 1600 ».

E sentindo em si as impulsões do « nobre sangue que nelle se verificavam por tantos costados », obedecendo a essa ordem de idéas resolveu mandar registrar os braços proprios como decendentes de Luiz Pedroso de Barros e, como undecimo neto do senhor de Belmonte, as armas dos Velhos, Mellos, Cabras e Travassos, passadas em 1709. E mais, a muitos aconselhou procedessem do mesmo modo, como em diversos topicos da *Nobiliarchia* allega. Chegavam os seus exageros nesse particular ao ponto de applaudir e até recommendar que se repetissem os registos de taes braços nas diversas camaras da Capitania de S. Paulo e nas das visinhas.

Teve o espirito nobiliarchico colonial o seu maximo representante em Pedro Taques; por elle viveu empolgado, pretendendo ao Brasil transplantar idéas e sentimentos que não se coadunavam inteiramente com as condições sociologicas da vida portugueza setecentista.

E realmente já no reino lusitano se notavam flagrantes demonstrações de enfraquecimento da tradição e do despontar do incoercivel movimento nivelador que no seculo seguinte haveria de, por completo, arrasar as instituções nobiliarchicas e permittir a realização de uma monarchia — unica no

---

( 47 ) *Archivo Municipal de S. Paulo*, t. 145, pg. 85 et passim e p. 128 v. et. pass.

mundo — multiseular, e no entanto traficante barata de títulos de nobreza.

Terno e cheio de amabilidade e atenções para com o sexo fraco, de quem sempre foi grande admirador, esta feição se lhe traduz forte ao falar de suas biographias, como alheio aos preconceitos semi-musulmanos sobre a mulher, que dominavam as velhas sociedades lusitanas. Lembra, de uma « o claro juizo, excellente advertencia e affavel genio », de outra quanto fôra « uma dona de toda a estimação » e aos filhos soubera « dar toda a educação necessaria com os dictames de sua grande honra por ser senhora nobre. »

E aos sentimentos de estheta dando largas, ou sa — cousa para o tempo extraordinaria — recordar quanto a certa senhora ornava « o rosto talvez mais bello que se achava na cidade de S. Paulo », unindo essa pessoa « á formosura grande discreção e juizo ».

Assim applaude a alguem que se casara « sem mais conveniencia de dote que a eleição dos merecimentos que adornavam a nobreza de D. uma das mais formosas senhoras daquelle tempo ».

De como não compartilhava os preconceitos deprimentes do seu tempo sobre as mulheres, mostra ainda o prazer com que recorda a energia e criterio de sua avó D. Angela de Siqueira, « pessoa de grande prudencia e capacidade » e que de sua antepassada d. Leonor de Siqueira, a grande protectora dos jesuitas em S. Paulo, herdara o animo varonil. Com real satisfação affirma de algumas dessas antigas paulistas : « na educação dos filhos mereceu os applausos de matrona mais advertida e ajuizada ». E cheio de delicadeza para com as senhoras que « faziam eleição do estado de celibato », não admite que alguma haja deixado de casar-se por falta de pretendentes de sua igualha, e sim por aversão ao matrimonio como certa D. Isabel Bueno, de quem, por precaução, avança : fôra « igualmente formosa como discreta e matrona do maior applauso e veneração no proprio ninho ».

Nem outras palavras se podiam esperar de quem parece ter vindo ao mundo sob o signo de Venus, admirador dos encantos funestos de D. Maria Angela Eufrasia da Silva, e esposo, mais que quinquagenario, apaixonado de uma rapariga de dezenove annos.

Bem se comprehende haja sabido admirar formosos rostos e talhes esbeltos, e este pendor o tenha levado a expansões que aos seus rudimentares contemporaneos e concidadãos não podiam ocorrer!

Vivendo numa sociedade isolada, se não segregada do resto do globo, muito naturaes em Pedro Taques os sentimentos de fundo nacionalismo ou melhor intenso regionalismo, que a cada passo em sua obra transparecem, sentimentos estes tão de accordo com o espirito do tempo, e tão ferrenhos no Brasil novecentista ainda hoje, em que medram as noções de patriunculas provincianas, afastadas, graças a mesquinhas rivalidades, da idéa da maior patria.

Assim, não é de admirar que no historiador linhagista o sentimento brasileiro se oblitere ante o do regionalismo; orgulhoso de se sentir paulista, não ha titulo de ufanía que a este se anteponha. E não dispensa o gentilico attribuido aos seus biographados, « paulista de estima e veneração », « cavalheiro paulista », « potentado paulista », « nobre matrona paulista ».

Filho e neto de grandes sertanistas, conhecedor emerito dô muito que os seus haviam soffrido da falta de consciencia e da prepotencia dos governantes portuguezes, frequentemente espoliadores dos trabalhos dos brasileiros, nascido e criado no meio dos resentimentos, ainda vívidos na memoria popular e provocados pelo choque entre vicentinos e reínoes, no territorio mineiro, seria absolutamente inexplicavel que Pedro Taques não reflectisse esses sentimentos magoados dos seus para com os insolentes dominadores de além-mar, « arrogantes por natureza e oppostos por inclinação aos filhos do Brasil ».

Acaso haveria vassallos mais dedicados à corôa e desinteressados do que os fillos de S. Paulo? E no emtanto, quantas injustiças e quão clamorosas lhes eram feitas, parece que «haviam contrahido um mau peccado original por não serem jamais bem vistos, prejudicando-se a fazenda real só para que elles não tivessem premios».

«Abominavel desaffeição introduzida nos europeus portuguezes contra os paulistas!» — exclama indignado. — «Não lhes bastava a demonstração que estes acreditam aos seus inimigos quando, com avultados dotes lhes entregavam, filhas, irmãs e sobrinhas». Nada, até então pudera ser. «iris de paz entre taes indesculpaveis opposições. tão geralmente acreditadas, objecto para injustiça na falta dos premios em relevantes serviços ao rei, á igreja e ao bem commum».

Pois estes mesmos paulistas não tinham como inflexivel norma consumir as fazendas e as vidas no serviço de seu rei e natural senhor sem jamais pedir mercê alguma para si ou para outrem? Entretanto, era no Brasil communissimo verem-se portuguezes aventureiros, gozando o fructo de espoliações praticadas sobre brasileiros como no caso de certo José da Silva Valença, que, senher dos papeis do illustre sertanista Carlos Pedroso da Silveira, delles se servira para fazer-se cavalleiro de Christo em detrimento do filho do bandeirante, que lhe confiara os documentos e mais uma forte somma para andamento do processo.

Todos estes motivos de justo melindre nem por isto impedem que Pedro Taques seja o mais fiel dos vassallos do Rei de Portugal. Admira-lhe sempre incondicionalmente o criterio dos actos, a extensão do poderio, a revelar-se o subdito mais obediente e respeitoso de um monarcha absoluto, sentindo-se perfeitamente solidario com os interesses daquelle grande soberano de quem teve a ventura de nascer vassallo. Envaidece-o sobremaneira o augmento que a sua arrecadação em Goyaz trouxe aos reaes quintos.



Havendo S. M. determinado a fundação da pestilenta colonia de Iguatemy, terrivel sorvedouro de vidas e dinheiro paulistas, não ousa contudo criticar-lhe o estabelecimento, pelo contrario, agrada-lhe muito que se hajam delle lembrado para opinar acerca do assumpto.

Com que ufania nos relata as façanhas do Mestre de campo Manuel Dias da Silva, o heroismo de Bento de Alvarenga Chassim nas luctas contra os castelhanos da fronteira. E quer deixar bem frisado, acima de tudo, o desinteresse dos paulistas que, apesar de não receberem cousa alguma dos despojos tão bravamente conquistados, « sempre lhes coubera a honra do real serviço ».

E' este *loyalismo* que o leva complacientemente a registrar — facto extraordinario — a mais velha das anedotas militares de São Paulo, a espirituosa e atrevida resposta de Pedro Leme, o coxo, ao hespanhol que o intimára a derribar o padrão das quinas nas terras ainda indecisas de Matto Grosso. Assim se enternece igualmente ao descrever a viagem de um quasi centenario — tão decrepito que se fazia carregar em rêde — que de São Paulo partira para Lisboa com a « nobre idéa », o unico fito de conhecer o seu rei e natural senhor », o bem pouco digno aliás de admiração e respeito D. Affonso VI, — a quem offereceu uma série de fructos de ouro, imitando os do Brasil.

A cada passo na *Nobiliarchia* dá-nos o linha-gista as mais evidentes mostras de profunda e convicta religiosidade; note-se o cuidado com que menciona as praticas devocionarias dos biographados, homens e mulheres: o amor que seu antepassado D. Diogo de Lara tinha a Nossa Senhora do Carmo, « com elle merecendo conseguir o character de varão santo », e a piedade de seu avô Pedro Taques em relação a N. S. da Conceição, a predilecção de alguém pelos exercicios da Via Sacra, a austeridade e ascetismo do illustre desembargador Alexandre Corrêa, « que queria menos adornado o corpo pelos

vestidos do que a alma pelas esmolas », e assim por deante.

Com que sincero sentimento de unccão rememora o facto de certa monja paulista cahir em ascese, passando vinte e um dias sem comer nem beber, e depois morrer « inculcando signaes de que fôra predestinada ». E os factos sobrenaturaes que acompanharam a morte do venerando jesuita seu mestre, Padre Estanisláu de Campos !

Do mesmo modo, com a maior naturalidade e simplicidade, relata o milagre do Padre Belchior de Pontes relativa á confissão de seu tio, o orgulhoso e infeliz Padre José Pompeu de Almeida, abandonado numa ilha do Tietê, no alto sertão, a centenas de leguas de São Paulo.

Immenso o respeito e acatamento professado pelos ecclesiasticos, para quem sempre tem palavras de elogio e deferencia, a gabar-lhes os dotes intellectuaes ou o zelo do ministerio. Extasia-se ante a personalidade de Guilherme Pompeu de Almeida, o creso parnahybano, que não sabe como mais exaltar. « Altos são os destinos de Deus » exclama compungido ao falar de um franciscano seu parente que após haver apostatado e vaguear pelos sertões, fôra afinal preso e encarcerado. Reflectindo nos erros da vida, « ficara leso do discurso, vivendo como pateta, possuido de interior panico. »

Innumeras as passagens em que reflecte Pedro Taques, da maneira a mais evidente, quanto consubstanciam os seus escriptos o espirito de piedade que em seu tempo animava as sociedades portuguezas.

Dahi os conceitos repassados de elevada moral com que critica certos factos que o seu mister de historiador não permite deixar esquecidos, « misérias que o tempo não sabe conservar em segredo. » Se é obrigado a falar de um incesto commenta, por exemplo, « que nasceu do desaccordo e delirios de imaginação » ; se dos filhos naturaes de alguém é que este não resistiu aos « delirios da mocidade ».

Surgem-lhe arroubadas as phrases com que se refere a castidade de seu tio Thimotheo de Goes, «chegado ao thalamo sacramental com esta limpeza e pureza de costumes contra o commum flagello a que se arrebatava pelo ardor dos annos a concupiscencia».

Escrevendo acerca de tanta gente e com liberdade de palavras e de idéas, procura Pedro Taques, ser imparcial ou pelo menos passar por sê-lo: assim se rejubila em nada ter de commum com os Toledos Pizas para «não ficar suspeito na publicação deste illustre sangue». Ao referir-se a uma prima, a abbadessa da Ajuda, irmã do seu grande amigo Frei Gaspar da Madre de Deus, depois de lhe exaltar os meritos cessa de escrever-lhe a biographia receioso de que o inquinem de parcial. «As linhas do sangue nos embarçam os periodos, por não ficarem os sujeitos á emulação dos que nos quizeram constituir afastados da pureza, e singeleza, com que escrevemos a nossa Historia Genealogica».

Nas questões da politicagem paulista, caracterizadas pela opposição violenta, frequentemente á mão armada, das duas familias dos Pires e Camargos, tudo fazia que pendesse para a primeira, aliada estreitamente e, afinal, quasi fundida com a dos Taques.

Mostra-se, porém, muito commedido a falar de adversarios, nem sequer commenta acerbamente a morte de seu tio ancestral, o segundo Pedro Taques assassinado por Fernando de Camargo, alcunhado o Tigre. Quando muito relata que o matara «á falsa fé».

Perdeu-se, é verdade, a narrativa que dessas luctas entre Capuletos e Montecchi paulistas escreveu o nosso historiador «com pureza da verdade e fio chronologico», como de tal se gaba; as referencias que subsistem, porém, em diversos titulos da *Nobiliarchia* fazem-nos crer que tudo procurara relatar com a maior isenção de animo. Salvo em um ou outro topico como aquelle em que a falar de Garcia Rodrigues Velho, chama aos Pires «nobres» e não

adjectiva os Camargos, não o vemos mostrar preferência por esta ou aquella parcialidade.

Em seu tempo, bom é que se note; todas estas velhas questões eram historia antiga, de um seculo, Pires e Camargos colligados pensavam em resistir aos « novatos », como em 1737, no caso da campanha de Pedro Taques Pires, e os demais vereadores paulistas de S. Paulo, ás pretensões dos tres candidatos portuguezes á vereança.

Se houve no mundo homem que nos pareça ter vivido alheio aos sentimentos da colera e rancor, foi o nosso linhagista. Elle proprio de si retere aliás que « lhe dera Deus desinteressado genio, com zelo para só estimar a traquillidade e harmonia, e aborrecer a menor discordia ». Era certamente esta mesma disposição de animo que tanto o fizera sahir-se galhardamente da espinhosa missão de cobrar dos rudes e selvagens mineiros do Pilar e do Crixás os impostos regios, « ajudado do amor que merecera a todos os moradores daquellas minas ». Si houve, no emtanto, homem a quem assistisse o direito de queixar-se do destino, e amargamente, esse tambem foi elle.

Lastima-se mas nunca injuria, não acha cabíveis as pessoalidades contra os seus perseguidores.

Desabafando-se, em sua correspondencia intima, com Frei Gaspar, interrompe a sua carta sobre indagações historicas para lastimar não consinta o seu estado de penuria a offerta ao amigo de certas copias documentaes. Na *Nobiliarchia* não se encontra referencia alguma pesada, sequer desagradavel, aos inimigos encarniçados que contou.

Do Dr. José Correia da Silva, seu principal e feroz adversario, não faz menção; do Arcediago Matheus Lourenço de Carvalho, que a elle ouvindo, promovera a sua ruina total, apenas lemos uma respeitosa allusão, delle narrando certa providencia de sabio administrador; ao ouvidor Salvador Pereira da Silva que entrando nas vistas de ambos, tanto tambem concorrera para a sua desgraça faz até rasgados elogios como tambem ao conego Antonio de

Toledo Lara, o primo e credor exigentissimo que muito lhe amargurou os ultimos annos de vida.

E' que não achava decoroso enxertar as questões .pessoaes na sua *Nobiliarchia*. parecia-lhe isto pouco digno do monumento que em honra das gerações suas autecessoras, e suas contemporaneas, com tão grande esforço levantava. Que pensaria a posteridade de semelhante fraquesa ?

Irrompe essa feição resignada do escriptor, pela ultima vez, em seu testamento de moribundo. Ha queixumes desesperados mas nenhuma palavra mais acerba contra aquelles que o haviam « posto a nú, a viver da caridade dos christãos. »

A todos perdoava o muito com que, tão injustamente, lhe haviam atassalhado a honra e o caracter.

Até o ultimo momento era bem o mesmo homem, cuja brandura de sentimentos fazia verberar o uso geral e selvagem dos seus compatriotas continuamente armados de punhal, « indesculpavel adorno dos moradores do Brasil, assim nacionaes como europeus ». O pai cheio de ternura commedida que em phrases sentidas noticia — elle velho, paralytico, arruinado — a morte, antes dos vinte e cinco annos, dos dous unicos filhos, ambos fortes, bons, intelligentes e companheiros constantes dos dias de tanta desventura e carregado porvir.

---

## CAPITULO XXX

**As baldas a Pedro Taques attribuidas — Mania grandiloquente, augmentativadora e megalomania nobiliarchica — Phantasias de linhagistas modernos — Pedro Taques arauto das idéas do seu tempo e de sua gente — Seus reparadores modernos — A revisão de Silva Leme.**

Faz geralmente o exercicio dos estudos genealogicos, dizem alguns maliciosos reparadores, propender aquelles que a elles se entregam ao exaggero. Por todos os lados vêm os linhagistas excellencias com, que, generosamente aos seus biographados gratificam. Dahi a facilidade decorrente destas tendencias blasonantes, graças á qual pretendem os especialistas do genero levar as ascendencias das linhagens de que se occupam ás mais remotas e altivas gerações ancestraes.

Raros os genealogistas, na opinião desses criticadores, que escapem ao desejo de demonstrar que os seus biographados provêm de algum sangue real. Eis porque não ha irlandez que, indiscutivel e innegavelmente, não descenda dos reis fabulosos da verde Erin. Eis porque tambem, no nosso querido paiz, se contam tantos e tantos milhares de cidadãos modestos e illustres, vivendo na penuria ou na opulencia, brancos e não brancos, que linhagistas de hoje, filiam aos mais azues dos sangues reaes e imperiaes do Universo.

A acreditar-mos nestes autores, quantos e quantos pobres diabos, a vegetar por ahi, nos «fundões» brasileiros, inscientes de sua prodigiosa ascendencia, provêm recta e inflexivelmente, dos velhos reis bor-

gonhezes de Portugal, e por estes dos troncos milia-rios capetinguos, carlovingios e merovingios?

E tudo é tão facil admittir, tudo se explica tão naturalmente! Parte-se, por exemplo, de qual-quer Manoel ou Joaquim dos Santos ou Souza ho-dierno, tomado a esmo, para d'ahi a umas dez ou doze gerações attingir-se algum Paschoal, Fernão ou Vasco, de cunho genuinamente quinhentista. Até ahi, muito bem. Peior é que, entrando pelos seculos a dentro, — vae o fio genealogico travar-se á arvo-re dos Avizes e á dos borgonhezes, estes muito mais elegantes, pela ancianidade, do que os monarchas oriundos de Aljubarrota e dos amores illicitos de Pedro o Cru com a dama gallega Thereza Lourenço.

Esta ligação fornecem-na os nobiliarios lusita-nos atravez de uma série de nomes de sabroso as-pecto medieval, que começam pelos modestos Soei-ros e Paios e suas dignas consortes Mecias e San-chas, para acabar nos Dom Moninho e nos Dom Gozendo, todos elles rescendendo a «palafrem» a «torre albarrã» e a «bofé!» mentes pela gorja!», esposos truculentos e immensos das Urracas, Gonti-nhas e Bellasquidas, não menos «hacanéas, alcaçovas e infançonas» do que os seus respeitaveis maridos.

Estes senhores e estas senhoras das honras de Rendufe e de Godins de Poiães e de Cannavezes e outras muitas, de nomes archiestramboticos são col-lateraes dos «Senhores Reis», raramente não por portas travessas, confessadas, valha a verdade.

Entroncam-se nos leões de Leão e nas quinas de Portugal, barrando-lhes os escudos a quebra bas-tarda, mas emfim entroncam-se. Fazedores de bas-tardos em barda, aqui foram esquecidas as seguintes palavras:

monarchas lusitanos, dignos do epitheto attri-buido ao seu ancestre, o primeiro Sancho!

E uma vez a estas alturas chegando-se, é faci-limo attingir D. Affonso Henriques ou qualquer des-ses reis de Leão, cuja prolificidade hyper-leporina, os gratificou á direita, e sobretudo á esquerda, com uma descendencia maior do que a do pae Abrahão.

Coisas do convívio com a polygamia musulmana... Delles a Hugo Capeto e Carlos Magno, Clovis e Meroveu, Clodião, o Cabelludo, e Pharamundo, filho de Marcomir, é estrada batida, ao alcance de todos.

Eis como, deste lado do Atlantico, vivem hoje milhares e milhares de authenticos e authenticados descendentes dos reis de Leão e Portugal, de Hugo Capeto, Carlos Magno, Clovis e Meroveu, capetinhos á ufa, carlovingios em barda, merovingios incontaveis na mais completa democratisação dynastica de que jámais se ouviu falar... Tudo, provém, no emtanto, seja-nos permittido frisal-o, do respeito dos nossos autores pelos textos dos especialistas portuguezes de antanho, textos cujos caracteristicos de veracidade são frequentemente muito mediocres.

A tanto não chegou Pedro Taques, bem longe diso. Não passou de Affonso Henrique, o que, aliás, já não é pouco: ao fundador da monarchia prendeu, uma unica vez aliás, os Taques Pompeus, por seu quarto avô Pedro de Moraes de Antas, a seu turno decimo neto — por via barregã, entende-se, — do vencedor de Ourique. E isto mesmo avança-o, firmado na auctoridade do «insigne» José Freire Monterroio Mascarenhas, em cuja livraria, titulo Braganções, haurira semelhantes elementos.

Além desta incursão pelos abolorios realengos, mais uma origem de alto cothurno invoca o nosso linhagista em relação aos Arrudas, Botelhos e Sampaios, sem que comtudo se atreva attingir as camadas profundas a que o levaria a confiança nas babozeiras do *Theatro Genealogico* do suppositicio prior D. Tivisco de Nasão Zarco y Colona ou á *Nobiliarchia Portugueza* de Villas Bôas e Sampayo, boa alma, da raça do excellento Jorge Cardoso, auctor do delicioso *Hagiologio* portuguez. Assim, portanto, salvo quanto a estas duas excepções, não pretendeu Pedro Taques, de fôrma alguma, que os seus biographados proviessem da coxa de Jupiter. Senão vejamos:

Dos Buenos da Ribeira affirma simplesmente que tiveram origem no sevilhano Bartolomeu Bueno da Ribeira, apnas accrescentando fôra « pessoa de



estimação e respeito ». Descendem os Taques de Francisco Taques Pompeu, brabanção dos Estados de Flandres, emigrado para Portugal no seculo XVI, commerciante, « da nobilissima familia do seu appellido », condições estas geralmente antinomicas, sob o ponto de vista aristocratico: casara-se com uma D. Ignez Rodrigues, de quem nada se fala. Dos Almeidas Castanha se refere que seu fundador foi Antonio Rodrigues de Almeida, simples e modesto cavalheiro fidalgo da casa de D. João III, marido de uma D. Maria Castanha, ignota pela sua ascendencia.

Os Moraes e Antas, estes procedem de gente graúda e até de Affonso Henriques (dil-o Monte Arroio. Os Laras, muito mais modestos pela estirpe, filiam-se a fidalgos de Zamora, cidadezinha perdida na esterilidade de Castella Velha, onde seu antepassado possuia casa brazonada. Os Prados, estem vêm de João do Prado, modesto fidalgo, natural de Olivença, passado ao Brasil com Martim Affonso. Os Costa Cabraes são açorianos de S. Miguel. « familia conhecida » no archipelago. Descendem os Mesquitas de Domingos Rodrigues de Mesquita, immigrante do seculo XVII, de quem nada se diz. Os Penteados, de Francisco Rodrigues Penteadado, pernambucano, filho de portuguez, de filiação não mencionada. Os Alvarengas Monteiros, de Antonio Rodrigues de Alvarenga, tambem immigrado com Martim Affonso, pequeno fidalgo provinciano de Lamego.

Os Pires, ascendentes dos paulistas de equal appellido, tambem não passam de simples cavalheiros fidalgos portuenses, do sequito do primeiro donatario, exactamente como os Gayas, oriundos de quatro irmãos, de cuja prosapia nada se conta. Vêm os Chassins de certo portimanense obscuro, mas de boa familia; os Campos, de um flamengo de Antuerpia, Francisco de Wanderburg, immigrado para Portugal.

Os Toledos Pizas, estes aparenta-os Pedro Taques com a casa dos duques de Alba e conde de Oropesa, de quem são collateraes; os Rendons, soldados de fortuna, mais modestos, contavam-se entre

a nobreza da minuscula e mediocre cidade de Co-ria na Hespanha. Os Lemes, segundo Villas Boas, é que descendem de um cavalleiro nobre e rico de Bruges, Martin Lems, passado a Portugal; os Godoys de « um cavalleiro castelhano estimado ». Diz-se simplesmente dos Bicudos, Carneiros e Mendonças, que vieram da ilha de S. Miguel; dos Pedrosos, Vazes e Barros, que sua origem se prende a « dous irmãos de qualificada nobreza », vindos ao Brasil para se empregarem. E só.

Vemos, pois, quão modestas são as origens pelo linhagista attribuidas ás velhas familias paulistas.

Não ha pois, a nosso ver, motivos para que alguns dos nossos criticos modernos tanto insistam em inquinar de megalomaniacas as informações de Pedro Taques e Frei Gaspar. Incontestavel é: dentre o primeiro nucleo de fundadores de S. Vicente gente havia bem aparentada em Portugal. Acaso procurou o genealogista — dominado aliás, como o monge seu primo, pelos mesmos preconceitos e idéas de casta — acaso imaginou prender os primeiros povoadores de S. Paulo ás dynastias europeas, sequer ás casas titulares portuguezas? Absolutamente não, como no-lo inculca a resenha que acabámos de fazer; provêm os troncos, de que se orgulha, da pequena nobreza do reino, da boa burguezia a que attribue os qualificativos de « nobre » e « nobilissima », e isto quando, em lingua portugueza, nobre e fidalgo não são exactamente a mesma cousa.

Aos mais afidalgados attribue modestos morgadios e commendas. Titulos para elle altisonantes são « a limpeza de sangue dos christãos velhos, livres da mescla de judeu, mourco ou qualquer outra infecta nação ».

Seria tão difficil empreza obter-se em Portugal cincoenta, ou mesmo cem casaes, nestas condições, cincoenta ou cem individuos pertencentes a familias distinctas, muito embora pobres, decadentes ou decahidas, *cadets de famille*, gente de genio aventureiro, amiga de viagens e perigos?

Representa tudo isto tão pequenas exigencias,

por parte do historiador e do monge chronista que não comprehenderiamos o furor de que se possuiram os « demolidores » de suas obras, Candido Mendes á testa, se nestas demonstrações de hostilidade não enxergassemos, como causa primeira, as mais legítimas demonstrações de certa phobia nobiliarchica, muito commum entre brasileiros formados sob o primeiro imperio e o periodo regencial. Aos nossos republicanos exaltados, dos dous primeiros quartéis do seculo XIX, ainda sob a influencia recente do movimento que ao Brasil dera a independencia, verdadeiro horror causava a idéa da localisação de principes e nobres nas terras da *livre America*, segundo o consagrado chavão.

Dahi a má vontade para com os historiadores e genealogistas de S. Paulo, ogerisa tanto mais injusta quanto oriunda de evidente preconceito. Candido Mendes que se desse ao trabalho de ler as primeiras paginas dos titulos nobiliarchicos de Taques, e ao espirito lhe occorreria, estamos certos, a necessidade da attenuação rigorosa dos seus conceitos violentos.

Arauto das idéas e sentimentos do meio em que vivia, coube a Pedro Taques exteriorisal-o nos seus escriptos. Faziam os paulistas de seu tempo a mais alta idéa de si, reflexo natural da ufania proveniente da lembrança dos feitos extraordinarios de seus « nacionaes concidadãos » na devassa dos sertões e no recuo do Brasil para o coração da America do Sul.

Foi esta feição que sobremaneira impressionou a Garção inspirando-lhe os conhecidos versos sobre a prosapia dos filhos de Piratininga.

Irrita ao cantor da « Cantata de Dido » a presumpção desses brasileiros, a seu ver, semi-selvagens, e no emtanto arrogantes como raros.

Em certa scena de seu *Theatro Novo*, declama um dos personagens, — para mostrar quanto o contrariam os exageros e disparates que acabam de lhe dizer :

*Que podem parecer-me taes loucuras?  
Estou tonto de ouvir estes senhores!  
Parece-me que estou entre Paulistas,  
Que arrotando congonha, me aturdião  
Co'a fabulosa illustre descendencia  
De seus claros avós, que de cá forão  
Em jaleco e ceroulas.*

Eis precioso depoimento comprobatorio do vezo exaltado de uma população inteira, ainda hoje amorticido mas não extincto nas familias oriundas dos velhos troncos vicentinos. Fez se Pedro Taques denunciador de tal estado d'alma, expoente que foi da cultura do seu tempo e do seu meio. E' o reflexo fiel de um estado psychologico que se exemplifica nas numerosas justificações nobiliarchicas, no seu tempo havidas, e muito ainda após a sua morte, até principios do seculo XIX, sem que nellas lhe possamos attribuir intervenção directa ou pelos ensinamentos, pois nada mais são do que termos de uma serie decrescente, nascida muito antes da sua vinda ao mundo.

E' innegavel que, possuido de intenso regionalismo e altissima opinião dos seus, fechado em tão restricto ambito provinciano, se haja deixado o linha-gista resvalar pelo terreno da megalomania.

A todo o instante nos fala em nobres senão nobilissimas familias, frequentemente mesmo sem certo discernimento, pois colloca no mesmo pé de igualdade a descendencia dos obscuros portuguezes emigrados para S. Paulo e a de casas realmente illustres como a dos Azeredos Coutinhos.

Generoso senão prodigos de qualificativos como estes de nobre e illustre, de augmentativos altisonantes transforma a capitania paulista como que num enorme solar. Prejudica-lhe esta balda um pouco o valor da obra, causando especie ao leitor, espantado ante a germinação *ad infinitum* do que lhe parece ser uma criação intensiva de marquezes de Carabás.

A nós se afigura innocente essa adjectivação ribombante. Verdadeiros titulos nobiliarchicos se deveriam muito mais levar ao activo dos paulistas

pela ardua conquista do Brasil do que pelo facto de poderem contar, entre os avoengos, modestos fidalgoes portuguezes companheiros da travessia aventureira de Martin Affonso de Souza.

Onde nos parece que Pedro Taques se deixa arrastar pelas tendencias ao exagero é ao descrever os bens dos antigos « potentados » paulistas. Dá-lhes situações e opulencia que não condizem com a antiga pobreza do planalto piratiningano, a penuria pelos inventarios revelada : pois S. Paulo tornou-se rico da segunda metade do seculo XIX em deante.

Houve, é exacto, um periodo de relativa abundancia, quando chegaram os primeiros productos das lavras, o que a varios mineradores permittiu possuirem « moveis ricos e de primor » ou « excellentes moveis de prata e ouro, avultadas baixellas de prata, cuja copa foi de muitas arroubas. »

Repetiu o chronista o que de parentes e amigos ouvira, acerca das fortunas dos antigos paulistas, obedecendo á tradição oral e cujas tendencias são as que o sabio rifão sensatamente qualifica quando se refere áquelles que « contam um conto »...

Nós mesmos, percorrendo o inventario da prata do creso parnahybano, Padre Guilherme Pompeu de Almeida, por elle proprio feito, encontrámos, muito reduzida, a sua « copa » onde, no dizer do chronista, deviam figurar dezenas e dezenas de arroubas em prataria e — curiosa demonstração de amor ao luxo — nada menos de cem vazos nocturnos, tambem em metal nobre, destinados á commodidade menos nobre dos seus hospedes, por occasião das grandes festas da Conceição.

Obedecendo á prudencia e perfeito bom senso, inspirado nas idéas modernas, soube Silva Leme a ella fugir, na sua obra revisora das antigas linhagens, sobria nos dizeres, vasada em severos methodos de pesquisa, inspirada num criterio que não deixa lugar a phantasias, divagações e a assumptos extrabrazileiros. Merece a *Genealogia Paulistana* muitos encomios, a começar pelo titulo.

Apontados os principaes defeitos da *Nobiliar-  
chia Paulistana*, acaso serão elles tão graves que o  
valor lhe diminuam? Absolutamente não... em nada  
lhe infirmam a importancia documentaria, enorme,  
nem esta feição, tão alta e igualmente valiosa, de  
depoimento psychologico da maior relevancia, insubs-  
tituivel, imprescindivel para quem queira fazer o  
estudo analytico da formação da nacionalidade bra-  
sileira.

Firmada sobre tão fortes bases ha de a gloria  
de Pedro Taques de Almeida Paes Leme attingir a  
mais remota posteridade, porque se incorporou in-  
destructivelmente ás maiores tradições de uma na-  
ção, — as que se referem á integração do seu ter-  
ritorio.

---

# BIBLIOGRAPHIA

---

## DOCUMENTAÇÃO IMPRESSA

### OBRAS DE PEDRO TAQUES

- Nobiliarchia paulistana historica e genealogica*  
*Historia da Capitania de S. Vicente*  
*Informação sobre as minas de S. Paulo*  
*Noticia Historica da expulsão dos jesuitas em S. Paulo em 1640*  
*Titulo Arrudds Botelhos, da Nobiliarchia (Inedito)*  
*Titulo Camargos da Nobiliarchia, (Fragmento)*

### OBRAS GERAES, MEMORIAS E ARTIGOS RECENTES

- ABREU ( J. CAPISTRANO DE ) *Noções da Historia do Brasil até 1800*  
ANTONIL ( ANDRÉ JOÃO ) *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas*  
AZEVEDO MARQUES ( M. E DE ) *Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da Provincia de S. Paulo*  
AYRES DO CASAL ( MANUEL ) *Corographia Brasilica*  
CALOGERAS ( JOÃO PANDIÁ ) *As minas do Brasil e sua legislação*  
FONSECA ( PADRE MANUEL DA ) *Vida do Padre Belchior de Pontes*  
MACHADO DE OLIVEIRA ( BRIGADEIRO J. J. ) *Quadro Historico da Provincia de S. Paulo*

- MADRE DE DEUS (FREI GASPAR DA) *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente. Noticias dos annos em que se descobriu o Brasil*
- MAGALHÃES (BASILIO DE) *Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII*
- MENDES DE ALMEIDA (JOÃO) *Algumas notas genealogicas*
- LISBOA (BALTHASAR DA SILVA) *Annaes do Rio de Janeiro*
- OLIVEIRA MARTINS (J. P. DE) *Historia de Portugal. O Brasil e as Colonias*
- PASTELLS, S. J. (PADRE PABLO) *Historia de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay*
- PINHEIRO CHAGAS (MANOEL) *Historia de Portugal*
- PIZARRO E ARAUJO (MONSENHOR JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO) *Memorias historicas da Provincia do Rio de Janeiro*
- RIBEIRO (JOÃO JACINTHO) *Chronologia paulista*
- ROCHA PITTA (SEBASTIÃO DA) *Historia da America Portugueza*
- SAINT HILAIRE (AUGUSTO DE) *Voyage dans les provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine*
- SILVA LEME (LUIZ GÖNZAGA DA) *Genealogia paulistana*
- SANTOS (J. FELICIO DOS) *Memorias do districto diamantino*
- SOUTHEY (ROBERTO) *Historia do Brasil*
- VARNHAGEN, VISCONDE DE PORTO SEGURO (FRANCISCO ADOLPHO DE) *Historia Geral do Brasil*
- VASCONCELL'S (DIOGO DE) *Historia antiga das Minas Geraes*
- TAUNAY (AFFONSO D'E.) *Um grande bandeirante: Bartholomeu Paes de Abreu; Sob El-Rey Nosso Senhor (aspectos setecentistas de S. Paulo); Non ducor, duco; Na era das bandeiras.*
- WASHINGTON LUIS PEEIRA DE SOUZA — *Capitania de S. Paulo, Governo de Rodrigo-Cesar de Menezes*



**Na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**

ALENCASTRE (JOSÉ MARTINS PEREIRA DE) *Annaes da provincia de Goyaz* (Tomo XXVII, 2, 229; XXVIII, 2, 5.)

*Biographia do Padre Estanislau de Campos*, T. 52.

CAMELLO (JOÃO ANTONIO CABRAL) *Noticias praticas das minas de Cuyabá e Goyaz, na capitania de S. Paulo*, T. IV, 487

CUNHA MATTOS (RAYMUNDO JOSÉ DA) *Corographia historica da provincia de Goyaz*, T. XXXVII, 1, 213; T. XXXVIII, 1, 5

MACHADO DE OLIVEIRA (JOSÉ JOAQUIM) *Noticia racionada sobre as aldeias dos indios da provincia de S. Paulo*, T. VIII, 204

MAGALHÃES (BASILIO DE) *O bandeirismo no Brasil*, T. LXXVII, I, 71

PREIXOTO (EDUARDO MARQUES) *Descaminhos do Ouro*, T. LXXII, 2, 153

SOUZA (CONEGO LUIZ ANTONIO DA SILVA) *Memorias sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz*, T. XII, 429. *A supposta « continuação das Memorias de Frei Gaspar da Madre de Deus » da lavra do plagiario Manuel Cardoso de Abreu*, T. 24.

**Na Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo**

ANTONIO DE TOLEDO PIZA : *A expulsão dos jesuitas em 1640* — Vol. III

THEODORO SAMPAIO : *Nota a proposito do testamento de D. Luiz de Mascarenhas*. Id.

*Testamento de D. Luiz de Mascarenhas*. II.

*Notas sobre festas em Cuyabá no seculo XVIII* — Vol. IV

ANTONIO DE TOLEDO PIZA — *A miseria do sal em São Paulo e o Militarismo em São Paulo* — Vol. IV, 279 e 297

D. MANOEL DA RESURREIÇÃO, BISPO DE S. PAULO : *Relação geral da Diocese de S. Paulo*. Id.

- ANTONIO DE T. PIZA — *O processo Timieiro — Monsanto*, — Vol. V.
- ORVILLE A. DERBY — *Os primeiros descobrimentos do ouro em Minas Geraes*, Id.
- ORVILLE A. DERBY — *Os primeiros descobrimentos de ouro nos districtos de Sabará e Caethé*. Id.
- MANOEL CARDOSO DE ABREU — *Divertimento admiravel*, Vol. VI, 253  
*Escriptura de venda de terras a D. Luiz de Mascarenhas* — Vol. VI
- WASHINGTON LUIS — *Governo de Rodrigo Cesar de Menezes* — Vol. VIII
- AUGUSTO DE SIQUEIRA CARDOSO — *Notas genealogicas sobre os ascendentes e descendentes de Pedro Taques* — Vol. X, 39
- GENTIL DE ASSIS MOURA — *O primeiro caminho para as Minas de Cuyabá* — Vol. XIII, 423
- BASILIO DE MAGALHÃES — *Documentos relativos ao bandeirismo paulista* — Vol. XVIII
- AUGUSTO DE SIQUEIRA CARDOSO — *Pedro Taques de Almeida Paes Leme. Estudo genealogico* — Vol. XIX, 275  
*Solennisação do segundo centenario natalicio de Pedro Taques*, — estudo biographico por Affonso d'E. Taunay. Vol. XIX, 253  
*Documentos ineditos sobre Pedro Taques*, publicados por Affonso d'E. Taunay — Vol. XX, 743  
*Annaes de Matto Grosso*, pelo Marechal Visconde de Baurepaire Rohan — T. XV, 37.

### **Nos Annaes do Primeiro Congresso de Historia Nacional**

- Biographia de Pedro Taques*, por Affonso d'E. Taunay — T. V
- VASCONCELLOS (DIOGO DE) *Linhas geraes da administração colonial* — T. III, 28.

**Publicações do Archivo do Estado de  
S. Paulo**

*Documentos Interessantes para a historia e Custumes  
de S. Paulo.* Diversos tomos sobre tudo 4, 5 e 6,  
de 11 a 20, 26 a 28, 32 a 36, 38 a 42 e 44

*Inventarios e Testamentos,* tomos 25, 26, 27

**Publicações do Archivo da Cidade de  
S. Paulo**

*Actas da Camara de São Paulo.* Tomos 8, 9, 10, 11,  
12, 13, 14, 15, 16 e 17 ( 1701 — 1782 )

*Registo Geral da Camara de S. Paulo.* Tomos 4, 5,  
6, 7 ( suplementar ) 8, 9, 10, ( 1710—1795 ).

**Revista do Museu Paulista**

TAUNAY ( AFFONSO D'E. ) *O primeiro naturalista de S.  
Paulo ; Diogo de Toledo Lara e Ordonhes —*  
Tomo X.

**DOCUMENTAÇÃO MANUSCRIPTA**

**Archivo do Estado de S. Paulo**

*Sesmarias, patentes e provisões* ( de 1724 a 1778 ) co-  
dices : T. C. 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14,  
15, 17, 18, 20

*Sesmarias e patentes.* ( 1745 — 1749 ) T. C. 13 ;  
( 1765 — 1775 ) T. C. 16, 19

*Patentes e Cartas regias.* ( 1745 — 1761 ) T. C. 51, 52.

*Patentes.* ( 1737 — 1809 ) T. C. 43, 44, 45, 46.

*Indice das patentes, nombramentos, sesmarias e provisões*  
T. 58

*Officios dos Generaes Conde de Sarzedas e Conde de  
Alvor aos funcionarios da Capitania (1732-1746)*  
T. C. 62

*Officios do General Conde de Alvor aos funcionarios  
da Capitania (1746 — 1748 )* T. C. 63

*Officios do General D. Luiz Antonio de Souza Botelho  
e Moura aos funcionarios da Capitania ( 1765 —  
1777 )* T. C. 64, 65, 66, 68

*Offícios do Genera' Martin Lopes Lobo de Saldanha aos funcionarios da Capitania (1775 — 1782) T. C. 69, 70, 71, 72, 73*

*Offícios do General D. Luiz Antonio de Souza aos Vice Reis e Ministros (1765 — 1772) T. C. 94, 98*

*Patentes, Portarias, Bandos e Provisões (1744—1779) T. C. 127*

*Bandos do Governador da Praça de Santos L. A. de Sa Queiroga (1749 — 1764) T. C. 128, 129*

*Offícios dos Vice Reis aos Generaes de S. Paulo (1763-1773) T. C. 139*

*Cartas de S. M. aos Generaes, endereçadas pelo Governador da Praça de Santos (1746 — 1756) T. C. 142*

*Arisos e Cartas Regias (1765 — 1777) T. C. 169, 170*

*Provisões Regias (1737 — 1813) T. C. 187, 188, 189, 190, 191, 192*

*Registro de Requerimentos e Provisões (1727 — 1736) T. C. 222*

*Termos da Junta de Fazenda, Preitos e Homenagens prestadas aos generaes (1766 — 1791) T. C. 236*

*Recenseamentos de S. Paulo, 1765, 1767, 1769, 1776.*

### **Inventarios**

Do Capitão-Mór Pedro Taques de Almeida, de Bartholomeu Paes de Abreu, de João Leite da Silva Ortiz, de D. Maria Eufrasia de S. Quiteria, do Capitão Ignacio Vieira Antunes, etc.

### **AUTOS CIVEIS NÃO CATALOGADOS**

A) A. Guarda Mór Bartholomeu de Freitas Esmeraldo. R. Capitão Bartholomeu Paes de Abreu B) A. A. Gaspar de Mattos, Manuel Luiz Ferraz, Manuel Velloso, Luiz Rodrigues Villares; R. Capitão Bartholomeu Paes de Abreu, 1723 C) A. D. Maria Angela Eufrasia da Silva R. João de Almeida Paes, 1761 D) A. D. Maria Angela Eufrasia da Silva, R. Anna da Silva Oliveira, 1761 E) A. D. Maria Angela Eufrasia da Silva, R. D. Angela de Siqueira Santiago, 1763. F) A. D. Maria Angela Eufrasia da

Silva, R. Thomaz Alves, 1760. *G*) Justificação de D. Maria Angela Eufrasia da Silva contra seus filhos. *H*) A. D. Maria Angela Eufrasia da Silva, R. Dr. Antonio Fernandes do Valle, 1765. *I*) A. Maria Alvares da Silva, RR. Maria Angela Eufrasia da Silva e Dr. Antonio Fernandes do Valle. *J*) A. Guarda-Mór José de Góes e Moraes. R. D. Leonor de Siqueira Paes. *K*) A. Sargento-Mór Pedro Taques de Almeida Paes e outros, R. D. Thereza Paes da Silva, 1737. *L*) AA. os herdeiros de Diogo de Toledo Lara, R. D. Leonor de Siqueira Paes, 1748. *M*) AA. os herdeiros dos fiadores de Pedro Taques, R. D. Ignacia da Assumpção Silva, 1790. *N*) A. D. Maria Angela Eufrasia da Silva, R. Pe. Leonardo de Moura, 1763. *O*) Autos de justificação de D. Catharina Angelica da Purificação Taques, 1787. *P*) Justificação do Sargento-Mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme, 1759. )

#### **Livros de tabellião do 1.º officio de S. Paulo**

Differentes cadernos truncados ( 1711 — 1717 )  
( 1731 — 1736 ) ( 1749 — 1755 )

COLLECÇÃO « AUGUSTO DE SIQUEIRA CARDOSO ».

Numerosos documentos sobre a familia de Pedro Taques.

#### **Archivo da Camara Municipal de S. Paulo**

*Livro das homenagens.* Codices 138, 166, 213.

#### **Archivo da Sé Archiepiscopal de S. Paulo**

*Livros truncados de baptisados, casamentos e obitos que serviram* de 1710 a 1780.

*Dispensas matrimoniaes,* Annos de 1737 a 1747.

#### **Archivo do Estado de Minas Geraes**

( SOBRE BARTHOLOMEU PAES DE ABREU )

*Alvarás, regimentos, cartas e ordens regias*

*Cartas patentes, provisões, confirmações de*

*Cartas patentes, sesmarias, doações* ( 1702 — 1751 ) 4 R.

**Archivo do Estado de Goyaz**

*Livro de provisões dos annos de 1729 a 1757*

**Archivo Nacional**

*Governadores do Rio de Janeiro. Livros XIV e XIV-A  
( 1701 — 1710 )*

*Correspondencia dos governadores do Rio de Janeiro.*

Livro I ( 1718 — 1725 ) Livro II ( 1725 — 1733 )

Livro III ( 1730 — 1732 ) Livro IV ( 1730 — 1732 )

Livro V ( 1733 — 1736 ).

**Archivo do Mosteiro de S. Bento em  
S. Paulo**

*Livros da mordomia de diversas decadas do seculo XVIII  
Id. de foros, hypothecas e alugueis de predios.*

**Archivo do Instituto Historico de S. Paulo**

*Autos de casamento entre os oradores, Ignacio Joa-  
quim Taques e Isabel de Lara.*

**Archivo do Instituto Historico Brasileiro**

*Manuscriptos originaes de Pedro Taques.*

**Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro**

*Manuscripto da Nobiliarchia Brasiliense do Conego Ro-  
que Luiz de Macedo Leme da Camara.*

**Serviço de discriminação de terras devo-  
lutas da Comarca de S. Paulo**

1.º Perimetro Voi. de docs. de 127 a 146.

**Archivo da Curia Archiepiscopal de S.  
Paulo — ( CARTORIO DO CRIME )**

A. a Justica ecclesiastica, RR. Manoel Caetano  
Renovato de Aguiar e D. Appolonia Maria de Jesus.

Processos matrimoniaes de 1787, 1762 e 1769.

### Museu Paulista

*Livro dos dizimos, passagens e contractos da Capitania de S. Paulo.*

*Historia da Capitania de S. Paulo*, codice constituido pelo plagio das *Memorias* de Fr. Gaspar da Madre de Deus e trechos igualmente plagiados da *Historia da Capitania de S. Vicente*, de P. Taques, por Manoel Cardoso de Abreu.

### Documentos pessoaes ineditos relativos ao linbagista ou aos seus

*Testamento.* Primeiro cartorio de Orphãos de S. Paulo.

*Cartas* endereçadas ao Guarda-Mór Agostinho Delgado de Arouche ( duas ) a um correspondente desconhecido; *carta* de João Ferreira da Cruz ao chronista; *carta* de D. Maria Leite a seu irmão Diogo de Toledo Lara. ( 1 )

*Clareza* do que deve a casa da sra. D. Leonor de Siqueira á casa do capitão-mór Diogo de Toledo Lara. ( 1 ).

*Autos de dispensas matrimoniaes.* Oradores: o sargento-mór Pedro Taques de Almeida Paes Leme e D. Ignacia Maria da Annuniação e Silva.

Documento pertencente ao Dr. Luiz de Gonzaga da Silva Leme.

---

( 1 ) Documentos communicados pelo Dr. Augusto de Siqueira Cardoso ao A.





# INDICE

---

|   | PAGS. |
|---|-------|
| <i>Capitulo I</i> — A familia e os paes de Pedro Taques   | 5     |
| <i>Capitulo II</i> — A infancia e a formação intellectual do historiador                              | 14    |
| <i>Capitulo III</i> — Mestres e condiscipulos. A elevada cultura de Pedro Taques                      | 19    |
| <i>Capitulo IV</i> — Bartholomeu Paes de Abreu, suas empresas. Triumphos e revezes.                   | 25    |
| <i>Capitulo V</i> — A decada de 1738 a 1748   | 32    |
| <i>Capitulo VI</i> — Transmigração para Goyaz.  | 38    |
| <i>Capitulo VII</i> — Estada no Pilar.  | 47    |
| <i>Capitulo VIII</i> — Regresso a S. Paulo. Partida para Portugal                                     | 51    |
| <i>Capitulo IX</i> — Estada em Portugal. O Terremoto. Nomeação para a Thesouraria da Bulla da Crusada | 54    |
| <i>Capitulo X</i> — Regresso ao Brasil. Viuvez. Segundo casamento e viuvez                            | 68    |
| <i>Capitulo XI</i> — A bulla da Crusada e sua organização   | 74    |
| <i>Capitulo XII</i> — Situação prospera e prestigiada   | 81    |
| <i>Capitulo XIII</i> — Questões forenses. Accordos. Invejavel situação                                | 92    |
| <i>Capitulo XIV</i> — A década fecunda de 1762 — 1772   | 100   |
| <i>Capitulo XV</i> — O que São Paulo era em 1765  | 104   |
| <i>Capitulo XVI</i> — Questões financeiras. Revezes.  | 119   |
| <i>Capitulo XVII</i> — Alcance na thesouraria da Bulla. Processo. Sequestro                           | 130   |

|  | PAGS. |
|--|-------|
| <i>Capitulo XVIII</i> — O terceiro casamento de Pedro Taques                                   | 145   |
| <i>Capitulo XIX</i> — Pedro Taques e a opinião publica em face de sua ruina                    | 152   |
| <i>Capitulo XX</i> — Angustiosa situação do linhagista. Morte de seus filhos. Um amigo.        | 161   |
| <i>Capitulo XXI</i> — Pedro Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus                              | 172   |
| <i>Capitulo XXII</i> — Revezes sobre revezes. Partida para Portugal.                           | 180   |
| <i>Capitulo XXIII</i> — Segunda estada em Portugal. Regresso ao Brasil                         | 191   |
| <i>Capitulo XXIV</i> — Regresso a S. Paulo. Morte do historiador                               | 203   |
| <i>Capitulo XXV</i> — Miséria do linhagista. Não cumprimento das promessas régias              | 212   |
| <i>Capitulo XXVI</i> — O olvido que envolveu Pedro Taques e sua obra. Homenagens á sua memoria | 220   |
| <i>Capitulo XXVII</i> — A obra de Pedro Taques. O que se perdeu                                | 226   |
| <i>Capitulo XXVIII</i> — Os caracteristicos da obra de Pedro Taques. Seu valor documentario    | 240   |
| <i>Capitulo XXIX</i> — A feição do caracter do historiador. Aspectos diversos                  | 253   |
| <i>Capitulo XXX</i> — Pedro Taques e seus reparadores  | 266   |
| <i>Bibliographia.</i>  |       |

## Nota ao Capitulo III

---

A' falta de documento comprobatorio em contrario affirmámos que o historiador das bandeiras deixou de concluir o seu curso de mestre em artes. Depois de impresso o nosso texto occorreu-nos o ensejo de ler o inventario de João Leite da Silva Ortiz na serie monumental dos *Inventarios e testamentos*, publicação do Archivo do Estado de São Paulo, em tão boa hora determinada pelo actual presidente do Estado o Snr. Dr. Washington Luis, a' quem fica devendo a historia paulista novo e assignaladissimo serviço, além das divulgações valiosissimas das *Actas* e do *Registro Geral da Camara de São Paulo*, repositórios de inestimavel preço de que tanto e constantemente nos valem, os estudiosos do passado de São Paulo.

Neste testamento do lugar-tenente do Anhanguera, tio aliás de Pedro Taques, é o nosso linha-gista, em differentes papeis, designado como *licenciado*. Ora é o pae que lhe dá este titulo nomeando-o seu procurador, ora é elle proprio quem, a requerer, de si diz « o licenciado Pedro Taques », o que nos indica que, concluido o seu curso de mestre em artes, nos pateos do collegio jesuitico de S. Paulo, foi-lhe conferida licença.

Em papel algum, além destes aliás, jamais se nos deparou esta designação, occorrendo a singularidade curiosa de preferir o historiador o posto miliciano de sargento mór ao titulo litterario de que tanto tinha o direito de se desvanecer.

---



D. Pedro estando já Rey, se dignou confirmar a my  
 Prov. dos Reis e Camargos, pello tenor seguinte = Ou.  
 El Rey Jaco Taber aq desta m. Prov. de 17 em, 2. Eavin:  
 do respeito a ter confirmado por Prov. de 23 de Julho  
 de 1674 aq Evia pafado em 24 de Julho de 1660 o Conde  
 de A torquie, sendo Gov. e Cap. Gen. do Estado do Brasil,  
 sobre o leguro; D. deo em meo nome a familia dos Camar-  
 gos, e dos Reis, a fize e moadory na Baia de S. Paulo,  
 a fim sobre a Dicaõ dal amara, como sobre o perdo do  
 Culpadoy, D. tive llem, ou ndo tveem p. por Caiver dia  
 posto tudo Embay forma, D. se lavino a Cabado, a ini

Trecho autographo da Nobilitarchia Paulistana. — Fragmentos do titulo ( Camargos )



6  
deuay 2 de Mayo 12 de 35 años de  
Vya de N. de Mayo de de pto ne que con  
ber na miada inuito la Dada. Estimo de de (caro a la hoja)  
denico. M. J. Garay na com. J. R. de Mayo &  
VICA Com

M. to Carlos von. ce Serrador

Pedro Jaques de Alca. de  
Pedro Jaques de Alca. de  
Serrador

Final de una carta e assignatura autographa de Pedro Taques (documento do Museu Paulista)





C. I. E. S. P.

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL

3 000-3 - 951

